



Memórias e Futuro 3

Revista da Associação de Professores e da
Universidade Sénior de Almada

MEMÓRIAS
E
FUTURO 3

Revista da Associação de Professores e da Universidade Sénior de Almada

MEMÓRIAS E FUTURO 3

**Revista da Associação de Professores e da
Universidade Sénior de Almada**

Ernesto Fernandes

Edite Prada

Coordenadores

FICHA TÉCNICA

Título: Revista Memórias e Futuro 3

Autor: Associação de Professores e Universidade Sénior de Almada

Diretor: Maria de Lourdes Albano - Presidente da Direção da Apcalmada

Coordenação: Ernesto Fernandes e Edite Prada

Revisão: Elena David, Ernesto Fernandes, Feliciano Oleiro,
Maria do Carmo Manique e Maria João Casanova de Matos

Propriedade e Editor: Associação de Professores do Concelho de Almada

Serigrafia da Capa: Rogério Ribeiro

Capa, Conceção Gráfica e Paginação: Joaquim Ribeiro

Impressão e Acabamento: Europress

Apcalmada – Associação de Professores do Concelho de Almada

Rua Conde Ferreira, 2800 – 077 Almada

Tel: 21 274 39 28 Fax: 21 274 39 28

E-mail: apcalmada@sapo.pt

ISSN 1647-3515

Depósito Legal 297554/09

1.ª Edição dezembro 2013

Índice

Apresentação	9
Editorial	11
Parte I: Artigos e Outros Textos	15
Parte II: Práticas em Reflexão	119
Parte III: Poesia e Escrita Criativa da Usalma	157
Parte IV: Projetos e Atividades	201
Eventos Socioculturais	203
Voluntariado Social	242
Equipamentos	246
Área Editorial e Publicações	247
Parte V: Depoimentos	265
Parte VI: Parcerias e Protocolos	277
Índice Analítico	283

Apresentação

Ernesto Fernandes
Edite Prada
Coordenadores

Em tempo de celebração do décimo aniversário da nossa Associação, a edição do número 3 de *Memórias e Futuro* – Revista da Associação de Professores do Concelho de Almada e da Universidade Sénior de Almada representa um símbolo de parabéns e de devolução à Cidade do nosso projeto comunitário. Entre associados, professores e estudantes da USALMA somos uma coletividade que abriga cerca de 1.500 pessoas, em atividades de *dom e troca* (Marcel Mauss), ou seja, de reciprocidade que enobrece a pessoa e eleva a sociedade contra a *barbárie*, palavra grave inscrita no Preâmbulo da *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (ONU, 1948).

A Apcalmada, duplamente singular a nível concelhio e nacional, pretende ser digna do seu projeto associativo, ancorado na defesa e educação para a cidadania, expressão e condição para a democracia. Cumpre-nos a urgência de conjugar *ciência e consciência* (Edgar Morin), ou seja, de associar *verdade, bem e belo*.

Conforme o estatuto editorial da Revista, cujo número 1.º, de outubro de 2009, consubstancia os cinco primeiros anos da atividade da Associação, o número 2 é de outubro de 2011. Na mesma perspetiva, o número 3 resgata e sistematiza a informação divulgada nos Boletins *Profalmada* e *Correio da Usalma* (20011-2012), como fontes privilegiadas, não deixando de incluir textos inéditos e outra informação pertinente. Assim, a Revista configura a seguinte estrutura:

Parte I: Artigos e Outros Escritos

Parte II: Práticas em Reflexão

Parte III: Poesia e Escrita Criativa da USALMA

Parte IV: Projetos e Atividades

Eventos Socioculturais

Voluntariado Social

Projetos de Equipamentos

Projeto Editorial e Publicações

Parte V: Depoimentos

Parte VI: Parcerias e Protocolos

Dado que o novo acordo ortográfico se encontra em fase de implementação, decidimos reproduzir os textos segundo a grafia dos autores.

Em linha com os números anteriores da Revista que honram a colaboração de Louro Artur e de Francisco Bronze, imprimindo qualidade estética à Capa, reconhecemos, agradecidos, a autorização dos direitos de autor cedidos por Ana Isabel Ribeiro sobre a reprodução da serigrafia de Rogério Ribeiro.

Quando 2013 se consagra como *Ano Internacional do Cidadão* e a omnicrise fustiga a vida das pessoas, avilta a democracia e reduz os horizontes da esperança, consideramos fundamental revisitar a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, nomeadamente o Artigo 29.º n.º 1:

O indivíduo tem deveres para com a comunidade, fora da qual não é possível o livre e pleno desenvolvimento da sua personalidade.

Almada, setembro de 2013

Editorial

Maria de Lourdes Albano
Presidente da Direção da Apcalmada

A edição da Revista da Associação de Professores e da Universidade Sénior de Almada *Memórias e Futuro 3* celebra o 10.º aniversário da Apcalmada – Associação de Professores do Concelho de Almada. Este número revisita a atividade desenvolvida nos anos de 2011 e 2012, resgatando artigos e escritos e reelaborando informação dos Boletins *Profalmada* e *Correio da Usalma*. Integra ainda textos inéditos, nomeadamente depoimentos.

Segundo o estatuto editorial da Revista, dialetizam-se duas dimensões: a memorialista e a prospetiva, condição necessária para ir desenhando o nosso projeto associativo com sentido de atualização e de inovação.

Em continuidade com os números anteriores, cuidamos da linha estética e paginação, desta vez, com a reprodução da serigrafia de Rogério Ribeiro como capa da Revista, cujos direitos de autor foram graciosamente concedidos por Ana Isabel Ribeiro.

A celebração em 2013 do ano internacional do cidadão e do ano europeu dos cidadãos convoca-nos para uma reflexão sobre os direitos e responsabilidades humanos, condição *sine qua non* para o desenvolvimento de uma consciência pessoal e coletiva que se traduza em atitudes e práticas de defesa e garantia dos direitos contra todas as formas de discriminação: estatuto sócio-económico, género, etnia, religião, orientação sexual ou dos direitos da natureza e do ambiente. Uma cultura emergente e urgente depois da II guerra mundial, quando a *barbárie* assolou o mundo, cultura consagrada na *Declaração Universal dos Direitos Humanos* pela Organização das Nações Unidas (ONU, dezembro de 1948).

O protocolo ao *Pacto Internacional de Direitos Económicos, Sociais e Culturais* (ONU, 1966), aprovado pela ONU em abril de 2013, depois de sete anos de negociação, afirma a indivisibilidade dos direitos humanos, individuais e sociais, ou seja, os direitos de liberdade são indissociáveis dos direitos de igualdade. Decisão internacional, em contraciclo com a geografia da fome ou a geopolítica da fome (Josué de Castro, 1966, 1978), que nos atormenta e humilha.

Honra a Apcalmada estar comprometida com esta cultura emergente, que expressa nas suas publicações, particularmente sob a rubrica *Instrumentos básicos de direitos humanos*, no boletim *Profalmada*.

O imperativo ético de associar-se conjuga cuidar de si, cuidar do outro e cuidar da natureza: uma ética ou moral tridimensional.

Na qualidade de Presidente da Associação de Professores do Concelho de

Almada, permitam-me que vos fale de coração aberto. A Apcalmada é uma associação que pretende englobar todos os professores do nosso concelho e que desenvolve diversos projetos, alguns mais orientados para os associados, outros de cariz mais alargado, dos quais saliento a *Universidade Sénior*, o projeto de voluntariado *Uma Palavra Um Alento* e o projeto de *Formação*. Este procura fazer chegar a todos um conjunto de conhecimentos inovadores e de qualidade, na forma de conferências e colóquios; com a USALMA, queremos ajudar os seniores a manter uma atividade e com ela uma vida mais ativa; com o projeto *Uma Palavra Um Alento* procuramos apoiar os seniores que não tenham condições de se deslocar e que, isolados, precisam de uma voz que escuta e de uma presença que cuida e os ajude a fazer coisas tão simples como sair para beber um café, ir ao cabeleireiro ou...

Devo dizer-vos que, enquanto professora ainda no ativo, não tenho tanto tempo quanto gostaria para dedicar à Apcalmada e aos seus projetos. Uma das coisas que já iniciei, mas que está menos avançada do que eu gostaria, é a minha visita às turmas da USALMA, para, pessoal e informalmente, me dar a conhecer e recolher as impressões sobre o nosso trabalho.

Digo-vos ainda que abracei o desafio de presidir a Apcalmada porque acredito no valor da cidadania ativa e do voluntariado. Não tinha um conhecimento prévio da estrutura a que hoje presido. Mas tenho feito o possível por me integrar e por proporcionar a todos, Associados, Estudantes e Professores, um espaço de qualidade.

Centrando-me agora na USALMA, gostaria de recordar-vos que ela existe graças ao sonho e à vontade inabalável de Jerónimo de Matos que, na qualidade de Presidente da Apcalmada, propus como diretor. Porque a ele se deve a existência da USALMA e, se outras razões não houvesse, esta chegaria para o fazer destinatário de todo o meu respeito. Estamos a falar de um dos **fundadores** da nossa Universidade Sénior. Como tal, todos lhe devemos respeito e admiração. Aqui deixo expresso o meu agradecimento e a minha admiração pelo trabalho que foi feito. Espero estar à altura de ajudar a continuar o percurso iniciado. Conto com todos vós para o conseguir.

12 A atividade desenvolvida poderá ter ficado aquém das nossas expectativas, contudo, e no que à USALMA diz respeito, creio que a atividade principal, ou seja, as aulas, decorrem com normalidade. Deve-se esse facto ao interesse dos alunos e ao profissionalismo dos professores, aos quais endereço a minha gratidão.

Apar desta atividade principal, outras foram desenvolvidas: organizámos conferências e colóquios; assinámos protocolos que dão vantagens a associados e estudantes da USALMA; formalizámos outros já existentes; realizámos um programa diverso e regular de atividades socioculturais (idas ao teatro, visitas de estudo, festas e convívios) e afirmámos a nossa área editorial, propiciando vez e voz a autores seniores.

O voluntariado é alma e energia da cidadania. O voluntariado, quando

desenvolvido em associação, ganha outra expansão pessoal e cívica. No caso da Apcalmada, que congrega mais de mil e quinhentas pessoas, é evidente **o espírito e a força comunitária**. Por isso, o nosso projeto de *Encontro de Associações do Concelho de Almada: Cidadania e Movimento Associativo*, Almada, junho de 2013, sob o lema do associativismo almadense: **cada um entrega o melhor de si para colher o melhor da comunidade**.

Com reconhecimento, agradeço, em nome da direção, o empenhamento dos membros da nossa comunidade e a cooperação com entidades concelhias, particularmente escolas e o poder local, na pessoa da senhora Presidente da Câmara, Maria Emília Neto Sousa.

Como pessoa e como professora, interpela-me o Artigo 1.º da **Declaração Universal dos Direitos Humanos** (ONU, 1948): *Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade*. Uma utopia humanista que a todos deve convocar em prol da cidadania democrática.

Almada, setembro de 2013

An abstract geometric artwork featuring overlapping shapes in various colors including yellow, blue, red, green, and brown. The composition is layered, with some shapes appearing more prominent than others. A large yellow ring is a central focus in the lower half. The overall style is reminiscent of mid-century modern abstract art.

Parte I: Artigos e Outros Textos

20/11/04

O Grupo de Trabalho e os seus sonhos: Nos Alicerces da Memória

Prof. Feliciano Oleiro

Recuemos um pouco no tempo, à chegada do novo milénio, data em que o Município Almadense deliberou homenagear os professores de todos os graus de ensino que se encontrassem na situação de aposentados.

Para tal, e a convite da Câmara Municipal, foi constituído um Grupo de Trabalho, do qual fiz parte, permitindo-me assim recriar alguns passos que foram dados, tendo como principal finalidade, reter na memória colectiva o que de válido foi realizado.

O grupo, como é lógico, fez o seu trabalho, a homenagem aconteceu com grande afluência de participantes, tendo os professores confraternizado num animado almoço de convívio, seguindo-se a entrega de uma medalha de mérito e reconhecimento, por parte da Câmara Municipal, a cada professor presente. Nos anos subsequentes este evento tem acontecido com grande visibilidade, acrescido da presença dos novos professores que, ao longo de cada ano, vêm terminando as suas funções oficiais. A Presidente da Câmara, sempre presente nestes eventos, aproveita o momento para dialogar com os presentes sobre problemática do ensino enquanto cada um afere as suas disponibilidades para outros voos, banindo de vez do seu léxico pessoal o vocábulo inactividade.

O Grupo, feito o seu primeiro trabalho, aumentou em número de participantes e rapidamente se transformou num grupo sonhador.

Mais confiantes, rumámos para outras metas. A partir deste momento foi decidido ir ao encontro de um desiderato acalentado há muito pelos professores do então ensino primário. Agora com a participação de professores de todos os níveis académicos o tema adquiriu nova dinâmica que viria a culminar na criação da Associação de Professores do Concelho de Almada (APCA) em vinte e nove de Maio de dois mil e três, data em que foi lavrada a respectiva escritura com a integração de todos os elementos constantes do já citado Grupo de Trabalho.

Criada a Associação, foi ponto assente de que a mesma deveria conter uma vertente cultural e solidária em regime de voluntariado.

Em obediência a esta convergência de vontades em que estiveram implícitos avanços e recuos, próprios dos projectos arrojados, a APCA ousou criar a Universidade Sénior de Almada (Usalma) igualmente em moldes de voluntariado.

Ainda em obediência à verdade da minha análise e como testemunha presencial afirmo que a Usalma emergiu no percurso da Associação qual Jóia da Coroa, passe a metáfora.

Vale a pena recordar o momento em que a Usalma passou a ser uma rea-

lidade. Foi uma linda cerimónia que jamais se apagará no espírito de quem esteve presente no auditório principal da Universidade Nova de Lisboa, no ano lectivo 2004/2005. Foi sem dúvida, um momento de grande visibilidade. Tratou-se duma sessão solene presidida pelo Magnífico Reitor Prof. Leopoldo de Guimarães, com a presença da Senhora Presidente da Câmara Municipal de Almada Maria Emília Neto Sousa, em que o Engenheiro Roberto Carneiro, antigo Ministro da Educação, proferiu a oração de sapiência, perante um auditório de cerca de trezentos seniores.

É igualmente de sublinhar os incentivos da Câmara Municipal de Almada na concretização deste sonho inovador.

No Grupo de Trabalho, todos recordamos a Dr^a. Paula Sousa, directora do departamento de Educação e Juventude da CMA, como elemento coordenador do citado Grupo de Trabalho e as suas sugestões para criação da nossa US.

Estou a lembrar-me da ida ao Barreiro com o objectivo de nos inteirarmos dos moldes em que funcionava a sua Universidade congénere criada um ano antes e por iniciativa da respectiva Câmara Municipal.

Um ano após a criação da APCA, veio à luz do dia a nossa Universidade Sénior cujos resultados falam por si.

Dada a actual visibilidade da Usalma, dispense-me de mais comentários por entender que num trabalho de grupo todos os esforços são válidos e jamais deveremos valorar quaisquer subsídios individuais carreados pelos seus elementos. Não obstante esta análise e consciente de que nem tudo é pacífico na vida, faltaria à verdade se omitisse aqui os nomes dos professores Maria da Glória Murteira Peres e Jerónimo Augusto Guerra de Matos, respectivamente presidentes da Assembleia Geral e da Direção da APCA, os seus contributos na criação da Universidade Sénior de Almada coadjuvados pelos respectivos Corpos Sociais.

Foram na realidade estes dois professores elementos preponderantes na criação da Usalma, como projecto da APCA, assente em bases igualmente solidárias, o que permitiu a sua posterior constituição em IPSS. Registo este sublinhado na postura que me confere o tempo que levo de participação na área educativa em Almada, acrescido do facto de ter acompanhado muitos passos que foram dados na implementação deste projecto assente em bases de voluntariado. A Usalma é hoje um centro gerador de energias que se revê na participação de uma centena de professores para os cerca de mil discentes.

É todo um universo à conquista duma melhor qualidade de vida nas suas vertentes psicossomáticas que pode indubitavelmente ser testemunhado por muitos dos seus utentes, incluindo o autor destas linhas. Para ser mais explícito e em complemento desta breve recriação, cito a revista *Memórias e Futuro*, p. 20:

Grupo de Trabalho: pró - Associação:

Ana Maria Branco Ensino Básico

Edite Simões Condeixa Ensino Básico

Feliciano Oleiro Ensino Básico
Fernando Serra Ensino Superior
Jerónimo de Matos Ensino Secundário
Judite Salvado Ensino Básico
Maria Carreiras Ensino Básico
Maria da Glória Peres Ensino Secundário
Maria de Lurdes Silva Ensino pré-Escolar
Maria da Orada Emídio Ensino Básico
Mário Amaral Ensino Secundário
Paula Sousa Técnica Superior Autárquica
Sebastião Caldeira Ensino Secundário¹
Corpos Sociais eleitos para o 1.º Mandato da Associação:
Assembleia Geral
Presidente: Maria da Glória Peres
1.º Secretário: Feliciano Oleiro
2.º Secretário: Maria Adelaide Paredes da Silva
Direcção
Presidente: Jerónimo de Matos
Vice-Presidente: Maria Carreiras
Tesoureiro: Maria Orada Emídio
1.º Secretário: Fernando Serra
2.º Secretário: Maria de Lurdes Silva
1.º Vogal: Judite Salvado
2.º Vogal: Ana Maria Branco
1.º Suplente: Edite Simões Condeixa
2.º Suplente: Cristina Maria Rodrigues
Conselho Fiscal
Presidente: Sebastião Caldeira¹
1.º Secretário: Maria do Carmo Manique
2.º Secretário: Mário Amaral

A revista *Memórias e Futuro (1 e 2)*² contém grande parte das actividades desenvolvidas por professores e alunos, igualmente empenhados na sustentabilidade deste projecto solidário e cultural. À guisa de conclusão e na sequência da atenção que a Câmara Municipal de Almada vem dispensando a esta instituição, APCA/Usalma, poderemos como movimento integrador da cidade educadora que somos, vaticinar que se encontra em curso um sinal de continuidade na cultura dos Almadenses. É minha convicção de que só dos bons actos praticados no passado, nos devemos orgulhar no presente. O amanhã falará por nós.

Profalmada, n.º 26, 2011, p. 13-14

¹ Pediu a demissão por carta no fim do 1.º semestre, alegando falta de saúde. Assumiu a presidência interina Maria do Carmo Manique.

² *Revista Memórias e Futuro*, p.13 - 20 e *Revista Memórias e Futuro 2*, p. 13 - 16.

Retórica do Envelhecimento Ativo

O Valor da Dignidade Humana e a USALMA

Prof. Ernesto Fernandes

Introdução

Com o presente ensaio pretende-se prolongar os estudos – artigos publicados na Separata do Boletim *Profalmada*, n.º 23, de outubro de 2010, sob o título *A APCA pela USALMA. Um projeto inovador de associativismo* e na Separata do Boletim *Profalmada*, n.º 26, de outubro de 2011, sob o título *USALMA. Um Caso Exemplar de Cidadania e Voluntariado*.

No *Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e Solidariedade entre Gerações*, é necessário, urgente e exigente que a retórica não encubra a verdade sociológica sobre o fenómeno do envelhecimento e a verdade experienciada por cada idoso.

Numa leitura da história da *aventura humana*, a esperança de vida distribuiu-se em geografia desigual, entre os países *ricos* e os países *pobres*, em que o tempo médio de vida oscila entre os 80 e os 40 anos. Neste injusto desequilíbrio geopolítico, deve ser proibida a deslembração de que, no século XIX, a Europa e a América do Norte estavam no mesmo patamar da esperança de vida da atualidade dos países *subdesenvolvidos* ou *em desenvolvimento*.

Na *Agenda da Vida*, estão em causa os direitos e responsabilidades humanos que a ONU, em 1948, consagrou na *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (DUDH). Uma questão filosófico-política: **a centralidade do valor da dignidade humana**. Segundo Emmanuel Kant (1724-1804): *As coisas têm preço. O homem tem dignidade*. Nesta perspetiva humanista, emergem e multiplicam-se projetos e iniciativas direcionados para a *terceira idade*, entre os quais destacamos o programa da Universidade Sénior de Almada, criada pela Associação de Professores do Concelho de Almada.

1. Os direitos humanos são sócio-históricos

É fundamental, e com sentido de futuro, conceptualizar uma memória sucinta sobre a gestação dos direitos humanos:

1.ª Geração: os direitos de liberdade ou cívico-políticos (liberdade de expressão, de reunião, de manifestação ou de voto), na sequência da *revolução política francesa* (séc. XVIII);

2.ª Geração: os direitos sociais ou coletivos (trabalho, educação, saúde, habitação, segurança social), no contexto da *revolução industrial britânica* e sobretudo da *revolução social alemã*, desde o último quartel do séc. XIX;

3.ª Geração: os direitos culturais, em sentido antropológico, também coletivos (não discriminação pela idade, género, etnia, orientação sexual, proteção da natureza), a partir da segunda metade dos anos sessenta do século

XX. São direitos em paulatina construção que integram os crimes contra a humanidade (genocídio) ou a pena de morte.

Nesta trajetória, entre *declarações, convenções* ou *pactos*, a Organização das Nações Unidas (ONU) tem sido capaz de internacionalizar a denúncia e a tomada de consciência sobre os direitos e responsabilidades humanos, continuando a ser o referencial a *Declaração Universal dos Direitos do Homem* (1948), na sequência da II Guerra Mundial (cf. Santos, 2000).

É claramente observável que a *memória* é um bem raro ou escasso, dado que as atrocidades e a violação dos direitos humanos, a Ocidente e a Oriente, persistem e reproduzem-se em barbáries localizadas pelo mundo fora, ceifando crianças, jovens e mulheres pacíficos, devastando os recursos naturais e retardando os horizontes da paz.

É certo clarificar para o aprofundamento da consciência coletiva que a 3.^a geração de direitos (direitos culturais) está longe de cuidar dos *direitos da natureza*. Por má consciência e irresponsabilidade, inventam-se *Dias, Meses* e *Anos*, alertando para a floresta, a água, os oceanos, o fascínio das plantas, ou, para culminar, a celebração do *Dia Mundial do Ambiente*, em 5 de junho.

É certo, segundo a *Agenda da Vida* (nunca fechada), anunciar que há uma 4.^a **geração de direitos** na mesa da consciência: a manipulação do património genético de cada indivíduo, o Testamento Vital (aprovado em Portugal a 1 de junho de 2012 por consenso de todas as bancadas parlamentares) ou a eutanásia (cf. Bobbio, 1992; Singer, 1993).

2. Por uma cultura ancorada na dignidade humana

Sobre a história recente dos direitos e responsabilidades humanos, importa afirmar: **os direitos humanos não são naturais, não são universais e não são irreversíveis**, ou seja, os direitos humanos são uma construção sócio-histórica.

Neste processo de *humanização do homem* e de *democratização da democracia* como arquitetura da modernidade, a contemporaneidade veste-se e enluta-se pela violência política, o armamento e a destruição dos recursos naturais, pilares essenciais para a erradicação da pobreza, da fome, da eliminação do analfabetismo ou da gritante desigualdade da esperança de vida.

Em cenário de mundialização, o *otimismo ingénuo* é negação da memória. É pertinente a ideia de Agustina Bessa Luís quando afirma que *escreve sobre o historial da perversidade humana*¹. A escritora adota o pensamento de Pascal (1623-1662) sobre a *miséria do homem* e as *marcas da grandeza do homem*, ou seja, o pulsar do homem entre o *infinitamente grande* e o *infinitamente miserável*. Daí, a sua *aposta* ou *otimismo agónico* (cf. *Pensamentos*, 1670, trad. portuguesa, 1959).

Neste quadro de reflexão, o reconhecimento dos direitos humanos como princípio constitucional do Estado de direito democrático não é garantia dos direitos consagrados. No caso de Portugal, a ratificação da *Declaração Universal dos Direitos Humanos* dá-se no contexto da revolução do 25 de abril e é

¹ Dialecticamente, escreve em 1953: (...) *o que fica irrealizado, sombrio, vencido, dentro da alma mais mesquinha e apagada* (...), parágrafos interpelantes de *A Sibila* (8.^a ed., 1980: 248-249).

instituída como preceito na *Constituição da República Portuguesa* (1976: Artg.º 16.º).

A discrepância entre direitos consagrados e garantia dos direitos obrigam-nos a refletir entre *valores e direitos*: os valores são imperativos éticos ou deveres morais; os direitos são a consagração de certos valores na ordem jurídico-formal de cada Estado. Uma tensão ideológico-política que persiste, por exemplo, na questão da pena de morte, proibida na Europa (Portugal foi país pioneiro) e consentida em alguns estados dos Estados Unidos da América ou da China, apesar e contra a DUDH.

Segundo a filosofia greco-latina, desde o século V A.C., o conceito de *dignidade humana* é o valor matricial ou princípio cardeal de todos os outros valores que a Revolução Francesa traduziu em *Liberté – Egalité – Fraternité*. Nesta tríade fundadora da modernidade, evolui o projeto dos direitos humanos (cf. Rosa, 1996). Neste sentido, é brilhante a palavra de Sebastião da Gama (1924-1952) em *O Sonho*:

*Pelo Sonho é que vamos,
comovidos e mudos.
Chegamos? Não Chegamos?
Haja ou não haja frutos,
pelo Sonho é que vamos.
[...]
Partimos. Vamos. Somos.*

A *dignidade humana* constitui-se como princípio ou imperativo imaterial do valor da pessoa humana, nascente e rio de todos os outros valores. Uma cultura ética dos direitos humanos ou uma ética global para a sociedade mundial (cf. Hans Kung, 1998). Não fora esta cultura, semeada como futuro e espezinhada como babárie, ser-nos-ia ainda mais difícil trazer na lapela o cravo ou o lírio da esperança.

3.A retórica do *envelhecimento ativo*

Segundo Manuel Villaverde Cabral, coordenador do Instituto do Envelhecimento (Universidade de Lisboa), *os idosos portugueses são de uma maneira geral mais pobres, menos instruídos, o que contribui para minimizar as chances de qualidade de vida.*

O envelhecimento, para além das dimensões biomédicas, deve ser estudado na sua dimensão sociológica, melhor, no campo alargado das ciências sociais. Neste sentido, o projeto de investigação em curso elege a questão do *envelhecimento ativo*, ou seja, o **uso do tempo** na relação com familiares e amigos, na participação em atividades de formação, cultura e convívio, no empenhamento por uma cultura cívico-política de solidariedade intergeracional ou comunitária.

Atentemos na afirmação de Villaverde Cabral: *a política portuguesa para o envelhecimento é pensões e saúde. Não há mais nada* (cf. *Actual – Expresso*,

19.11.2009, p.4-5). Este juízo é verdadeiro no campo da política social pública. Como a vida não se confina à intervenção do **Estado**, importa relevar o papel da **Sociedade Civil** e a emergência do **Mercado** no campo dos serviços sociais.

Apesar do individualismo moderno e urbano, o *envelhecimento ativo ou positivo* continua a ser praticado por laços familiares e de parentesco, por laços da comunidade local, por cuidados de respeito pela dignidade das pessoas da *terceira idade* (acima dos 65 anos, segundo a OMS). *Ser velho* ou sentir-se velho, sendo uma questão subjetiva, é, sobretudo, uma **representação social**. Daí, a importância da trajetória pessoal (história de vida) e do contexto social (Portugal, Suécia ou França,...).

No quadro da Sociedade Civil, designada de Terceiro Sector, os projetos, os serviços e as atividades multiplicam-se em redes de solidariedade social, nomeadamente através das organizações não-governamentais e das instituições particulares de solidariedade social.

Nas últimas décadas, o Mercado, em sua lógica empresarial ou lucrativa, está presente em crescente oferta de serviços para a 3.^a idade, até de 5 *estrelas*...²

O discurso e a prática envolvem-se ou emolduram-se em retórica sobre o envelhecimento.

O **discurso** (político, mediático, científico-técnico), referenciado eticamente aos direitos e deveres humanos, desde a segunda metade do século XX, traduz-se, abundantemente, como falso, hipócrita ou sofístico.

A **prática** (pública, solidária, empresarial), em suas diversas modalidades de oferta, lares ou residências, famílias de acolhimento, apoio domiciliário, oficina domiciliária, cuidados continuados, atividades de cultura e lazer, turismo termal ou de natureza, universidades seniores, serviço de atendimento permanente *Telealarme*, revela as alterações modernas na sociedade e entre gerações: a quebra crescente do sentido comunitário (familiar, de parentesco ou de vizinhança).

Como já referimos, as alterações demográficas, sobretudo nos países ocidentais, colocam a questão das **medidas de política social**, segundo uma estratégia de articulação dos atores sociais, públicos e privados, ancorada no valor da *dignidade humana* como imperativo moral das relações sociais, próximas e planetárias.

Numa perspetiva crítica é relevante e promissor identificar, no caso de

² Denunciando a retórica sobre o *envelhecimento ativo*, atentemos sobre títulos, rubricas e regras publicitados pela comunicação social. Simbolicamente: *A idade não é doença* (Expresso – Especial Seniores, 2009); *Vamos ser belos e imortais... mas senis* (Revista Única – Expresso, 2011); *Viver mais e melhor* (Expresso – Especial Seniores, 2012); *Dezasseis ideias para olear o cérebro* (Revista Expresso, 2012); *Vinte e oito dicas para bem envelhecer*, agrupadas em *estimular o cérebro, hábitos alimentares, exercício físico e comportamentos gerais* (cf. Revista – Expresso, 23.06.2012).

Portugal, o investimento em projetos e atividades direcionados para o conhecimento e a ciência, condição necessária para uma consciência iluminada dos *mais velhos* e para a sua intervenção na *Cidade* (cf. Santos, 2011). Neste campo, as universidades ou espaços seniores de formação formal e/ou não formal, em crescendo do Continente às Regiões Autónomas, são uma estratégia digna de registo.

4.O programa da USALMA *Aprender é viver melhor*

No caso do concelho de Almada, cujo envelhecimento quadruplicou entre 1960 e 2011 (cf. Fernandes, *Correio da Usalma*, n.º 20: 4-5 e 8), a criação da Universidade Sénior de Almada (USALMA) pela Associação de Professores do Concelho de Almada (Apcalmada) é um caso exemplar no panorama nacional (cf. Matos, 2007; Fernandes e Coelho, 2009 e 2011). Complementarmente, o **Voluntariado Social** é outra dimensão do projeto para as pessoas de *idade avançada* (cf. Nascimento e Carreiras, 2011). Uma outra dimensão objetiva-se na **Residência-Lar do Professor**, cujo processo de construção retarda por dificuldades financeiras. Por fim, a Área Editorial, através de Boletins, Separatas e Revista, Brochuras e Livros, divulga a produção escrita, particularmente de autores da Apcalmada-USALMA.

Sobre o itinerário da USALMA, em 9.º ano letivo de atividade, em 2012/2013, os seguintes indicadores de caracterização:

- **Número de alunos inscritos:** 928 (700M. e 228H.)

- **Número de professores:** 96

- **Estrutura curricular:** 9 áreas disciplinares (Artes do espetáculo, Artes plásticas e artesanato, Ciências da vida, Ciências históricas, Ciências sociais, Fotografia e vídeo, Francês e literatura francesa, Inglês e alemão, Língua e literatura portuguesa, Música, Outras línguas, Saúde e movimento, Tecnologias da informação e comunicação) compreendendo 66 disciplinas

- **Polos de funcionamento:** 13 nas várias freguesias, contando com o apoio das Juntas de Freguesia e das Direções das Escolas Secundárias

Em conclusão

Perante tanta sabedoria e sofrimento desperdiçados, perante tantas vidas humilhadas, retomemos a DUDH: *Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade* (Artg.º 1.º). E ainda: *O indivíduo tem deveres para com a comunidade, fora da qual não é possível o livre e pleno desenvolvimento da sua personalidade* (Artg.º 29.º, n.º1).

Haja Luz. Haja respeito mútuo, ou seja, ser solidário como imperativo ético de ser pessoa e cidadão. A democracia não é compaginável com uma cultura individualista sustentada na defesa dos direitos em detrimento das responsabilidades e deveres. Esta cultura traduz-se também na reemergência de nacionalismos que minam a paz mundial, denunciada por João XXIII em *Pacem in Terris* (1963), reiterada por Paulo VI em *Populorum Progressio*

(1967) e por Bento XVI em *Caritas in Veritate* (2009), porque a paz e o desenvolvimento só podem ser alicerçados no respeito pelos direitos humanos, particularmente na dignidade da pessoa humana e na justiça social como seu corolário. Neste sentido, diz Paulo VI: *Os povos pobres ficam sempre pobres e os ricos tornam-se cada vez mais ricos (Populorum Progressio, 1967: 54).*

A defesa e a garantia dos direitos humanos, individuais e sociais, sem discriminação de idade, género ou raça, ou seja, (...) *o respeito individual e efetivo dos direitos do homem (...), direitos iguais e inalienáveis, constituem o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo* (cf. DUDH).

As necessidades humanas de subsistência e as necessidades humanas de existência são igualmente básicas e, por isso, é urgente superar a dicotomia entre necessidades materiais ou primárias e necessidades espirituais ou secundárias, afirmando a sua interdependência ou indivisibilidade.

A sabedoria-experiência dos *seniores*, tendo sido a energia da humanização histórica do homem e da sociedade, na contemporaneidade, confronta-se com a qualificação científico-técnica dos *juniores*. Assim, no caso dos *adultos*, o princípio de autoridade pela idade é um entrave sócio-ético à comunicação. Segundo Emmanuel Mounier, filósofo do existencialismo, em *O Personalismo* (1950), é fundamental que cada pessoa cuide das *certezas da juventude*. Em linguagem de Paulo Freire (1972), é primacial cultivar *a dialogicidade – essência da educação como prática da liberdade*. Uma cultura intergeracional, no presente, com sentido de futuro.

Neste quadro de reflexão, se as palavras não eliminam as desigualdades sociais e a injustiça larvar, o conhecimento e a consciência ética são os pilares essenciais da humanização e da democratização dos homens e das mulheres para uma *vida limpa, um tempo justo e inteiro* (Sophia de Mello Breyner Andresen).

Porque a utopia não tem idade, cultivá-la é uma necessidade existencial permanente, como disse Natália Correia (1923-1993) em *Do dever de deslumbrar*:

*As pessoas caem como folhas
E secam no pó do desalento
Se não as leva consigo
A fúria poética do vento.*

Referências Bibliográficas

APCALMADA – Associação de Professores do Concelho de Almada e USALMA – Universidade Sénior de Almada – Rev. *Memórias e Futuro* n.º 1 (2009) e n.º 2 (2011), Almada, APCA.
ARENDT, Annah (1958) - *A Condição Humana*, Lisboa, Relógio d'Água Editores, 2001.

BOBBIO, Norberto (1992) - *A Era dos Direitos*, Rio de Janeiro, Editora Campus.

FERNANDES, Ernesto e BRANCO, Francisco (org.) (1998) - *Cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos do Homem*, n.º especial da Rev. “Intervenção Social, Lisboa, Departamento Editorial do ISSSCoop – Cooperativa de Ensino Superior Intervenção Social, CRL.

FERNANDES, Ernesto e COELHO, Nuno – *A APCA pela Usalma. Um projeto inovador de associativismo*, Separata do *Profalmada* n.º23, Outubro de 2010; *Usalma. Um caso exemplar de*

- cidadania e voluntariado*, Separata do *Profalmada* n.º 26, Outubro de 2011.
- FERREIRA, M. J. Carmo (1998) - *Vida Consentida, ou com Sentido?*, Lisboa, Pub. Terraço.
- FREIRE, Paulo (1991) - *A Educação na Cidade*, São Paulo, Cortez.
- FREIRE, Paulo (1997) - *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- KUNG, Hans (1998) - *Ética Global no Tempo da Globalização*, Lisboa, Publicações Terraço.
- LEONE, Salvino, Privitera, Salvatore, Cunha, Jorge, (coord.) (2001) - *Dicionário de Bioética*, Vila Nova de Gaia - Portugal, Editorial Perpétuo Socorro/Editora Santuário.
- MATOS, Jerónimo (2007) - *Universidade Sénior de Almada. Um projeto da Associação de Professores do Concelho de Almada*, Separata da Rev. *Anais de Almada* 7-8, CMA, 2006.
- NASCIMENTO, Gracelinda e CARREIRAS, Maria - *Voluntariado Uma Palavra Um Alento*, Rev. *Memórias e Futuro* n.º 2 (2011), Almada, Apcalmada, p. 206-210.
- PAPA João XXIII (1963) - *Pacem in Terris*, Lisboa, União Gráfica.
- PAPA Paulo VI (1967) - *Populorum Progressio*, Lisboa, Aster.
- PASCAL, Blaise (1959) - *Pensamentos*, Lisboa, Morais Editora (original 1670).
- PINTASILGO, M. Loudes (presid.), Comissão Independente População e Qualidade de Vida (1998) - *Cuidar o Futuro. Um programa radical para viver melhor*, Lisboa, Trinova.
- ROSA, Honorato [Ernesto Fernandes, org.] (1996) - *A Dignidade Humana*, Lisboa, Instituto Superior de Serviço Social e Multinova.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (2000) - *A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência*, Porto, Afrontamento.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (2011) - *Portugal. Ensaio contra a autoflagelação*, Coimbra, Almedina.
- SINGER, Peter (1993) - *Ética Prática*, 2.ª ed., Lisboa, Gradiva, 2002.
- UNESCO - Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI (1996) - *Educação: um tesouro a descobrir*, Lisboa, ASA.

A Formação de Professores de *Primeiras Letras* em Portugal nos Século XIX e XX

Uma Muito Breve História

Prof. Fernando Humberto Serra

Introdução

A formação de professores é um dos pilares sobre o qual assenta o desenvolvimento e a renovação dos sistemas educativos. Se olhada do lado panorâmico da história, esta área da política de educação tem sido uma espécie de *arena*, na qual se confrontam não apenas paradigmas educacionais ou abordagens pedagógicas, mas também princípios políticos e ideológicos indutores de efeitos que ainda restam em boa parte por contabilizar pelos historiadores e sociólogos da educação (Correia, 1991; Popkewitz, 1994; Popkewitz, 1997; Popkewitz & Pereyra, 1992; Nóvoa, 1997; Marcelo Garcia, 1999).

Pretendo com este texto dar um pequeno contributo para a história da política de formação de professores em Portugal, nos séculos XIX e XX, em particular o tempo compreendido entre a emergência do ensino normal, ou de formação de professores de *primeiras letras* e a extinção das designadas escolas do magistério primário. Será eventualmente o primeiro de uma pequena coleção de outros textos sobre o mesmo tema. A título meramente exemplificativo, debruçar-me-ei sobre a história da *Escola Normal Primária de Lisboa*, ou, como em tempos foi apelidada, da “Sorbonne de Benfica”. Uma história rica e curiosa que, como veremos, ficou marcada por dois tempos vitais: o tempo da ascensão e do apogeu, por alturas das primeiras duas décadas e meia do século passado; e o tempo da decadência e da morte, na sequência do golpe de Estado de 28 de Maio de 1926, momento histórico que viria a desembocar na criação das escolas do magistério primário, no início da década de trinta.

A emergência e expansão do ensino normal

As escolas do magistério primário em Portugal, tal como os estabelecimentos de ensino e formação congêneres em vários outros países europeus, tiveram as suas raízes históricas num movimento de controlo crescente da aparelhagem educativa por parte do Estado face à necessidade crescente de institucionalização dos dispositivos de produção e reprodução de um corpo profissionalizado de agentes aptos a lecionarem as *primeiras letras* (cf. Julia, 1981; Nóvoa, 1987, 1987a, 1991, 1991a, 1992, 1997; Bourdoncle, 1991; Adão, 1993; Gabriel, 1993; Terral, 1997; Marcelo García, 1999).

“Normalizar” procedimentos pedagógicos relativos às primeiras letras

O carácter empírico e não profissionalizado dos procedimentos de entrada na profissão ainda se mostrava predominante nos princípios do século XIX, quando apenas se impunha ao candidato ao magistério primário um exame público perante um júri nomeado pelos poderes públicos responsáveis (Nóvoa, 1987, p.423; Gomes, 1996, pp.11 e segs.). Será apenas entre a segunda e a quarta décadas desse século que se assistirá ao desenvolvimento dos primeiros esforços de organização de um ensino normal, essencialmente destinado a garantir a difusão concertada e uniforme do chamado ensino mútuo junto do corpo docente. A aprendizagem de determinados *métodos* (como o ensino mútuo ou o “método Castilho”, também designado “método Português” (cf. Pinheiro, 1990, pp.39-48; Gomes, 1996, p.31; Baptista, 1998, pp. 117 e segs.), acompanhada por uma reflexão sistemática sobre a sua natureza, finalidade e condições de operacionalidade eficaz, constituirá em grande medida um fator de aprofundamento do potencial de racionalidade da prática docente, desembocando no desenvolvimento de um corpo relativa-

mente bem estruturado e autónomo de saberes profissionais – uma *pedagogia* ou uma *ciência pedagógica* –, algures a meio caminho entre arte e ciência. Esta foi uma tendência tanto mais importante quanto é certo que até aí o ensino havia permanecido confinado a um *saber prático*, cujo domínio configurava uma genuína *arte*, à qual só tinham pleno acesso aqueles que por via de um aturado e paciente caminho de observação, imitação ou emulação de *modelos exemplares*, provavam ser capazes de se ocupar de um tal labor.

A expansão do ensino normal nos finais do século XIX

Em Portugal, a expansão das escolas normais só ocorrerá todavia nos finais do século XIX e princípios do século XX, acompanhando alguma controvérsia pública em torno daquilo que era considerado o modo mais apropriado para formar professores de primeiras letras. Numa equação complexa entre tradição e inovação, entre raízes e opções, tais controvérsias mostravam – ainda que de modo germinal ou incipiente –, aquelas que seriam algumas das temáticas recorrentes nesta matéria ao longo do século seguinte. As primeiras dessas argumentações ora infletiam no sentido de uma orientação mais *empirista* (“o exercício da *arte da educação* é suficiente para preparar o *ofício do professor*”); ora de uma orientação mais *teorizante* (“o estudo sistematizado e institucionalizado das *ciências da educação* é uma condição fundamental para a formação de agentes profissionalizados de ensino”). Cada uma destas inflexões ia de par com distintas opiniões acerca do volume de investimento público a disponibilizar para um tal desígnio educativo: maior, segundo os adeptos da orientação mais teorizante; mais parco, segundo os outros; ou, ainda, sobre o valor simbólico e material do estatuto profissional do professor: mais ambiciosos os teorizante; menos os empiristas. Mas no cerne destas controvérsias, permeando todas as discussões e debates públicos sem se revelar muitas vezes óbvia, residia uma dimensão política não negligenciável.

Com efeito, na base das dificuldades que se levantaram à criação e sustentação de um efetivo sistema de formação de professores de instrução primária ao longo de todo o século XIX, residiram, entre outros fatores, razões de ordem política (Nóvoa, 1987, pp. 448-449). É que os sectores mais conservadores da elite social e política da sociedade portuguesa viam na formação académica e teórica deste professorado um passo certo para que este iniciasse um movimento de reivindicação por melhores condições sociais e económicas. Acresce que, desde os seus primórdios, as escolas normais estiveram associadas com maior ou menor empenho a ideais de *inovação pedagógica* e à criação de movimentos associativos de professores. No primeiro caso, pelo que difundem de métodos e descobertas científicas, em claro *aggiornamento* com a modernidade do tempo; no segundo, pelo que contribuem para forjar uma cultura académica e profissionalizante, com óbvio efeito na autonomia

dos professores. Daí que aqueles sectores mais conservadores nunca vissem com bons olhos iniciativas que visassem aumentar as habilitações de entrada nestas escolas, investir nos respetivos currículos, ou prolongar a duração da formação por elas ministrada.

O aumento do número de escolas do ensino primário e o crescente desajustamento dos procedimentos tradicionais de admissão ao magistério primário (que na esmagadora maioria dos casos não passava pela frequência de qualquer formação em escola normal) motivariam, na segunda metade de Oitocentos, o início de um processo reformador do ensino normal, com consequências de monta para as duas décadas seguintes: a uniformização dos procedimentos de admissão à profissão, o seu controlo crescente por parte das escolas normais, e o papel cada vez mais decisivo do ensino da *teoria* e da *prática pedagógicas* na formação dos professores. É o início de um processo de expansão e crescimento destes estabelecimentos de ensino, com altos e baixos é certo, mas que ano após ano irá produzir um significativo número de professores de instrução primária devidamente diplomados (Nóvoa, 1987, pp.463 e sgs., 1991a, pp.78-79; Gomes, 1996, pp. 47 e sgs.).

O ensino normal nos princípios do século XX. Das escolas normais às escolas do magistério primário

Segundo Nóvoa (1987), o ensino normal em Portugal nos princípios do século XX, caso sejam consideradas as suas mais importantes reformas, pode ser perspectivado em função de três períodos distintos: 1901-1918; 1918-1930; 1930-1936. O primeiro período caracteriza-se por uma expansão da oferta deste tipo de ensino, mas também por uma acentuada descoincidência entre os desígnios reformistas declarados e as práticas efetivas num quadro de forte instabilidade política desembocando numa transição de regime; o segundo período está marcado pelas orientações mais consequentes dos responsáveis republicanos em prol da elevação da dignidade do ensino normal. Contém em si, tal como o primeiro, fatores de forte agitação política relacionadas com a queda de um regime e sua substituição por outro; finalmente, o terceiro período reflete mais diretamente as orientações políticas e doutrinárias do novo regime instaurado, o Estado Novo. É o tempo da substituição das escolas normais republicanas pelas *escolas do magistério primário* que, como veremos, é uma medida nada trivial. Consideremos cada um destes períodos em maior detalhe (*cf.* Pintassilgo, 2009).

O primeiro período (1901-1918). Avanços e recuos. O ensino normal

nos primeiros dezoito anos do século XX ficou marcado por uma orientação oscilante, de “avanços e recuos”, atravessado por acesas controvérsias, associadas às diferentes conjunturas políticas e doutrinárias. Tanto mais que se mostrou – como sempre iria mostrar-se no futuro –, como uma espécie de caixa-de-ressonância dos momentos históricos de transição de regimes, como a que ocorreria em 1910. Quer antes quer depois da implantação da República, os problemas revelados por este ensino eram complexos e de vária ordem: sistêmica, organizacional e teórico-conceptual. O número excessivo de diplomados por estas escolas face à capacidade da sua absorção pelo sistema de instrução primária, desemboca a dada altura no desemprego de um número muito elevado de professores qualificados. Esta questão alcançou mesmo foros de escândalo público para as correntes mais progressistas, já que estas não deixavam de clamar contra o atávico e persistente analfabetismo que grassava no País (*cf.* Ramos, 1998). Mas a quantidade de diplomados que as escolas normais conseguiam formar por ano não foi devidamente acompanhada por um equivalente padrão de qualidade da formação que ministravam. Os obstáculos à garantia da qualidade em muitas destas escolas passaram por exemplo pela degradação do seu ambiente humano ou pela forte politização do processo de recrutamento e nomeação do seu corpo docente, marcado que estava pela agitação política e pelo “tráfico de influências”, apanágio de sociedades com democracias ainda muito frágeis (Nóvoa, 1987, pp.661 e sgs.).

A este respeito, as manifestações de insatisfação de estudantes e professores, com expressão em várias destas escolas em vésperas da revolução republicana, face ao que consideravam ser a “desmoralização” e “desvalorização” a que o regime monárquico tinha votado o ensino normal no País, constituiu apenas um indício da *republicanização* a que as escolas normais ficariam submetidas após a instauração do novo regime.

A nova elite dirigente do recém instaurado regime republicano cedo as submeteu a um processo de depuração da marca monárquica nelas contida – sem todavia lograr debelar em absoluto aquela herança, já que alguns reductos de resistência monárquica não deixaram de se fazer sentir em muitas dessas escolas. Para os republicanos, a formação de um “homem novo” exigia que se abandonasse de uma vez por todas o modelo educativo jesuítico que durante tanto tempo tinha servido os interesses de uma sociedade considerada retrógrada e injusta (Nóvoa, 1987, p.664; pp. 52 e sgs. Proença, 1998, pp.52 e sgs.). A vez era agora a de uma “educação nova”, uma educação inteiramente compatível com os enunciados revolucionários proclamados em 5 de Outubro. Ao professor, no desempenho da sua função pedagógica, cabia ser um inspirado divulgador dos ideais modernos, jacobinos e laicos,

tanto dentro da sala de aula como fora dela; deveria ter a ciência, o engenho e a arte suficientes para – como se escrevia na Imprensa «transformar “homens bisonhos” em seres humanos civilizados». Mas também neste período a realidade vivida nas escolas normais não era de molde a que elas pudessem assumir tão elevados desígnios. Os conflitos que grassavam no seio do corpo docente, o reduzido empenho de muitos professores, os atentados ao “pudor” e aos “bons costumes” de que alguns professores e estudantes eram acusados – e cujos ecos se faziam sentir com vivacidade na Imprensa –, os inquéritos oficiais ou sindicâncias, tudo contribuiria para aumentar o descrédito destas instituições de formação de professores. A República teria de esperar cerca de uma década para poder ver saídos das escolas normais os “seus” primeiros professores de instrução primária; professores “inteiramente republicanos” (Nóvoa, 1987, p. 669).

O segundo período (1918-1930). Investimento simbólico e material no ensino normal. Entre 1918 e 1930 decorre um novo tempo para as escolas normais, um tempo em que o potencial contido na revolução republicana deu finalmente frutos. Face ao excessivo alargamento da rede destas escolas decide-se pela sua contração, ao mesmo tempo que se pugna pelo aumento da qualidade da sua formação (*cf.* Sampaio, 1975, pp.110 e sgs.). Do ponto de vista dos princípios da formação, esta deseja-se mais assente numa pedagogia de perfil moderno, científico, notando-se no discurso educacional uma menor permeabilidade aos influxos de natureza político-ideológica, e mais aos de natureza científico-profissional. As escolas normais passam a ser investidas de um grande significado educativo chegando muitas delas (designadamente a de Lisboa, como iremos ver) a constituir verdadeiros centros de inovação pedagógica (Fernandes, 1977; Pinheiro, 1990). As respetivas condições de acesso são elevadas: para aceder à frequência do curso normal, os candidatos deverão possuir agora um diploma de ensino primário superior ou do primeiro ciclo dos liceus, o que na prática perfaz dez anos de escolaridade. A esta condição de maior exigência soma-se uma melhoria da qualidade da oferta curricular, pela valorização das componentes propriamente profissionalizantes do ensino, da formação estética, ou das ciências sociais (Mónica, 1978, p.212; Nóvoa, 1987, pp.676-677). O corpo docente é renovado em conformidade com a promoção da dimensão curricular da formação, passando a ser recrutado na sua grande maioria entre diplomados pela Universidade. Mas talvez o melhor sinal da vontade republicana em assumir a elevação do estatuto do ensino normal, seja a tentativa, em 1923, de instituir uma Faculdade de Ciências da Educação, onde os professores dos vários graus de ensino pudessem adquirir a sua formação académica e profissional. Bem acolhido junto dos sectores que mais aderiam aos movimentos de renovação pedagógica e educacional que nos anos vinte atravessavam

muitos países ocidentais – caso do *Movimento Internacional para a Educação Nova* (cf. Candeias, Nóvoa & Figueira, 1995) – este projeto de reforma não passaria disso mesmo: um desígnio sem concreção, uma ideia sem fôlego para se impor. A sua rejeição em sede parlamentar constituirá um primeiro sintoma do refluxo que o ensino normal virá a sofrer no período seguinte (Nóvoa, 1987, pp. 682-683).

O terceiro período (1930-1936). Das escolas normais às escolas do magistério primário. Com efeito, as escolas normais republicanas que começavam a assumir-se como baluartes de renovação educativa sofreram, durante o regime inaugurado em 28 de Maio de 1926, uma acentuada inflexão da sua orientação educativa. Na sequência desse desenlace militar, particularmente após a aprovação da Constituição de 1933, que institui os pilares do Estado Novo após a fase de “Ditadura Militar”, é intencionalmente negado ao professorado o seu papel emancipador. Para o professor já não se tratava de forjar um “homem novo” mas sim de “modelar almas” num espírito nacionalista, disciplinar e moralista (Mónica, 1978, p. 176; Correia, 1998, pp.77 e sgs.). Esta nova vocação, missionária e nacionalista, ficaria bem expressa nas palavras de Carneiro Pacheco, ministro da tutela entre Janeiro de 1936 e Março de 1939: “No borbulhante renovo de energia patriótica que vivifica Portugal de lés a lés, o professor do ensino primário, ao receber em suas mãos para a primeira moldagem, a cera virginal da raça portuguesa, é erguido – e dela não será certamente dispensado – à nobilíssima condição de apóstolo dos rumos novos e da eternidade da nossa Pátria” (cit. in Mónica, 1978, p. 175).

32

Entre 1930 e 1936 vemos surgir um conjunto de medidas, de início não muito coerentes entre si é certo, mas que no fundamental são tomadas *contra* as conceções e as práticas educativas da I.^a República (cf. Mónica, 1978; S. Grácio, 1986; Correia, 1998; Mogarro, 1998). Logo em 1930 as escolas normais passam a designar-se *escolas do magistério primário*. Encurta-se a duração da respetiva formação, que de quatro anos em 1928 passa para dois anos em 1930. Em 1932 será aumentada para três anos na sequência de uma nova reorganização das escolas do magistério primário. Em consonância, simplificam-se as habilitações académicas de ingresso e a respetiva configuração curricular. O plano de estudos do curso, que anteriormente compreendia um conjunto diversificado de disciplinas, fica reduzido para metade, de acordo com o princípio proclamado por Carneiro Pacheco segundo o qual uma «salutar formação prática deveria nortear a purga dum certo “enciclopedismo” vivido nas escolas» (cit. in Mónica, 1978, p.213). Os ímpetus reguladores ficariam bem expressos no preâmbulo do diploma legal que institui as – de *novo* – “novas”

escolas, onde se declara que as razões que levaram àquela reforma não eram diferentes das que motivavam as transformações introduzidas pelo regime (designado agora como “Ditadura”) noutros serviços públicos: “*simplificar, uniformizar, reduzir cada organismo a uma função rigorosamente definida*” (Decreto cit.).

Em meados da década de trinta toca-se a finados por estas escolas. Em 1935, o plano de estudos sofre uma nova simplificação, acentuando-se o pendor *didatista* e *moralista* da formação, em detrimento de uma orientação de pendor mais *científico*. O controlo ideológico aperta no interior das escolas. Exemplo claro disto é a ação de censura que os diretores são obrigados a exercer nas conferências proferidas por professores e alunos no final do ano letivo de 1934/1935. Um ano depois cancelam-se as matrículas do 1.º ano do curso e, na sequência, encerram-se estas escolas, as quais só virão a restabelecer o seu regular funcionamento em 1942. Uma interpretação analítica destas e de outras medidas de política educativa sugere que se está perante uma lógica de ajustamento funcional do sistema educativo – formação de professores incluída –, quer à simplicidade estrutural de uma sociedade tradicional, patrimonialista e autoritária, quer à relativa escassez dos recursos do Estado (Mónica, 1978; S. Grácio, 1986; Mogarro, 1998). Exemplo claro disto consistiu na decisão tomada em 1940 de simplificar a habilitação para o exercício do magistério primário oficial decidida em 1940. Ao arrepio de todo um passado de crescente exigência nas condições de entrada na profissão docente, agora, para se ser professor do ensino primário, já se podia dispensar toda uma formação específica: bastava para tanto um simples exame de cultura “específica”, um “estágio de preparação didática”, um “exame de aptidão pedagógica”, e um “exame de estado”. Tinha chegado o tempo do minimalismo e da improvisação em matéria de ensino normal. Um contingente de cerca de um milhar de novos professores, os *regentes escolares* – jocosamente apelidados de “para-quedistas” – chegaria durante algum tempo para assegurar a regência das escolas primárias existentes (Pinheiro, 1990, p.158; Nóvoa, 1987, p.690).

Por pouco tempo, diga-se. Passados apenas dois anos, já se reabriam as escolas do magistério, sob a urgente necessidade de recrutar novos professores para suprir as necessidades sentidas. Entretanto, já o terreno para essa reabertura estava cuidadosamente preparado, sinal de que o próprio regime se havia ele próprio encontrado (Sanches, 1985; Correia, 1998; Mogarro, 1998). Em Setembro de 1942 é publicado o quadro regulador do funcionamento destas escolas: a duração do curso reduz-se de três para dois anos

letivos “*sem perder, antes aumentar a sua eficiência*” – referia-se no normativo que o regulava. O currículo confirma os maiores receios dos professores mais progressistas – um elenco disciplinar muito simplificado, de pendor *didatista, moralista e nacionalista*. As vigorosas críticas proferidas por determinados sectores da educação após o 25 de Abril de 1974 a esta política de formação de professores do ensino primário, mostram o quanto esta orientação perdeu praticamente intacta ao longo de toda a vigência do regime.

Um caso particular: Os dois tempos vitais da “Sorbonne de Benfica”

O quadro do desenvolvimento do ensino normal que acabei de traçar em termos muitíssimos genéricos, particularmente no que diz respeito ao período 1918-1930, ajuda-nos a compreender o percurso institucional daquela que é reconhecida como uma das escolas de formação de professores de instrução primária que melhor incarnou os ideais republicanos: a *Escola Normal Primária de Lisboa*, a dada altura apelidada, para o bem ou para o mal, de “Sorbonne de Benfica”. Será na sequência da reforma do ensino normal iniciada em 1914, que o novo edifício da chamada Quinta de Marrocos, em Benfica, virá a acolher as duas escolas normais da cidade de Lisboa (uma para o sexo feminino no Calvário e outra para o sexo masculino em Santos) provisoriamente reunidas num mesmo edifício no Calvário, sob a direção de José Tomás da Fonseca.

Ascensão e apogeu

Inauguração solene das obras. Com toda a pompa e circunstância, a nova construção terá a sua primeira pedra lançada em 10 de Dezembro de 1916. A confirmar o grande investimento material e simbólico do poder político republicano neste empreendimento, a conceção arquitetónica do novo edifício caberia a Adães Bermudes, um ilustre arquiteto do seu tempo, com intervenções estéticas caracterizadas pelo arrojo romântico da traça, que não o isentaram, apesar de tudo, de algumas críticas (Nóvoa, 1987, p. 671). Dois anos depois, ainda as obras do Edifício se arrastavam, já se dava início às atividades escolares (cf. Pinheiro, 1976, p.19, 1990, pp. 58 e 94; Sampaio, 1976, p. 110). Era Adolfo Ernesto Godfroy de Abreu e Lima seu diretor. Um diplomado em Direito que, com os ventos da revolução republicana de 1910, troca uma carreira convencional e promissora de advogado por uma francamente mais “*insegura e incerta de pedagogo*” (Candeias, 1995, p. 46).

Período áureo. A *Escola Normal Primária de Lisboa* contaria, entre 1918 e

1935, com um conjunto de professores igualmente ilustres, empenhados em participar na vida cívica do seu tempo, e também autores de uma diversificada literatura pedagógica. De entre eles, destacam-se António Aurélio da Costa Ferreira, Alberto Pimentel, Costa Sacadura, ou Tomás Borba. Muitos deles tinham passado, ou passariam ainda no decurso da sua vida profissional, pela docência universitária. Eram na sua esmagadora maioria personalidades de pendor político marcadamente republicano, cultivando um espírito renovador e progressista. A começar pelo próprio Adolfo Lima, um anarquista por convicção doutrinal, que se move com relativa discrição – mas nem por isso com falta de empenho ou vigor idealista –, no ambiente anarco-sindicalista português e do Movimento Operário dos anos vinte (Candeias, 1994, pp. 723 e sgs. 1995, pp. 43 e sgs.; Amado, 1998, pp.95). A julgar pela informação disponível, ao longo das cerca de duas décadas em que permaneceram nesta Escola, estes professores criariam um ambiente académico tão marcado pela exigência de rigor científico como pela renovação da tradição institucional: suprimem o vetusto estrado dos mestres, abrem salas de estar e de jogos para os estudantes, enfim, “*sacodem a poeira anacrónica das praxes escolares*” (Pinheiro, 1976, p. 22). A importância da pessoa do aluno-mestre – princípio ancorado no núcleo filosófico das novas correntes e movimentos educativos do princípio do século –, ficaria bem expressa na aprovação, em 1920, do regulamento interno da Escola, pelo qual se entendia que tudo nela devia “*convergir e conspirar*” para “*exclusivo bem do estudante*”, porque a “*Escola é do estudante para o Estudante*”¹.

Decadência e morte

A ofensiva dos seus detratores. Mas este auspicioso caminho de renovação pedagógica e institucional do ensino normal cedo começaria, como atrás se referiu, a suscitar a animosidade dos sectores mais conservadores da vida política e cultural nacional, sofrendo, a partir das ocorrências político-militares de 28 de Maio de 1926, mais sérias investidas, afetando mesmo o ambiente interno do corpo docente. É através de um professor de *Pedagogia Geral e História da Educação* desta Escola, Alberto Pimentel, que tomamos conhecimento de alguns dos contornos daquela animosidade. Em junho de 1938 – passados portanto cerca de dois anos após a suspensão das matrículas no 1.º ano das escolas do magistério primário – Alberto Pimentel publica no jornal *República* um texto memorialístico que intitulou *A “Sorbonne” de Benfca – os Mestres* (cf. Pinheiro, 1976, pp.19 e sgs.; 1990, pp. 94-95; 2002, pp.35-37), e que se reporta ao período que vai de 1918 a 1938. Trata-se de uma evocação daquilo que melhor havia acontecido naquela Escola Normal durante os dez

¹ Cf. Decreto n.º 6351 de 1920, diploma que aprova o Regulamento Interno da Escola Normal Primária de Lisboa (in Pinheiro, 1990, p.58).

últimos anos da República, e que é ao mesmo tempo um libelo contra os que haviam contribuído para a sua decadência, a partir de 1928. Começando por enaltecer o figurino curricular do ensino normal na sequência da reforma de 1916, este professor sublinhará a qualidade e competência do corpo docente que tinha integrado a Escola Normal Primária de Lisboa desde essa mesma altura: “A elevada inteligência, a superior cultura, a leal camaradagem de todos esses homens puderam principalmente ser apreciadas por aqueles raros, que haviam transitado da velha Escola do Calvário para a de Benfica” (cit. in Pinheiro, 1990, p. 94). Para Pimentel, teria sido precisamente essa superioridade que fez nascer um mesquinho “espírito de animadversão” desde logo manifestado contra a nova escola, começando a ser ironicamente designada pelos seus detratores por “Sorbonne” de Benfica (*id.*, *ibid.*). Sobre este epíteto tecerá este professor o seguinte comentário:

«Mas ainda assim, vejam que a consideravam o arremedo de uma das mais ilustres instituições culturais da Europa. Na sua pequenez e na sua modéstia, a “Sorbonne” de Benfica trabalhou, e os mestres obrigados, de começo, a publicar as lições que professassem como condição das suas nomeações definitivas, cumpriam integralmente esse até então inédito preceito de alta moralidade profissional. Publicaram as suas lições, tornaram conhecida a sua orientação, a sua cultura, deram o flanco à crítica.

De poucas escolas haverão saído, em tão curto espaço de tempo, porque aquela disposição legal cedo caducou, obras reveladoras de tanto estudo e boa vontade. E mesmo, a despeito de haver cessado a obrigatoriedade da publicação das lições, os mestres de Benfica continuaram produzindo trabalhos da sua especialidade, versando assuntos inteiramente novos na literatura pedagógica nacional [...] A despeito das más vontades.» (*In Pinheiro, 1990, ibid.*).

Os réus desta acusação não os identifica claramente Alberto Pimental, embora se depreenda nas entrelinhas que se encontrarão entre aqueles que viam na renovação e promoção do ensino normal uma ameaça ao conservadorismo social, ao *status quo* de que eles seriam fiéis garantes. “A despeito das más vontades, e embora pese aos que nada produzem, nem hão-de produzir, a Escola de Benfica marcou; e tem de afirmar-se que a ela se deve a renovação do ensino primário em Portugal”. A verdade é que para Pimentel não era totalmente descabida a designação de Sorbonne... Ou seja, sempre que os seus críticos a apelidavam jocosamente deste modo, “fugia-lhes a boca para a verdade”. Por tudo isto, em jeito quase lapidar, afirmará como prólogo ao seu artigo: “A actual Escola do Magistério Primário de Lisboa tem os seus dias contados. Não foi muito longa a sua vida” (*id.*, *ibid.*). Conhecido que foi o destino próximo do ensino normal, Alberto Pimentel tinha, como vimos, cabal razão.

A história da prisão de um seu ilustre professor. A mesma atitude te-

merosa quanto ao futuro do ensino normal em geral e desta instituição em particular parecia ser também partilhada pelo seu colega Adolfo Lima. Escassos meses após as ocorrências de 28 de Maio de 1926 escreverá numa carta dirigida a Álvaro Viana de Lemos:

“Tem muita razão sobre o que diz acerca da Educação Normalista: está muito, mesmo muito longe, do que deveria ser e que são os nossos sonhos. As actuais escolas normais faliram, como faliram as anteriores: carência absoluta de um ideal, de dedicação à causa, absoluto mercenarismo! E pensarmos nós que ela deveria ser a chave de todo o progresso!” (in *Candeias, Nóvoa & Figueira*, 1995, p. 102).

Também Adolfo Lima estava carregado de razão. Para além do que via acontecer ao ensino normal, termina detido pelas autoridades em 29 de Outubro de 1927, em circunstâncias algo obscuras (Nóvoa, 1987, pp.737-738), 1987a p.428; Candeias, 1995, p.50; Pinheiro, 1995, pp.23 e sgs.). Ao que se sabe, sob a acusação de alegadamente estar implicado em atividades “revolucionárias” no quadro dos corpos gerentes da União do Professorado Oficial Português – acusação que aliás nunca seria provada. A verdade é que Adolfo Lima era um dos mais destacados membros do grupo da *Educação Nova* em Portugal. Desde 1924, que estava à frente de um baluarte desse movimento, a revista *Educação Social* – fruto aliás da sua própria iniciativa em colaboração com Costa Sacadura, Faria de Vasconcelos, José Pereira e António Sérgio. No quadro daquele grupo, mantinha uma laboriosa atividade com vista à divulgação das teses e princípios da *Escola Nova* entre o professorado, quer através do respetivo movimento associativo, quer por via das escolas normais. Na sequência do golpe de Estado de 28 de Maio de 1926, este grupo modera as suas posições, diminuindo a carga político-ideológica das suas posições públicas, e refugia-se numa orientação estrategicamente mais pedagógica. Procura ao mesmo tempo legitimar a sua ação face à conjuntura política cada vez mais adversa (Nóvoa, 1987, pp.737-739). Para esse efeito, a *Educação Social* é transformada em 1927 num órgão da *Liga Internacional para a Educação Nova* e, nos finais desse mesmo ano, é criada a secção Portuguesa da *Liga* em Portugal, filiação que poderia trazer algum resguardo institucional à ação do grupo português. Não será suficiente para evitar o pior. Nesta altura já o novo regime dava início à “caça às bruxas”, a pretexto da acusação de que os promotores do movimento manteriam relações tão estreitas quanto indesejadas com a Rússia soviética. A detenção dos principais dirigentes – Adolfo Lima incluído – foi o passo imediato. A ocorrência teve mesmo um eco indignado em Geneve, pela voz do próprio mentor da liga, Adolphe Ferrière: “[...] a secção portuguesa da Liga foi dissolvida, a revista emudecida, seu chefe M. Adolfo Lima, um sábio eminente, aprisionado.” (cit. in Nóvoa, 1987, p. 738; Pinheiro, 1995, p.25). Adolfo Lima será libertado pouco

tempo depois, mas não sem evitar uma ordem ministerial determinando a suspensão do exercício das respetivas funções letivas, com efeitos a partir de dezembro de 1927. Inconformado, o professor defende-se endereçando uma exposição ao próprio ministro e fazendo-a acompanhar por um ofício abonatório da sua personalidade e desempenho profissional, da lavra do diretor da Escola Normal Primária de Lisboa, Luís Passos. A suspensão lá acabou por ser levantada a 9 de fevereiro dado o inquérito de que foi alvo não ter apurado facto algum que o incriminasse (Pinheiro, 1995, pp. 26-27).

Em Março de 1930, Adolfo Lima, ainda abatido pelo que lhe tinha caído em cima, será nomeado – de modo aparentemente paradoxal –, membro de uma “*Comissão encarregada de estudar e propor a reforma das escolas normais primárias*”, juntamente com Alberto Pimentel, seu colega em Lisboa, e José Joaquim de Oliveira Guimarães, professor da Escola Normal Superior de Coimbra (Presidente). Será igualmente nomeado na mesma altura para integrar como representante do ensino primário o Conselho Superior de Instrução Pública (cf. Candeias, Nóvoa & Figueira, 1995, p.131). No contexto da correspondência trocada com Álvaro Viana de Lemos, terá, em Abril de 1930, oportunidade de esclarecer os contornos destas nomeações oficiais:

“Quanto ao raio que me caiu em cima da cabeça, isto é, a comissão da reforma das normais e o Conselho Superior de Instrução, direi que neste caso apenas sirvo de bola. Não foi pelos meus olhos que me escolheram, mas sim, para largarem *uma piada aos meus ilustres colegas superiores da Normal. Nomearam-me para... não os nomearem a eles... que depois de engraxarem as botas à ditadura se julgam agora zangados com ela.*

Quanto a mim, se aceitei foi porque foi uma ordem de serviço, como posso provar pelo ofício que me mandaram. [...] Sairá à publicidade o projecto tal como foi elaborado? Terá sofrido cortes, alterações, adulterações? O futuro o dirá! O que é certo é que ele é radical e estabelece inovações que a muitos há-de provocar dores de cabeça...” (in Candeias, Nóvoa & Figueira, *id.*, *ibid.*).

A referência de Adolfo Lima às circunstâncias da sua participação *compulsiva* na comissão de reforma que viria desembocar na publicação do diploma legal que alterará a designação das escolas normais ajudam-nos a compreender a complexidade do processo de tomada de decisão no campo das políticas do Estado. Neste caso ilustra as descoincidências entre quem fundamenta técnica e cientificamente as decisões e quem efetivamente tem poder para as tomar. A sua nomeação indicará decerto as oscilações de que davam mostras os novos responsáveis políticos pela educação. Mas as suas palavras ainda revelam uma outra coisa mais: desta vez, os efeitos paradoxalmente desmobilizadores de uma conjuntura política adversa ao espírito de renovação pedagógica no próprio seio do professorado.

As hesitações e ambiguidade do regime em matéria de ensino normal pouco tempo mais durariam. Em 12 de Setembro desse mesmo ano, Adolfo Lima mostra-se um homem deprimido e receoso face ao provável destino da

reforma tal como tinha sido concebida pela comissão:

“A reforma das escolas normais saiu apenas um esqueleto, mas falta-lhe “alma”, vida, ideal. A comissão – para a qual fui nomeado por ordem de serviço – fez uma coisa razoável, harmónica, coerente e por meio de certas disposições criava uma série de circunstâncias e condições de funcionamento que constituíam a vida da reforma.

Estas condições desapareceram na lei publicada, porque eram “regulamentares”. Daqui o ter sido publicado apenas o *esqueleto*...

A comissão entregou o seu trabalho a 10 de Abril. Desde esse dia até 19 de Julho andou de mão em mão por todos os da *entourage* ministerial, e corte daqui, acrescento dacolá, sentença deste, opinião daquele, o trabalho se foi modificando, se foi alterando. Perdeu assim a unidade de critério, diluiu-se a sua filosofia e... saiu o que saiu...assim a comissão propusera uma cadeira de sociologia. Dentro em pouco desaparecia para dar lugar a uma cadeira de Educação Social e por fim aparece-nos uma cadeira de... Moral e Educação Cívica, título velho e relho de uma pedagogia de cabelos brancos. No projecto vinha Metodologia, *mas na lei veio didáctica*, essa denominação que cheira a Comenius, etc.

E tudo o mais é e foi assim. Apenas ficou o esqueleto, a ossada ressequida” (*in* andeias, Nóvoa & Figueira, *id.*, p.135.).

Nem mesmo a visita da figura cimeira do *Bureau International d'Education*, Adolphe Ferrière, às instalações da *Escola do Magistério Primário de Lisboa* por ocasião da sua passagem por Portugal no dia 17 de Novembro de 1930, logrou melhorar o clima de relativo desencanto vivido por alguns setores mais liberais e progressistas. O resto da história é a que se conhece em traços largos: após a suspensão das matrículas do 1.º ano e conseqüente encerramento da Escola, esta só virá a reabrir as suas portas no início do ano letivo de 1943-1944. Entre esta data e abril-outubro de 1974, cumpre-se um tempo mais marcado pelo conformismo a uma ordem autoritária do que pelos desígnios da irreverência social e da inovação pedagógica; mais marcado pelas *raízes* do que pelas *opções*; um tempo que a Revolução inaugurada em 25 de Abril de 1974 irá vigorosamente interpelar, impelida que estava também pelos ideais e anseios dos velhos mestres republicanos da “Sorbonne de Benfica”. Mestres que, a título póstumo, encontravam ali motivos de regozijo e desforra.

Epílogo (provisório)

Nos cerca de dez anos que se seguirão ao golpe de Estado de 1974, as escolas do magistério primário irão viver sucessivamente o seu período *efervescente* e o seu período *normalizador*, para entrarem então no seu ocaso, já

em meados da década de oitenta. Será mais uma importante metamorfose institucional, num contexto nacional de afirmação da democracia pluralista e de renegociação da posição semi-periférica com a entrada na Comunidade Económica Europeia. No horizonte perfilam-se já aquelas que são hoje conhecidas como as escolas superiores de educação do ensino superior politécnico, instituições responsáveis pela maior fatia da formação de professores em Portugal nas últimas duas décadas e meia. Mas estas são contas de um outro rosário, merecedoras de mais umas quantas linhas de texto.

Bibliografia

ADÃO, Á. (1993). *A História da Profissão Docente em Portugal: Balanço da Investigação Realizada nas Últimas Décadas*. In A. Nóvoa & R. Berrio (Eds.). *A História da Educação em Espanha e Portugal. Investigações e Actividades* (pp. 123-135). Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.

AMADO, C. (1998). A Escola Única em Portugal: do Debate Doutrinal nos Anos 20 e 30 às Realizações Democráticas. In M.C. Proença (Coord.). *O Sistema de Ensino em Portugal Séculos XIX-XX* (pp.87-110). Lisboa: Colibri.

BAPTISTA, M. I. (1998). Da Difusão do Ensino Mútuo à Pedagogia Científica. In M. C. Proença. *O Sistema de Ensino em Portugal - Séculos XIX-XX* (pp.111-130), Lisboa: Colibri – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

BOURDONCLE, R. (1991). “La La professionnalisation des enseignants: analyses sociologiques anglaises et américains”. *Revue Française de Pédagogie*, 94, pp. 73-92.

CANDEIAS, A. (1994). *Educar de Outra Forma. A Escola Oficina n.º1 de Lisboa 1905-1930*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

CANDEIAS, A. (1995). *Apontamentos biográficos sobre Adolfo Ernesto Godfroy de Abreu e Lima (1874-1943), pedagogo e anarquista*. In A. Candéias, A. Nóvoa, M. H. Figueira. *Sobre a Educação Nova: Cartas de Adolfo Lima a Alvaro Viana de Lemos (1923-1941)* (pp.43-64). Lisboa: Educa.

CORREIA, J. A. (1991). *Elementos Para Uma Abordagem Sócio-Institucional dos Sistemas de Formação de Professores*. In S. R. Stoer (Org.) *Educação, Ciências Sociais e Realidade Portuguesa. Uma abordagem pluridisciplinar* (pp.145-169). Porto: Afrontamento.

CORREIA, L. G. (1998). *Portugal pode ser, se nós quisermos, uma grande e próspera nação. O sistema educativo no Estado Novo*. *Ler História*, 35, 71-107.

GABRIEL, N. (1993). *História de la Profesión Docente en Espana*. In A. Nóvoa & R. Berrio (Eds.). *A História da Educação em Espanha e Portugal. Investigações e Actividades* (pp. 137-156). Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.

GOMES, J. F. (1996). *Estudos para a História da Educação no Século XIX (2.ª ed.)*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

GRÁCIO S. (1986). *Política Educativa Como Tecnologia Social. As Reformas do Ensino Técnico de 1948 e 1983*. Lisboa: Horizonte.

JULIA, Dominique (1981). “La Naissance du corps professoral”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 39, pp. 71-86.

MARCELO GARCÍA, C. (1999). *Formação de Professores. Para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora.

MOGARRO, M.J. (1998). A formação de professores durante o Estado Novo – do enquadramento legal à vida escolar. In J. Magalhães (Org.). *Fazer e Ensinar História da Educação* (pp.287-310). Braga: Universidade do Minho.

MÓNICA, M.F. (1978). *Educação e Sociedade no Portugal de Salazar*. Lisboa: Presença.

NÓVOA, A. (1987). *Les Temps des Professeurs. Analyse Sócio-Historique de la Profession Enseignement au Portugal (XVIII.è – XX.è Siécie)*, 2 Vols. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científico.

NÓVOA, A. (1987a). Do mestre-escola ao professor do ensino primário – Subsídios para a história da profissão docente em Portugal (séculos XV-XX). *Análise Psicológica*, 3 (V), 413-440.

NÓVOA, A. (1989). A República e a Escola: das intenções generosas ao desengano das realidades. In *Reformas do Ensino em Portugal. Refor-*

ma de 1911 (pp. IX – XXIV). Tomo II, Vol. I. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional. NÓVOA, A. (1991). “O Passado e o Presente dos Professores”. In António Nóvoa (Org.) *Profissão Professor* (pp. 9-32), Lisboa: Porto Editora.

NÓVOA, A. (1991a). Os Professores: Quem são? Onde vêm? Para Onde Vão? In S. Stoer, (Org.), *Educação, Ciências Sociais e Realidade Portuguesa. Uma abordagem pluridisciplinar* (pp. 59-130). Porto: Edições Afrontamento.

NÓVOA, A. (1992). A Reforma Educativa Portuguesa: Questões Passadas e Presentes sobre a Formação de Professores. In A. Nóvoa & T. Popkewitz (Orgs.). *Reformas Educativas e Formação de Professores* (pp.57-69), Lisboa: Educa.

NÓVOA, A. (1995). *Uma educação que se diz nova*. A. Candeias, A. Nóvoa, M. H. Figueira. *Sobre a Educação Nova: Cartas de Adolfo Lima a Álvaro Viana de Lemos (1923-1941)* (pp.25-41). Lisboa: Educa.

NÓVOA, A. (1997). Formação de Professores e Profissão Docente. In A. Nóvoa (Coord.) *Os professores e a sua Formação* (pp.13-33). Lisboa: Publicações Dom Quixote/Instituto de Inovação Educacional.

PINHEIRO, J.M.. (1976). *Notas Sobre a Escola Normal Primária de Lisboa e Alguns dos Seus Mestres*. Lisboa: Edição do autor.

PINHEIRO, J.M. (1990). *Do Ensino Normal na Cidade de Lisboa 1860-1960*. Porto: Porto Editora (Patrocínio).

PINHEIRO, J. M. (1995). *Elementos para o Estudo da Escola Normal Primária de Lisboa*. Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa.

PINHEIRO, J. M. (1998). *Subsídios e Reflexões para História do Ensino Primário e Normal*. Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa.

PINHEIRO, J.M. (2001). *Notas sobre Personalidades e Instituições do Ensino e da Cultura em Portugal*. Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa.

PINTASSILGO, J. (2009). *Introdução – História e Historiografia das Escolas Normais em Portugal*. In J. Pintassilgo e L. Serrazina (Orgs.) *A Escola Normal de Lisboa e a Formação de Professores. Arquivo, História e Memória* (pp.9-13). Lisboa: Colibri/Centro de Investigação em Educação Da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa/Escola Superior de Educação de Lisboa.

POPKIEWITZ, Th. S. (1994). *Sociología política de las reformas educativas*. (Ed. original em Língua Inglesa de 1991), Madrid: Morata.

POPKIEWITZ, T., PEREYRA, M. (1992). Prática de Reforma na Formação de Professores em Oito Países: Esboço de uma Problemática. In A. Nóvoa e T. Popkewitz (Orgs.). *Reformas Educativas e Formação de Professores* (pp.11-41).Lisboa: Educa.

POPKIEWITZ, Th. S. (1997). *Profissionalização e Formação de Professores: Algumas Notas Sobre a sua História, Ideologia e Potencial*. In A. Nóvoa (Coord.) *Os professores e a sua Formação* (pp.35-50). Lisboa: Publicações Dom Quixote/Instituto de Inovação Educacional.

PROENÇA, M. C. (1998). *A República e a Democratização do Ensino*. In *O Sistema de Ensino em Portugal (sécs. XIX –XX)* (pp.47-70), Lisboa: Colibri.

RAMOS, J. D. (1915). *A Reforma do Ensino Normal*, Lisboa: Livraria Ferreira.

RAMOS, R. (1998). *O chamado problema do analfabetismo: as políticas de escolarização e a persistência do analfabetismo em Portugal (séculos XIX e XX)*. *Ler História*, 35, 45-70.

SANCHES, J. F. (1985). *Educating for Passivity*. (Dissertação de doutoramento não publicada). Londres: Institute of Education, University of London.

TERRAL, H. (1997). *Profession: Professeur*. Paris: PUF.

VIAL, J. (1978). *Passé et Present de la Formation des Maîtres*. In M. Debèsse & G. Mialaret (Dir.) *Traité des Sciences Pédagogiques* (pp.187-233), Vol. 7, Paris: Presses Universitaires de France.

Legislação

Lei n.º 233 de 7 de Julho de 1914;

Decreto n.º 6351 de 1920;

Decreto n.º 14417 de 12 de Outubro de 1927;

Decreto n.º 16077 de 26 de Outubro de 1928;

Decreto n.º 18646 de 19 de Julho de 1930;

Decreto n.º 25311 de 19 de Maio de 1935;

Decreto-Lei n.º 26675 de 25 de Julho de 1935;
Decreto n.º 27 279 de 24 de Novembro de 1936;
Decreto n.º 30 951, de 10 de Dezembro de 1940;
Decreto-Lei n.º 32 243 de 5 de Setembro de 1942.

Outros documentos

Atas das sessões de 30 de Julho de 1914 e de 12 de Novembro do conselho Escolar da Escola Normal para o sexo masculino de Lisboa: Centro de Documentação e Informação da Escola Superior de Educação de Lisboa – *Actas do Conselho Escolar (1895-1915)*.

*Instituto superior de ciências sociais e políticas
Centro de administração e políticas públicas
Universidade de Lisboa
fserra@iscsp.utl.pt

Quem São os Analfabetos? Ninguém é Analfabeto

Prof. Ernesto Fernandes*

Sobre a questão da alfabetização, excluída da agenda política nacional e europeia, coloco-me como estudioso-interventor, porque sempre considere que é um imperativo *pensar para agir e agir para pensar melhor* (Amílcar Cabral). Contrariando a ideologia dominante e mediática, é um imperativo cívico-político o recurso a uma leitura sócio-histórica, contra os *modismos*. Por isso, a pertinência e a urgência de agendar a questão da *alfabetização*, entendida como capacitação para *ler a vida mudar o destino*, com paciente persistência, uma *educação como prática de liberdade* em nome de uma *cultura integral do indivíduo* e de *cuidar o futuro para o desenvolvimento humano*.

Palavras-chave: analfabetismo, educação, dignidade humana/ direitos humanos, desenvolvimento humano.

Introdução

42

Quando o desemprego afeta aos milhões jovens licenciados e adultos pós-graduados, a União Europeia, em seu culto de referência civilizacional, padece de uma nova *barbárie*, palavra forte inscrita no preâmbulo da *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (ONU, 1948). Neste contexto, quase que é paradoxal agendar a questão da *alfabetização*. Exemplarmente, certos autores – Kafka (*O Castelo*, 1935); Camus (*A Peste*, 1947); Mounier (*O Personalismo*, 1950); Josué de Castro (*Geopolítica da Fome*, 1966); Saramago (*Ensaio sobre a Cegueira*, 1995) – souberam divisar e denunciar o drama sócio-histórico da exploração do trabalho em dialética com a opressão da

consciência. Paulo Freire perpetua-se como referência internacional, nomeadamente em *Educação como Prática da Liberdade* (1967), *Pedagogia do Oprimido* (1972), *A Educação na Cidade* (1991) ou *Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido* (1992).

Os anos sessenta do século XX são um tempo promissor de crítica do modelo de desenvolvimento como *crescimento económico* e de afirmação da consciência sobre o subdesenvolvimento dos países pobres. No mundo do *Sul*, o analfabetismo atinge a quase totalidade da população em confronto com a alfabetização e qualificação académica em curva ascendente, no mundo do *Norte*. Neste cenário geopolítico, os países do sul da europa, de tradição católica dominante, cartografam taxas de analfabetismo literal, que afeta sobretudo as populações rurais, a mulher e as crianças das classes subalternas.

Escancarado o diagnóstico da situação social do Mundo, duas alternativas se afirmam: a *alfabetização conscientização*, segundo o pensamento de Paulo Freire e a *alfabetização funcional* protagonizada pela Unesco. No tempo de hoje, o confronto teórico-político permanece e reproduz-se sob variantes, quer no campo das ciências da educação, quer no campo das políticas educativas.

1. Uma leitura sócio-histórica

À visão milenar de *natureza humana*, desconstruída pelo pensamento crítico, contrapõe-se a filosofia de *condição humana*, entendida como construção histórico-cultural entre barbárie e humanização, acentuando-se o *perdão* e a *promessa* como desafios de democratização da sociedade (cf. Arendt, 1958). Escravos, servos e plebeus em confronto com patrícios, aristocratas e burgueses. Luta de classes, de raças, de tribos ou de género. Luta entre conservadores e liberais. Lutas pela dignidade do ser humano para além da cor, do território, do género ou da idade.

Nesta trajetória, a educação tem vindo a ser entendida como tomada de consciência pela informação e conhecimento, pelo reconhecimento dos direitos humanos, solenemente consagrados na *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (ONU, 1948). Instrumento de referência que sustenta a sua clarificação através de outras Declarações e Convenções internacionais sobre a situação da *criança e dos jovens*, da *mulher*, dos *refugiados* ou da *natureza e ambiente*. Representando saltos qualitativos de humanização das sociedades, é dramático o fosso entre o reconhecimento e a garantia dos direitos humanos, mesmo nos países ocidentais. Persiste o discurso dos **direitos individuais** (direitos de *liberdade*) em detrimento dos **direitos sociais** (direitos de *igualdade e fraternidade*). Esta discrepância ganha evidência conforme os ciclos de crise do capitalismo, tempo de *vacas magras* ou tempo de *vacas gordas*. A consciência sócio-política da **indivisibilidade dos direitos humanos** é uma questão central do nosso tempo (cf. Fernandes e

Branco, 1998).

Desde o séc. XIX, popularizar a instrução constitui-se como estratégia para fomentar o crescimento económico, no quadro da revolução industrial britânica. Saliente-se que a catequese paroquial, a emergência da instrução pública e o movimento associativo se entrecruzam até ao reconhecimento da escolaridade obrigatória das crianças e jovens. Os adultos das classes oprimidas ou subalternas conquistam a literacia, em tempo pós-laboral, nos sindicatos, mutualidades, cooperativas ou em associações de cultura e recreio. No caso de Portugal, são exemplo Lisboa e Porto. Neste contexto, Almada escreveu-se em história singular, designada por alguns como *capital do associativismo* (cf. Museu da Cidade, *Associativismo e Cidadania*, 2007)¹.

Reiteradamente, observamos na *era dos extremos* (cf. Hobsbawm, 1994), comportamentos de afirmação individualista, por vezes fundamentalista ou petulante, em detrimento da memória pessoal e sócio-histórica, ou seja, de sentido coletivo.

Uma conflitualidade ignorante entre *passado* e *presente* que não semeia *o possível*, em cada momento, em jogo com o *desejável*, a fuga campeia, embelezada com uma palavra em moda, *estratégia*, conjugada com outras palavras, recorrentemente ditas, como sejam, *parcerias*, *protocolos*, *redes*.

Eis um discurso que ilude ou encobre a exigência intelectual e cívica que está em causa, não a proclamação, mas a garantia dos direitos humanos. Daí, a importância da cidadania consciente e participativa para a defesa e recolocação do Estado de direito democrático, em tempo de *omnicrise*, provocada pelo furor da *economia de casino*. Um outro modo de globalização que, explorando, avilta o capital simbólico e humano.

Enquanto a palavra *crise* nos oprime, se escutarmos Vergílio Ferreira, havemos de entender que a *banalização* nos afasta da *Aparição* (1971), ou seja, do sentido e da coragem pelo possível como aventura da condição humana, em seu jogo entre ser *infinitamente grande* e *infinitamente miserável* (cf. Pascal, 1623-1662, in *Pensamentos*).

44

Em dezenas de anos, militando, desde antes de Abril, pela alfabetização, considero que é urgente, por um lado, investir na *alfabetização* como educação básica, por outro, na *alfabetização* como educação de todos e de cada um para uma nova cultura ancorada nos **valores** da *liberdade - igualdade - fraternidade*, ideário da Revolução Francesa. A única que é fundadora da modernidade, por isso, tão difícil ou turbulenta em sua construção, em combinação com a Revolução Industrial Britânica e a Revolução Social Alemã.

Em tempo de evidente deriva são a Alemanha, a França e o Reino Unido que continuam a liderar/colonizar a União Europeia.

No contexto mundial, o *Relatório do Desenvolvimento Humano 2003* (PNUD, 1998) estabelece *Objetivos de Desenvolvimento do Milénio: Um pacto entre nações para eliminar a pobreza humana*.

Alfabetizar para a língua materna os iletrados adultos e os jovens semi-iletrados é, no caso de Portugal, uma necessidade. Acresce que o acolhimento de estrangeiros obriga a alfabetizar em língua não materna, condição de inclusão e de diálogo intercultural, campo de reconstrução da identidade de uns e de outros.

2. Reconceituar educação

Persiste e reproduz-se um conceito redutor de educação, embora boas práticas e a investigação conceptualizem a educação em sua pluridimensionalidade, quer como educação científica, tecnológica e artística, quer como educação para a cidadania, ambiental, intercultural, saúde e sexual ou intergeracional.

A emergência desta visão ganhou um estatuto internacional através dos instrumentos de direitos humanos da ONU em suas agências especializadas, nomeadamente a Unesco, sob a referência teórico-política do *desenvolvimento humano*, conforme o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Tal não significa a reprodução do modelo de *crescimento económico* condição para o *desenvolvimento*, constituindo a educação como mero fator instrumental. Esta cultura economicista é responsável pela *geopolítica da fome*, ou seja, a divisão do mundo em países do Norte e países do Sul, como analisa Josué de Castro, desde os anos cinquenta do século XX. Neste sentido, em conferência sobre *O Meio e a Sociedade em Transição*, em Nova Iorque, de 27 de abril a 2 de maio de 1970, afirma: *o subdesenvolvimento é uma forma de subeducação. De subeducação, não apenas do Terceiro Mundo, mas do mundo inteiro. Para acabar com ele, é preciso educar bem e formar o espírito dos homens, que foi deformado por toda a parte. Só um novo tipo de homens capazes de ousar pensar, de ousar refletir e de ousar passar à ação poderá realizar uma verdadeira economia baseada no desenvolvimento humano e equilibrado* (cf. Josué de Castro, 1970: 40).

É convergente com esta estratégia de desenvolvimento o pensamento social da Igreja, nomeadamente em encíclicas de João XXIII (cf. *Pacem in Terris*, 1963) e de Paulo VI (cf. *Populorum Progressio*, 1967), bem como com *Gaudium et Spes*, 1966, do Concílio Vaticano II. Em rutura com tanta fé no capital, tanto inqualificável desrespeito pelos direitos e responsabilidades humanos, ou seja, pela *dignidade humana* em conceito de Immanuel Kant (1724-1804) quando diz: *as coisas têm preço, o homem dignidade*.

Apesar deste desconcerto, a educação tem vindo a consubstanciar-se em modalidades e itinerários, que se entrecruzam:

EDUCAÇÃO FORMAL (Escolar/Académica)	EDUCAÇÃO NÃO FORMAL	EDUCAÇÃO INFORMAL
<ul style="list-style-type: none"> - Pré-Escolar Jardins de Infância - Ensino Básico (1.º, 2.º e 3.º ciclos) - Ensino Secundário - Ensino Artístico Especializado - Ensino Profissional (certificação escolar e profissional) - Ensino <i>Novas Oportunidades de Qualificação</i> - Ensino Superior politécnico universitário - Ensino do Português e Escolas Portuguesas no Estrangeiro - Centros de Formação de Associação de Escolas 	<ul style="list-style-type: none"> - Cursos, Seminários, Jornadas, Oficinas, Colóquios, Conferências, Círculos de Estudo, Exposições, Espectáculos - Iniciativa de Pólos e Universidades Seniores, Associações, Instituições Públicas e Particulares, Empresas, nos campos: <ul style="list-style-type: none"> formação para o trabalho formação para a cidadania formação para a saúde formação artística formação ecológica formação científico-disciplinar formação para o desenvolvimento humano e social - Intervenção sócio-educativa/comunitária 	<p>Campo aberto e transversal, em tempos e espaços cruzados: relações interpessoais família grupos de pertença bairro, freguesia, concelho escolas</p>

No sentido de reconceituar a *educação*, o Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI - *Educação. Um Tesouro a Descobrir* (1996) impõe-se como leitura e estudo incontornável segundo uma lógica de diagnóstico e pistas - recomendações, ancorada numa visão da *sociedade mundial*, da *participação democrática*, de *educar para o desenvolvimento humano* e de uma cultura de *cooperação internacional: educar a aldeia global*. Este Relatório, coordenado por Jacques Delors, projeta e denuncia as derivas das políticas educativas, apesar do Relatório *Aprender a Ser*, coordenado por Edgar Faure (Unesco, 1972).

Neste quadro teórico-político, afirma-se:

Para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se à volta de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão dalgum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: 'aprender a conhecer', isto é, adquirir os instrumentos da compreensão; 'aprender a fazer', para poder agir sobre o meio envolvente; 'aprender a viver juntos', a fim de participar e cooperar com os outros em todas as actividades humanas; finalmente 'aprender a ser', via essencial que integra as três precedentes. É claro que estas quatro vias do saber constituem apenas uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contacto,

de relacionamento e de permuta (cf. Unesco, 1996: 77).

Em Portugal, no quadro da *educação para a liberdade*, desde antes de abril, tantos houve que abraçaram a alfabetização como libertação humana e luta contra a ditadura, por terras de Portalegre, iniciativa do GRAAL, anúncio do que haveria alargar-se a Setúbal, Lisboa e Porto.

Neste contexto, a *Semear para Unir* – Associação de Alfabetização e Cultura Popular, de que fui membro fundador, é reconhecida como um caso singular de intervenção sociopolítica (apartidária), combinando o ensino, a revitalização da cultura popular, a formação de formadores, a investigação e a divulgação editorial, particularmente destinada à alfabetização e educação de adultos. A título exemplificativo, nomeadamente pelo carácter simbólico dos títulos e a inclusão de textos dos alfabetizandos, identifico (cf. SPU, 1998: 11):

Ler a Vida Mudar o Destino, 1977.

Vivenda da Liberdade, 1978.

Unir as Letras Escrever Povo, 1979.

Só me Ensinaram a Servir, 1979.

Relato e Conclusões - 1º Encontro Nacional de Associações e Monitores de Alfabetização, Semear para Unir, Almada, 30 de Junho e 1 de Julho de 1979.

A Vida É um Problema Vamos Resolvê-lo!, 1980.

Desde Manhã ao Sol Posto, 1980.

Soletrando Mulher Vida Nova Descobrir, 1982.

Venho-lhe Dar os Bons Anos, 1982.

Permanece um preconceito que está subjacente às estratégias e práticas de *educação de adultos*: **analfabeto**. Nem a descodificação ou desconstrução de Paulo Freire, semeando uma cultura alternativa, nos leva a entender que ler – escrever – contar, sendo uma ferramenta necessária, oculta o fundamental: a capacidade de reflexão, de consciência crítica e de participação cívica. Daí, a importância crucial da relação com a comunidade familiar, associativa e local, em interação com outros territórios e com os serviços do poder central da área da educação permanente/educação de adultos.

Na perspetiva descolarizante da alfabetização – educação de adultos, a *Semear para Unir* realizou projetos, alguns editados, (cf. SPU, 1998: 11-12), como sejam:

Quem Não Semeia o Progresso Deixa Morrer a Tradição (obra resultante de um estudo e recolha da olaria tradicional portuguesa, coleção legada à Câmara Municipal de Almada e exposta no Solar dos Zagallos, Sobreda de Caparica, desde 2003), 1981.

Proposta para uma Reflexão - Política de Defesa e Recriação da Ollaria, Abril de 1981.

Relato e Conclusões - Encontro Nacional de Ollaria, edição da Câmara Municipal de Almada, 1981.

Balanço e Conclusões - I Jornadas Almada e a Educação, Almada, 7 a 9 de

Novembro de 1991.

O Associativismo Tradição e Arte do Povo de Almada (estudo de carácter histórico-sociológico), Almada, Câmara Municipal de Almada, 1984.

Relatório e Conclusões e Dossier Documentação, Encontro do Movimento Associativo do Concelho de Almada, *Que Futuro para a Tradição Associativa Almadense*, Cova da Piedade, 18 e 19 de Novembro de 1989.

Do Tempo do Associativismo Ao Associativismo do Nosso Tempo - Ciclo de Encontros, organizados pela Associação Semear para Unir, Abril - Junho de 1995.

Quem Educa Quem? Educar para Quê?, II Jornadas Almada e a Educação, Almada, CMA, 1997.

Espreitando as Margens de Abril. Os Direitos da Criança e do Jovem, Almada, 1999.

Para este propósito é de relevar o Relatório Final do Seminário Internacional *Educação de Adultos, Minorias e Áreas Desfavorecidas*, organizado pelo Instituto Politécnico de Faro (IPF), 21-25 de abril de 1987. Entre teóricos e interventores 3 em lógica de investigação-ação, é justo reconhecer a figura cimeira de Alberto Melo, professor da Escola Superior de Educação do IPF. Um momento alto da história da educação de adultos. As comunicações teóricas e experiências apresentadas recusam a *conceção bancária da educação como instrumento de opressão* e perfilham a *conceção problematizadora da educação e a libertação*, ancorada na *teoria da ação dialógica* (cf. Paulo Freire, 1972).

É pertinente referir que, quando o pensamento de Paulo Freire é divulgado em Portugal, no final da década de sessenta do século XX, pelos chamados católicos progressistas, a esquerda *ortodoxa* classifica Paulo Freire de *culturalista* porque valoriza a questão de opressores-oprimidos e não a de exploradores-explorados. Esta esquerda subvaloriza o pensamento crítico de Gramsci (1891-1937) sobre o marxismo-leninismo.

Atentemos que a educação como aprendizagem ao longo da vida ganha terreno através das universidades seniores em sua oferta formativa, quer como *ocupação dos tempos livres*, quer como desenvolvimento de capacidades e competências científico-técnicas, ético-políticas e estético-expressivas dos adultos sem o estigma da terceira idade, dado que a cada um é pedido ser *alfabetizando* da pintura, cerâmica, canto, teatro, novas tecnologias ou línguas estrangeiras que, em tempo da sua juventude, não foi possível compaginar. A nível nacional, a universidade Sénior de Almada (USALMA), criada pela Associação de Professores do Concelho de Almada (APCA), representa um caso exemplar: a maioria dos novecentos alunos tem formação secundária ou superior (cf. Fernandes e Coelho, 2009 e 2011).

Conclusão

Em confronto, desde os anos sessenta do século XX, duas concepções: *alfabetização funcional* (Unesco) e *alfabetização/conscientização* (Paulo Freire).

Na perspectiva de Paulo Freire, de investigador, militante e administrador público na Secretaria de Educação da cidade de São Paulo (cf. *Educação na Cidade*, 1991), revisitando a minha trajetória teórico-prática como profissional da educação e voluntário associativo no campo da *educação de adultos*, assumo como dever partilhar as seguintes **referências teórico-políticas** para um *desenho de sociedade menos perversa, menos discriminatória, menos racista, menos machista... em favor da escola pública, popular e democrática* (cf. Paulo Freire, 1991: 144):

- uma concepção: a cultura integral do indivíduo – problema central no nosso tempo (Jesus Caraça, 1933); educação como prática da liberdade/educação e conscientização (Freire, 1967); ler a vida mudar o destino (SPU, 1977); unir as letras escrever povo (SPU, 1979); soletrando mulher vida nova descobrir (SPU, 1982); associar-se para a vida mudar (Abreu, 1982); quem não semeia o progresso deixa morrer a tradição (SPU, 1981). A educação ao longo de toda a vida (Fernandes, 2010)

- uma metodologia: pensar para agir e agir para pensar melhor (Amílcar Cabral, 1924-1973), conforme o princípio a cada um segundo as suas necessidades, de cada um segundo as suas possibilidades, ou seja, a escolha da investigação-ação para a formação permanente dos formadores, a qualificação das práticas, a produção de materiais didático-pedagógicos, a divulgação para o aprofundamento da cultura popular. Nesta perspectiva, o curriculum e as publicações da Semear para Unir são um exemplo

- uma ética: educação cívica (Sérgio, 1915), ética dos direitos-deveres humanos ou pedagogia do oprimido (Freire, 1972), segundo o princípio em tensão de socialmente útil e pessoalmente gratificante (SPU, 1978-1998)

É necessário esclarecer todos aqueles que confundem a concepção sócio-política com o método de alfabetização proposto por Paulo Freire.

Está em causa uma concepção teórico-política e **não apenas a sua operacionalização pedagógico-didática**, ambas as dimensões evidenciadas por Paulo Freire em *Educação como prática da liberdade* (1967).

Na dimensão instrumental ou técnica, resgato, nomeadamente: BASE (1977) – *Manual de alfabetização para quem quer aprender com o povo*; Helena Cidade Moura (1979) – *Manual de Alfabetização*; Ernesto Fernandes (1979) – *Alfabetização uma das lutas pelo direito de ser povo* (ensaio) que operacionaliza o processo de alfabetização conducente ao exame da 4.^a classe, como escolaridade obrigatória para os adultos, particularmente no quadro da função pública.

No campo da alfabetização em língua materna para os adultos, sem iludir o problema das crianças e jovens fora da escola por abandono ou insucesso escolar, e da alfabetização em português para os imigrantes, anima-nos a personalidade de José Saramago (1922-2010), serralheiro mecânico, desenhador, jornalista, tradutor, sem qualificação académica superior, consagrado como primeiro Nobel da língua portuguesa, em 1998.

Em versos de alfabetizandas:

*E nestes meus simples versos Ajuda-me ó meu irmão
Muito haveria a dizer Esta batalha a vencer
Mas o que mais me atormenta Somos dois corpos unidos
É que haja tanto a fazer Que andamos a combater.*
Maria Teresa Trovão Júlia Morais

Sobreda (SPU, 1978) Quinta do Rato (SPU, 1982)

Todas as artes e ofícios – científicos, tecnológicos, filosóficos ou artísticos, desportivos, artesanais – são um complexo de linguagens, eruditas ou populares, deficitariamente companheiras, quantas vezes em hostilidade. Por isso, o título deste breve ensaio: **Quem são os analfabetos? Ninguém é analfabeto.**

Em jeito de epílogo, partilho este poema, de Manuela Vicente, membro da SPU e monitora dos cursos de alfabetização na Quinta do Rato-Almada:

Sou um Homem Culto

*Pego na enxada e rasgo a terra
Sou um homem culto*

*Construo as casas, os navios e os jardins
Sou um homem culto*

*Cozo o pão e tiro do mar o peixe que tu comes
Sou um homem culto*

*Com o lápis digo: Não!
Sou um homem culto!*

Thiago de Mello em *Canção para os Fonemas da Alegria*, dedicada a Paulo Freire, in *Faz Escuro mas eu Canto. Porque a manhã vai chegar* (1965: 71-72)

*Peço licença para soletrar,
no alfabeto do sol pernambucano
a palavra ti-jo-lo, por exemplo,*

50

*e poder ver que dentro dela vivem
paredes, aconchegos e janelas,
e descobrir que todos os fonemas*

*são mágicos sinais que vão se abrindo,
constelação de girassóis gerando
em círculos de amor que de repente
estalam como flor no chão da casa.*

(...)

*Peço licença para terminar
soletrando a canção da rebeldia
que existe nos fonemas da alegria:*

*canção de amor geral que eu vi crescer
nos olhos do homem que aprendeu a ler.*

Em tempo de memória do falecimento, há 25 anos, do professor e artista José Afonso (1929-1987), seja a *Utopia* o nosso reconhecimento pela sua geografia musical dos afetos:

*Cidade
Sem muros nem ameias
Gente igual por dentro
gente igual por fora
Onde a folha da palma
afaga a cantaria
Cidade do homem
Não do lobo mas irmão
Capital da alegria*

Quando a *omnicrise* se universaliza e se traduz em *autoflagelação* (cf. Boaventura de Sousa Santos, 2011), a poesia pedagógica de Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004):

*Abre a porta e caminha
Cá fora
Na nitidez salina do real.*

Referências Bibliográficas

Não se pretende produzir uma pesquisa bibliográfica sobre o objeto deste ensaio, particularmente no campo da alfabetização e educação de adultos. É nosso propósito identificar autores e títulos que foram tecendo o pensamento e a prática do *direito à educação* de todos e de cada um à aprendizagem ao longo de toda a vida e da vida toda.

1. Referências básicas

ARENDDT, Annah (1958) - *A Condição Humana*, Lisboa, Relógio d'Água Editores, 2001.

CANÁRIO, Rui (1999) - *Educação de Adultos. Um campo e uma problemática*, Lisboa, EDUCA.

CARAÇA, Bento de Jesus (1939) - *A Cultura Integral do Indivíduo – problema central do nosso tempo*, Lisboa, ITAU, s.d..

FERNANDES, Ernesto e BRANCO, Francisco (org.) (1998) - *Cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos do Homem*, nº especial da Rev. "Intervenção Social",

Lisboa, Departamento Editorial do ISSSCoop – Cooperativa de Ensino Superior Intervenção Social, CRL.

FERNANDES, Ernesto (2002) – *O Associativismo no Tempo da Globalização: Voluntariado e Cidadania Democrática*, in Rev. “Intervenção Social”, n.º 27, Lisboa, ISSSCoop – Cooperativa de Ensino Superior de Intervenção Social, CRL, Junho de 2003, p. 159-190.

FERNANDES, Ernesto (2004) – *Por uma carta ética da intervenção social*, in Rev. “Intervenção Social”, n.º29, Lisboa, CESDET, 2004, p. 139-151.

FERNANDES, Ernesto (2005) – *A Educação como Eixo Essencial do Desenvolvimento Sustentado. A re-invenção da educação pela comunidade*, in Rev. “Intervenção Social”, n.º31, Lisboa, CESDET, 2004, p. 85-97.

FERNANDES, Ernesto e COELHO, Nuno – *A APCA pela Usalma: um projeto inovador de associativismo*, Separata do Boletim Profalmada n.º 23, outubro de 2010 e *Usalma: um caso exemplar de cidadania e voluntariado*, Separata do Boletim Profalmada, n.º 26, outubro de 2011, Almada, Associação de Professores do Concelho de Almada (APCA).

FREIRE, Paulo (1967) – *Educação como prática da liberdade*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.

FREIRE, Paulo (1972) – *Pedagogia do oprimido*, Porto, Afrontamento.

FREIRE, Paulo (1991) - *A Educação na Cidade*, São Paulo, Cortez.

FREIRE, Paulo (1992) – *Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.

GADOTTI, Moacir [org.] (1996) – *Paulo Freire: Uma biobibliografia*, São Paulo, Cortez Editora, 765 págs.

GIDDENS, Anthony (2000) - *O Mundo na Era da Globalização*, Lisboa, Presença.

GRESH, Alain et al. (dir.), (2003) – *Atlas da Globalização – Le Monde Diplomatique*, Lisboa, Campo da Comunicação, SA.

HOBBSAWM, Eric (1994) – *A Era dos Extremos*, Lisboa, Presença, 1996.

INSTITUTO Politécnico de Faro (org.) – *Relatório Final Educação de Adultos, Minorias e Áreas Desfavorecidas* (cf. *Relatório Sucinto*, p.7-14, trilingue), Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Faro, Faro, 21 a 25 de abril de 1987, 402 páginas.

LESNE, Marcel (1978) - *Trabalho Pedagógico e Formação de Adultos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

MONTEIRO, A. Reis (2005) – *Deontologia das Profissões da Educação*, Coimbra, Almedina.

52 MOURA, Helena Cidade (1979) – *Manual de Alfabetização*, Lisboa, Editorial Caminho.

NÓVOA, António et. al. (1992) - *Formação para o Desenvolvimento*, Lisboa, Edições Fim de Século.

ONU (1948) – *Declaração Universal dos Direitos Humanos*.

PINTASILGO, M. Loudes (presid.), Comissão Independente População e Qualidade de Vida (1998) - *Cuidar o Futuro. Um programa radical para viver melhor*, Lisboa, Trinova.

PNUD (1998) – *Relatório do Desenvolvimento Humano 2003. Objectivos de Desenvolvimento do Milénio: Um pacto entre nações para eliminar a pobreza humana*, Lisboa, Mensagem, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa (2000) - *A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência*, Porto, Afrontamento.

SANTOS, Boaventura de Sousa (2011) - *Portugal ensaio contra a autoflagelação*, Coimbra, Almedina.

SCHMIDT, Luísa e CABRAL, João de Pina [organizadores] (2008) - *Ciência e Cidadania: Homenagem a Bento de Jesus Caraça*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

SÉRGIO, António (1915) - *Educação cívica*, 2ª ed., Lisboa, Inquérito, 1954.

SILVA, Agostinho da (1989) - *Educação de Portugal*, Lisboa, Ulmeiro.

UNESCO - Comissão Internacional, coordenada por Edgar Faure (1972) - *Relatório Aprender a Ser*, Lisboa, Bertrand, 1981.

UNESCO - Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI (1996) - *Educação: um tesouro a descobrir*, Lisboa, ASA.

UNESCO (1997) - *V Conferência Internacional sobre Educação de Adultos*, Lisboa, Ministério da Educação, 1999.

2. Referências complementares

Da autoria e/ou edição da Associação *Semear para Unir*, por razões de economia, remetemos o leitor para as páginas 6 e 7 deste ensaio.

Estilos Educativos Parentais

Ivan Filipe Ferreira Amaral Nascimento

Introdução

A educação e a forma como os pais educam os seus filhos, parece estar de novo em voga. As relações entre adultos e crianças, bem como, a forma de educar as crianças, têm sido fortemente debatidas e expostas nos meios de comunicação social. São constantes as notícias que apresentam défices de acompanhamento parental, professores com graves problemas de saúde, na maioria dos casos, motivados pelo stress no local de trabalho, os casos de violência entre jovens, etc. A autoridade dos pais e docentes tem vindo a esvair-se, gerando um problema, que para muitos está directamente vinculado ao comportamento dos pais, quando não se opõem aos seus filhos, ou os consideram no mesmo patamar social (quase como adultos), o que faz com que estes não aceitem decepções e se tornem intolerantes, egoístas, e sobretudo, irresponsáveis.

A problemática dos estilos educativos parentais e da educação dos jovens não é nova, existem vários estudos e abordagens relativamente a este tópico. Primeiramente eram os filósofos quem estudava as questões da educação. A partir do século XX, psicólogos, antropólogos e sociólogos começaram a investir bastante neste domínio e foram desenvolvidas várias teorias e conceitos.

Neste sentido, este artigo pretende analisar e apresentar estas práticas, tendo como objectivo final, descodificar se se pode conferir, ou não, um papel preponderante à atitude dos pais, para a formação e integração dos jovens na escola e na sociedade. Pretende-se apresentar sucintamente as teorias que procuram explicar as disparidades entre as práticas educativas dos pais, e por outro lado, as consequências que essas diferenças no modo de educar causam no desenvolvimento dos seus filhos.

Como se explicam as práticas educativas dos pais?

As heranças culturais e sociais, geradas, transmitidas e transformadas pela família, são tema constante na sociologia de classes enquanto fator explicativo das desigualdades no empenho e resultados escolares. A família é habitualmente vista como um sistema conjeturável de vantagens e disparidades. Sucintamente, a importância da posição social de partida, pode influenciar as trajetórias das crianças em vários domínios, quer pelas questões do (in)sucesso, abandono precoce, cumprimento do nível padrão exigido atualmente (no caso português, o 12.º ano de escolaridade), entre outros problemas/soluções que esta condicionante pode causar.

Um primeiro grupo de pesquisas, procura demonstrar que existe uma relação entre a composição da família e outras condicionantes e as práticas educativas parentais (Baumrind, 1980). Esta primeira linha de pesquisa aponta diferenças no modo de educar dos pais sendo, por exemplo, mais restritos com as raparigas e mais liberais com os rapazes, ou também questões como a separação dos pais que poderá ter efeitos negativos sobre a sua autoridade educativa.

Vários trabalhos vêm por estas teorias em causa mostrando, por exemplo, que não é certo que o sexo da criança determine uma disparidade de tratamento entre rapazes e raparigas, mas que isso surge da herança cultural e social dos pais (Best & Williams, 1997, cit. por Montandon, 2005). Outros estudos mostram que não existe uma correlação imediata entre o divórcio e a postura problemática das crianças, deve ter-se em conta as condições económicas, sociais e culturais em que a criança vive após a separação (Furstenberg, 1999, cit. por Montandon, 2005), por exemplo, a degradação da situação financeira de quem tem a guarda, a rutura dos vínculos sociais, provocada pela mudança de casa, entre outras variáveis que podem interferir no “casulo” de proteção da criança.

Um segundo grupo de estudos, apresenta a teoria de que pais de classe média conseguiriam controlar melhor as suas interações com a criança. Sabem exercer disciplina, demarcam com clareza os limites e as regras e recorrem a punições e recompensas, que a longo prazo e tendo em conta o fator motivação, podem facilitar o êxito da criança. Em contrapartida, os pais oriundos de classes populares, tenderiam a ter dificuldades na elaboração de

um projeto educativo para os seus filhos e a explicar-lhes o motivo das suas exigências, satisfazendo, por outro lado, os seus caprichos e sendo capaz de os castigar, sem no entanto lhes explicar onde erraram (Montandon, 2005). Perante estes factos, os estudiosos concluem que as probabilidades de sucesso escolar são diferentes tendo em conta o meio social, cultural e económico em que as famílias de origem se encontram inseridas. O determinismo de classe molda e condiciona o sucesso escolar, sobretudo, pela permanência e qualidade de aprendizagens na instituição escola.

O estilo educativo familiar articula um conjunto de atividades e objetivos, que têm como ponto de partida as expectativas de personalidade e futuro lugar social dos filhos, produzidos através de métodos pedagógicos ou técnicas de influência que medeiam as aprendizagens e posturas dos restantes atores socializadores e educadores.

A variedade de estilos e posturas parentais é, portanto, potenciadora de um leque bastante sortido de filhos/alunos (Lahire, 2005), *“Mais ou menos competentes em capacidade de comunicação e abstração, no uso de linguagem e códigos elaborados, na interpretação e aproximação relacional e empática da instituição escolar (...) mais ou menos ambiciosos ou acomodados, criadores ou cumpridores, motivados ou derrotados, obedientes ou imaginativos”* (Queiroz, (2004), cit. por Almeida, (2005), p.585-586).

Existem, no entanto, algumas variantes não identificáveis à priori, na maioria destes estudos. A evolução da família e do contexto familiar tem períodos, estáveis, de reorganização ou de crise. Por outro lado, a relação educativa deve ser situada no contexto do conjunto das relações da criança, isto é, por exemplo, avós, meios-irmãos ou outros membros da família recomposta. Existem ainda acontecimentos como acidentes, desemprego, doença, nascimento de uma criança deficiente, que aliados a outras instâncias educadoras como a escola podem anular ou ampliar o estilo educativo dos pais, não podendo, por isso, ser ignorados.

Por tudo isto, é difícil perceber se a relação educativa e afetiva dos pais sobre a criança é predeterminada, ou se os pais adaptam o seu estilo educativo tendo em conta as características das crianças. É uma questão ainda por responder uma vez que a maioria das pesquisas estuda as crianças a nível individual e não a forma de educar um conjunto de irmãos.

Por fim, a criança não é um ator passivo em todo este processo, interpreta, seleciona e analisa as experiências, constrói estratégias e encontra soluções, que podem vaticinar alterações na relação com os pais e obrigar a uma adaptação dos seus estilos pedagógicos.

As relações entre pais e filhos costumam suscitar debates apaixonantes e apaixonados e, nestes últimos tempos, passaram a focalizar mais particularmente a relação de autoridade (Montandon, 2005, p. 486)

Estilos Educativos dos Pais

Com o intuito de melhor compreender as tipologias educativas adotadas pelos pais e as consequências que daí podem advir para o desenvolvimento psicossocial das crianças, vários autores têm contribuído na classificação destes estilos que, geralmente, se caracterizam por atitudes mais ou menos autoritárias, permissivas, coercitivas ou democráticas.

Desde os anos setenta do séc. XX que vários autores propõem diferentes tipologias. Por exemplo, Diana Baumrind (1980), apresenta três estilos muito demarcados munidos de fortes discrepâncias na relação educativa a vários níveis como, o calor afectivo, controlo, comunicação e/ou exigência de maturidade. São eles:

Estilo Autoritário: Sucede quando os pais tendem a controlar e trabalhar a postura e atitudes da criança de forma rígida. Usam habitualmente medidas punitivas, quer verbais quer físicas, criticando frequentemente a criança, não lhe reconhecendo grandes qualidades e prestando pouco apoio ou qualquer manifestação de afecto.

Por sua vez, a criança filha de pais autoritários, é comumente pouco sociável, retraída e pouco amigável. A maioria dos estudos comprova que os filhos de pais autoritários são geralmente obedientes, com fortes níveis de ansiedade, inseguros, infelizes, com fraca autoestima e com uma forte tendência para a depressão.

Estilo Permissivo: os pais “adeptos” do estilo permissivo exercem um controle fraco, funcionando quase como um recurso para os desejos e vontades dos filhos. Este estilo caracteriza-se pela ausência de normas, pela forte comunicação e acompanhamento e, geralmente, existe muito calor afectivo, mas poucas exigências de maturidade ou execução das tarefas.

Os filhos provenientes de famílias onde reina a educação de estilo permissivo são, geralmente, dependentes, imaturos, de humor instável e com pouco autocontrolo.

Em 1983, este estilo foi dividido em dois (Maccoby & Martin cit. por Weber 2004):

- **Estilo Indulgente:** os pais correspondem aos pedidos dos filhos e são afectuosos. Não exigem normas ou deveres, nem funcionam enquanto modelo de comportamento.

- **Estilo Negligente:** os pais são afastados das suas funções de progenitores, acentuando-se este distanciamento ao longo do crescimento da criança. Mantêm única e exclusivamente as necessidades básicas da criança. Os filhos de pais negligentes apresentam maiores fragilidades do ponto de vista psicológico, emocional e social, que a generalidade das crianças.

Estilo Autoritativo: os pais controlam e apoiam os seus filhos, existem regras e condutas a seguir, mas é-lhes encorajada a independência, isto é, permanecem regras dentro de um clima afectivo. São pais exigentes e atentos,

comunicando de forma positiva e otimista, adequando as suas atitudes às necessidades da criança, utilizando um discurso caracterizado pela racionalidade.

Os filhos de pais autoritativos estabelecem boas relações sociais, são fáceis de se gostar, são autoconfiantes, independentes e colaborantes.

Baumrind, propõe ainda um quarto estilo, o **não-envolvido**, este muito menos habitual, ou praticamente inexistente. Caracteriza-se pela indiferença ou rejeição perante os filhos.

Dados empíricos comprovam que os filhos de pais que adotam um estilo parental mais participativo, obtêm maior sucesso escolar e social. É importante que exista acompanhamento e amor parental, para que se possam alcançar boas classificações escolares. Para uma correta aprendizagem, as crianças precisam de sentir o amor dos pais e perceber os limites, embora os questionem, uma reflexão e debate conjunto poderá propiciar e desenvolver os processos de aprendizagem, reduzindo as probabilidades das crianças cometerem erros ou que, quando os cometem, consigam tirar daí lições.

Ao longo dos anos os estilos têm sido trabalhados e especificados; interessante será perceber até que ponto uma dada sociedade adapta, inverte ou constrói um novo estilo educativo. Como sugere Norbert Elias (1993), na Europa, a maioria dos países alterou o seu estilo de educar passando de um modelo familiar baseado no comando, ou seja, de um estilo autoritário, para um estilo mais democrático, assente num modelo de negociação. São inúmeras as razões que causam esta transformação, como por exemplo, a emancipação e o trabalho das mulheres, democratização das relações entre sexo no cerne do casal ou o aumento do nível mínimo de educação.

Todavia, um estilo assente na base da negociação, não cria uma ruptura com os outros estilos. Segundo Singly (2000), entre as famílias não existe uma recusa de autoridade, existem regras e proibições claras, de que os pais não abdicam e que não são negociáveis.

É evidente, que as crianças nascem com temperamentos diversos, uns bem-dispostos, outros mais conflituosos, também essas disposições básicas e inatas podem, em muitos casos, influenciar/moldar o estilo de educação dos pais. O caminho para o sucesso das funções parentais é, e deve ser, construído dia-a-dia. A “arte de educar” é um processo que deve evoluir em simultâneo com o desenvolvimento das crianças, respeitando e refletindo sobre a sua individualidade, promovendo atividades potenciadoras ao desenvolvimento de competências sociais, educacionais e emocionais.

Ao contrário do que a maioria dos pais e educadores procuram, não existe um estilo padronizado, ideal ou perfeito; a educação e a forma de educar não é linear, deve ser moldada ao perfil e carácter de cada criança. A educação da criança é, como sugere Montandon (1997), a conjugação gerada entre a filosofia dos pais, as suas práticas específicas e as características da sua personalidade e da personalidade dos seus filhos. O comportamento da criança

é a união de fatores ambientais e genéticos.

Para além do estilo educativo parental, o desenvolvimento social e afetivo da criança é condicionado por outras variáveis como, por exemplo, o meio escolar, os amigos, outros membros da família, entre outras. Nesse sentido, em casos onde os pais são participativos, podem ocorrer casos de menor resultado escolar ou de insucesso, ou o contrário, em casos de pais com um estilo negligente, os filhos conseguem alcançar bons resultados.

Conclusão

Em suma, de um modo geral, os estudos sobre os estilos educativos dos pais, na sua generalidade, comprovam que este tipo de influências educativas condicionam tanto a personalidade como os resultados educativos dos filhos.

As principais conclusões que se podem extrair deste trabalho são múltiplas e demonstram que os campos dos estilos educativos e das práticas pedagógicas parentais são um vasto “território” de estudo sujeito a uma constante readaptação, tendo em conta as mudanças sociais num mundo globalizado e onde a mudança surge de forma cada vez mais rápida.

A primeira conclusão será que os métodos educativos dos pais são muito variados não existindo um modelo único. Contudo, atualmente, assistimos a uma emancipação de um estilo de educação autoritária mas orientada ou negociada. Não podemos no entanto dizer que determinado estilo é melhor ou produz resultados mais consistentes. Tudo se caracteriza pelos contextos e situações. Nesse sentido, este tipo de práticas pedagógicas está intrinsecamente dependente de vários fatores (como vimos) sendo, portanto, crucial ter em conta estas variáveis e as suas implicações caso se pretenda compreender, de facto, a sua evolução.

Um outro ponto crucial é a visão das crianças perante a forma de educar dos pais. Analisando este fenómeno através da perspetiva geracional, percebemos que cada criança tem uma experiência coletiva particular, isto é, as crianças da década de 50 do século passado, da década de 80, etc., viveram momentos espaciais e temporais diferentes do que atualmente se vive. Nos dias de hoje as crianças vivem numa sociedade que permite uma livre discussão e um tipo de diálogo democratizado, ao contrário de outros momentos da história.

58

No que concerne à interpretação do discurso das crianças, existem no entanto algumas dúvidas metodológicas. Durante largos anos, os estudiosos desconfiaram da veracidade dos dados e das respostas dos mais novos; contudo, neste momento, existe uma maior preocupação por parte dos investigadores em abordar, interpretar e compreender corretamente esses dados.

Num momento em que se vive um forte debate político, educativo e cultural em torno da questão de uma crise educativa protagonizada pela aparente permissividade dos pais, parece ficar provado que o estilo educativo autoritário não é o mais adequado, numa sociedade que reivindica flexibi-

lidade, espírito crítico e opiniões expressas democraticamente. Se queremos uma sociedade contemporânea mais democrática, talvez seja pertinente que os modos de educar e os estilos educativos se vão readaptando e moldando ao perfil da época.

Não há dúvidas que existe um longo caminho a percorrer no campo dos estilos educativos; contudo, com a realização deste trabalho foi possível expandir a capacidade de recolher, analisar e interpretar as visões dominantes sobre os contextos de aprendizagem e os problemas relativos aos estilos de educação utilizados pelos pais perante os mais novos nas suas mais variadas dimensões de análise. Sendo também possível relacionar a mudança social com as transformações nas estruturas familiares e nos modos de viver em família, compreendendo a diversidade dos modelos educativos em curso nos contextos familiares, considerando o ponto de vista dos diferentes actores.

Bibliografia

Almeida, A. N. de (2005), “O que as famílias fazem à escola...pistas para um debate”, em *Análise Social*, vol. XL (176), p.579-593.

Baumrind, D. (1980), “New directions in socialization research” em *American Psychologist*, Washington, vol. 35, p. 639-652.

Lahire, Bernard (1995), *Tableaux de familles*, Gallimard/Le Seuil.

Montandon, Cléopâtre (2005), “As práticas educativas parentais e a experiência das crianças”, em *Educ. Soc., Campinas*, vol. 26, n. 91, p. 485-507, disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

Montandon, Cléopâtre (1997), *L'éducation du point de vue des enfants*, Paris, L'harmattan.

Montandon, C.; Longchamp, P., (2003) *L'expérience de l'autonomie chez l'enfant une question récurrente dans la socialisation de l'enfant*, Genève: Université de Genève.

Seabra, T. (2002), “Escola e famílias: encontros e desencontros”, em M. M. Vieira, J. Pintassilgo e B. Portugal e Melo (orgs.), *Democratização Escolar: Intenções e Apropriações*, Lisboa, Centro de Investigação em Educação.

Singly, F. de (2000), *Libres ensemble. L'individualisme dans la vie commune*, Paris, Nathan.

Weber, L. N. D., Prado, P. M., Viezzer, A. P., e Brandenburg, O. J. (2004). “Identificação de estilos parentais: O ponto de vista dos pais e dos filhos”, em *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), p. 323-331.

Ivan Filipe Ferreira Amaral Nascimento

Os Autores da Língua Portuguesa

Prof.^a Rute Navas

Vivemos momentos de mudança relativamente à política da língua portuguesa nos vários campos da vida social e educativa da nossa sociedade. Contudo, se formos a ver bem esta mudança traduz uma realidade que tem

vindo a ser anunciada pelos textos dos autores e jornalistas que escrevem em língua portuguesa. Encontraremos nestas vozes a chave dos processos naturais que nos causam tanta perplexidade e, por vezes, resistência à mudança.

De facto, uma das melhores maneiras de começar a pensar sobre a língua portuguesa é através da leitura dos textos dos autores, ora os escritos nos jornais, ora em livro. Ao longo de décadas os escritores do mundo lusófono têm vindo a realçar o movimento vivo das palavras e das frases em mudança. Não, não me estou a referir ao exercício de uma retórica mais ou menos formal, nem aos recursos expressivos do domínio sintático ou morfossintático que se analisavam de forma isolada e descontextualizada nas escolas.+ Refiro-me, sim, à forma como os autores jornalistas fazem despontar nos seus textos, em particular nas narrativas, um trabalho reflexivo sobre a língua e o uso da língua no quotidiano.

Recuando um pouco no tempo, podemos verificar que ao longo do século XX, os cronistas desenvolveram um permanente diálogo com o leitor, abrindo caminho a outros níveis mais trabalhados na ficção literária e que, hoje, permitem um estudo bem interessante. O primeiro caso, que me despertou atenção para essa relação entre a escrita jornalística e a análise do funcionamento da língua, ocorreu há vinte anos atrás quando estudava exaustivamente a obra de Maria Judite de Carvalho, uma das primeiras cronistas mulheres do Diário de Lisboa, nos anos sessenta, hoje mais conhecida pelos contos e novelas, teatro e poesia. Na realidade, as crónicas, publicadas em vários volumes, oferecem um verdadeiro guião para qualquer estudo sobre a situação da língua portuguesa dos anos sessenta e setenta. Com a reedição da obra desta autora, prevista para 2011, o leitor terá acesso às crónicas publicadas nos volumes *Janela Fingida*, *Homem no Arame*, ou mesmo, *Este Tempo*.

Basta citar alguns exemplos, bem curiosos:

O Uso dos Diminutivos

Suamos a diminutivos por todos os poros, é um exagero. Talvez seja resultado dos nossos brandos costumes, talvez, às vezes, de uma certa, embora ignorada, subserviência. Já o Mellchior do Eça falava das enxergazinhas no chão. E depois, que lá pelos lençozinhos respondia ele. “A gente apanhada sem um colchãozinho de lã, sem um lombozinho de vaca (...). Ele sempre é uma leguazita de mau caminho...”. Somos o Zé Povinho, para começar. Estamos malzinho, coitadinhos, ou estamos bonzinhos, acontece.

Estamos também piorzinhos, melhorzinhos, obrigados, melhor obrigadinhos. Começamos a trabalhar cedinho, voltamos para casa à tardinha, à noitinha conforme as estações. Às vezes está fresquinho, cai uma chuvinha fria, mas no Verão ainda há uma restiazinha de sol, um calorzinho bom, sabe bem caminhar devagarinho (...). Chegamos pois ao exagero dos advérbios, das conjunções e até das interjeições em diminutivo. O que é um espanto para os estrangeiros que começam a aprender

a nossa língua.».

in *Diário de Lisboa*, crónica compilada no volume *Este Tempo*, 2000.

(...) O «pois» é uma palavra-bengala. Há outras. A pessoa sente-se um pouco perdida no meio das palavras. Então encosta-se um pouco. E «digamos», «vejamos», «quer dizer», «não é?», «sabe?», «percebe?». Sim, ele, o «percebe» das Marie-Chantal cá da Terra é uma palavrabengala, muito, muito bem.

in *Diário de Lisboa*, 2-10-1970, crónica compilada no volume *Este Tempo*, 2000.

As palavras não e há, juntas, primeiro o não, depois o há, são das que mais dizemos e ouvimos dizer, desde que pela manhã nos levantamos até à hora de, cansados, fecharmos a porta do dia. Para começar não há tempo para coisa nenhuma e também não há dinheiro para esta vida que somos obrigados a comprar incessantemente, porque parar é morrer. Isto o tempo e o dinheiro que não há. Mas existem outras, dezenas de outras faltas, menores umas, outras maiores e constantes. Não há lugar no autocarro, não há segurança, não há um canalizador que conserte uma torneira da cozinha, não há casas, não há lugares para os mais de quarenta anos...

in *Diário de Lisboa*, 6-10-1972, crónica compilada no volume *Este Tempo*, 2000.

Para além das crónicas citadas, registam-se ainda mais dezoito textos no volume *Este Tempo* que analisam contextos de uso da língua, transportando-nos para um mundo quotidiano em mudança. As frases proferidas obrigam-nos a pensar sobre o funcionamento e aprendizagem da língua para além das questões gramaticais. E se levarmos em conta os textos escritos por outros cronistas- autores do século XX, sobre a língua portuguesa, encontraremos um conjunto de dados igualmente interessantes. Ainda na mesma época dos finais dos anos sessenta, Ilse Losa, autora do livro *O Mundo em que Vivi*, escreveu uma crónica para o *Diário Popular* a evidenciar a dificuldade que sentiu nas formas de tratamento quando chegou a Portugal:

As línguas só se aprendem verdadeiramente no país onde são faladas, observando e escutando o povo. Eu reparava que os caixeiros se serviam de uma meticolosa escala de graduações. Chamavam "Vossa Excelência" a um certo tipo de freguesia empertigada, "minha senhora" a uma senhora que se viu que era uma senhora, mas "madame" a outra, um tanto mais modernizada ou estrangeirada; tratavam por "senhora" a mulher popular urbana, mas por "vossemecê" a do tipo rural, etc, etc...

In *Diário Popular*, 1967, crónica compilada no volume *Crónica Jornalística do Século XX*, Círculo de Leitores, 2004.

No final do século XX a escrita das crónicas jornalísticas torna-se por vezes complexa e pode ser analisada à luz das formas mais elaboradas dos contextos quotidianos de comunicação. É o exemplo da crónica *Corpinteiro* de José António Franco, poeta, ficcionista e professor do ensino básico.

Raiava a manhã quando era uma vez um senhor que entrou numa loja pró corpo veio um manequim muito fresco e perguntou posso servi-lo e ele disse logo que sim

e pediu o que queria ao que ela respondeu peço imensa desculpa mas disso não servimos e continuou sabe que esta loja só se dedica a meio corpo e no nosso país até há poucas lojas pró corpinteiro (...).

In *Jornal de Coimbra*, 1990, crónica compilada no volume *Crónica Jornalística do Século XX*, Círculo de Leitores, 2004.

A falta de maiúsculas e de pontuação gráfica obriga o leitor a refazer mentalmente o texto tal como se ele estivesse a ser efetivamente produzido naquele momento (tanto escrito, como oralmente). A aproximação do leitor ao contexto comunicativo real provoca, por outro lado, um efeito de distanciamento e de estranheza, suscitando uma atitude mais reflexiva sobre o objeto de escrita, quer ao nível do uso da língua, quer o da língua no seu uso.

Na realidade podia citar um número alargado de nomes da literatura portuguesa contemporânea que desenvolveram um trabalho empírico e experimental do funcionamento da língua portuguesa através da escrita das crónicas jornalísticas, tecendo associações diretas com a análise explícita ou implícita do uso corrente da língua. Não posso deixar de lembrar o nome de José Saramago que, como sabemos, exerceu a profissão de jornalista e de cronista durante largos anos e que nos deixou obras inovadoras, evidenciando as relações estreitas do jornalismo com a narrativa literária. Todas elas, desde a primeira à última, oferecem novas problemáticas do uso da língua quer na escrita, quer na fala.

De facto, a realidade hoje é ainda mais multiforme. Como ouvintes, falantes e leitores, deparamos com uma diversidade de textos que dão conta da riqueza da língua portuguesa no seu uso diverso e multicultural. Estou a pensar no forte contributo da escrita de autores da África lusófona e da forma como, através das crónicas literárias e dos romances, deixam antever um mundo de quotidianos que abrem caminho para as novas realidades comunicativas interculturais. Toda a obra de Mia Couto é um excelente exemplo da língua portuguesa no seu uso mais criativo e inovador.

Neste âmbito, importa referir igualmente o último livro que li de José Agualusa, um autor cronista que escreve regularmente para vários jornais e revistas. O facto de o escritor angolano viver em Portugal e participar na vida cultural portuguesa, a relação com o público é mais assídua e direta. Para além da leitura das crónicas publicadas, aconselho vivamente o livro *Milagrário Pessoal*, todo ele escrito com ritmos poéticos intemporais. O enredo envolve o leitor numa análise da linguagem literária que autoanalisa o movimento da própria língua, sempre em transformação, a começar com a fase inicial dos sons-palavras, à fase em que nos encontramos da criação de neologismos inovadores dos nossos dias. Dito assim, parece ser antes um livro fortemente marcado pelo discurso informativo. Pelo contrário, trata-se de uma obra viva com um enredo ficcional que convida à imaginação emotiva, sem nos deixar desligar da realidade dos usos da língua ao longo dos tempos. A propósito do *Milagrário Pessoal*, a crítica faz a seguinte obser-

vação: *Um romance de amor e, ao mesmo tempo, uma viagem através da história da língua portuguesa, das suas origens à actualidade, percorrendo os diferentes territórios aos quais a mesma se vem afeiçoando.* in <http://www.culturaonline.net/literatura/calendario/eventos/28880-milagrario/pessoal.html>, consultado a 5/01/2011.

Mas mais do que contar a história da língua, Milagrário Pessoa é um romance de amor, no sentido literal e figurativo. As personagens, através do diálogo, falam da língua, convocando os imaginários literários e linguísticos dos grandes autores da lusofonia e do mundo. No fundo, o romance traduz um forte amor à língua portuguesa procurando identificar a natureza deste movimento criativo e universal, sem o qual não podemos viver nem falar do Amor na e em língua portuguesa.

Finalmente, com esta obra, concentram-se todas as palavras- ideias relevantes para a educação e que ajudam a decifrar o Amor pela Língua, como expressão de uma história de vida e de uma memória coletiva. Um livro a ler!

* Professora Bibliotecária da Escola Secundária Emídio Navarro.
Profalmada, n.º 24, 2011, p. 6-8

Aprender a Aprender em Ciências da Natureza

Prof. Joaquim Sarmento *

1. A escola pública e a contaminação neoliberal

A Escola Pública tem suscitado nos últimos tempos, por bons e maus motivos, um debate intenso sobre o desempenho da sua missão educativa e a pouco e pouco vamos sentindo o efeito que determinadas políticas educativas vão tendo no quotidiano das escolas e jardins de infância, assim como a subtil contaminação que algumas conceções vão introduzindo no imaginário social. A Reforma Educativa protagonizada por Roberto Carneiro, que tem ainda hoje calorosos defensores, teve os seus méritos mas foi fértil em chavões vazios de sentido de que todos ainda nos recordamos, entre eles a Educação para o Futuro e a Sociedade da Informação, como se toda a educação não tivesse como objetivo educar para o futuro e as diversas civilizações não tivessem como alavanca para o desenvolvimento a gestão e circulação da informação.

63

Foi também nessa altura que começaram a ganhar terreno conceitos como os clientes da escola pública, a satisfação dos pais consumidores, a gestão empresarial das escolas, a livre escolha da escola pelos pais, a necessidade de lideranças fortes, a libertação da escola do controlo excessivo do estado e o cheque ensino.

Entraram então no debate público e na agenda do Ministério da Educação as ideias de mercantilização do ensino público, aproximando a lógica organizacional das escolas do modelo de mercado capitalista, fenómeno que

tinha já ocorrido anteriormente nos países mais desenvolvidos da Europa, determinado pela ascensão da ideologia neoliberal, que percorreu o planeta e nos levou à hecatombe financeira que hoje injustamente estamos a pagar.

Neste contexto progressivamente mais complexo e de sofisticada globalização da economia e da informação, é cada vez mais urgente e necessário defender a Escola Pública das tentativas de desregulação e de desqualificação deste património civilizacional, que servirão de pretexto para justificar no futuro, não muito longínquo, a privatização parcial ou total deste bem educativo da República.

Além da nossa intervenção cidadã com a qual podemos influenciar as conjunturas políticas, cabe-nos a nós educadores e professores, como trabalhadores intelectuais que somos, usar da nossa inteligência e empenhamento profissional, para com os poderes que nos confere o nosso papel insubstituível de educadores, contribuirmos para melhorar a Escola Pública, cujas potencialidades e debilidades tão bem conhecemos.

2. Pensar a prática para educar melhor

Na nobre, exigente e complexa missão dos professores, falta muitas vezes tempo e espaço para conversar, cooperar e refletir.

O breve testemunho que pretendo partilhar é também um convite à reflexibilidade crítica do leitor, que desafio a assumir uma atitude ativa de interpelação e questionação, utilizando as páginas deste Boletim, ou recorrendo aos endereços eletrónicos que figuram no final deste modesto artigo.

Vou desta vez tentar explicitar como venho trabalhando em Ciências da Natureza do 2.º Ciclo, na minha qualidade de professor e militante pedagógico do Movimento da Escola Moderna (MEM).

2.1. Princípios orientadores da minha ação Educativa

Neste desafio aliciante, complexo e exigente que assumi profissionalmente há 38 anos, fui construindo a minha cultura profissional e convicções pedagógicas, procurando integrar saberes de outros colegas que tive a sorte de encontrar em diferentes contextos educativos, aprendendo na relação que fui estabelecendo com os alunos e apropriando o contributo teórico de pedagogos e especialistas de diferentes áreas científicas, com especial incidência nas Ciências da Educação, que tiveram um serôdio desenvolvimento no Portugal de Abril.

Fazendo a minha declaração de interesses, para tornar mais claras as minhas opções pedagógicas, direi resumidamente que tenho como referências e princípios orientadores:

Uma pedagogia democrática, que se diferencia das correntes não diretivas liberais ou libertárias e das pedagogias transmissivas, que privilegiam a exposição e a repetição dos conhecimentos aprendidos.

A gestão participada do currículo atribuindo aos alunos protagonismo, apostando predominantemente na metodologia de projeto.

A relevância do trabalho experimental e da cooperação, a exemplo do

que acontece atualmente no seio da comunidade científica.

Como tentei evidenciar no puzzle inicial, inacabado e em permanente construção, assumo-me claramente como marxista na leitura da realidade social e militante político anticapitalista, tendo como matriz uma perspetiva construtivista do conhecimento e intencionalidade sócio-cultural nas minhas práticas pedagógicas. *O resultado a que chega o trabalho pré-existe idealmente na imaginação do trabalhador*, Karl Marx (1868).

Perante a impossibilidade e a falência da pedagogia tradicional que deram conhecimentos, de ontem, sobre alunos cada vez mais desejosos de protagonismo e de reinvenção do futuro, parece evidente que devemos apostar num novo paradigma educacional onde o aluno deixa de ser consumidor passivo, para se transformar em autor do seu próprio conhecimento. Para que esta metamorfose aconteça torna-se necessário, como postula António Nóvoa, que cada professor seja mais reflexivo e exigente nas suas práticas, evoluindo, através da reflexão partilhada com os seus pares, para a condição de investigador e de pedagogo.

Na Escola que bem conhecemos, com o enquadramento legal e conceptual dominantes, não é fácil este percurso, mas é o único que vale a pena para darmos mais dignidade e sentido de futuro ao ato educativo e à missão educativa das escolas e dos professores.

2.2. A metodologia de projeto

O trabalho, que está presente em quase todas as atividades humanas, como escreveu Marx, é previamente idealizado pela mente humana que antecipa o seu produto e o planeamento da sua concretização. Nesta linha de pensamento, é interessante analisar o testemunho do oleiro dos Açores, José Batata, que esteve em Almada por ocasião do Encontro Nacional de Olaria, organizado pela associação Semear para Unir em 1981, que imagina em sonhos as formas das peças que vai fazer, como acontece em qualquer ato criador.

O método dos projetos, que se desenvolve hoje em contextos educativos, foi introduzido nos Estados Unidos da América em 1918 por Kilpatrick, sofreu alguma evolução mas inscreve-se claramente na mesma linha de pensamento de Marx e do artesanato açoriano. Na minha práxis educativa, inspirada no modelo pedagógico do MEM, pretendo que os alunos e alunas sejam protagonistas do ato criador do seu conhecimento, aproximando-me de uma *pedagogia de autor em contraponto com a tradicional pedagogia da repetição, utilizada predominantemente nas disciplinas mais teóricas*.

A minha principal preocupação é criar condições para que o aluno(a), individualmente e em grupo, evolua no processo de produção do conhecimento, que será partilhado e apropriado pela comunidade de aprendizagem (turma).

2.3. Fases de desenvolvimento

O projeto de estudo/investigação do tema/problema selecionado por escolha livre, tem obrigatoriamente como referência o programa de Ciências

da Natureza e é organizado em várias fases de desenvolvimento, que tentarei ilustrar de forma resumida.

Com a escolha do objeto de estudo/investigação, dá-se início ao projeto em percursos de trabalho autónomo, individualmente e em grupo, tendo como fontes de informação privilegiadas a biblioteca de turma (constituída por livros cedidos pela escola, pelo professor e alunos), os suportes documentais existentes no Centro de Recursos Educativos da Escola, a internet e ainda outros recursos da comunidade, de que podem ser exemplo a Biblioteca Municipal, pessoas e instituições de âmbito local ou nacional.

Nesta fase inicial, após algum conhecimento sobre a natureza do objecto de estudo e dos meios disponíveis para o desenvolvimento de projeto, torna-se necessário elaborar um plano de trabalho organizado no espaço de tempo previsto coletivamente, cabendo a cada protagonista decidir sobre os caminhos necessários e os recursos possíveis para atingir os objetivos definidos.

Além da apropriação do saber, a atividade experimental relacionada com o objeto de estudo deve necessariamente estar integrada nas apresentações, o que requer a elaboração de protocolos experimentais que devem ser cuidadosamente preparados e ensaiados. Nem sempre existem condições para a realização simultânea das comunicações e das atividades experimentais, pois é necessário prever a duração de cada momento e ter em conta o local onde se realizam, porque nem sempre temos os recursos laboratoriais acessíveis.

Estes itinerários formativos são enquadrados no planeamento ao nível da turma, tendo em conta os diferentes ritmos e a necessidade de ser respeitada a sequência programática.

Além do domínio dos assuntos a abordar por cada projeto de estudo/investigação, as comunicações requerem uma preparação cuidada dos tempos previstos, do planeamento da intervenção de cada membro do grupo e de uma seleção criteriosa sobre os meios de comunicação a utilizar (oralidade, textos de apoio, questionários, *power point*, cartazes, acetatos, vídeos, entrevistas, simulações, ...).

66 Antes de cada comunicação ser partilhada com a turma é apresentada ao professor, em jeito de *ensaio geral*, onde se antecipa a prestação individual e/ou do grupo, se fazem ajustamentos e se corrigem erros científicos e ortográficos.

As comunicações são o momento privilegiado para dar visibilidade pública e promover a utilidade social do saber, mas também uma oportunidade para a participação e o exercício do pensamento crítico e divergente, por parte da comunidade de aprendizagem.

Na sequência das apresentações, os alunos(as) que assistiram realizam questionários ou minitests, concebidos e corrigidos pelos apresentadores, que elaboram uma grelha de correção para ser entregue ao professor.

A avaliação dos processos e produtos encerra o ciclo de apresentações

(normalmente temos um conjunto de apresentações por período), contempla a autoavaliação e a heteroavaliação no seio do pequeno grupo e da turma e também os testes de conhecimentos, que realizo a meio e no final do período.

Com base na avaliação efetuada, são recolhidos indicadores relativamente ao desempenho individual de cada aluno(a) e elaboradas estratégias de remediação, que se desenvolvem em tempo de estudo individual e coletivo, com ajuda do professor e de alunos voluntários que revelaram melhor domínio das matérias estudadas. Procura-se que a avaliação realizada no final de cada um dos ciclos de apresentação (geralmente um por período), tenha uma dimensão prospetiva, de forma a que possamos incorporar no novo ciclo as propostas e sugestões formuladas pelos alunos e pelo professor.

3. Em jeito de conclusão

Nestes percursos formativos, o professor assume um papel fundamental de organizador de contextos de aprendizagem favoráveis ao desenvolvimento curricular, estando muito atento aos itinerários formativos individuais e de pequeno e grande grupo, favorecendo um clima de cooperação, tendo particulares responsabilidades na qualidade dos processos e produtos, garantindo o rigor científico e assegurando eficiência na circulação da informação e na apropriação do conhecimento. Compete ao professor garantir o cumprimento integral do programa, nomeadamente das dimensões não selecionadas pelos alunos, complementar, corrigir e incentivar o desenvolvimento do pensamento crítico e investigativo, numa perspetiva exigente de desenvolvimento da formação pessoal e social de cada membro da comunidade de aprendizagem. Além da aquisição de competências científicas previstas no currículo das Ciências da Natureza, este processo de aprendizagem favorece o desenvolvimento de competências comunicacionais, de hábitos de investigação autónoma e favorece o espírito de equipa, características que o aproximam das práticas científicas atuais, onde cada vez mais a Ciência evolui como resultado persistente do trabalho de equipa. Considero particularmente importante nesta aposta educativa a partilha do conhecimento e a valorização social do saber, que sendo uma das características desta metodologia é também a sua principal riqueza em termos humanos e científicos. Por vezes, quando a qualidade dos produtos o justifica e há condições favoráveis para rentabilizar os investimentos realizados, incentivo a realização de sessões públicas para outras turmas, para a comunidade local, sendo particularmente bem sucedidas as aulas para pais e familiares sobre temas considerados relevantes, nomeadamente nos domínios do ambiente, da saúde ou da sexualidade. Todos sabemos que não há métodos perfeitos e que a metodologia de projeto tem naturalmente potencialidades e limitações, mas pela experiência de quem como eu já experimentou outras opções metodológicas, há evidentes vantagens na sua aplicação no quotidiano educativo da escola pública. Além dos progressos observados nas aprendizagens dos alunos(as), há ganhos evidentes na gratificação pessoal e profissional dos professores e

reflexos positivos na dignificação da escola pública que queremos cada vez mais democrática, inclusiva e de sucesso para todos.

Bibliografia principal

BARROSO, João (org.) – *Escola Pública, regulação, desregulação e privatização*, ASA, Porto, 2003.

CARVALHO, Rómulo – *História do Ensino em Portugal*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1996.

GONZALEZ, Pedro – *O Movimento da Escola Moderna*, Porto Editora, 2002.

MARX, Karl – *O Capital*, Delfos, 1974.

NÓVOA, António – *Evidentemente, Histórias da Educação*, ASA, Porto, 2005.

SEMEAR PARA UNIR (Associação) – *Quem não semeia o progresso deixa morrer a tradição*, *Cadernos Pelo Fio se Vai ao Novo*, Cova da Piedade, 1981. <http://www.movimentoscolamoderna.pt/> joansarmento@gmail.com

**Escola do 2.º e 3.º ciclos Dr. António Augusto Louro-Seixal.
Profalmada, n.º 25, 2011, p. 5-7*

Projecto Metas de Aprendizagem

*Ministério da Educação
Instituto de Educação da Universidade de Lisboa*

Apresentação

O Projecto “Metas de Aprendizagem” insere-se na Estratégia Global de Desenvolvimento do Currículo Nacional delineada pelo Ministério da Educação em Dezembro de 2009. Consiste na concepção de referentes de gestão curricular para cada disciplina ou área disciplinar, em cada ciclo de ensino, desenvolvidos na sua sequência por anos de escolaridade, incluindo ainda metas finais para a Educação Pré-escolar. Estes referentes são passíveis de ajustamentos no quadro da autonomia de cada escola ou agrupamento de escolas. Traduzem-se na identificação das competências e desempenhos esperados dos alunos, no entendimento que tais competências e desempenhos evidenciam a efectiva concretização das aprendizagens em cada área ou disciplina e também as aprendizagens transversais preconizadas nos documentos curriculares de referência (Currículo Nacional ou Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, e Programa ou Orientações Programáticas da Disciplina ou Área Disciplinar). As Metas de Aprendizagem constituem, assim, instrumentos de apoio à gestão do currículo, e são disponibilizadas para serem utilizadas voluntária e livremente pelos professores no seu trabalho quotidiano. Não sendo documentos normativos, pretende-se que o seu uso efectivo decorra do reconhecimento da sua utilidade prática por parte dos professores, dos alunos e das famílias. O projecto prevê o seu desenvol-

vimento em quatro fases, até 2013, envolvendo a elaboração de metas por equipas de peritos e o acompanhamento da sua utilização em escolas por equipas de consultores curriculares. A sua operacionalização foi objecto de um contrato firmado entre o Ministério da Educação, através da Direcção Geral da Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC) e o Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. No âmbito deste contrato, foi constituída uma equipa central, coordenada por Natércio Afonso, e responsável pela concepção, organização e coordenação do projecto. Na sequência do recente alargamento da escolaridade obrigatória, os doze anos de ensino básico e secundário devem ser organizados de uma forma integrada e articulada, a fim de garantir a provisão de uma escolarização fundamental efectivamente universal, indispensável à integração com sucesso na vida activa e no ensino superior. A estrutura curricular actual dos ensinos básico e secundário resulta da sobreposição de tradições de escolarização muito diferentes, consolidadas ao longo do século XX: o ensino primário de quatro anos com mono docência, os ensinos liceal e técnico, organizados por disciplinas em três ciclos, e, a partir do final dos anos 60, o ensino preparatório, organizado por áreas disciplinares, integrando os primeiros ciclos dos ensinos liceal e técnico. Durante as últimas décadas, sobre este conjunto de tradições de escolarização que se mantiveram vivas, foram sendo construídas sucessivas reformas estruturais, induzidas pela premência de garantir o acesso universal e de reduzir o insucesso e o abandono: alargamento da educação pré-escolar, regimes de fases no ensino primário, unificação do 3.º ciclo dos ensinos liceal e técnico, e, na sequência da Lei de Bases do Sistema Educativo, de 1986, a reforma curricular de 1989, e a criação e crescente diversificação do ensino profissional. Na década de 1990, em consonância com as tendências curriculares europeias e expressas em documentos e projectos internacionais, foi desencadeado um processo de reorganização curricular, que visava a construção de um Currículo Nacional para o Ensino Básico (ME, 2001), no quadro de uma intervenção mais autónoma das escolas através da construção dos seus projectos educativos e curriculares. Este movimento foi antecedido de um período longo de experimentação voluntária por parte de cerca de uma centena de escolas, seguido por um Conselho de Acompanhamento, e com o apoio, no terreno, de 12 instituições de ensino superior. A sua apropriação revelou-se produtiva, em muitos casos, mas difícil de incorporar em culturas de escola tradicionalmente assentes no cumprimento de programas prescritivos.

Dada a importância da matéria, divulgam-se capítulos fundamentais para enquadrar e perspectivar o dossiê deste Boletim, conforme a fonte: 2010 Ministério da Educação (ME) – Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (DGIDC). Por orientação ideocultural, consideramos alargar o conceito de metas de aprendizagem, situando-as para além do ensino, antes no campo da educação para a democracia, assente nos direitos-

-responsabilidades humanos. A complexidade resultante da sobreposição destas reformas estruturais sucessivas acentuou-se ainda com a introdução subsequente de mudanças e inovações curriculares: novas disciplinas, áreas curriculares não disciplinares, alguns programas novos ou renovados. Os processos de mudança curricular iniciados em 2001 requerem assim uma reorganização e clarificação da globalidade das prescrições e orientações curriculares. É nessa linha que se situa o Projecto das Metas de Aprendizagem. A Estratégia para o Desenvolvimento de um Currículo Nacional do Ensino Básico e Secundário, agora delineada pelo Ministério da Educação, em que este Projecto se integra, visa promover um percurso de coerência, clarificação e operacionalidade dos documentos curriculares que orientam, no plano nacional, as linhas de acção que as escolas e os professores devem desenvolver no quadro da sua autonomia e face às diversidades dos seus contextos específicos. Visa nomeadamente operacionalizar, em termos de resultados de aprendizagem esperados, as competências que devem resultar, para cada ciclo e área ou disciplina, do conhecimento sólido dos respectivos conteúdos, conceitos estruturantes e processos de uso e construção desses conhecimentos.

Metas de Aprendizagem para a Educação Pré-Escolar e para o Ensino Básico:

A primeira fase do Projecto teve início em Janeiro de 2010 e centrou-se na elaboração das Metas de Aprendizagem para a Educação Pré-Escolar e para o Ensino Básico. Este trabalho foi realizado por nove equipas de peritos coordenadas por docentes do ensino superior das respectivas áreas de especialização científica e didáctica, a saber:

- Língua Portuguesa – Inês Sim Sim (Instituto Politécnico de Lisboa)
- Matemática – Lurdes Serrazina (Instituto Politécnico de Lisboa)
- Línguas Estrangeiras – Cristina Avelino (Universidade de Lisboa)
- História – Isabel Barca (Universidade do Minho)
- Geografia – Herculano Cachinho (Universidade de Lisboa)
- Ciências – Isabel Martins (Universidade de Aveiro)
- Expressões Artísticas – Elisa Marques (Instituto Politécnico de Lisboa)
- Educação Física – Leonardo Rocha (Universidade Lusófona)
- Tecnologias de Informação e Comunicação – Fernando Albuquerque

Costa (Universidade de Lisboa) Em cada uma das disciplinas ou áreas disciplinares a elaboração das Metas de Aprendizagem teve como ponto de partida cinco pressupostos:

- As metas de aprendizagem são entendidas como evidências de desempenho das competências que deverão ser manifestadas pelos alunos, sustentadas na aquisição dos conhecimentos e capacidades inscritos no currículo formal, constituindo por isso resultados de aprendizagem esperados.

- As metas de aprendizagem serão sempre expressas em termos do desempenho esperado por parte do aluno.

- As metas de aprendizagem integram e mobilizam os conteúdos nas suas diferentes dimensões, os processos de construção e uso do conhecimento, e as atitudes e valores implicados quando for o caso.

- Para cada área ou disciplina, as metas de aprendizagem são estabelecidas para o final de cada ciclo, sendo indicados níveis referenciais do seu desenvolvimento, para cada um dos anos que o constituem, excepto na Educação Pré-Escolar, em que apenas se elaboraram metas finais.

- As metas são susceptíveis de gestão diversificada por cada escola.

As metas de aprendizagem organizam-se por unidade estruturante de cada disciplina ou área, de acordo com a lógica interna (blocos, campos temáticos, funções, outras). Dada a diversidade de termos utilizados para identificar essas unidades estruturantes, entendeu-se usar, genericamente, as designações de “domínio” e de “subdomínio”. As metas de aprendizagem organizam-se seguindo princípios de coerência vertical, de acordo com a progressão da complexidade das aprendizagens. Assim, para cada meta final de ciclo apresentam-se metas intermédias. A maioria das metas decorre de um processo inclusivo do total do ciclo, contudo algumas poderão ser limitadas a parte desse percurso. As metas de aprendizagem articulam-se também horizontalmente, mediante a sua harmonização referenciada aos níveis de escolaridade em causa e à mobilização conjugada de processos cognitivos convergentes. As metas estão identificadas no interior de cada área por números, que contudo não correspondem a qualquer sentido de sequência de natureza pedagógico-didáctica; trata-se apenas de um procedimento de identificação e localização. Não foram elaboradas, nesta primeira fase do projecto, metas para as áreas opcionais no 3º ciclo, a saber: Música, Expressão Dramática e Dança.

As metas de aprendizagem constituem-se como um auxiliar do trabalho docente, na vertente deliberativa, colectiva e individual, oferecendo um referencial comum de resultados a alcançar pelos alunos e de sugestões estratégicas de trabalho e de avaliação que possam orientar e apoiar a acção docente, devidamente diferenciada, no sentido do sucesso das aprendizagens. Do trabalho das equipas de peritos resultou um conjunto de nove documentos provisórios correspondentes a cada uma das disciplinas ou áreas disciplinares acima referidas, os quais foram remetidos a associações profissionais de docentes e sociedades científicas para recolha de pareceres e sugestões.

Foi elaborado ainda pelo colectivo das equipas disciplinares um décimo documento respeitante às metas finais para a Educação Pré-Escolar, tendo em conta a sua natureza integradora e transversal. Após a análise dos contributos recebidos das associações profissionais e sociedades científicas, foram elaboradas as versões finais das Metas de Aprendizagem para cada disciplina ou área disciplinar. A sua divulgação pública ocorre sob a forma de um documento digital (base de dados) disponibilizado no Portal da Educação (DGIDC).

Estratégias de Ensino e de Avaliação

Considerando as Metas de Aprendizagem como um instrumento de gestão curricular de apoio ao trabalho dos professores, ao explicitar com clareza os resultados da aprendizagem que os alunos devem demonstrar no final de um percurso curricular, é igualmente importante apoiar os professores a traçar esse percurso, a monitorizá-lo e a verificar os resultados alcançados, ou seja, a programar estratégias de ensino e de avaliação.

Adaptamos, por isso, aqui, o conceito de estratégia de ensino tal como é definido por Roldão: “A estratégia enquanto concepção global de uma acção, organizada com vista à sua eficácia (...): o elemento definidor da estratégia de ensino é o seu grau de concepção intencional e orientadora de um conjunto organizado de acções para a melhor consecução de uma determinada aprendizagem.” Roldão, M. C. (2009). *Estratégias de Ensino. O saber e o agir do professor*, p. 57. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

Características das Estratégias

Assim, as equipas das áreas ou disciplinas apresentam alguns exemplos estruturados de estratégias de ensino, isto é, exemplos de percursos organizados de sequências de actividades/tarefas que contribuem adequadamente para a aprendizagem visada numa determinada meta ou metas (com indicação de recursos e de formas sociais de trabalho), que visam levar os alunos a aprender e utilizar, de forma eficaz, os conteúdos curriculares respectivos. Igualmente importante é a inclusão nas estratégias de actividades e instrumentos que permitirão visibilizar que os alunos dominam as aprendizagens que são parte do percurso necessário à consecução da(s) meta(s) definida(s).

São apresentados exemplos de estratégias de avaliação, articuladas com as sequências de actividades enunciadas numa estratégia. As estratégias de avaliação, na sua dimensão formativa e sumativa visam, por um lado, apoiar os alunos no processo de aprendizagem e, por outro lado, verificar se os resultados foram alcançados, de que modo (indicadores) e com que qualidade (critérios); neste campo exemplificam-se técnicas e/ou instrumentos utilizáveis e adequados à verificação da aprendizagem em causa, dependendo da sua natureza, da meta visada e da estratégia que foi utilizada.

Construção das Estratégias

As estratégias podem ser de diversa natureza e tipologia, não tendo de se subordinar a uma abordagem didáctica única, a não ser aquela que o currículo oficial determina, se for o caso. Por outro lado, deverá ter-se presente que com uma estratégia não se alcança nem se esgota a consecução total da meta em causa – trata-se de exemplificar tipos de procedimentos didácticos que se adequam à consecução da meta pretendida. Como é evidente, existe a possibilidade de organizar um percurso de aprendizagem com o propósito de contribuir para mais do que uma meta ou, pelo contrário, assinalar percursos diferentes para alcançar a mesma meta.

Na prática docente, cada meta requer, ao longo do processo de ensino, a construção de numerosas estratégias e a sua articulação e até reorientação

de acordo com os contextos dos aprendentes e com vista à efectiva consecução da meta. Serão apresentadas exemplificações que se destinam apenas a apoiar a análise e decisão autónomas dos professores na organização do seu ensino.

A Equipa Central:

Natércio Afonso (Coordenador); Alexandra Marques; Cecília Galvão; Isabel Lopes da Silva; Maria do Céu Roldão; Maria Helena Peralta; Teresa Leite.

Profalmada n.º 26, 2011, p. 3-5

Ensino do Português

Programas e Metas de Aprendizagem

Prof. Paulo Feytor Pinto

Os atuais programas de Português do Ensino Básico entraram em vigor em Setembro de 1992, no âmbito da reforma curricular lançada por Roberto Carneiro, o primeiro Ministro da Educação que, após o 25 de Abril, cumpriu os quatro anos do seu mandato. Essa reforma e, portanto, também os programas, decorreram da aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo que, em 1986, instituiu a escolaridade básica e obrigatória de 9 anos. Os programas, pela primeira vez, organizaram-se em torno dos cinco domínios ouvir, falar, ler, escrever e funcionamento da língua. Entretanto, em 1997, foi publicado, pelo Ministério da Educação, o livro *A Língua Materna na Educação Básica* cujo conteúdo, em 2001, passou a constituir as competências essenciais do Currículo Nacional do Ensino Básico para a disciplina de Língua Portuguesa. Pouco depois, em Dezembro de 2004, foi homologada a Terminologia Linguística dos Ensinos Básico e Secundário (TLEBS) que viria a ser reformulada em 2008. Esta proliferação de documentos orientadores do currículo gerou dúvidas e desorientação entre os professores, uma vez que o conteúdo e a terminologia dos programas, do currículo e da TLEBS não eram compatíveis entre si. Estas disparidades foram ultrapassadas com a aprovação dos Novos Programas de Português do Ensino Básico, em Março de 2009. Com efeito, os novos programas, que entrarão em vigor em setembro de 2011, foram concebidos tendo em conta as competências do currículo nacional e a versão reformulada da terminologia linguística – *Dicionário Terminológico* –. Além disso, a introdução dos novos programas tornou-se também na oportunidade para introduzir a nova ortografia da língua portuguesa. Por fim, os professores de português têm vindo a preparar-se para o trabalho com os novos programas através de (pouca) formação, desde Junho de 2009, e de reuniões semanais em muitas escolas do país, desde setembro de 2010. Inesperadamente, no outono de 2009, o ME anunciou vagamente

a intenção de elaborar metas de aprendizagem para todas as disciplinas do ensino básico. Então, não era claro se se trataria de uma qualquer forma de critérios de avaliação ou de um novo programa. No verão seguinte, foi apresentada a primeira versão das metas de Português e voltaram as incertezas, as dúvidas, as incompreensões. Desde logo, por ser difícil compreender a elaboração de novas orientações curriculares, meses após a aprovação de um novo programa que ainda nem entrou em vigor. Depois, e mais grave, pelo facto de as metas não serem compatíveis com diferentes aspetos dos programas. Vejamos, para o 3.º CEB, alguns exemplos de inconformidade de conteúdos, de estrutura e de terminologia. No plano fonológico do conhecimento explícito da língua, o programa apresenta como descritor de desempenho “Sistematizar propriedades do ditongo e do hiato” cujos conteúdos são “Semivogal. Ditongo: oral, nasal, crescente, decrescente. Hiato”. Sobre esta matéria nada é dito nas metas de aprendizagem. Perante esta discrepância, qual dos documentos orienta o professor na seleção dos conteúdos? Conteúdos que, nos novos programas, se estruturam em torno dos mesmos cinco domínios dos programas anteriores, apesar de diferenças nas designações. Já as metas, dentro dos macrodomínios da oralidade, da escrita e do funcionamento da língua, organizam-se nos seguintes oito domínios: compreensão e interacção oral; produção oral; compreensão e interpretação escrita; tornar-se leitor; produção escrita; tipologias textuais; estrutura e funcionamento da palavra; estrutura e funcionamento da frase. Este modelo atribui aos dois últimos domínios um relevo que não se observa nos programas. Aí, o conhecimento explícito do funcionamento da língua subdivide-se, não em dois, mas em oito planos. Por fim, as metas incluem termos e conceitos linguísticos como orações relativas cortadoras, verbos, nomes e adjectivos superiores, predicação secundária e predicativo do objeto, que, não fazendo parte da terminologia aprovada pelo Ministério da Educação em 2008, também não fazem parte dos novos programas. Uma importantíssima característica é, porém, partilhada pelos novos programas e pelas metas: a sua extensão excessiva. Com efeito, com uma carga horária semanal de três horas lectivas (quatro blocos de 45 minutos), parece difícil conseguir a aquisição de todos os conhecimentos e o desenvolvimento de todas competências pela generalidade dos alunos. Para o 3.º CEB, os programas apresentam 178 descritores de desempenho. Para os mesmos três anos, são propostas 103 metas. Como, na generalidade das escolas, é obrigatória a realização, por período, de dois testes escritos com uma aula de revisões e outra de correção, e de ainda uma aula de auto-avaliação, o tempo lectivo disponível torna-se escasso. Acresce a provável realização de, pelo menos, duas visitas de estudo (de qualquer uma das onze disciplinas!) e a sobreposição de dois dias feriados. Assim, as 35 semanas do ano lectivo tornam-se em apenas 27 semanas de atividades letivas, isto é, 81 semanas para todo o 3.º CEB, em vez de 105. Sabe-se também que só teoricamente, cada aula de 90 minutos corresponde a 90 minutos

de atividade letiva. Tomando o programa como referência, teremos, em média, aproximadamente um bloco de 90 minutos para desenvolver cada “experiência de aprendizagem”, uma única vez. Sendo verdade que se podem adquirir vários conhecimentos e desenvolver várias competências durante a resolução de um único problema ou a execução de uma única tarefa, não é menos verdade que, para o desenvolvimento duradouro das competências, é necessário um treino e prática recorrentes. Assim, para desenvolver a competência de produção de exposições orais, por exemplo, ter-se-á de trabalhar também a diversificação do vocabulário, a seleção de recursos adequados para envolver a audiência e a utilização de ferramentas tecnológicas. No entanto, para efetivamente, desenvolver esta competência ao longo do ciclo, cada um dos 28 alunos de cada turma deverá fazer várias exposições orais. Se em cada uma das cerca de 162 aulas disponíveis no ciclo for apresentada uma exposição oral, cada aluno exercitará a competência 6 vezes, durante o 3.º CEB. Com cada exposição oral – preparativos, execução, avaliação – gasta-se, no mínimo, 20 minutos, ou seja, o equivalente a 16 semanas de aulas. Sobram, então, cerca de 65 semanas para tudo o resto: aquisição dos outros conhecimentos e treino reiterado das outras competências. A ser assim, em três anos letivos (105 semanas), mais de um ano inteiro (40 semanas) pode ser gasto só em avaliação, visitas de estudo e treino da exposição oral! Por fim, uma característica muito positiva das metas de aprendizagem. Trata-se da integração, ainda que parcial, de conteúdos e competências do conhecimento explícito sobre o funcionamento da língua (CEL) no desenvolvimento das competências linguístico-comunicativas basilares ouvir, falar, ler e escrever. Por exemplo, os processos de coesão textual, no programa, pertencem ao plano discursivo e textual do conhecimento explícito, enquanto nas metas integram o domínio “Reconhecer e produzir diferentes géneros e tipos de textos”. De igual modo, verifica-se a integração de diferentes planos do CEL, do programa, no mesmo domínio das metas. O domínio “Conhecer as propriedades das palavras e alargar o capital lexical” destas, integra conteúdos dos planos morfológico, lexical e semântico e da representação ortográfica daquele. Em síntese, poder-se-á sistematizar a relação entre os dois documentos orientadores do currículo, o programa de 2009 e as metas de 2010, do seguinte modo: o programa arruma o currículo que as metas voltam a desarrumar; tanto o programa como as metas têm uma extensão que parece não ter em conta o tempo letivo realmente disponível; as metas apresentam uma integração de diferentes competências que, no programa, aparecem compartimentadas.

O Programa de Matemática para o Ensino Básico

Prof.^a Ana Abreu

Na análise cuidada do programa constata-se que uma das mudanças mais significativas em relação ao programa anterior é a introdução das ideias algébricas no 1.º ciclo do Ensino Básico associadas ao desenvolvimento do pensamento algébrico. À medida que se progride ao longo dos ciclos, o tema relativo aos Números vai perdendo peso dando lugar à Álgebra. No que concerne aos Números, há claramente uma perspetiva diferente associada ao desenvolvimento do sentido do número, bem como uma abordagem diferente dos algoritmos das operações e dos números racionais. As representações fracionária e decimal surgem em paralelo, ao contrário do que acontecia no programa anterior. Também o tema Organização e tratamento de dados merece destaque no programa. O seu estudo inicia-se no 1.º ciclo, existindo um maior aprofundamento e valorização das investigações estatísticas. Relativamente ao tema Geometria, este surge associado ao desenvolvimento do sentido espacial, sendo que a principal alteração diz respeito à introdução das várias transformações geométricas desde o 1.º ciclo, inicialmente de forma intuitiva e, posteriormente, com crescente formalização.

Cada um dos temas e capacidades transversais tem claramente definido o propósito principal de ensino, propósito esse que constitui a orientação principal de fundo, que deve nortear o ensino desse mesmo tema ou capacidade. Os objetivos gerais estabelecem as principais metas que os alunos deverão atingir com a aprendizagem desse tema ou capacidade.

É nas orientações metodológicas que surgem aspetos claramente inovadores em relação ao programa anterior, quer na forma como se abordam os temas e capacidades, quer na natureza das tarefas a propor aos alunos. Segundo o National Council of Teachers of Mathematics (NCTM, 1994), tarefas matemáticas válidas apelam à inteligência dos alunos, desenvolvem a compreensão e aptidão matemática, estimulam os alunos a estabelecer conexões e a desenvolver um enquadramento coerente para as ideias matemáticas, apelam à formulação e resolução de problemas e ao raciocínio matemático, promovem a comunicação sobre Matemática, mostram a Matemática como uma atividade humana permanente, têm em atenção diferentes experiências e predisposições dos alunos e, finalmente, promovem o desenvolvimento da predisposição de todos os alunos para fazer Matemática. Para além dos exercícios que proporcionam uma prática compreensiva de procedimentos e que não são, de todo, para excluir (ao contrário do que algumas pessoas menos informadas apregoam) é precisamente à diversificação de tarefas e à exploração pelos alunos de tarefas matemáticas válidas

que o programa apela.

Esta exploração de tarefas por parte dos alunos induz naturalmente a que o papel do aluno, bem como o papel do professor e a forma como estabelece a comunicação na sala de aula, sofra algumas alterações. Os alunos não podem ser meros recetores das explicações dos professores e estes não se devem limitar a validar (ou não) as respostas dos alunos. Ao invés disto, os alunos devem receber tarefas e descobrir estratégias para as resolver, bem como ter oportunidade de explicar e justificar os seus raciocínios. Ao professor compete a difícil, mas muito gratificante tarefa de encorajar os alunos a discutir com os seus colegas e, depois de um trabalho significativo a pares ou em grupo promover a discussão coletiva da tarefa com todo o grupo – turma. Para que esta discussão dê os frutos que se deseja, ou seja, para que a partir dela os alunos realizem aprendizagens matemáticas verdadeiramente significativas, o professor deve preparar cuidadosamente a exploração das referidas tarefas em sala de aula. Planificar a exploração de uma tarefa matemática válida deve começar pelo enquadramento curricular. O professor deve identificar claramente que tema(s), tópicos, pretende trabalhar com os seus alunos, bem como que objetivos, relativos a tópicos e a capacidades transversais, se espera que os alunos atinjam ou desenvolvam. Relativamente à exploração de uma tarefa na sala de aula há que ter em atenção três momentos cruciais: a apresentação da tarefa, a exploração da mesma por parte dos alunos e, finalmente, a discussão coletiva do trabalho realizado.

Sem sombra de dúvida que o Programa de Matemática para o Ensino Básico constitui uma importante oportunidade de valorizar certos aspetos da Matemática que andavam esquecidos (cálculo mental, demonstração, transformações geométricas, álgebra, OTD...); de valorizar os processos matemáticos, em especial a resolução de problemas, o raciocínio e a comunicação de trazer para primeiro plano as atividades de exploração e investigação matemática: *de dar um novo élan ao uso da tecnologia, computadores e calculadoras: de transformar muitas salas de aula do modelo de ensino direto numa lógica exploratória. A finalizar, resta referir que o Programa de Matemática atualmente em vigor aposta, sem sombra de dúvida, na melhoria da qualidade das aprendizagens matemáticas dos nossos alunos e constitui um desafio imenso mas (por experiência própria!) muito aliciante para os professores.*

REFERÊNCIAS ME (2007). Programa de Matemática do Ensino Básico. Lisboa: Ministério da Educação, DGIDC. ME-DGIDC (2007). Programa de Matemática do Ensino Básico. Lisboa: ME-DGIDC. [Acedido em 30 de janeiro de 2011 de <http://sítio.dgicd.min-edu.pt/matematica/Documents/ProgramaMatematica.pdf>]. Ponte, J.P.; Branco, N.; Matos, A. (2009) Álgebra no Ensino Básico. Lisboa: ME-DGIDC NCTM (1994). Normas profissionais para o ensino da Matemática. Lisboa: IIE e APM. Powerpoint sobre o PMEB [acedido em 30 de janeiro de 2011 de http://www.esev.ipv.pt/mat1ciclo/2008%202009/Programa%20Mat/PowerPoint_Programa_de_Mat.pdf]

Uma carreira brilhante: a Matemática em Irene Fonseca é a segunda mulher a presidir à Sociedade de Matemática Aplicada e Industrial (SIAM), com sede nos EUA, fundada em 1952, que congrega 13 mil membros individuais e 500 institucionais, entre centros de investigação, empresas e outras organizações. Irene Fonseca, doutorada em Matemática pela Universidade do Minnesota (EUA) e pós-doutorada pela Universidade Pierre et Marie Curie (Paris), é professora do Departamento de Ciências Matemáticas da Carnegie Mellon University, em Pittsburgh (EUA) e formadora, consultora e avaliadora para a Ciência e Tecnologia (FCT) Irene Fonseca, aos 55 anos, afirma: A minha ambição continua a ser a mesma: preparar a nova geração de cientistas matemáticos para integrarem redes interdisciplinares e internacionais de investigação, porque só assim a Matemática Aplicada pode avançar. As redes interdisciplinares são fundamentais porque os matemáticos têm de dialogar cada vez mais com setores tão diferentes como a robótica, a biologia ou as energias renováveis (cf. Vergílio Azevedo, *A Campeã da Matemática*, in "Expresso", 3.12.2011, p.32).

Notas de enquadramento dos depoimentos Deontologia das Profissões da Educação

Coord. Ernesto Fernandes

O *Profalmada* – Boletim da Apcalmada – tem, nos últimos anos, intencionalizado uma questão da educação sob a forma de dossiê, nomeadamente *Educação para a Cidadania* (n.º 16, 2008), *Cultura Profissional e Educação* (n.º 18, 2009), *Aprendizagem ao Longo da Vida II* (n.º 21, 2010), *Formação Contínua e Inovação da Escola* (n.º 24), *Metas de Aprendizagem II* (n.º 27, 2012) ou *Educação Ambiental e Ecológica* (n.º 28, 2012).

Neste Boletim, elegeram-se a questão **Ética e Deontologia das Profissões da Educação**.

Neste sentido, solicitámos a colaboração, em registo de depoimento, segundo as seguintes orientações:

- sendo desejável, não é necessário pronunciar-se sobre cada uma das questões a seguir enunciadas;

- papel A4 a espaço e meio, corpo de letra 12, Times New Roman;
- texto no máximo de duas páginas.

Sobre a ética e deontologia dos educadores e professores, pergunta-se como concebe e reflete os valores (direitos e deveres):

1. em relação aos alunos
2. em relação aos colegas
3. em relação aos outros profissionais
4. em relação à escola como instituição/organização
5. em relação à família/encarregados de educação
6. em relação à comunidade/sociedade
7. em relação a si próprio enquanto profissional da educação.

Dada a economia editorial de cada Boletim, os depoimentos vão sendo publicados paulatinamente, sendo nosso propósito organizar e editar uma Separata do *Profalmada*.

Segundo a Unesco (1996) – *Educação um tesouro a descobrir. Relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*, “o professor deve ser reconhecido como mestre pela sociedade e dispor de autoridade necessária e dos meios de trabalho adequados”. Paradoxalmente, continua a verificar-se o associativismo dos docentes apenas a nível sindical ou por disciplina, raramente como associativismo transversal. Outras profissões (médicos, engenheiros, advogados, psicólogos ou arquitetos), historicamente e na atualidade, organizaram-se como *Ordem* para a defesa do estatuto e identidade, traduzido no código deontológico da profissão.

Profalmada n.º 29, 2012, p. 3

A Ética Profissional e os Educadores de Infância

Educ.^a Maria Teresa de Matos

Ao iniciar este pequeno artigo, *Ética e Deontologia das Profissões da Educação*, não posso deixar de situar e definir de uma forma muito breve estes dois conceitos: *Ética* e *Deontologia*, sabendo à partida que posso estar a ser muito reducionista, pois destas definições decorrem muitas formas de “olhar, interpretar e fundamentar” alguns dos aspetos essenciais relacionados com valores (direitos e deveres) no seio das Profissões da Educação.

Não pretende também ser um texto teórico, nem profundo, nem um relato de práticas, mas sim, e essencialmente, assinalar alguns referenciais que norteiam os educadores de infância de uma forma global e ainda referenciar a Associação que representa muitos e tem tido um papel ativo nesta temática, a APEI – Associação de Profissionais de Educação de Infância.

Começamos então pela definição que qualquer cidadão lê imediatamente quando coloca no motor de busca as palavras *Ética* e *Deontologia*:

Do grego “*ethiké*” ou do latim “*ethica*” (ciência relativa aos costumes), *Ética* é o domínio da filosofia que tem por objectivo o juízo de apreciação que distingue o bem e o mal, o comportamento correcto e o incorrecto. Os princípios éticos constituem-se enquanto directrizes, pelas quais o homem rege o seu comportamento, tendo em vista uma filosofia moral dignificante. Os códigos de ética são dificilmente separáveis da deontologia profissional, pelo que não é pouco frequente os termos *ética* e *deontologia* serem utilizados indiferentemente.

O termo surge das palavras gregas “*déon, déontos*” que significa *dever* e “*lógos*” que se traduz por *discurso* ou *tratado*. Sendo assim, a *deontologia* seria o tratado do *dever* ou o conjunto de *deveres, princípios e normas* adoptadas por um determinado grupo profissional. A *deontologia* é uma disciplina da *ética* especial adaptada ao exer-

cício da uma profissão - <http://www.psicologia.pt/profissional/etica/>

A origem destes termos/conceitos, nascidos na Grécia Antiga, e que atualmente usamos com muita frequência, foram sendo “adaptados” e são atualmente usados pelos diferentes grupos sociais como referência e base de atuação desejável, constando em diferentes códigos profissionais.

Numa organização estruturada, como é uma Escola, ocorre um conjunto de ações e interações entre alunos, professores, famílias, comunidade educativa...que se cruzam de uma forma muito rica, intensa e diversificada, com diferentes níveis e direções de comunicação que podem ser simples e claras, ou, pelo contrário, difíceis e complexas, gerando dilemas onde todos os atores fazem diferentes apreciações, reagem de modos distintos, possuem diferentes perspetivas e refletem-se em comportamentos diversos e até aparentemente contraditórios, dado que não partilham o mesmo ponto de vista, nem os mesmos princípios, normas e regras pessoais e profissionais.

Como educadora de infância, o meu trabalho destina-se essencialmente aos mais pequeninos da nossa sociedade, ou seja, desde o nascimento até aos 6 anos, até à entrada no 1.º CEB e às respetivas famílias e colegas de trabalho. É de evidenciar que as interações se estabelecem de muito perto com as famílias, pois é o momento das nossas vidas em que as famílias, especialmente os pais, se dirigem com mais frequência ao contexto educativo, essencialmente pela idade, características, necessidades decorrentes das crianças nesta faixa etária.

As crianças mais pequenas (0-6 anos) precisam de profissionais atentos, disponíveis, que garantam, desde cedo, ambientes de transparência, verdade, respeito, capacidade de saber ouvir, respeitar os outros.

Os profissionais de educação de infância, tal como outros profissionais de educação, deparam-se com situações, por vezes, difíceis de gerir, exatamente porque, desejando ser bons profissionais de educação e agindo de acordo com as suas prioridades educativas, estas são diferentes ou opostas às prioridades educativas no seio das famílias: os “castigos”, os conflitos entre crianças, os desentendimentos entre adultos (profissionais e famílias), por terem valores diferentes... e muitas outras situações que ocorrem no quotidiano das escolas, fazem emergir um conjunto de atitudes, posturas e até “silêncios” que podem ser dilemáticos e difíceis de gerir. Muitas vezes, pergunta-se: “O que fazer nesta situação? Como agir, sabendo que a atitude “x” não está de acordo com os meus valores, mas a “y” está de acordo com o que eu penso, mas contra o que aquela família ou colega pensa ser o mais correto?” Claro que o diálogo e a comunicação são um excelente meio de entendimento e negociação, mas nem sempre é possível, nem fácil.

A APEI – Associação de Profissionais de Educação de Infância realizou no dia 19 de outubro de 2002 um Seminário com o tema *Ética e Deontologia – Questões e desafios para os educadores de infância*. Neste encontro, estiveram presentes vários convidados que ajudaram a situar e enquadrar o tema, a

saber: Jorge Melo, Maria Teresa Estrela e Teresa Vasconcelos e ainda Maria da Conceição Moita, como dinamizadora e impulsionadora deste momento.

Foram muitos e excelentes todos os contributos e um dos conferencistas citou Molière (1662) com o seguinte pensamento: *Não somos responsáveis apenas pelo que fazemos; somos responsáveis por aquilo que não fazemos.*

Na verdade, temos de ter consciência de que se nos silenciarmos face a situações que possam colocar, ou prolongar, algo que possa estar a comprometer os DIREITOS DAS CRIANÇAS e DOS CIDADÃOS em geral, então estaremos a quebrar alguns dos princípios a seguir referidos.

Quase uma década mais tarde, a APEI publicou a , fruto do trabalho de grupo dinamizado por Maria da Conceição Moita, referenciada em 2011 junto dos seus associados.

Nesta Carta a APEI elege os seguintes princípios como referência ética: ***A Competência; A Responsabilidade; A Integridade; O Respeito.***

O reconhecimento destes princípios implica a procura do sentido ético no agir pessoal e profissional através de efetivos compromissos:

- *No compromisso com as **crianças***
- *No compromisso com as **famílias***
- *No compromisso com **a equipa de trabalho***
- *No compromisso com a **entidade empregadora***
- *No compromisso com a **comunidade***
- *No compromisso com a **sociedade.***

(In *Carta de Princípios para uma Ética Profissional da APEI* – ver na íntegra em www.apei.pt)

Os Educadores de Infância, tal como outros profissionais de educação, de diferentes níveis de ensino, têm por dever RESPEITAR acima de tudo os INTERESSES DAS CRIANÇAS/ ALUNOS. Esse respeito pode inclusivamente não coincidir exatamente com as suas convicções pessoais, mas no exercício da profissão há compromissos que têm de ter mesma prioridade.

Numa perspetiva de compromisso com a CRIANÇA e a SOCIEDADE, interessa sobretudo estar atento, atualizado, informado, evitando decisões pouco refletidas, agindo com cautela, bom senso e pensar no ponto de vista do OUTRO.

Bibliografia

CEI – Cadernos de Educação de Infância (2003) – *Actas do Seminário: Ética e Deontologia – Questões e desafios para os educadores de infância.* Lisboa, APEI.
<http://www.psicologia.pt/profissional/etica/>.

Ética e Deontologia das Profissões da Educação

Prof. Feliciano Oleiro

Perante a frase temática *Ética e deontologia das profissões da educação*, confesso que fiquei perplexo.

Pensando melhor, resolvi abordar o tema, começando pela seguinte nota prévia: optei por me centrar na análise global do tema, como professor, pelo facto de o considerar mais consentâneo com o meu percurso pessoal.

Partindo do vocábulo *ética* como parte da filosofia que se ocupa da moral e dos costumes do ser humano, nada mais lógico do que continuar rumo a imprevistas situações com que o educador se vê confrontado no que concerne à deontologia da profissão.

Ainda sobre os vocábulos em epígrafe sou levado a deduzir que é tal a sua especificidade semântica, que não os consigo separar da profissão do educador-professor.

Senão vejamos: começando pelo cenário de que o educador-professor, ao optar por tal missão, deve interiorizar, à partida, que o seu *papel* será em cada momento uma troca de enriquecimento mútuo. Os seus objetivos jamais poderão ter regras fixas e memorizáveis às quais possa recorrer em cada momento.

Nos mais de quarenta anos que levei de professor, quantos avanços, quantos recuos, quantos êxitos e insucessos eu vos poderia narrar? Todavia, não foi com essa finalidade que hoje lancei mão da pena.

Ao dar uns assomos, mesmo de relance, sobre o caminho percorrido, acabei por me fixar no momento em que me estreei como docente.

O dia sete de outubro de mil novecentos e quarenta e três amanheceu ensolarado. O verão teimava em não se despedir e a sala situava-se em Campos da Misericórdia. *Misericórdia*, palavra recorrente e protetora.

Vou tentar reescrever a cena, algo desvanecida pela distância.

O edifício, adaptado para escola, constava de duas salas. Só o pátio de recreio era comum a ambos os sexos. Mais de sessenta crianças brincavam no recreio e apenas os *caloiritos* se encontravam acompanhados pelas suas mães.

82

Como a lei não contemplava auxiliar de limpeza (assim eram designados os auxiliares de educação) era ao docente que competia abrir e arejar a sala e acompanhar o mínimo de higiene.

A partir deste momento, tudo passou a *fiar mais fino*. E agora? Como te vais sair desta, Feliciano, disse para os meus botões, frente àquela assembleia expectante, em jeito interrogativo.

Aquelas trinta e cinco *cabecitas*, curiosas e ávidas de saber quem eu era, exerceram tal pressão sobre o meu espírito que nem sabia por onde começar. Foram momentos breves que perduram, tal foi o meu estado emocional.

Rememoro que nesse momento se fez luz no meu entender da situação e tive consciência plena de que tinha optado, não por uma profissão no sentido genéri-

co do termo, mas, isso sim, por um estado de missão que iria exigir de mim tudo o que humanamente é possível no sentido da cidadania, dádiva, aprendizagem, cujos cambiantes percorrem o nosso imaginário. Relativamente à dicotomia docente/discente, baseando-me nalguma intuição (que não enjeito), sempre *naveguei* nas áreas da afetividade, do diálogo e da tolerância, com o objetivo de mais facilmente *abrir as portas* da curiosidade aos meus interlocutores, baseando-me no princípio de que sem viva motivação não há assunto que se radique na memória.

Quando algum dos meus objetivos era alcançado, o meu contentamento era indizível e, sempre que possível, exultávamos com alegria.

Muitas vezes recorri à dramatização inclusiva de temas, como motivação e também por me parecer que a criança gosta de ser levada a sério e tratada de igual para igual. Sublinho que estou a referir-me ao primeiro ciclo do ensino básico, em que a monodocência permite um maior conhecimento mútuo das *partes*, deixando indeléveis sinais que nos acompanham ao longo da vida.

Por entender que o isolamento é redutor, sempre fomentei a troca de experiências com outros *colegas*. Recordo um dia em que eu e uma colega, infringindo as regras legais, reunimos ambas as turmas (feminina e masculina) numa aula de história, com o propósito de provocar uma mais ampla sociabilização, em detrimento da avaliação de conhecimentos do programa.

Na base deste procedimento creio que pesou bastante o facto de nós, professores, muito cedo nos termos apercebido de que a criança só integrada num sistema de coeducação poderá crescer em harmonia.

A monodocência, sobretudo no primeiro ensino, reúne as condições ideais para que a *escola* possa ser considerada uma extensão da família em termos de sociabilidade.

Por mais barreiras que se levantem, a criança só se desenvolverá em pleno num ambiente de fraternidade, sem quaisquer condicionalismos estranhos à sua formação.

Alguns mentores de falsa pedagogia, alheios a estes princípios, terão contribuído para desvirtuar a coeducação nos primeiros níveis académicos, em defesa de princípios com os quais não estamos de acordo.

A *escola fechada*, sem o mínimo de equipamentos, sempre foi considerada um drama de lesa sociedade para os professores do então ensino primário, até ao início dos anos setenta, data em que o ministro Veiga Simão agitou as águas através da sua reforma, indiciadora de novas aberturas em relação à época.

Em suma, ainda se encontra por fazer a análise histórica relativamente às precariedades do ensino primário, para melhor podermos compreender uma das grandes causas pelas quais uma boa parte dos portugueses, só nas últimas décadas, puderam chegar ao universo da cidadania.

Com a exceção dos meios urbanos, a escola em que laborei estava eivada de dificuldades de funcionamento, de situações de improviso que, uma vez analisadas, poderiam constituir um pequeno subsídio para um tratado de sociologia.

Profalmada n.º 29, 2012, p. 5-6

Depoimento sobre Ética e Deontologia das Profissões da Educação

Prof.^a Maria de Lourdes Albano*

Abordar o tema da Ética e deontologia *das profissões da Educação* leva-nos a meditar no papel do professor nos nossos dias.

Toda a profissão tem o seu *corpo* e a sua *alma* e ser professor não é exceção. O *corpo* está nos seus *saberes* e a *alma* nos seus *valores*. São os valores que regem a nossa conduta profissional e que se baseiam numa ética e deontologia, sabendo que a ética procura fundamentar o modo de viver pelo pensamento humano e que a deontologia se refere ao conjunto de princípios, de regras de conduta inerentes à profissão. São os valores que orientam a nossa escolha sobre o que deve ser feito. O professor é um *agente* do desenvolvimento do ser e, simultaneamente, um profissional do saber.

Relativamente aos alunos, o professor deverá exercer uma influência fundamental, quer como *educador* quer como *comunicador*, transmitindo valores, conhecimentos, sentimentos, atitudes e capacidades, de forma a contribuir para a sua formação integral e promover a sua autonomia e criatividade com vista a formar cidadãos responsáveis e capazes de intervir na sociedade de uma forma consciente.

A missão de educar e formar não pode ser responsabilidade única e exclusiva do professor. Os pais devem participar de forma ativa na educação dos seus filhos e, por experiência, reconhece-se que, quando se verifica interação entre professores e pais, os resultados escolares melhoram e muitos problemas se resolvem. Pais e professores devem complementar-se para o êxito da educação dos jovens. Os pais/encarregados de educação devem envolver-se ativamente em todo o processo de aprendizagem, acompanhando todo o percurso escolar dos seus educandos, participando, pelo menos, nas reuniões com o diretor de turma, tendo assim oportunidade de se certificar do trabalho escolar que tem sido desenvolvido e receber informações e esclarecimentos.

84 Compete aos pais/encarregados de educação inculcar nos seus filhos/educandos o sentido da responsabilidade, que passa por criar hábitos de assiduidade e pontualidade, de organização das atividades escolares e de incentivo à participação nas atividades promovidas pela escola. É importante que pais e professores trabalhem em colaboração, ajustando estratégias e tomando algumas decisões conjuntas que irão contribuir para um crescimento saudável do aluno. A escola é um local de trabalho onde os discentes devem tirar o máximo partido do tempo que passam com os colegas e professores e é importante que o façam de uma forma responsável, isto é, respeitando o seu trabalho, o dos colegas e o dos professores, bem como as exigências de

disciplina previstas no regulamento interno da escola.

Escola e sociedade são duas realidades que não podem nem devem estar dissociadas. A escola é fundamental para a formação dos alunos e para a aprendizagem ao longo da vida, munindo-os de ferramentas indispensáveis ao seu êxito pessoal, presente e futuro.

O professor é uma referência e a escola um local de socialização, onde se aprende a partilhar. O professor encontra-se na linha da frente no que respeita à responsabilidade e à forma como o jovem irá compreender o mundo que o rodeia. Saber ouvir e debater ideias e opiniões é um dos caminhos que leva o jovem a construir a sua personalidade, facilitando desta forma a construção do seu saber, do saber fazer, do saber estar e do saber ser. Da troca de ideias resultará, decerto, um melhor entendimento e inserção na sociedade. A escola deverá ser um espaço livre, um lugar de todos e para todos, com uma dinâmica interrelacional na formação da dignidade humana, individual e social.

Profalmada n.º 29, 2012, p. 7

*Escola Secundária Fernão Mendes Pinto - Almada

Os Analfabetos *Alfabetizados*

Eng. Eurico Ribeiro

The illiterate of the future will not be the person who cannot read. It will be the person who does not know how to learn.

One of the definitions of sanity is the ability to tell real from unreal.

Soon we'll need a new definition.

Alvin Toffler

Chegámos ao século XXI, a era da informação, suportada pela tecnologia dos conteúdos, acessível a uma vasta gama de população que, concomitantemente com elevados índices de escolaridade, permite uma maior capacidade no seu acesso e assimilação, de forma rápida e diversificada, algo nunca antes registado pelos anais da história do Homem. Os suportes e formatos são hoje variados, num conceito multimédia que veio qualificar uma série de meios pelos quais a informação produzida chega instantaneamente de um ponto a quem se dirige. E multimédia significa mesmo todos os meios e suportes a todos os formatos possíveis, na distribuição de um conteúdo de um ponto a outro, numa rede cada vez mais complexa do que aquelas de onde tomou o nome.

O início do conceito multimédia deu-se na alvorada dos tempos, devido certamente a uma necessidade da transmissão de ideias e saberes

de indivíduo a indivíduo, ao nível da comunidade e da sua perpetuação para além da existência física. E foi através do símbolo, o registo gráfico que se traduziu num ponto comum e fulcral, a partir do qual divergiram uma série de meios e formas de suporte, representação e transmissão que o desenvolvimento tecnológico foi sabendo construir até hoje. O símbolo, baseado num constructo de definição semiótica, permite a descodificação de ideias, através de pistas subjectivas acessíveis, de acordo com um determinado contexto-chave, a pelo menos dois intervenientes. Tal era a aplicação prática no passado, na entrega a duas pessoas que não se conheciam de uma das metades de um signo quebrado e que lhes permitia o reconhecimento futuro, ao reconstituírem essas metades e com elas o significado que lhes era comum. Este era um aspecto muito prático e ao mesmo tempo místico, sentimento muito próprio desses tempos. O símbolo ou *simballen* era assim a representação verdadeira, única, ao contrário de *diaballe* que gerou diabo (de *diabollo*) e é tido como a representação dúplice, isto é da falsidade ou das aparências. Na cifra escrita, a especialização das palavras atingiu o seu máximo na actualidade e isto torna-se visível quando recorremos à sua etimologia e percebemos a sua raiz comum, que cobre ideias ou sensações de natureza subjectiva, comuns às suas derivadas objectivas, como se viu em *simballen* e *diaballe*. A cifra escrita, de natureza objectiva, teve a igualmente a sua origem no princípio remoto do ideograma simbólico em suportes rudimentares que a tecnologia permitia. Mas, neste caso, o signo dessa cifra (o carácter) começou a perder o seu significado intrínseco, cada vez mais estilizado pela tecnologia da execução gráfica, que codificou palavras cada vez mais especializadas e frases precisas que ordenam o cérebro racional. Vem-me à mente o caso da escrita na China e de alguns poucos países orientais que mantêm ainda o significado intrínseco dos seus logogramas (ou ideogramas), ao contrário do restante mundo. Veremos até quando isso é possível num mundo em uniformização e em aceleração tecnológica! O que se pode constatar é que esta deriva fez abandonar o lado passivo da transmissão de saber, levando à sua instrumentalização, como forma de rápida disseminação de comandos em rotinas. Essa intenção limita o indivíduo, tornando-o num receptor de linguagem de máquina, numa realidade actual que exige multiprocessamento (raciocínio), em detrimento da capacidade de memória que é transferida para suportes exógenos – memória virtual (a nuvem) coartando assim a possibilidade de interpretação através da correlação com conteúdos anteriores. Em suma, o exercício do livre pensamento e com ele o desenvolvimento da percepção individual. Deixa igualmente de haver tempo para tais considerações, pois esse processamento terá que ser tão veloz quanto o caudal de informação que “jorra de forma contínua” dos diversos suportes, impedindo o natural tempo de reflexão e a capacidade de memória de curto e médio prazo. A

memória de longo prazo é e sempre foi um privilégio de poucos... Para manter a sanidade, teremos que saber fazer escolhas entre o útil e o que distrai e mais importante do que isso, saber desligar a dependência obsessiva da informação em valor absoluto, reduzindo-a àquilo que sempre foi, um instrumento para a nossa melhor adaptação e evolução. Teremos que reaprender a aprender... Importa lembrar o facto de que a informação só é conhecimento e este só se torna Saber por intermédio de sínteses dialéticas sucessivas, postas à prova no mundo real e na medida em que forem respeitados os ciclos vitais (cardio-respiratórios) de divisão ternária, de “influxo - pausa - efluxo”, isto é “assimilação de informação - reflexão - demonstração”!

Mas voltemos à descrição da evolução do símbolo e da sua natureza singular. De forma oblíqua em relação à cifra objectiva, o princípio remoto do ideograma simbólico manteve o seu lado natural, mais velado e indelével na transmissão e alcance. O símbolo iconográfico ou iconografia simbólica, longe de ser conclusivo e condicionador ou programador, conservou a sua natureza potenciadora, instrumento da busca incessante da Verdade, através das artes e da criatividade, em suma, do movimento da Vida, ao contrário de uma codificação gráfica, estilizada, que se dirige objectivamente à materialização de uma ordem em acção e que com ela se consome e cessa. O símbolo é infinito e a letra, finita! A Tradição, por outro lado, utiliza, para além do símbolo iconográfico, a iconografia simbólica, a composição da escrita, numa narrativa multinível que se revela sempre debaixo de uma construção alegórica no primeiro nível de entendimento. Os restantes níveis tornam-se imperceptíveis para o vulgo de natureza primária e tendência racionalista (potenciada ao limite pela escolástica taylorista), que tende a tomar a aparência pelo todo, tornando-o incapaz de se aproximar da entrada de um labirinto que se oculta sob os seus próprios olhos, que olham mas não vêem! É verdade que essa incapacidade inata também o protege de nele se perder, na ausência das chaves mais apropriadas... daí a necessidade do auxílio da Tradição, que permite aos que ousam e querem, obterem, ao longo do seu caminho individual e no preciso tempo, todas as chaves que vão sendo precisas à descodificação das narrativas multinível, levando a sua consciência individual em aproximação da percepção do Todo, apesar de inatingível. Essa é a descoberta do “outro lado do símbolo” e descobrir é retirar o que cobre, o que vela. E, naturalmente, um símbolo descoberto deixa de o ser, autodestraindo-se em função daquilo que representou, tal como nos chegou da revelação hermenêutica do Enigma da Esfinge, de Sófocles. Nesse movimento oblíquo da evolução funcional do símbolo, deu-se a sua dissociação, em paralaxe entre as suas componentes objectiva e subjectiva, tornado inconscientemente para a maioria de uma mera cifra que gera “códigos de máquina”, materializando comandos precisos e, para uns poucos, não só

um meio de fuga à prisão da mesma máquina, como também o imponderável “fio condutor” da religação criativa! Se a actualidade se pauta pelo maior número de indivíduos alfabetizados da história conhecida, capazes de fazerem parte da construção desta nova sociedade da informação em multimédia, não significa que o Saber se tenha ou possa sequer ser democratizado, como desejariam muitos dos arautos da emancipação do indivíduo comum. Nem a Natureza o permite sem o devido esforço dos que buscam incessantemente! E é o ousar e o querer, de forma incansável e contínua, independentemente dos inúmeros erros e quedas, que tornaram o indivíduo merecedor desse Saber, desde que uma vez, na sua posse, conserve o necessário silêncio e a discricção. Todavia, essa predisposição para fazer silêncio é a consequência natural da transmutação interior do indivíduo, que em paralelo se foi dando ao longo da sua demanda e que é, em simultâneo, condição essencial dessa demanda. Em contrapartida, apenas se concedeu às massas inertes – os que ainda dormem, ou aqueles que apesar de viverem ainda não se libertaram da lei da morte¹ – mais uma ferramenta para laborarem e o devido treino para o seu bom manuseamento. Mas não para serem os arquitectos co-criadores dessa grande fábrica que é o mundo!² É curioso constatar aqui que a erradicação do analfabetismo total ou absoluto, durante os finais do século XX, que seria um decisivo factor ao estabelecimento da era do conhecimento e informação² que atravessamos, encontra um paralelo na erradicação da escravatura nos finais do século XIX, nessa época uma necessidade para as fundações da industrialização e da economia de mercado. Em ambos os casos, estiveram na linha da frente ideais humanistas defendidos acerrimamente pelas mesmas organizações de natureza iniciática que vêm promovendo a emancipação do indivíduo do remanescente conservadorismo social das massas, de forma descontínua, quase que por saltos quânticos ao longo do tempo. Vem-me à ideia o mito da Caverna de Platão... Mas a materialização dos ideais, valores e princípios mais sublimes vem sempre atrelada a uma convergência de interesses de natureza bem distinta e muito pouco altruísta.

Deste modo, a alfabetização parcial, que não evita o analfabetismo funcional ou de conteúdo, é o treino essencial à manipulação de uma nova caixa de ferramentas, necessária aos operários da construção das novas cidades virtuais, das redes em nuvem e das construções desmaterializadas e da inteligência artificial! Se, por “vocação ou condição”, nas sociedades do passado, apenas uns poucos se permitiram reflectir sobre as ferramentas que manejavam e as suas obras resultantes na edificação do mundo, como se pode esperar que as massas possam hoje reflectir sobre a ferramenta da cifra da comunicação e o seu impacto? A incapacidade da maioria de possuir a necessária vocação de ir para além da ferramenta fá-la sua refém, independentemente de serem por ela condicionados, ou

de se tornarem naqueles que a utilizam para condicionar os primeiros. Desta feita, esta passou a ser utilizada para o “fabrico” da comunicação objectiva, mais imperativa que interrogativa, isto é, mais activa que passiva em termos de aplicação, ao mesmo tempo que se tornou não só mais padronizada e precisa, como permitiu uma maior cobertura global.

Para finalizar, importa fazer uma breve referência àqueles que utilizam tipicamente o símbolo na sua componente mais velada e indelével, indo para além da formalidade estéril do signo ou da cifra, isto é, aqueles que têm a vocação ou a condição. Nos vários ciclos da história do Homem, o aparecimento e desaparecimento de uma classe intermédia (ou média) de charneira – que funciona como que um tecido adiposo em termos sociais, aumentando na abundância, sendo reabsorvida nas épocas de escassez – tem fortes implicações potenciais no aparecimento e manutenção de um novo alfobre de indivíduos que por vocação se destacam dos demais ao nível da consciência e, através dela, afinam a lupa da percepção. O seu desaparecimento reduz consideravelmente a diversidade da percepção da espécie humana como um todo, limitando-a àqueles que sempre a tiveram ao seu dispor por condição de nascimento no seio de elites hereditárias. Perde-se um pensar diferente e adensa-se a hegemonia. Assim, o exercício do livre pensamento, a fisioterapia da percepção, que permite capacidades como ler nas entrelinhas dos conteúdos de informação, independentemente dos suportes, é potencialmente uma realidade naqueles que têm essa condição e somente um privilégio daqueles que têm a vocação, não se dissociando estes da necessária vitória na luta da crua subsistência. Em simultâneo, o “exercício do livre pensamento” por indivíduos da classe média torna-se decisivo para a sua manutenção, sendo mesmo um aspecto de autodefesa. Isso permite-lhes uma aproximação às classes de condição hereditária, começando a perder terreno quando cessa o período de abundância, característicos das sociedades excedentárias e com ele, “o suporte e mesmo o alento” dessa vocação.

Profalmada n.º 29, 2012, p. 11-13

¹ - Linguagem Camoniana (Lusíadas), mas coincidente com o simbolismo no Livro dos Mortos do Egipto ou ainda do Tibete.

² - A terceira vaga da teoria de Alvin Toffler. quer em termos geográficos, eliminando fronteiras de toda a espécie, quer nomeadamente as idiosincrasias da estrutura mental individual, estimulando a cifra dos indivíduos a partir de quase todas as formas mapeadas de personalidade.

A Raiz das Palavras

Prof. Paulo Eufrásio

1 - O Bom, o Bonito e o Feio

No grego clássico, que não era exatamente o que se fala hoje na Grécia, para exprimir a bondade das coisas e das pessoas, utilizava-se a palavra *agathós*, com o significado de bom. Já para signifi car a beleza das coisas, das pessoas e do mundo que nos rodeia, tinham a palavra *kallós*, correspondente à nossa ideia de belo/bonito. Finalmente, para exprimir o mau/feio, era usado o termo *kakós*.

Qualquer destes três vocábulos gregos nos aparecem, através do latim, na raiz de inúmeras palavras portuguesas, algumas ainda de uso comum, outras, porém, utilizadas apenas no discurso mais especializado. Então vejamos: Com raiz em *agathós* («bom»):

Ágata - Nome de mulher que significa «boa/bondosa». Também o nome **Águeda**, topónimo ou nome de mulher, tem a mesma origem e significado.

Ágape - Refeição de convívio que os primeiros cristãos faziam quando se juntavam para a oração, e que simbolizava o amor que os unia. Fora do contexto religioso, utiliza-se ainda para significar a refeição duma tertúlia de amigos. A mesma etimologia encontramos na palavra *agapanto*, nome de planta que significa «todo o amor», cujas flores vistosas, azuis ou brancas, se vulgarizaram no adorno dos nossos jardins. Já o nome *Agapito* era dado muitas vezes a um filho muito amado ou desejado.

Com raiz em *kallós* («bonito/belo»):

Caleidoscópio - Brinquedo que, por meio de espelhos, multiplica belas formações simétricas de imagens (*eidos* «forma» + *skopein* «ver»).

Califasia - Arte de falar com boa dição e elegância (*phásis* «palavra/declaração»)

Califonia - Voz agradável (*phoné* «som»)

Caligrafia - Beleza da letra na escrita à mão (*graphein* «escrever»)

Calistenia - A beleza da ginástica. À letra: beleza da força (*sthénos* «força»).

Calisto - Nome que é o superlativo de *kallós* (*kallistos*) e significa «muito bonito».

Calófilo - Planta que possui folhas bonitas para adorno (*phýllon* «folha»).

Calologia - Beleza de expressão; discurso elegante (*lógos* «discurso/tratado»).

Calótero - Animal com asas bonitas (*terón* «asa»)

Com raiz em *kakós* («mau/feio»):

Acácio - Nome de pessoa que significa sem (alfa privativo: *a-*) maldade. Boa pessoa.

Cacocolia - Bilis (*kollé*) má ou alterada.

Cacoépia - Má pronúncia (*épos*) duma palavra.

Cacoete – Mau costume/hábito (*éthos*). Tique.

Cacofagia – Ação de comer (*faguein*) alimentos repugnantes.

Cacófato – Consonância (*phatón*) desagradável, resultante da junção de duas palavras.

Cacofilia – Gosto/predileção (*fifififilia*) pelas coisas feias. Mau gosto.

Cacofonia – Som (*foné*) desagradável ou malsoante que resulta dos cacófatos.

Cacografia – Escrever (*graphein*) com incorreções ortográficas.

Cacolalia – Incorreção no falar (*lalein*) observável sobretudo em certas formas de demência.

Caconiquia – Malformação das unhas (*ónix*).

Cacopatia – Doença (*patheia*) má ou muito dolorosa.

Cacotanásia – Morte (*thánatos*) muito dolorosa. (O mesmo que *distanásia*, antônimo de *eutanásia*)

Cacotimia – Mau humor (*thumós*). Perturbação emocional.

Cacosmia – Perturbação do olfato (*osmé*) que leva a apreciar cheiros desagradáveis.

Cacotecnia – Arte (*tékhne*) sem qualidade ou de mau gosto.

Cacotriquia – Alteração da saúde dos cabelos (*thrix*).

Cacostomia – Mau hálito (*stóma* «boca»).

Profalmada, n.º 24, 2011, p. 13

2 - Os prefixos gregos *pan-/pant-*

São comuns na língua portuguesa – e em todas as outras que, pelo latim, beberam nas fontes gregas – as palavras começadas pelos prefixos *pan-/pant-* retirados da forma neutra do determinante indefinido grego *pas*, *pasa*, *pan/pantós* que, em português, traduzem a ideia de «tudo; todo; cada um; inteiro; completo...».

Um alerta, porém, se impõe. Não cairmos no equívoco de supor que todas as palavras começadas por *pan-/ pant-* incluem necessariamente, na sua composição, estes dois prefixos gregos. Não é verdade. Vejamos, a título de exemplo, alguns casos: + **Panarício**: [lat. *panaricium*] usado em vez do termo *paronychium* «ao lado da unha», donde deriva o nome da infecção *paroníquia* que significa o mesmo, em terminologia médica.

Pancada: [lat. *panca* «tranca; madeiro»]. Golpe com *panca*=*palanca*.

Panela: [do lat. *vulgarpannella*]. Diminutivo de *panna* «sertã».

Pânico: [do gr. *panikón*]. Eram os ruídos das montanhas e vales atribuídos ao deus *Pã*. 91

Pântano: Origem obscura, possivelmente de um primitivo dialeto italiano.

Pantufa: Origem obscura, tendo chegado ao português através do francês *pantoufle*.

No que respeita aos prefixos *pan-/pant-* encontramos-os em inúmeras palavras, de que apresento abaixo apenas umas tantas, mais comuns ou mais curiosas. Não sem antes chamar a atenção para o sufixo *pasón* (caso genitivo da forma feminina *pasa*) que aparece na formação da palavra *Diapasão*, da área vocabular da Música,

e que os dicionários definem como “Pequeno instrumento metálico que, posto em vibração, produz o som fixado como padrão para afinar vozes e instrumentos musicais”. O termo vem do correspondente vocábulo grego: *dia* «através de» + *pasón* «todas» (subentende-se *khordón* «cordas»).

Panaceia: Que cura [gr. *akéo* «curar»] tudo.

Pan-americanismo; Pan-germanismo; Panislamismo...: Doutrina política imperialista orientada para a hegemonia mundial dos respectivos povos.

Pancrácio: Que tem todo o poder [gr. *krátos*].

Pâncreas: Todo carne [gr. *kréas*]; devido à aparência carnosa desta glândula.+

Pandectas: Compilação [gr. *deksomai* «receber»] de todo o Direito Romano feita por Justiniano no ano 503.

Pandemia: Doença que ataca todos ou muitos indivíduos de um só povo [gr. *démos* «povo»].

Pandemónio: Lugar imaginário habitado por todos os demónios [gr. *dai-mónion* «génio do mal»].

Pandora: Personagem mitológica que possuiria uma caixa donde poderiam advir todos os males [gr. *dóron* «dom; oferenda»].

Panegírico: Discurso pronunciado perante todo o povo [gr. *agorá* «assembleia»]. Atualmente, discurso público para homenagear alguém.

Pânfago/Pantófago: Que come [gr. *faguein* «comer»] de tudo. Equivale ao vocábulo *omnívoro*, de formação latina.

Panfobia/Pantofobia: Medo [gr. *fóbos*] de tudo.

Pangeia: Toda a terra [gr. *gê*]. Hipotético supercontinente único que, por divisão ulterior, teria dado origem aos continentes actuais.

Panidrose: Sudação [gr. *idrosis*] em todo o corpo.

Panomia: Compilação de todas as leis [gr. *nómos*].

Panóplia: Armadura [gr. *óplon*] completa usada pelos hoplitas gregos e que constava de escudo, capacete, couraça, coxotes, espada e lança.

Panorama: Vista [gr. *orao*] de todo o conjunto.

Pansofia: Ciência/Sabedoria [gr. *sofia*] universal.

Panteão: Templo de todos os deuses [gr. *théos*].

Panteísmo: Doutrina que sustenta ser Deus [gr. *théos*] a totalidade do universo.

Panteonímia: Parte da onomatologia que trata de todos os nomes [gr. *onoma*] de plantas, animais, astros, etc.

Pantera: Completamente feroz [gr. *thér* «fera»].

Pantógrafo: Instrumento para desenhar [gr. *grafein*] a toda a escala.

Pantomima/Pantomina (Existem as duas grafias, mas a 1.^a é a mais correcta): Representação teatral em que tudo se faz por gestos ou mímica [gr. *mimé-omai* «imitar»].

3 - Homem/Ser Humano

O grego clássico dispõe de duas palavras distintas para HOMEM.

A primeira é *anér* - *andrós* [ἀνερ – ἀνδρός] com o significado de homem/varão/masculino, em oposição a “mulher”. Seria o termo utilizado pelos gregos numa frase do gênero “o meu primeiro filho é homem”.

Veremos como este elemento grego *andro-* entra na composição de um bom número de palavras portuguesas de uso frequente, de que destacaremos apenas alguns exemplos. Convém recordar que as palavras que etimologicamente derivam do grego (e do latim) são sempre compostas a partir do **caso genitivo, ou seja, nos exemplos propostos abaixo, a partir de *andrós* e não a partir de *anér*, que é o caso nominativo.**

A segunda palavra é *ánthropos* – *ánthropou* [ἄνθρωπος – ἀνθρώπου] que tem um significado genérico de ser **humano, ou seja, homens, mulheres, crianças, idosos...** Por exemplo na frase “o homem é um animal racional” os gregos utilizavam *ánthropos* e não *anér*. Foi precisamente nesta acepção que Protágoras (n.490 a.C.), o primeiro filósofo sofista grego, utilizou o conceito “homem” ao afirmar “O homem é a medida de todas as coisas”. Vinte séculos mais tarde, os humanistas do renascimento arvoraram esta sentença em princípio inspirador e orientador da nova cultura, voltada para o homem – antropocentrismo. Devido à sua ambivalência, este princípio de Protágoras confronta-se nos dias de hoje com as reservas dos que receiam uma moral situacionista que corra o risco de conduzir a um perigoso relativismo e subjectivismo de valores.

Filosofias à parte, vejamos alguns exemplos de palavras compostas a partir dos elementos gregos-*andro* - e *-ánthropo*, utilizados tanto como prefixo (o mais usual) ou como sufixo.

Alexandre: Defensor (*alecso*) dos homens

Androlatria: Culto (*latreia*) prestado a um homem

Androceu: Parte masculina de uma flor representada pelo conjunto dos seus estames

Androfagia: O mesmo que antropofagia

Androfilia: Simpatia (*filía*) pelo sexo masculino

Androfobia: Aversão (*fóbos*) pelo sexo masculino

Androginia: Que é homem e mulher (*guné*). Equivalente a **hermafroditismo**

Andróide: Figura com forma (*eidos*) humana

Andrologia: Estudo (*lógos*) das doenças do homem, sobretudo relativas ao foro sexual

Androma: Hipertrofia ou tumor no escroto

Andrómaca: Lutador (*mákhe*) enérgico/varonil

Andromaníaca: Mulher que sofre de ninfomania

Andropausa: Cessação (*paúomai*) da função sexual Masculina

Androrropia: Qualidade do indivíduo em que se evidenciam os caracteres do progenitor masculino

Ginandria: Pseudo-hermafroditismo da mulher (*guné*). Também se diz **ginantropia**

Leandro: Homem do povo (*leós*)

Nicandro: Vencedor (*nikáo*) dos homens

Antropiatria: Medicina (*iatreia*) aplicada aos homens

Antropofagia: Comer (*faguein*) carne humana

Antropofilia: O mesmo que androfilia

Antropofobia: O mesmo que androfobia

Antropoglossos: Que imita a língua (*glossa*) humana

Antropóide: O mesmo que androide

Antropolatria: O mesmo que androlatria

Antropólito: Corpo humano fossilizado (*litos: pedra*)

Antropologia: Ciência (*logos+ia*) sobre o homem

Antropomancia: Adivinhação (*manteia*) pela observação das entranhas de vítimas humanas

Antropomorfismo: Doutrina que atribui a Deus figura (*morfé*) ou qualidades humanas

Antropónimos: Nomes (*ónoma*) de homem/mulher

Antropopiteco: Macaco (*píthekos*) hipotético que representaria a transição entre os símios e o homem. O mesmo que **pitecantropo**

Antropoteísmo: Deificação (*théos*) do homem

Antropozoico: Período geológico correspondente ao aparecimento da vida (*zoé*) humana

Filantropo: Amigo (*fílos*) dos humanos (*Filantropia*)

Misantropo: O que tem aversão (*miséio: odiar*) aos homens (*Misantropia*)

Apoio bibliográfico:

António Freire, Helenismos Portugueses, Publicações da Faculdade de Filosofia, Braga (1984).

José Pedro Machado, Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, Livros Horizonte (1989).

Profalmada, n.º 26, 2011, p. 12

4 - Antropónimos de origem grega

Antroponímia(do gr. *ánthropos* «homem» + *ónoma* «nomes») é a divisão da linguística que estuda os antropónimos, ou seja, os nomes ou apelidos das pessoas, explicando a sua origem e evolução em função do local e da época.

94 O uso do nome entre os humanos é tão antigo como o próprio homem, dado que este sentiu, desde os alvores da sua consciência, a necessidade de identificar os indivíduos pelo seu nome, assim como o próprio indivíduo precisou de se identificar como um eu diferente do outro.

Como diz José Saramago (*Levantado do chão*) «sem o nome que temos, não saberíamos quem somos». Inicialmente começou a usar-se um único nome, que tinha sempre uma significação especial, relacionada quase sempre com as circunstâncias de nascimento da pessoa, não sendo portanto hereditário. Daqui resultava inevitavelmente a confusão de surgirem muitos indivíduos com o mesmo nome. Surge então a necessidade de juntar, ao nome de cada indivíduo, o do respectivo pai, no genitivo

ou precedido de «filho de». Assim acontecia não apenas entre os gregos e romanos, mas também nos povos semitas do Médio Oriente como no hebraico/aramaico, antepondo os prefixos Bar ou Ben, ou nas línguas árabes, antepondo os prefixos Ben ou Ibn. Noutras línguas mais recentes acrescentam-se sufixos ao nome do pai, como escu/esco no romeno (Lupesco «filho de Lupo»), son nas línguas anglo saxónicas (Johnson «filho de John»), ou, no russo e polaco vicz/vitch para homens e ovna para mulheres, como em Alexandrovitch ou Petrovna, filho de Alexandre e filha de Pedro, respectivamente.

Reportando-nos então ao título em epígrafe, pesquisámos, e expomos no quadro abaixo, alguns antropónimos formados a partir de raiz grega, sendo que, como sempre acontece, uns são de uso mais comum, enquanto outros nem tanto.

- Acácio**- kakós «mau». Que não tem maldade
Agapito- agapetos «amável»
Ágata- agathós «bom». Que é boa/bondosa
Alexandre- alexo «defensor» dos homens
Alípio- lype «tristeza». Que não é triste
Aniceto- nikáo «vencer». Invencível
Aristóteles - áristoi «os melhores» + teléo. «aperfeiçoar» Formador de nobres
Atanásio - thánatos «morte». Imortal
Calixto-kállistos «muito belo». Formosíssimo
Crisóstomo- krusós «de ouro» + stóma «boca». Boca de ouro. Muito eloquente
Cristina/Cristiana-khrío «ungir». Ungida/Cristã
Cristo- khrío «ungir». Ungido/Messias
Demócrito - démos «povo+ krités «juiz». Juiz do povo
Doroteia- dóron «dom» + théa«deusa». Dom da deusa
Eleutério - eléutheros «livre». Liberto
Euclides- eukléides «boa glória». Glorioso
Eufémia- fême «fama». Boa fama. Famosa
Eugénio(a)-guénos «origem». Bem nascido(a)
Eulália - laléo«falar». Que fala bem
Eunice - níke «vitória». Boa vencedora. Vitoriosa
Eusébio-sébein «respeitar».Respeitador/Piedoso
Filipe-filos «amigo» (de) íppos «cavalos»
Filomena - filos «amiga/amada»
Heliodoro- élios «sol» + dóron «dom» (do sol)
Hipólito- íppos «cavalos» + lúo «desfazer». Desfeito pelos cavalos
Isídoro (Isidro)- dóron «dom» (da deusa Isis)
Jerónimo- ierós «sagrado» + ónomos «nome». Nome sagrado
Jorge- g(u)é «terra» (Lat: Georgius). Agricultor
Leandro- laós «povo»+ánthros «homem». Homem do povo
Melânia- mélan «negro». Negra
Nicodemos-nikáo «vencer»+démos «povo». Vencedor do povo
Nicolau-nikáo «vencer»+laós «povo». Vencedor do povo

Policarpo- *polús* «muito» + *kárpos* «fruto»

Sofia- *sofía* «sabedoria» **Teodoro-** *théos* «deus» + *dóron* «dom»

Teodósio- *théos* «deus» + *dósis* «dádiva»

Teófilo- *théos* «deus» + *filos* «amado»

Timóteo- *timáo* «honrar» + *théos* «deus». *Que honra Deus*

Profalmada, n.º 27, 2012, p 9

5 - O Muito e o Pouco

Em qualquer bom dicionário de Português, podemos verificar que passam de uma centena as entradas começadas pelo prefixo **multi-** (elemento de formação de palavras que exprime a ideia de «muito» e que tem origem no advérbio latino *multus*. Encontramos assim palavras que utilizamos, lemos e ouvimos vulgarmente no nosso acto de comunicar, tais como: multibanco, multicolor, multicultural, multidão, multidisciplinar, multiforme, multilateral, multiplicação, múltiplice, multirracial, multiusos... Mas também ao grego clássico se foi buscar o elemento de formação de palavras **poli-**, que exprime a mesma ideia de «vários», «grande número», «muitos». [Não confundir com *polis*, *póleos*, que significa «cidade», como em *metrópole* «cidade-mãe»]. Como antónimo, temos o elemento de formação de palavras **oligo-**, que exprime a ideia de «pouco», «pequena quantidade», e que surge sobretudo em termos científicos da área da medicina.

Listamos a seguir alguns dos numerosos termos formados a partir do advérbio grego de quantidade **polys** «muito»:

Poliandria: situação de uma mulher que tem *vários* maridos (*anthrós* «homem»).

Poliarquia: governo (*arkhé*) de *muitos* [oposto a monarquia e oligarquia].

Policarpo: que produz *muitos* frutos (*kárpos*).

Policéfalo: que tem *muitas* cabeças (*képhalos*).

Policlínica: clínica (*klíne*) em que se tratam *várias* doenças.

Policromia/Polícromo: com *multiplicidade* de cores (*khrómos*).

Polidipsia: sensação de *muita* sede (*dipsa*).

Poliergia/Poliérgico: capacidade para exercer *muitas* e variadas actividades (*érgon* «trabalho»). **Polifonia:** simultaneidade de *vários* sons (*phónos*).

Polífono: Diz-se das letras que representam *vários* sons. [Em português, a, e, o, x... são letras polífonas.]

Poligamia/Polígamo: casamento (*gamos*) simultâneo com *várias* pessoas.

Poliglota: que fala *muitas* línguas (*glossa*).

Polígono: figura geométrica com *muitos* ângulos (*gonia*).

Polígrafia/Polígrafo: que escreve (*grapho*) *muito* (livros, etc.).

Polimatia/ Polímato: conhecimento (*manthano*) de *muitas* ciências.

Polímero: composto químico que resulta da união de *várias* células.

Polimialgia: dor (*algós*) em *diversos* músculos (*myós*).

Polimorfia/Polimórfico/Polimorfo: que apresenta *várias* formas (*morphé*).
Multiforme. **Poliorexia:** *muito* apetite (*orégomai*). Oposto de anorexia.

Pólipo: de *muitos pés (pous)*.

Políptico: retábulo de pintura composto de *vários painéis (ptyx «dobra,prega»)*.

Politeísta: o que admite *vários deuses (théos)*.

Poliúria: *grande quantidade* de secreção urinária (*ouíron*).

Também o advérbio grego de quantidade **óligos** «pouco/deficiente» entra como elemento de formação de um bom número de termos científicos utilizados sobretudo na medicina:

Oligidria: *deficiente* secreção de suor (*idrós*).

Oligocarpo: que produz *poucos* frutos (*karpós*).

Oligocolia: secreção *deficiente* de bilis (*kholê*).

Oligocopia: obstipação. Prisão de ventre (*kópros «feses»*).

Oligocracia: governo (*krátos*) exercido por *poucos*.

Oligócrono: efêmero. De *pouca* duração (*krónos «tempo»*).

Oligodacria: *deficiente* secreção lacrimal (*dácrupon*).

Oligodipsia: *falta* anormal de sensação de sede (*dipsa*).

Oligofrenia/Oligofrénico: atraso/*deficiência* mental (*phrén*).

Oligopepsia: digestão (*pépto*) *deficiente*/lenta.

Oligopneia: respiração (*pnéo*) *deficiente*.

Oligosialia: secreção *deficiente* de saliva (*sialon*).

Oligosideremia: *deficiência* de ferro (*síderos*) no sangue (*aima*).

Oligospermia: *deficiente* secreção seminal (*spérma*).

Oligótrico: de *pouco* cabelo (*thrix*).

Oligotrofia/Oligotrófico: *deficiente* nutrição (*trépho*). De *pouco* alimento.

Oligúria: *deficiente* secreção urinária (*ouíron*).

Profalmada n.º 28, 2012, p 15

Animais: uma questão de ética *Canil da Aroeira*

Prof.^a Maria João Casanova de Matos

Não me interessa nenhuma religião cujos princípios não melhorem nem tomem em consideração as condições dos animais.

Abraham Lincoln

97

Contra ventos e marés, o canil da Aroeira luta diariamente com a tarefa – e o sonho – de melhorar as condições dos animais. Aliás, o lema do canil é mesmo: «O possível faz-se. O impossível demora mais tempo.» O canil deveria ser sempre o último recurso para o animal, em caso de necessidade, um lugar de passagem.

O canil da Aroeira pertence atualmente à AAA – Associação *Os Amigos dos Animais de Almada*. Não é um espaço próprio, mas, pelo facto de o canil

já lá estar há muitos anos (cerca de trinta), a lei permite a sua ocupação. Por isso, as melhorias que ali se fazem não podem deixar de ser provisórias, e bastante rudimentares, apesar do esforço que elas implicam. Só com um espaço novo, legalizado, será possível construir um canil de raiz, de acordo com as normas europeias. Tal só será possível com o apoio da Câmara Municipal de Almada.

Aí encontram abrigo mais de 250 cães, que, a cargo dos tratadores contratados e dos voluntários, diariamente recebem cuidados básicos: limpeza dos espaços, reposição de comida e mudança da água. Falta ainda dar a todos os animais a possibilidade de diariamente saírem para o recreio, correr e apanhar sol. Por enquanto, isso só é possível, para todos, ao fim de semana, e, diariamente, para alguns privilegiados, como os da “enfermaria”.

Sobretudo ao fim de semana, com a ajuda dos voluntários, atende-se a necessidades mais específicas, como lavar os comedouros, colocar agasalhos, dar banho, soltar os cães ou levá-los a passear... Diariamente, uma voluntária responsável pela “enfermaria” dá a medicação aos animais doentes e acode às necessidades que se façam sentir. O canil possui também um serviço de tosquia, aberto ao público.

O canil sobrevive com o apoio de muitas pessoas que se preocupam com os animais: sócios, voluntários, donativos, e com o apoio de algumas instituições... Por exemplo, o JUMBO permite a recolha regular de alimentos; a BAYER contribui com uma parte de medicamentos doados, equivalente àqueles que se compram; a ANIMALIFE colabora por vezes com campanhas de vacinação...

A nível estatal, a C.M.A. oferece a esterilização das cadelas. Para outros cuidados, o canil conta com o apoio de duas clínicas veterinárias, com boa vontade e preços mais acessíveis. A política do canil é sempre salvar o animal, a menos que, visivelmente, o animal já não tenha qualidade de vida...

Os animais podem ser vistos virtualmente, no sítio da *internet* ou, para um contacto direto com os animais, no próprio local, ao fim de semana, altura em que é permitida a entrada de pessoas estranhas no canil. A adoção só é permitida quando se verifica que quem quer adotar possui os requisitos necessários para o efeito. Após o animal ser adotado, a coordenadora do canil continua a fazer o acompanhamento, até se verificar que a situação do animal é estável e satisfatória.

98

Alimentar cerca de 250 animais, diariamente, é obra! Fora tudo o resto. Toda a ajuda é bem-vinda. Pode-se ajudar: tornando-se sócio (quota mínima de mensais); Através de donativos (dinheiro, comida, agasalhos, medicamentos...); Recorrendo ao serviço de tosquia; Tornando-se voluntário (para tratar dos animais ou para arranjos no recinto); Adotando um animal... O contacto com os animais é muito gratificante. É uma excelente terapia, adequada a todas as idades. Por um pequeno gesto da nossa parte, os animais retribuem com todo o seu amor. E isso não tem preço!

Duas histórias

A Mia foi recolhida no canil, ainda em bebé, depois de cruelmente lhe terem cortado as orelhas a sangue frio... Tem um porte nobre e é muito meiga. Espera agora por um dono que a compense dos maus tratos sofridos...* A Xana melhorou muito a sua qualidade de vida desde que entrou para o canil. Estava presa com uma trela numa pequena marquise exposta ao sol, com falta de água e comida, e nunca a levavam à rua. Tinha um enorme tumor rebentado na barriga, e vários tumores internos.* Operaram-lhe os tumores e foi esterilizada. No canil, recebeu tudo aquilo que lhe faltava: espaço para se mover, comida, água, cuidados médicos e muita atenção das voluntárias de serviço na “enfermaria”... É meiga, alegre, comilona e brincalhona. No canil, cada cão tem a sua história. E elas não abonam a favor do nosso povo. Por isso, fazemos nossas as palavras de Mahatma Ghandi: O desenvolvimento cultural de um povo mede-se pela forma como trata os seus animais.

Profalmada, n.º 29, 2012, p. 14-15

+351 962 103 050 (só para receber mensagens)

Direitos Humanos e Cidadania

Ernesto Fernandes (coord)

Nos últimos anos, o *Profalmada* – Boletim da Associação de Professores do Concelho de Almada integra no dossiê temático uma rubrica sobre **Instrumentos Básicos de Direitos Humanos**.

Trata-se de uma decisão editorial, assegurada pelo coordenador do Boletim, que revela a centralidade da formação cívica para que a educação se realize na tridimensionalidade científico-técnica (*verdade*), estético-expressiva (*belo*) e ético-política (*bem*).

De facto, a propalada crise dos valores é apenas uma dimensão da *omnicrise* (global e transversal a todas as gerações). De facto, não é apenas uma questão da crise da juventude. Nesta perspetiva, a **Declaração Universal dos Direitos Humanos** (ONU, 1948) é o instrumento referencial para uma cultura humanista, ancorada na *dignidade humana* contra a *barbárie* da II Guerra Mundial. Os direitos humanos são uma construção sócio-histórica com expressão política desde a Revolução Francesa. Por isso, **os direitos humanos não são naturais, não são universais, não são irreversíveis**. A demonstração é evidente como se observa na geografia da fome, do desemprego, dos refugiados, da ditadura ou das discriminações de género, etnia, religião ou orientação sexual à escala universal, sem exceção para o Ocidente, pioneiro da institucionalização do Estado de direito democrático.

Paulatinamente, afirma-se a consciência sobre a interdependência ou a

indivisibilidade dos direitos humanos (individuais, sócio-económicos e culturais).

Neste sentido, os Boletins de 2011 e 2012 destacaram os seguintes Instrumentos Básicos de Direitos Humanos, que apenas enunciamos:

- **V Conferência Internacional sobre Educação de Adultos** (UNESCO, 1977), *Profalmada*, n.º 24, março de 2011;
- **Legislação Portuguesa sobre Formação Contínua**, *Profalmada*, n.º 25, junho de 2011;
- **Legislação Portuguesa sobre Trabalho Infantil**, *Profalmada*, n.º 26, outubro de 2011;
- **Convenção dos Direitos da Criança**, *Profalmada*, n.º 27, março de 2012;
- **Constituição da República Portuguesa**, *Profalmada*, n.º 28, julho de 2012;
- **Convenção dos Direitos da Criança**, *Profalmada*, n.º 29, outubro de 2012.

Sabemos bem que a *lei* (internacional, europeia ou nacional) não chega para mudar o mundo. Sabemos também que a *lei* sobre os direitos e deveres humanos é um avanço sócio-histórico para a defesa da democracia. Ignorar ou menosprezar estes instrumentos retira-nos poder de argumentação, poder de reivindicação, poder de indignação, poder negocial e poder em sede judicial, até nas instâncias internacionais.

Considerando que a informação-conhecimento é uma dimensão crucial da educação, sejamos, como educadores e professores, exigentes, particularmente pelo testemunho, referência dos nossos alunos, da escola como comunidade educativa em articulação com os poderes públicos e instituições da sociedade civil.

Para nosso sofrimento, ainda há tanto por caminhar: o desejável obrigamos a prosseguir pelo possível com *paciente persistência*, como disse Paulo Freire, em *Educação na Cidade* (1991).

Livros pela Educação

Ernesto Fernandes (coord)

• JUSTINO, David (2010) - *Difícil É Educá-los*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos.

O autor é doutorado em Sociologia, professor da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e desempenhou o cargo de Ministro da Educação (2002-2004). O presente estudo tem por propósito atualizar a obra coordenada por Roberto Carneiro sob o título *O Futuro da*

Educação em Portugal – Tendências e Oportunidades, Lisboa, ME-DAPP, 2000. David Justino centra o ensaio em a revelação do atraso educativo, segundo a questão: como encontrar o equilíbrio adequado entre mais educação, melhor educação e maior equidade social? Por outras palavras, pretende-se saber qual a combinação mais favorável daqueles três contributos à prossecução de objetivos de desenvolvimento económico, social e cultural de uma sociedade (p. 21-22). Depois de recolocar o problema dos objetivos do ensino e do papel do Estado, o autor aborda nos dois últimos capítulos: Será a educação irreformável? (p.121- 126) e A educação, o futuro e o país (p. 127-129). Conclui: Não teria de ser assim (tão ineficiente, desorganizada e atrasada quanto o é o país), mas apenas o deixará de ser se nos convenceremos de que só nos resta a alternativa de construir um outro futuro (p. 129). Dado o cunho sociológico do ensaio, a análise comparativa com os países em que o desígnio político do ensino criou o Estado Educador é transversal. A formação inicial e contínua dos educadores-professores é fundamental para construir um outro futuro em que seja possível a articulação entre cidadania democrática e cidadania da informação conhecimento.

• OOM, Ana; SERRA, Sandra – ilustrações; PUPO, Inês e PRATAS, Gonçalo – letra e música (2010)

– *Portugal 10 Séculos/Histórias*, Lisboa, Expresso. Esta coleção, traduzida em 10 Livros/CD baseados em 10 episódios marcantes da História de Portugal, apresenta textos repletos de aventura, batalhas, conquistas e alguma fantasia, indo ao encontro do imaginário dos mais pequenos, em relação não imediata com os manuais escolares. Cada Livro/CD em seu tema: 1. Século XII – Nasce uma nação; 2. Século XIII – Portugal total; 3. Século XIV – Em Aljubarrota não há derrotal; 4. Século XV – Não dêem cabo da esperança!; 5. Século XVI – Que grande epopeia!; 6. Século XVII – Restauração, enfim!; 7. Século XVIII – Lisboa em ruínas; 8. Século XIX – Um rei, dois reinos; 9. Século XX – Viva a República!; Século XXI – Chegou o euro!. Educação para a identidade nacional, campo complexo para a construção da identidade pessoal e social das crianças e jovens.

• SANTOS, José Rodrigues (2006) – *A Fórmula de Deus* (romance), Lisboa, Gradiva (25.^a ed: Dezembro de 2010).

Romance ou Ensaio? São ideias-chave: universo, vida, morte, deus, religiões, ciências (física, matemática, biologia e química). Esta obra para o Secundário pode ser interessante. Tenho conhecimento de uma Escola que o selecionou. Dada a sensibilidade/complexidade da matéria, é uma obra que se recomenda para um trabalho interdisciplinar português-filosofia-física. É necessário atender que deus é uma questão existencial (imortalidade/agnosticismo/ ateísmo), fundamental na construção da personalidade do jovem-adolescente. No final do romance, pode ler-se: No fim do silêncio está a resposta, // No fim dos nossos dias está a morte, // No fim da nossa vida, um novo início. (p.567). Segundo António Damásio (neurocientista e

professor), a arte e a religião são sistemas de cancelamento da dor, daí a sua asserção Deus é uma magnífica criação do cérebro humano (cf. Rev. "Única" – Expresso, entrevista de Clara Ferreira Alves, 30.10.2010, p. 20-25).

• UNESCO (1996) – *Educação: um tesouro a descobrir*, Lisboa, Edições ASA, 1996 (2.^a ed.).

Este Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI recomenda-se como leitura-estudo necessário, particularmente para os profissionais da educação e famílias. O valor desta obra sustenta-se numa análise comparativa a nível mundial e nas perspetivas que desenvolve sobre a educação como campo transversal (formal e não formal) da educação para a humanização e democratização da sociedade através de uma cultura de aprendizagem ao longo de toda a vida. No campo da formação contínua para a inovação pluridimensional da Escola, são de leitura-estudo gratificante: Capítulo 5 – Educação ao longo de toda a vida ou a educação no coração da sociedade (p. 89-101); Capítulo 7 – Os professores em busca de novas perspetivas ou ensinar, uma arte e uma ciência (p. 131-144).

Profalmada, n.º 24, 2011, p. 11-12

• FERNANDES, Ernesto e PRADA, Edite (coord), *Memórias e Futuro*, Vol. 2 (2009 - 2010), Revista da Associação de Professores do Concelho de Almada e da Universidade Sénior de Almada, Almada, Apcalmada, 2011, 256 páginas.

A publicação de uma revista é um dos pontos, ou objetivos, explicitados quer no estatuto editorial do Profalmada, quer no do Correio da Usalma. Dando cumprimento a esse propósito, desde cedo registado, foi publicado, em 2009, o primeiro número da revista Memórias e Futuro, de que acaba de ser publicado o segundo volume.

Como no primeiro, houve, neste número, a preocupação de registar e compilar os textos de autor publicados quer no Correio da Usalma, quer no Profalmada.

É trabalho duplicado, dir-se-á. Não é esse o entendimento da equipa editorial cujo coordenador máximo é o nosso presidente, Jerónimo de Matos. Uma revista, pelo seu ar de perenidade e pela associação temática dos textos, reveste-se de uma dignidade e de uma representatividade que ultrapassam a de cada um dos Boletins, por natureza mais voláteis. Além disso, um índice temático permite identificar os diversos textos a que se associa o nome dos respetivos autores. Também foram mantidos os títulos, o que facilita a pesquisa para todos aqueles que, autores, se queiram rever no trabalho publicado.

O que encontramos, afinal, neste segundo número da revista? Antes de mais, e logo na capa, como aconteceu no primeiro volume, procede-se à divulgação de um quadro de um pintor da nossa Associação e da nossa cidade, desta vez Francisco Bronze.

Regista-se o trabalho diligente e a capacidade estético-expressiva (capa, conceção gráfica e paginação) de Joaquim Ribeiro, sócio da Apcalmada e estudante da USALMA. No seu interior, privilegiou-se, desta vez, uma organização temática.

Assim, numa primeira parte, Artigos e outros escritos, estão reunidos, ao longo de cem páginas, os artigos, ou outro tipo de textos, em que se reflete ou teoriza sobre temáticas que interessam à sociedade em geral ou, muitas vezes, à comunidade educativa, encarada na sua globalidade, ou orientadas para a aprendizagem ao longo da vida.

Com uma clara evidência para a comunidade educativa surge a segunda parte, Práticas em reflexão, em cujas setenta páginas se relatam experiências de professores e formadores que, todos os dias, nas escolas, ou na USALMA, continuam a dar o seu melhor e a crescer.

Se os nossos investigadores e executores veem o seu esforço assinalado nesta Revista, também os nossos escritores, que nos vão deleitando com as suas criações em prosa ou em verso, têm voz, na terceira parte, Poesia e escrita criativa da USALMA, ocupando vinte páginas.

Convictos de que é um imperativo cívico da Apcalmada devolver à Cidade, de modo sistemático, através da Revista, o seu projeto associativo, a quarta parte da Revista apresenta de forma sintética - em quinze páginas - mas sistemática, os eventos socioculturais promovidos e os projetos em que a APCA se envolve: Voluntariado: uma palavra, um alento; Equipamentos; Projeto editorial e publicações.

Mantendo a certeza de que a publicação da revista é a melhor forma de preservar a memória de quem somos, cimentando, assim, o futuro, na quinta parte, A APCA-USALMA na Imprensa, registam-se, facsimiladas, notícias publicadas na Comunicação Social.

As parcerias e protocolos, em referência singela, mas significativa, preenchem a sexta parte. Nos Anexos, registam-se, em trinta páginas, os normativos da APCA e da USALMA, alguns em fase de revisão: Estatutos da APCA, Regulamento da Universidade Sénior de Almada, Regulamento do Conselho Científico, Regulamento do Conselho Pedagógico e Regulamento da Assembleia do Conselho de Delegados. Tal como aconteceu com o primeiro, o segundo volume de Memórias e futuro será um cartão de visita que a todos honra e dignifica e que pode ser exibido em qualquer espaço, sem pôr em causa o bom nome da Instituição.

Dos leitores do Profalmada espera-se o apoio a que nos habituaram na divulgação da Revista que é de todos e que a todos dignifica.

Ernesto Fernandes e Edite Prada(coord.) Coordenadores. Profalmada, 26, 2011, p. 10

• LOPES, João Marques (2011) – Biografia – José Saramago, Lisboa, Guerra e Paz, Editores, 176 páginas. José Saramago (1922-2010), o único Prémio Nobel da Literatura em português (1998), é uma persona pública fascinante

a que alguns, talvez com razão, chamaram de reservada e outros, sem razão nenhuma, de arrogante. São palavras de João Tordo (Prémio Literário José Saramago, 2009), no Prefácio. E acrescenta: Poderia dizer-se, aliás, em relação a este livro, o mesmo que Saramago disse do jogo de cartas que logrou vencer no computador: 'É uma coisa bonita' (cf. p.11-12).

As suas cinzas, passado um ano da sua morte em 18 de Junho de 2010, são guardadas num jardim-panteão em frente à Fundação José Saramago na Casa dos Bicos, em Lisboa, assinaladas em lápide com uma frase retirada de Memorial do Convento (1982): Mas não subiu para as estrelas, se à terra pertencia. No caso de Saramago, houve lugar ao reconhecimento crítico da obra e da pessoa, em tempo da sua vida.

Contudo, para o orgulho nacional, transcreve-se o testemunho do mítico crítico literário norte-americano Harol Blom: Prefiro vê-lo como o escritor que deixou ao menos oito romances de grande qualidade. Trata-se de feito raro. No meu país, creio que Philip Roth tem, por enquanto, duas obras incomparáveis, assim como outros nomes talentosos: Thomas Pynchon também tem dois livros memoráveis, enquanto Don DeLillo e Cormac McCarthy despontam com apenas um cada. Volto a dizer, isso é notável (cf. p.155).

Em Obras de José Saramago, apenas mencionadas as principais, João Marques Lopes identifica trinta e oito, entre Terra do Pecado, 1947 e Caim, 2009 (cf. p.173-174). Esta referência é, de modo extensivo, trabalhada em Cronologia (cf. p.157-172).

Em lenta superação da iliteracia académica e cívica, animada pela democracia de Abril, José Saramago institui-se como cidadão da Azinhaga – Golegã e cidadão do Mundo. Um exemplo de que outro mundo é possível, quando um homem autodidata se (nos) escreve em Levantado do Chão (1980).

Porque a contextualização dos autores (escritores, cientistas, artistas) é fundamental, esta Biografia revela-se de qualidade para o Ensino do Português e a reconstrução da identidade cultural do nosso país.

Profalmada, n.º 26, 2011, p. 10-11

• CALADO, Jorge (2011) – *Haja Luz – Uma História da Química Através de Tudo*, Lisboa, IST Press, 611 págs.

O autor, professor catedrático (aposentado) de Química e Física do Instituto Superior Técnico (IST) trabalha a Química desenhando um percurso que cruza áreas múltiplas como a música, a pintura, o cinema, a literatura, a história, a matemática ou a biologia. Uma obra que mereceu de Roald Hoffman, Prémio Nobel da Química, o seguinte comentário: Ninguém, se não o Jorge Calado, poderia ter criado um livro tão sedutor e tão ricamente ilustrado. Porque nenhum outro cientista ou historiador do nosso tempo seria capaz de se dedicar à tarefa com as paixões combinadas de Calado – a sua paixão pela ciência, sem dúvida, mas também as paixões pelas imagens e pelas palavras, pelo detalhe pessoal e pelo toque operático. O que distingue esta digressão fascinante através da Química (e das outras ciências) são as ligações à cultura

(cf. Virgílio Azevedo, *A Química de Tudo*, in *Atual - Expresso*, 23.12.2011, p.24-25). Eis uma leitura da Química que privilegia a multidisciplinaridade como perspectiva da ciência e pilar da educação.

• DIAS, Jorge (1985) - *Os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda (miniformato, 59 págs.).

O ensaio de Jorge Dias (1950), tão insuficientemente divulgado, representa uma matriz sobre as características essenciais da cultura de Portugal, não em sentido clássico, mas antropológico.

António Jorge Dias (1907-1973), etnólogo, licenciado em Filologia Germânica pela Universidade de Coimbra, leitor de Português na Alemanha. Doutorou-se em Munique. Foi professor do ensino universitário em Coimbra e depois em Lisboa, onde criou o Centro de Estudos de Antropologia Cultural. É recorrente, particularmente em épocas de turbulência nacional, colocar a questão: o que define os portugueses na sua história quase milenar?

Sobre este ensaio de Jorge Dias, apresentado no I Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros realizado em Washington, em 1950, transcrevem-se certas palavras:

Quando nos referimos à cultura de um povo civilizado, formado por um conjunto de áreas culturais distintas e de classes estratificadas, não nos podemos necessariamente deter nas formas e instituições, e temos antes de lhe procurar o conteúdo espiritual (p.7); Portugal, porém, apresenta uma curiosa particularidade de unificação. Embora a origem da Nação se deva também à política, à vontade de um príncipe, que naturalmente se aproveitou de certas aspirações de independência latentes nas populações de Entre Douro e Minho, a unificação e a permanência da Nação deve-se ao mar. Foi a grande força atractiva do Atlântico que amontoou no Litoral a maior densidade da população portuguesa do Norte, criando como que um vácuo para o interior. Desde Caminha a Lisboa estabeleceram-se inúmeras amarras que defenderam Portugal da força centrípeta de Castela. Mas foi sobretudo o estuário do Tejo, esse forte abraço do mar com a terra, que definitivamente presidiu aos destinos de Portugal (p.9-10).

São constantes culturais (...) que a história nos fornece em função da sua 'personalidade-base', nomeadamente: - O Português é um misto de sonhador e de homem de acção, ou, melhor, é um sonhador activo, a que não falta um certo fundo prático e realista (p.24);

- O Português tem vivo sentimento da natureza e um fundo poético e contemplativo estático diferente dos outros povos latinos. Falta-lhe também a exuberância e a alegria espontânea e ruidosa dos povos mediterrâneos. É mais inibido que os outros meridionais pelo grande sentimento do ridículo e medo da opinião alheia; a mentalidade complexa que resulta da combinação de factores diferentes e, às vezes, opostos dá lugar a um estado de alma 'sui generis' que o Português denomina saudade. Esta saudade é um estranho sentimento de ansiedade que parece resultar de três tipos mentais distintos:

o lírico sonhador – mais aparentado com o temperamento céltico –, o fáustico de tipo germânico e o fatalístico de tipo oriental (p.26);

- Além disso, o desprezo pelo interesse mesquinho e o gosto pela ostentação e pelo luxo nunca nos permitiram o aproveitamento eficaz das grandes fontes de riqueza exploradas. Os tesouros passavam pelas nossas mãos e iam-se acumular nos povos mais práticos e bem dotados para capitalizar, como os Holandeses e os Ingleses. Soubemos traficar, mas faltou-nos sempre o sentido capitalista (p.31);

- Outra constante da cultura portuguesa é o profundo sentido humano, que assenta no temperamento afectivo, amoroso e bondoso. Para o Português o coração é a medida de todas as coisas (p.34);

- Contudo, o Português não é fraco nem covarde. Detesta as soluções trágicas e não é vingativo, mas o seu temperamento brioso leva-o com excessiva frequência a terríveis lutas sangrentas. Quando o ferem na sua sensibilidade e se sente ultrajado, ou perante um ponto de honra, é capaz de reacções de extraordinária violência (p.27);

- O espírito Português é avesso às grandes abstracções, às grandes ideias que ultrapassam o sentido humano. A prova disso está na falta de grandes filósofos e de grandes místicos (...). Foi no clima de exaltação dos descobrimentos marítimos que os elementos psíquicos díspares da população portuguesa se fundiram e alcançaram as suas expressões mais elevadas. O Atlântico atraía sempre com a sua magia um certo fundo sonhador e vago das populações costeiras, enquanto as do interior se agarravam à solidez do solo conquistado (p.39-40);

- De facto, o Português tem um forte sentimento de individualismo, que não se deve confundir com o de personalidade. Enquanto a personalidade anglosaxónica ou germânica não colide geralmente com os interesses sociais e só preza a sua liberdade íntima, o Português, da mesma maneira que o Espanhol, tem uma forte ânsia de liberdade individual, que muitas vezes é anti-social (p.47);

- Um dos aspectos maus e muito correntes é a crença na sorte: ‘fulano tem sorte’ e ‘eu não tenho sorte’ servem para diminuir as qualidades dos outros e justificar a própria incapacidade. A imaginação sonhadora, a antipatia pela limitação que a razão impõe e a crença milagreira levam-no com frequência a situações perigosas, de que se salva pela invulgar capacidade de improvisação de que é dotado (p.51-52).

Em conclusão: É um povo paradoxal e difícil de governar. Os seus defeitos podem ser as suas virtudes e as suas virtudes os seus defeitos, conforme a égide do momento (p.56).

Eis um breve ensaio no campo da Antropologia Cultural que, condensando a vastidão e a complexidade da informação sócio-histórica portuguesa, em análise comparativa com outras culturas do Mundo, se nos oferece de alto valor científico-didático para a compreensão e reconstrução da persona-

lidade-base da nação em sua força atractiva do Atlântico. Assim seja, para nós, educadores-professores, uma referência bibliográfica, particularmente para o ensino secundário no campo da Língua e Cultura Portuguesa e das Ciências Sociais.

Profalmada, n.º 27, 2012, p. 10-11

• GRESH, Alain et al. (dir.) [2003] – *Atlas da Globalização Le Monde Diplomatique*, Lisboa, Campo da Comunicação.

A produção de atlas, desde o século XVI, representa uma coletânea de mapas, estampas e gráficos que permite, em particular, *ler o planeta, apreender no xadrez do mundo, com uma simples olhadela, as relações de forças políticas ou militares, as rivalidades de fronteiras, as ambições territoriais, os desafios económicos, as expansões linguísticas ou religiosas, a localização das riquezas ou as deslocamentos das populações* (p.5).

Da obra em apreço, sob a designação geral de *Globalização e Fraturas*, destacamos os capítulos centrados na problemática da natureza e do ambiente. Assim, em *Um mundo planetário* (p.18-33), assinalamos, nomeadamente: *A repartição desigual dos recursos naturais* (agrícolas, florestais, hídricos, energéticos ou minerais); *Os fluxos do comércio internacional*; *Na esfera da especulação* e *A impenetrável esfera do mundo financeiro*. Em *Um ambiente mortificado* (p.56-65), evidenciamos, mormente: *'Metropolização' do planeta*; *O que significa o efeito de estufa*; *Doenças duma economia enlouquecida* e *Catástrofes do passado e do futuro*.

Eis um livro de referência didáctica pela qualidade dos textos sucintos e da representação gráfica de *o rosto do mundo na sua geopolítica do caos unipolar*, no contexto da queda do Muro de Berlim (1989) e do desaparecimento da União Soviética (1991).

• REEVES, Hubert (1990) – *Malicorne. Reflexões de um observador da natureza* (original em francês, 1990), Lisboa, Gradiva.

O autor dedica o seu livro *Aos enamorados da ciência e da poesia*, entre 15 000 milhões de anos de e 2 milhões de anos de . Uma evolução em dialéctica entre o pólo da *necessidade* e o pólo do *acaso*, em *expansão e crescimento da complexidade* (p.103). Neste contexto, o autor considera o homem como o *artesão do oitavo dia* (p.131-141) e convoca-nos: *Só uma sociedade regida por leis flexíveis e pouco constrangedoras pode assegurar no mesmo passo a organização da vida e o surgimento da criatividade* (p.156).

• UNESCO (1996) – *Educação. Um tesouro a descobrir*, Relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, coordenado por Jacques Delors, Lisboa, ASA, 1996.

Este Relatório, que compagina com o Relatório Internacional da UNESCO (1972) *Aprender a Ser*, coordenado por Edgar Faure, reconceitua a *educação* como intervenção pluridimensional, cruzando a formação científico-técnica, estético-expressiva e ético-política para o desenvolvimento humano e social, sustentado no respeito pelos , ignorados e expoliados pelo modelo económico do industrialismo e do capitalismo financeiro. Tudo se joga numa visão da

sociedade mundial e da cooperação internacional para educar a aldeia global.

• LEONE, Salvino, PRIVITERA, Salvatore e CUNHA, Jorge Teixeira [co-ord.] (2001) – *Dicionário de Bioética*, Vila Nova de Gaia, Editorial Perpétuo Socorro, 1162 páginas.

Este dicionário reproduz e atualiza aquele que foi publicado em língua italiana em 1994. Uma obra de referência, particularmente no campo da didática da educação para a cidadania e o desenvolvimento humano e social. Um dicionário ao serviço da bioética, ou seja, da cultura e ética para proteger a pérola da vida, segundo uma perspectiva ecuménica e para a integridade da pessoa, o respeito da vida e do cosmos. Contemplando 404 entradas, com a colaboração também de autores portugueses e brasileiros, o Dicionário elege o termo ecologia introduzido pelo biólogo alemão Haeckel, em 1866, como problema recente de investigação da relação entre o homem e o seu espaço vital. Por isso, a afirmação das responsabilidades humanas em relação ao ambiente é gerada pela consciência dos danos que o próprio homem lhe pode causar: a recorrente questão da relação natureza-cultura, da estética da criação e dos critérios éticos de defesa do ambiente (cf. 351-355).

Profalmada n.º 28, 2012, p. 14

• MONTEIRO, A. Reis (2005) – *Deontologia das Profissões da Educação*, Coimbra, Edições Almedina, SA.

O autor clarifica conceitos fundamentais como *profissionalidade, auto-regulação profissional, deontologia ou ética profissional* e *ética dos direitos do ser humano – património comum da humanidade* (cf. p. 11-32). Na *Parte 3* (p. 71-119), configura a deontologia nas profissões da educação. Em *Anexo*, sistematiza normas de *códigos deontológicos* de vários países e transcreve partes de códigos específicos (cf. p. 127-195). Segundo a sua tese, ser educador-professor, não sendo um *sacerdócio*, implica, como eixo fundamental da profissionalidade, abraçar uma ética de elevação do ser humano como pessoa, na perspectiva do bem comum, do respeito pelas novas gerações e do futuro em equilíbrio ecológico do Planeta.

• SINGER, Peter (2002) – *Ética Prática*, 2.ª ed., Lisboa, Gradiva (original – 1979, ed. revista e aumentada – 1993), 411 páginas.

O autor, professor catedrático na Universidade de Princeton, usa indistintamente os termos *ética* e *moral*. Posiciona-se no campo da ética aplicada ou da ética prática, ou seja, adota uma *abordagem consequencialista*, isto é, avalia os resultados das atitudes e comportamentos morais no sentido da redução do sofrimento e do mal-estar humano e social. Daí, objetivar os desafios éticos do nosso tempo, nomeadamente *a fome no mundo, o equilíbrio ecológico do planeta, exigência de igualdade, países do Terceiro Mundo ou eutanásia*. Peter Singer releva a centralidade da ética, como reflete em *Virar a vida: os seres humanos* (p. 195-237). Neste sentido, denuncia o silenciamento a que foi sujeito por grupos niilistas, na Alemanha (v. *Apêndice*, p. 363-381). Eis uma obra fundamental para uma cidadania livre e crítica, numa democracia

viva e participada. Em *O que a ética não é*, diz: *Algumas pessoas pensam que a moral está ultrapassada nos dias que correm. Encaram a moral como um sistema de proibições puritanas descabidas que se destinam sobretudo a evitar que as pessoas se divirtam. Os moralistas tradicionais pretendem ser os defensores da moral em geral, mas o que defendem na realidade é um determinado código moral* (Singer, 2002: 18).

Profalmada, n.º 29, 2012, p. 8-9

Romeu Correia e Fernão Mendes Pinto: relatores de tempestades

Prof.^a Edite Prada

No momento em que se celebra o trigésimo aniversário da publicação de *O Andarilho das Sete Partidas*, que, por sua vez, pretendeu assinalar o quarto centenário da morte de Fernão Mendes Pinto, pareceu-nos interessante estabelecer um laço entre os dois autores. Esse laço é pertinente ainda, se tivermos em conta que, neste ano de 2013, segundo o Dr. Alexandre Flores, grande estudioso de Fernão Mendes Pinto e professor da USALMA, se comemoram os 450 anos da vinda de Fernão Mendes Pinto para Almada.

Ambos os escritores (Romeu Correia e Fernão Mendes Pinto) se assumem como relatores de duras realidades e, de entre elas, selecionámos um aspeto marcante pelo drama humano que envolve: **a descrição de uma tempestade**.

A tempestade, sobretudo marítima, enquanto tema literário, é uma constante na narrativa clássica. Aí, por influência da ação, ou intriga, divina, provocada ou não por atos humanos, os homens são confrontados com as forças indomáveis da natureza e do mar, que provocam muitas vezes naufrágios, mas que podem também ter um final feliz, como acontece, por exemplo, no canto VI d'Os Lusíadas, graças à influência favorável de Vénus.

Os recursos utilizados por Fernão Mendes Pinto ou Romeu Correia nas tempestades que descrevem, são distintos dos que surgem nas tempestades épicas, embora o divino esteja também presente, muitas vezes, quer como castigo, quer como último recurso em situação de desespero.

Os relatos destes dois autores assemelham-se mais aos que são compilados por Bernardo Gomes de Brito na *História Trágico-Marítima* e que foram analisados por Giulia Lanciani¹ A investigadora identifica uma matriz subjacente às descrições com sete momentos, ou microestruturas, o que aponta para um certo pendor literário desses registos. Esses momentos são:

1.º - Antecedentes - com indícios sobre a eventual possibilidade de algo correr mal (sobrecarga; mau estado dos navios...).

2.º - Partida que tem de ocorrer em determinado tempo para que tudo corra bem.

¹ Giulia Lanciani, *Os relatos de naufrágios na Literatura Portuguesa do séc. XVI. Amadora: Instituto Português da Cultura, 1979. Col. Biblioteca Breve, n.º 41.*

3.º - Tempestade – e reação dos homens tentando sobreviver, pelo que deitam fora riquezas amealhadas com grande esforço.

4.º - Naufrágio

5.º - Arribada – chegada a terra, muitas vezes inimiga.

6.º - Peregrinação – tentativa de reencontrar um rumo. Período muito rico pela descrição de situações novas.

7.º - Retorno – com regresso a Portugal ou à Índia.

Peregrinação

Os relatos dos naufrágios feitos por Fernão Mendes Pinto são, na sua grande maioria, pequenas sequências narrativas, sem uma descrição pormenorizada e sem grande relevo para a luta pela sobrevivência. Na Peregrinação, os relatos passam bruscamente de uma sequência para a outra, deixando por vezes o leitor mais impressionado pela velocidade do que pelo drama, que não é muito explorado... Há poucos planos individuais embora no episódio que escolhi para vos apresentar, o quarto, que ocupa os capítulos LIII a LV se destaque, entre os sobreviventes, António de Faria que tenta encorajar os companheiros. Fernão Mendes Pinto, contador de naufrágios, não explora os aspetos emotivos da situação. Ela é difícil. Isso é referido. Ponto!...

4.º episódio de tempestade - Capítulo LIII a LV - António de Faria - Pirataria.

Falemos um pouco do quarto episódio de tempestade marítima que ocorre na Peregrinação e que é um dos mais desenvolvidos.

Certa noite, estando ancorados ao largo da ilha dos Ladrões,

*... quiz a fortuna que com a conjunção da lua de Oitubro, de que nos sempre tememos, veyo hum tempo tão tempestuoso de chuvas & vetos, que não se julgou por cousa natural..."*¹

Esta tempestade é considerada como não natural e produto da "fortuna"; mas as condições que o navio apresenta não são as melhores e o facto de terem as amarras podres vai pesar muito no naufrágio subsequente. À medida que o temporal se agrava os homens vão tentando fazer frente à situação:

...tanto que o mar começou a se empollar & o vento Sueste nos tomou em desabrigado, & travessaõ à costa, fez hum escarceo taõ alto, de vagas taõ grossas, que, com quanto se buscaraõ todos os meyoys possiueis para nos saluarmos, com cortar mastos, desfazer chapiteos & obras mortas de popa & de proa, alijar o convès, guarnecer bõbas de nouo, baldear fazedas ao mar, & ahustar calabretes & viradores [...] nada disto nos bastou para nos podermos saluar, porque como o escuro era grãde, o tempo muyto frio, o mar muyto grosso, o vento muyto rijo, as agoas cruzadas, o escarceo muyto alto & a força da tempestade muyto terriuel não auia cousa que bastasse a nos dar remedio, senão só a misericordia de nosso Senhor, por quem todos com grandes gritos & muytas lagrimas, continuamete chamauamos, mas como,

¹ Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação, Int. e organização de Aníbal Pinto Castro, Porto, Lello & Irmão Editores, 1984.*

por nossos peccados, não eramos merecedores de nos elle fazer esta merce, ordenou a sua diuina justiça que, sendo ja passadas as duas horas depois da meya noite, nos deu hum pegaõ de vento taõ rijo, que todas as quatro embarcações assi como estauão, vieraõ à costa & se fizeraõ em pedaços, onde morreraõ quinhetas e oitenta e seis pessoas...

Os cinquenta e três sobreviventes (vinte e dois portugueses e os restantes marinheiros ou escravos) meteram-se na água e aí se mantiveram até de manhã. Com a luz do dia, é-lhes dado ver as reais consequências do naufrágio:

... & como foy o dia bem claro nos tornamos à praya, a qual achamos toda juncada de corpos mortos, cousa taõ lastimosa & espantosa de ver, que não auia homem que só desta vista não caysse pasmado no chaõ, fazendo sobre elles hum tristíssimo pranto, acompanhado de muytas bofetadas que hus e outros dauaõ em sy mesmos. (p. 135)

Os dias subseqüentes ao naufrágio são gastos a enterrar os mortos e a recuperar algum alimento. Permanecem na praia durante quinze dias, alimentando-se dos mantimentos recuperados que, no entanto, não estão em muito bom estado, sendo a sua ingestão muito pouco benéfica e difícil, pois esse alimento estava

...todo podre & boloreto, & ale de feder incõportauelmente, amargaua de maneyra que não auia que o pudesse meter na boca.

A intervenção divina vai ajudá-los a sair desta situação. No dia dedicado ao arcanjo S. Miguel (29 de Setembro)

...passou a caso voando por cima de nos hu milhano que vinha detras de hu cabeça que a ilha fazia contra a parte do Sul, & peneirando no ár cõ asas estendidas, lhe cahio das vnhas hum mugem fresco de quase hum palmo de comprido... (p.136)

Neste episódio como acontece nos relatos da *História Trágico-Marítima*, ao naufrágio segue-se um tempo de apatia, como se os sobreviventes ficassem incapazes de reagir. Se tivesse havido uma reação adequada e se a peregrinação tivesse iniciado logo a seguir, não teriam passado as necessidades que passaram, pois do outro lado do morro estivera sempre o vale onde as aves de rapina se alimentavam de abundantes peixes... Mas foi preciso a intervenção da divina Misericórdia, fazendo com que naquele dia do Arcanjo S. Miguel o milhano voasse na direção da praia e fosse aí perder o seu mugem para que os homens se decidissem. E todavia tinham um chefe (António de Faria) que noutras ocasiões se mostrou bem destemido... Este episódio conclui-se com o recomeço das atividades de pirataria, quando roubam um navio dentro do qual está um menino que, assim, vai ser raptado...

Calamento

Em pleno dezembro, a faina está parada por ter havido dias tempestuosos. Estando já o tempo bom, ou razoável, as mulheres protestam e «exigem» que os homens regressem ao mar.

Assim acontece. Os barcos fazem-se ao mar e vão regressando. Toda a

faina associada ao regresso é ativada: a lota abre, as contas vão sendo pagas... mas sobrevém a tempestade que apanha rês navios.

Esta é introduzida pela referência às alterações no céu que «rachou vermelhidões do poente». Logo a seguir diz-se que o «oceano mudou de cor».

A tempestade é descrita, centrando-se em dois tipos de quadros:

a) Por um lado, o mar e a luta dos homens aí «presos»;

b) Por outro lado, a angústia das pessoas que assistem em terra e que se deslocam entre dois locais:

1 - a duna

2 - a borda-de-água

«E tão depressa a duna crescia de povoléu, em busca de tudo ver, como a borda-de-água se enchia de gente, ansiosa por estar mais próxima.»

Mas vejamos o texto:

<p>Mas o céu que estivera fechado, tranquilo e cinzento, rachou vermelhidões no poente. O oceano mudou de cor. Mudou para um estanhado inquieto, revolvido pelas profundezas, como por artes de bruxaria. Na praia, houve rostos franzidos, unhas a coçar grenhas encanecidas: c’á raio!... Vento sul trouxe quantas negridões havia para lá do Cabo, quanta borrasca podia, num sopro, correr um céu de lés a lés. O mar eriçou cristas, de fulo.</p> <p>- Eh, gente! que maresia que s’alevantou!...</p> <p>Três pandas aguardavam alares. Dois barcos vinham já de proa a regresso. Remos espadanavam com quanto fúria os braços punham no vaivém....</p> <p>De terra aperceberam-se da traição do mar – traição que crescia medonhamente. E um clamor arrancou quantos estavam recolhidos sob telha:</p> <p>- Deu uma dor ao mar! Deu uma dor ao mar!...</p> <p>Nova bicheza desarvorou para a borda-de-água, numa precipitação que tudo confundia. Eram mães que berravam por filhos, por maridos; rapazes e raparigas, a gritar por pais, irmãos e conversados.</p> <p>As ondas teimavam em subir, sempre maiores, subir e descer, descer e subir – ocultando os meias-luas, em cada vaivém. Braços acenavam com roupas, do cimo das dunas. Berros expedidos eram logo abafados pelo rumor do céu e do mar. Mulheres rastejavam, banhadas em lágrimas, de mãos unidas, pedindo a Deus que as embarcações aportassem sem demora. Aqueles rostos eram moldados de pavor, olhos a pular das órbitas, bocas escancaradas, os dedos das mãos enclavinados de fervor. E, zoando rezas, logo se sobressaltavam, quando parede de onda ocultava as tábuas e vidas.</p> <p>Uma embarcação vogou no martelar da rebentação – e veio para terra. A segunda aportou umas vagas adiante. A turbamulta acorreu, em alta grita, sobre os tripulantes – e festejou regressos com doida amizade.</p>	<p>Interrupção do regresso. Início da tempestade. Mudanças no céu o e no Oceano. Três navios em perigo.</p> <p>O drama humano em terra.</p> <p>De novo o mar.</p> <p>Terra: impotência; oração.</p> <p>Ainda o mar. Dois navios salvam-se. O terceiro continua em perigo e tenta comunicar....</p>
---	--

Mas um meia-lua boiava ainda a distância... Doze vidas ainda travavam luta colossal com a massa inquieta e fúria das águas... É o Santo António! Deitou todo o calamento!...

Quando uma vaga gigantesca o punha com céu pelas traseiras, parecia lobrigar-se, a bordo, dois panos escuros a acenar... Duas tiras acenadas pela mesma mão....

- Tão c'umas calças!... a botar sinais c'umas calças!...

E tão depressa a duna crescia de povoleu, em busca de tudo ver, como a borda-de-água se enchia de gente, ansiosa por estar mais próxima.

Já nã tá ninguém!...

... Já nã se vê as calças!...

Gritos de meu qu'rido filho! meu rico home! brotaram da profundidade dos peitos. Havia quem futurasse a morte de entes queridos, quem dissesse que tivera um pressentimento... E gemiam- de rastos, troncos vergados, cabeça esguedelhada. Com um dedo, riscavam cruzeiros na areia. Depois, apagavam-nas. Riscavam-nas de novo - e rezavam.

Apanhado por corrente favorável, o Santo António veio, num voltarete, para cinquenta braças. Cabeças e braços, e um remo ou outro, eriçavam-se no cavername do meia-lua. Já se escutavam gritos lamentos, que rajadas de vento traziam, esfarrapados, do barquito...

Em terra, moços, tomados de heroísmo, fizeram-se amarrar pela cintura. E correram para a feroz rebentação, nadando com gana e espalhafato. Mas, se uma onda os consentia por entre as suas espumas, outra os atirava de escantilhão - impotentes, vencidos. Novas arremetidas - novos corpos devolvidos à areia.

Quando todos aguardavam que garganta de mar tragasse a campanha, aconteceu, então, uma coisa espantosa: saiu, de uma onda, um tripulante do Santo António, que gatinhou na areia, arrostando uma sirga enlaçada ao ventre. Parou, exausto: e, quando erguia braço para dizer palavra, afocinhou num desmaio.

Desamarrada a corda do tronco daquele homem, uma avalanche de mãos a tomaram - mãos de todos os que a paria comportava. E, numa correria, num arranco, o cordão humano alongou-se até à duna - pronto para a tracção. Vozes costumadas a marcar cadência, pediram calma, união.

- Vai agora! Ó gente! Agora... Óóó... vai! Óóó....

E os pés resvalavam, resvalavam, com falta de firmeza. Mas a multidão fincou calcanhares, forcejou - e todo o cabo foi visto fora de água.- Óóó... vai! Óóó... puxa!

... Só onda altaneira o submergia, o galgava no vaivém desesperado - porque o povo tinha-o bem firme, bem filado.

- Vem!... Óóó... vem!

Obedeciam, como se de um só corpo se tratasse - um corpo descomunal (mil braços, mil pés!) que tivesse aquele desafio por aceite e jamais se curvasse.

- Nã vences a gente!... Nem que todos fiquemos aqui amarrados toda a noite!

Terra:
Interrupção do regresso. Início da tempestade. Mudanças no céu o e no Oceano. Três navios em perigo.

O drama humano em terra.

De novo o mar.

Terra:
impotência;
oração.

Ainda o mar.
Dois navios salvam-se.
O terceiro continua em perigo e tenta comunicar...

Terra:
Desassossego:
movimento entre as dunas e a borde de água.
Impotência.
Oração.
Mar: navio em risco aproxima-se.

Terra: reacção.

<p><i>Lentamente, a corda cedia, cedia.</i> <i>Homens, mulheres e crianças – todos tinham um espaço para fincar as mãos naquela sirga. Todos a puxavam - e bem sentiam que o monstro estava cedendo, braça a braça, cedendo, mas também entrebuchando-os com venetas.</i> <i>Um grito de vitória saiu de todos os peitos, quando o meia-lua embicou na papa da areia. Caída a sirga das mãos torturadas, mil vidas foram em correria à embarcação. Mas um homem, encarrapitado na bica da proa, pediu que não se aproximassem mulheres nem crianças.</i> <i>- Eh gente, tamos em roupa!... Tamos com as nossas mães nos pariram!...</i></p> <p style="text-align: right;">Romeu Correia. <i>Calamento</i></p>	<p>Peripécia que vai mudar o rumo dos acontecimentos Terra: reação positiva e forte de combate ao mar. Desenlace. Chegada a terra.</p>
--	--

Em terra, moços, tomados de heroísmo, fizeram-se amarrar pela cintura. E correram para a feroz rebentação, nadando com gana e espalhafato. Mas, se uma onda os consentia por entre as suas espumas, outra os atirava de escantilhão – impotentes, vencidos. Novas arremetidas – novos corpos devolvidos à areia.

Quando todos aguardavam que garganta de mar tragasse a campanha, aconteceu, então, uma coisa espantosa: saiu, de uma onda, um tripulante do Santo António, que gatinhou na areia, arrostando uma sirga enlaçada ao ventre. Parou, exausto: e, quando erguia braço para dizer palavra, afocinhou num desmaio.

Desamarrada a corda do tronco daquele homem, uma avalanche de mãos a tomaram – mãos de todos os que a paria comportava. E, numa correria, num arranco, o cordão humano alongou-se até à duna – pronto para a tracção. Vozes costumadas a marcar cadência, pediram calma, união.

- Vai agora! Ó gente! Agora... Óóó... vai! Óóó....

E os pés resvalavam, resvalavam, com falta de firmeza. Mas a multidão fincou calcanhares, forcejou – e todo o cabo foi visto fora de água.

- Óóó... vai! Óóó... puxa!

... Só onda altaneira o submergia, o galgava no vaivém desesperado – porque o povo tinha-o bem firme, bem filado.

- Vem!... Óóó... vem!

Obedeciam, como se de um só corpo se tratasse - um corpo descomunal (mil braços, mil pés!) que tivesse aquele desafio por aceite e jamais se curvasse.

- Não vences a gente!... Nem que todos fiquemos aqui amarrados toda a noite!

Lentamente, a corda cedia, cedia.

Homens, mulheres e crianças – todos tinham um espaço para fincar as mãos naquela sirga. Todos a puxavam - e bem sentiam que o monstro estava cedendo, braça a braça, cedendo, mas também entrebuchando-os com venetas.

Um grito de vitória saiu de todos os peitos, quando o meia-lua embicou na papa da areia. Caída a sirga das mãos torturadas, mil vidas foram em correria à embarcação. Mas um homem, encarrapitado na bica da proa, pediu que não se aproximassem mulheres nem crianças.

- Eh gente, tamos em roupa!... Tamos com as nossas mães nos pariram!...

Regista-se, em Romeu Correia uma profunda e dramática interação entre

a gente de terra e os marinheiros (aqui, pescadores) que não se verifica nos relatos da Peregrinação, nem dos da História Trágico-Marítima.

Nestas duas obras, os relatos de tempestades e de naufrágios ocorrem em terras desconhecidas e muitas vezes inimigas, e os naufragos contam apenas consigo. O drama, quando é descrito, como acontece quase sempre na História Trágico-Marítima, centra-se na tentativa de sobrevivência. Por outro lado, por se estar em terras desconhecidas ou inimigas e por se não esperar conforto em terra, o naufrágio é seguido de um tempo de peregrinação por terras, durante as quais vão acontecendo várias peripécias até que, alguns, conseguem ser resgatados ou regressar ao ponto de partido ou ao ponto de chegada. No caso da Peregrinação o regresso, mais do que a um local, faz-se a uma atividade. No naufrágio de que falámos hoje aqui, o regresso traduz-se pela continuação da atividade de pirataria, ao apoderarem-se de um navio ancorado, em que estava um menino, que, assim, é raptado...

Em Romeu Correia, não fora ele um neorrealista, o drama humano é o mais importante. E, no relato da tempestade que temos vindo a analisar, embora o resultado final tenha sido positivo é-nos mostrada a dimensão do sofrimento de quem luta pelo pão de cada dia e, também, e muitas vezes, pela sobrevivência.

De qualquer forma, a estrutura de **Giulia Lanciani** pode ser aplicada, o que mostra que há uma poética da tempestade a que os autores obedecem. Vejamos:

	Peregrinação - 4.º naufrágio	Calamento
1 - Antecedentes	Com os barcos carregados decidem dirigir-se a Sião para vender «a fazendo» e dividir os resultados dos saques. <i>Em plena tempestade sabemos que as amarras estavam podres</i>	As mulheres protestam porque os homens não vão ao mar.
2 - Partida	Não há partida. Estão ancorados numa enseada.	O mar já parece propício e a faina é recomeçada.

3 - Tempestade	A descrição é bastante pormenorizada, grande atividade de combate à tempestade	A narrativa inicia com o conetor mas... como indicação de mudança: 1.º sinal: o céu muda de cor. Observadores de terra « <i>deu uma dor ao mar</i> »
4 - Naufrágio	Os navios desfazem-se contra a costa	Não há naufrágio; há luta contra o mar.
5 - Arribada	Metem-se num charco de água até de manhã, os corpos dão à costa; resgate de alimentos.	Acontece com a ação corajosa de um dos pescadores que se lança ao mar presos a uma corda e que chaga a terra. Aí, gente de terra toma o comando e consegue, com muito esforço, vencer o mar.
6 - Peregrinação	Começa 15 dias depois; a natureza não é agreste, como noutros casos.	Não se aplica.

7 - Retorno	Roubam um navio e regressam à pirataria	Não se aplica. Saídos do mar, os homens estão «no seu ambiente» sem necessidade de o procurar.
-------------	---	--

O Nosso Reconhecimento a *Joaquim Benite*

Prof. *Ernesto Fernandes*

Joaquim Benite (1943-2012) partiu na madrugada de 4 de dezembro. Partiu o ator, desde os 17 anos, o autor e o encenador do Teatro Municipal de Almada.

Joaquim Benite soube partir do Grupo de Campolide para o Teatro da Trindade e instalou-se em Almada, desde 1987, por convicção: era bom ir para a periferia por uma razão estética e uma cívica. Em sua itinerância, estreou-se como encenador com a peça *O Avançado-Centro Morreu ao Amanhecer*.

Joaquim Benite, apaixonado pelas artes da representação, criou o Festival de Teatro de Almada, em suas 29 edições, no nosso país, com dimensão europeia. Conforme o comunicado da Companhia: O País perde um dos seus mais prestigiados encenadores, ligado ao movimento de renovação do teatro português no período que antecedeu e se seguiu à revolução de 1974.

Joaquim Benite pertence a uma geração de militantes da liberdade por Abril. O seu trajeto cívico e político traduziu-se no teatro, entendido como palco de denúncia, contestação e anunciação de horizontes de futuro.

Benite afirma-se como referência cultural e cívico-política. Assim, aconteceu a cooperação do Teatro Azul com a Associação de Professores do Concelho de Almada e a Universidade Sénior de Almada. De facto, é a cultura que ilumina a educação e a prática da cidadania democrática. O nosso reconhecimento.

117

Num país que não tem uma cultura do reconhecimento, Joaquim Benite tem a sorte de ser reconhecido em Portugal e no estrangeiro.

Joaquim Benite despede-se do teatro e da vida.

Correio da Usalma, n.º 30, 2012, p. 19

An abstract geometric artwork featuring overlapping shapes in various colors including yellow, blue, red, green, and brown. The composition is layered, with some shapes appearing more prominent than others. A large yellow ring is a central focus in the lower half. Two blue circles are positioned on the left and right sides. The overall style is modern and colorful.

Parte II: Práticas em Reflexão

vfm 09

O Centro de Formação de Escolas do Concelho de Almada – AlmadaForma

Prof. Maria Adelaide Paredes da Silva

Na qualidade de Diretora do Centro de Formação de Escolas do Concelho de Almada – AlmadaForma saúdo a Associação de Professores do Concelho de Almada e a sua Universidade Sénior, instituição de grande prestígio e mérito a que muito me honra pertencer.

Agradeço igualmente o convite do coordenador responsável pela edição do Boletim Profalmada, Dr. Ernesto Fernandes, que amavelmente solicitou a colaboração deste Centro de Formação. Com efeito, sinto-me muito orgulhosa e privilegiada por ter a possibilidade de partilhar com os nossos ilustres leitores, na sua maioria professores, muitos em situação de reforma, algumas informações importantes, relativas à formação contínua dos professores. A intenção é poder contribuir, assim, para manter acesa a curiosidade, o saber, inerentes ao ser Professor.

A educação e a formação contínua (docentes, não docentes e comunidade) e suas implicações no desenvolvimento local de Almada, eis a questão.

Assim, desta ilustre tribuna, pretendo promover e dar a conhecer a história de vida deste Centro, em traços largos, mas significativos, clarificar o sentido da sua intervenção, a nível da Educação e da Formação contínua do pessoal docente, não docente e da comunidade do concelho e convidar para uma pequena reflexão sobre a importância do desafio que se coloca às instituições de formação, como as nossas, que têm, por vontade e convicção, a sublime missão de ser agentes ativos, na promoção do desenvolvimento pessoal, profissional e social, da comunidade educativa de Almada, visando a sua realização ao longo da vida.

O Centro de Formação de Escolas do Concelho de Almada – AlmadaForma – foi criado por decisão do Ministério da Educação e para efeitos da formação contínua de educadores e professores, encontrando-se acreditado junto do CCPFCP (Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua de Professores) e ainda está acreditado para a formação de outros destinatários pela DGERT (Direção-Geral do Emprego e das Relações de Trabalho) e ECDL (European Computer Driving Licence). Está também acreditado pelo IEFP para promover cursos de formação de formadores. Como ponto de partida, pretendo valorizar e lembrar a longa e significativa experiência dos anteriores Centros de Formação, Almada - Tejo e Proformar que exerceram as suas atividades de 1993 a 2008, com sede respetivamente na Escola Secundária Cacilhas – Tejo e nas Escolas Básica 2/3 Monte de Caparica (1993-2000), Secundária da Sobreda (2000-2004), Secundária do Monte da Caparica (2004-2008).

Os Centros em apreço realizaram um trabalho pioneiro, de grande relevância e significado, em interação com todas as Escolas do ensino público e privado do Concelho.

O Centro de Formação de Escolas do Concelho de Almada – Almada-Forma é, assim, herdeiro de uma vasta memória e importante história escrita por todos os intervenientes no processo da formação contínua, ao longo de 15 anos, que muito dignifica o território educativo de Almada, em particular, os seus beneficiários diretos, professores, educadores, funcionários, dirigentes e outros agentes educativos da comunidade. As suas dinâmicas constituem um testemunho concreto de empreendedorismo socioeducativo e cultural, de grande impacto a nível da qualificação para o atendimento educacional, que merece ser (re)conhecido, preservado e considerado como património de referência. Presentemente, e desde 2009, o distrito de Setúbal tem cinco Centros de Formação, situados em Almada, Seixal, Barreiro, Alcochete e Setúbal, sendo o Centro de Almada o segundo maior, depois de Setúbal, atendendo à dimensão do público-alvo, a quem se destina a prestação dos seus serviços.

Referimos, como curiosidade, que em 2010, a nossa atividade superou todas as expectativas, tendo sido certificados mais de 2000 docentes e não docentes. Este trabalho, de elevado profissionalismo, é desenvolvido por uma pequena, mas muito motivada equipa do Centro, a quem presto os meus sinceros agradecimentos. Desde que se constituiu e iniciou a sua atividade, o Centro AlmadaForma tem procurado dar cumprimento às determinações superiores do Ministério da Educação e às suas solicitações, no âmbito da formação prioritária do sistema educativo. Refiro-me, por exemplo, ao programa de formação para a avaliação de desempenho docente - ADD e mais recentemente, o programa de formação para o plano tecnológico da educação - PTE. Ambos os programas se encontram em processo de execução, de forma integrada e faseada. Assim, em conformidade com as prioridades do Sistema Educativo e as necessidades identificadas nos diversos contextos educativos, as escolas propõem Planos de Formação e este Centro de Formação constrói, desenvolve e gere respostas formativas, de carácter formal e não formal, adequadas e materializadas no seu Plano de Ação.

122

O Centro AlmadaForma constitui-se, deste modo, como entidade organizadora e gestora da formação, para tal empreende os devidos procedimentos e estabelece os contactos necessários à acreditação das ações de formação e dos formadores, junto do Conselho Científico da Formação Contínua de Professores – CCPFC, e da Direção-Geral dos Recursos Humanos da Educação - DGRHE, para efeitos da formação do Pessoal não Docente. Com grande inovação e sentido de mudança estratégica, o Centro promoveu a assinatura de duas dezenas de protocolos, de grande significado, entre o Centro e as instituições do Ensino Superior, as Associações Profissionais de Ensino, e as Instituições Socioculturais, visando uma articulação mais espe-

cializada, conducente a uma melhor qualidade da formação a desenvolver, nos diferentes contextos escolares, com as suas especificidades, necessidades e natureza dos problemas identificados. Priorizou-se a formação específica para as várias disciplinas, sobretudo, no domínio das ciências experimentais, da matemática, das línguas e, em particular, do ensino e aprendizagem do português, como língua materna e não materna. Esta formação tem sido realizada numa lógica de aquisição de conhecimentos, de atualização científica e de desenvolvimento de competências didáticas e pedagógicas.

Deu-se particular atenção aos problemas mais significativos, de ordem disciplinar, de gestão de conflitos, de dificuldades de ensino-aprendizagem, de avaliação das escolas e das aprendizagens, da formação para os novos programas de Português e de Matemática, da abordagem da educação para a sexualidade e cidadania e ainda se consideraram as questões do trabalho colaborativo, da leitura e da atividade das bibliotecas escolares, como dimensões essenciais a ter em conta, como fatores conducentes ao sucesso educativo.

Mereceu toda a atenção a formação para a avaliação de desempenho docente e a formação, no âmbito do plano tecnológico da educação, prioridades relevantes do Sistema Educativo, parte integrante da construção do Plano de Ação do Centro, que tem por finalidade dar expressão, não só a todos os Planos de Formação das escolas associadas deste Centro, como também às solicitações do Sistema Educativo.

Entre as várias Instituições protocoladas e de grande valia para a Formação de Professores, saliento apenas algumas, sem desvalorizar o interesse e a importância de todas.

Refiro, assim, a FCT- Faculdade de Ciências e de Tecnologia, o Instituto Superior PIAGET, a Faculdade de Letras de Lisboa, a Universidade Católica, a Universidade Lusófona e o Instituto Superior Almeida Garrett, o Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresas - ISCTE, o Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas - ISCSP, a Faculdade de Psicologia de Lisboa, a ESE de Lisboa, a Ordem dos Biólogos, e ainda as Associações Profissionais de Português - APP, História - APH, Geografia - APG, Inglês - APPI, Matemática APM, Professores e Educadores de Infância - APEI, Professores do Concelho de Almada - APCA, o GRAAL, a UNESCO e a Câmara Municipal de Almada - CMA.

O trabalho desenvolvido em parcerias de excelência permite potenciar a nossa intervenção e qualificar as práticas docentes.

Como se pode compreender a missão é grandiosa e a responsabilidade é enorme e exigente, se quisermos corresponder aos mais elevados desígnios da Educação, os quais se encontram integrados e assumidos, nos diferentes projetos educativos das nossas Escolas.

O espírito de serviço é elevado e consciente do (im) possível.

É neste desafio estimulante de tornar possível e realizável o que se nos

apresenta, como necessário e, por vezes, fundamental, que caminhamos com as escolas, numa escuta ativa e permanente, aberta e reciprocamente empenhada e construtiva, de modo a, em colaboração e reflexão conjunta, encontrar o caminho a fazer, em parceria, através da realização de ações contextualizadas, em modalidades adequadas, para resolver ou remediar os problemas identificados, através de dispositivos de formação formal e não formal.

As Escolas estão, cada vez mais conscientes de que podem e devem encontrar respostas educativas e formativas, no seio da sua organização, constituindo o Centro, como seu interlocutor, gestor privilegiado para a execução formal do respetivo plano de formação. As Escolas, para o efeito, identificam as suas necessidades e prioridades de formação, construindo, de forma abrangente e integradora, o respetivo plano, a partir do seu projeto educativo. Neste sentido, o Centro, em diálogo com as escolas, procura acionar o processo, a partir da interpretação dos respetivos interesses, necessidades e expectativas e consequente operacionalização do plano, em tempo útil, no decurso do ano letivo. O plano de ação do Centro constrói-se, por isso, como uma resposta refletida e negociada, conducente à satisfação das solicitações das escolas, com base em propostas criadas para desenvolver, em cada uma das Escolas, ou em rede de escolas.

Esta metodologia tem sido muito proveitosa, porque permite dar uma resposta mais ajustada e atempada a cada escola e tem possibilitado caracterizar melhor as situações, conhecer eventuais formadores internos e intensificar as relações interpessoais e interinstitucionais, fatores muito importantes para abordar e tratar positivamente as questões a resolver, por via da formação. A seleção dos formadores, a partir de um dado perfil, em função da especificidade da sua ação, constitui, igualmente, um fator determinante para o sucesso da formação, entendida como recurso estratégico ao serviço da melhoria da gestão pedagógica, traduzida na qualidade do atendimento educativo das Escolas.

A título de exemplo e de experiência matriz, apresento em síntese o projeto Língua, Cultura e Cidadania – ALReP (Almada Referencial do Ensino de Português). Este projeto decorre da identificação por parte de todas as Escolas, sem exceção, da necessidade de promover um dispositivo de formação, no âmbito do Português Língua Não Materna, na sua dimensão de Língua segunda e Língua estrangeira, atendendo à diversidade linguística e cultural do concelho.

Esta forte e clara necessidade de formação, evidenciada pelas escolas e reiterada pela autarquia, potenciou a construção de uma resposta formativa integrada e relevante face à pertinência e abrangência da situação reportada. Assim nasceu o projeto Língua, Cultura e Cidadania – ALReP que se assumiu como um projeto educativo do concelho.

As Escolas são as suas grandes dinamizadoras, em rede de parcerias com o Centro AlmadaForma e a Faculdade de Letras de Lisboa, entidades respon-

sáveis pela coordenação pedagógica e científica, respetivamente e, ainda, a Associação de Professores do Concelho de Almada, a Associação de Professores de Português, a rede de Bibliotecas Escolares e a Câmara Municipal de Almada, forças vivas do meio socioeducativo e cultural, fundamentais para o desenvolvimento deste projeto, com impacto na comunidade.

O Projeto Língua, Cultura e Cidadania - ALReP enquadra-se, como se pode verificar, nas prioridades da intervenção deste Centro e deste Concelho. Visa operacionalizar competências em Língua e Cultura Portuguesa em todos os domínios da Comunicação. Pretende contribuir para a integração e promoção da cidadania democrática, numa perspetiva de diálogo intercultural e inter-geracional entre Escolas e Comunidade aprendente ao longo da vida.

No âmbito deste projeto, organizaram-se, em 2010, duas significativas iniciativas de interesse comunitário:

O 1.º Encontro de Poetas do Mundo em Almada *POEMA*, no qual se lançou o concurso Pessoas em Pessoa, com grande participação das Escolas, no âmbito do qual se celebrou a herança lusófona, em expressivos momentos consagrados à poesia e a outras confluências artísticas, no Convento dos Capuchos.

A 1.ª Feira - Almada Multicultural Anima a Integração - AMAI, na qual se integraram várias expressões de cidadania, e se celebrou a diversidade através do exercício vivo de diálogos interculturais, no Museu da Cidade.

A formação contínua em Português língua não materna e em Português língua de acolhimento, a par de outras formações, no âmbito do ensino e da aprendizagem da língua, da educação e formação de adultos, da alfabetização de adultos, das complementaridades entre a linguística e a literatura, foram temáticas tratadas, junto de um significativo número de participantes, com repetidas realizações de 2009 a 2010.

Como se verificou, entretanto, o interesse em aprofundar a formação, de nível de especialização, foi proposta a concretização de um curso de mestrado, sob a responsabilidade da Faculdade de Letras de Lisboa, na pessoa da professora doutora Maria José Grosso, cujo início teve lugar, no mês de Outubro de 2010, nas instalações da Escola Secundária do Monte de Caparica, com algumas sessões a decorrer no Museu da Cidade e na Escola Secundária Emídio Navarro.

Em oito das dezanove grandes escolas do Concelho, estão a ser desenvolvidos estudos de investigação, centrados nas práticas pedagógicas e nos projetos de referência das Escolas, levados a cabo por uma equipa de onze professores mestrados.

A dinâmica empreendida é muito importante e estima-se poder estar a desenvolver-se, de forma contextualizada, a necessária mudança, a partir dos contextos e da sua problematização, no âmbito do ensino e aprendizagem do português como língua não materna.

Em 2011 o projeto Língua, Cultura e Cidadania – ALReP vai regressar, de novo, ao Convento dos Capuchos, com um belíssimo programa, que se desenrolará, em torno das Viagens, do Mar e do Mundo e do chamamento da poesia.

Contamos convosco para connosco ser Viajantes da vida. O Centro AlmadaForma constitui-se, assim, como um serviço de Educação e Formação, como uma estratégia para o desenvolvimento e qualificação pessoal, profissional e social da Comunidade Educativa de Almada.

A qualidade do seu serviço está intimamente associada à ideia de desenvolvimento local, integrado em redes socioeducativas cooperantes, aprendentes, pensantes e atuantes em Cidadania ativa.

Muito obrigada pela vossa atenção.

Profalmada, n.º 24,2011, p. 3-5

Professor(es) em Atualização... numa área em ebulição

*Prof. Carlos Nascimento**

Sobre o tema da Formação Contínua, enquanto professor na área das Tecnologias de Informação e Comunicação, sei de um caso, aliás, conheço um caso, aliás ainda, tenho até um caso... o meu caso. Licenciiei-me em Matemática Aplicada há mais de 25 anos e há também mais de 25 anos que sou professor. O meu curso tinha três áreas, vertentes, opções ou ramos: a Informática, a Estatística e a Investigação Operacional. Sendo todas elas fascinantes, optei pela Informática pelas razões óbvias da modernidade, do desafio, de viver e acompanhar o efervescente desenvolvimento tecnológico, associado ao facto de já navegar nessas águas profissionalmente há alguns anos, numa grande empresa que investia significativamente no seu apetrechamento tecnológico.

Durante estes 25 anos tenho lecionado sobretudo disciplinas de Informática, inicialmente nos cursos do ensino secundário e, mais recentemente, também no 3.º ciclo do ensino básico, registando ainda a incursão em cursos designados de especialização tecnológica que, conferindo certificação profissional de grau IV, se situam numa plataforma nebulosa de pós-secundário/pré-universitário(!).

Mas também tenho lecionado Matemática. Estou assim em condições de estabelecer algumas comparações entre o que foi, é e tem sido, lecionar estas duas áreas.

Quanto à Matemática, curiosamente, recorro com muita frequência a velhos cadernos que usei durante o curso para as revisões do secundário, pois o que se ensina atualmente não é muito diferente do que eu próprio

aprendi há mais de 40 anos. Multiplica-se e divide-se da mesma maneira, as percentagens continuam a ser sobre 100, os triângulos semelhantes já o são há vários séculos, os teoremas que vêm da antiga Grécia ainda estão dentro do prazo de validade. As aulas só não são iguaizinhas porque a criatividade e a inovação não nos deixam perder o comboio dos novos recursos, e há o constante desafio de cativar e motivar os alunos, sob pena de se perder completamente esta corrente de transmissão de... conhecimento.

E quanto à Informática? Bem, quanto à Informática são inúmeras as diferenças! É verdade que durante um par de anos (iniciais) ainda lecionei a Informática dum modo muito semelhante ao que aprendera, conceptualmente e operacionalmente. Mas durou muito pouco tempo. Sendo uma área tecnológica, a dinâmica da sua evolução foi (tem sido) brutal, tendo-se rapidamente convertido, escolar e academicamente, em Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).

O advento do Computador Pessoal nos anos 80 e a sua rápida proliferação, primeiro nos meios empresariais, seguidamente nos estabelecimentos de ensino universitário e secundário mas rapidamente se estendendo ao uso doméstico, beneficiando do embaratecimento decorrente das leis da oferta e da procura e, em anos mais recentes, de campanhas políticas de apoio à vulgarização do uso desta plataforma de comunicação, acesso e transmissão de conhecimento aniquilou definitivamente o mito de que a Informática era um território reservado aos seus profissionais, carreira antes disputada entre grande número de candidatos.

Quando se fala em TIC no ensino, convém distinguir se estas (as TIC) são encaradas apenas como uma ferramenta de trabalho, ou se, por outro lado, são consideradas numa abordagem mais profunda, como objeto de estudo.

Com as sucessivas reformas no ensino, as TIC deixaram os currículos normais do secundário, mantendo-se apenas em alguns (poucos) cursos profissionais específicos (EFA, CEF, etc.) e baixaram para o 3.º ciclo do ensino básico.

Nesses escassos cursos específicos, as TIC são consideradas como o tal objecto de estudo, mas a sua vulgarização no básico não vai além duma abordagem ligeira (até pelas idades e interesses dos alunos) habitualmente referida como “na ótica do utilizador”. Com efeito, o próprio Ministério da Educação publica num folheto sobre Segurança na Internet “As TIC são hoje um lugar comum na sociedade e também nas escolas portuguesas”.

Ainda assim, um professor do Grupo de Recrutamento 550, Informática, tem de estar, em princípio, apto a lecionar as TIC vulgares e as menos vulgares.

Com enfoque nas TIC vulgares: pouca teoria, muito pouca mesmo, que as tecnologias são essencialmente práticas e, até por uma questão de motivação, há que fomentar o saber fazer, fazendo, desenvolvendo essa competên-

cia mais do que o saber como se faz. A já tradicional falta ou deficiência dos manuais escolares, para além do seu elevadíssimo custo ser incomportável para um grande número de famílias, exige invariavelmente da parte do professor a disponibilização de guias e fichas de trabalho orientadas, as quais, devido às características dos temas, são construídas minuciosamente para encaminhar os alunos num passo a passo adequado ao desenvolvimento do problema e construção da solução. É frequente que para cada tema, o conjunto do guia e das fichas de trabalho se aproxime das 100 páginas, geralmente ilustradas com imagens correspondentes a diversas janelas das aplicações de escritório em estudo.

E que acontece todos os dois ou três anos?

Continuando na vertente das TIC vulgares, evoluem os sistemas operativos e evoluem as respetivas aplicações informáticas. Dessa evolução resultam sempre diferenças a considerar para as aulas desses temas. Todo o trabalho desenvolvido pelo professor para as suas aulas habituais tem de ser atualizado. Pouco ou muito? Depende do nível, grau, volume das diferenças. Pois é... há que estudar essas diferenças; há que obter novas versões do *software*; há que conseguir um equipamento disponível para testar o novo *software*, equipamento esse que não deve ser obsoleto para poder suportar a instalação e a implementação dos novos produtos. O suprimento destas novas necessidades tem custos, normalmente suportados pelo professor, requer tempo (quase sempre os fins de semana) e requer, acima de tudo, a atualização de conhecimentos do próprio professor, o que também acarreta custos, já que o habitual é que estes cursos não se realizem nos locais de formação de professores.

Por outro lado, na vertente das TIC menos vulgares, o professor é confrontado com disciplinas que, ou não fizeram parte da sua formação universitária, ou se o fizeram, dada a dinâmica da evolução tecnológica que, diga-se, nunca foi tão rápida como nos últimos anos, deixam os seus conhecimentos a anos-luz da atualidade. E aqui, dada a especificidade das matérias *hardware*, equipamento de redes, novos protocolos, novas linguagens de programação (visual) para novíssimas plataformas (raramente disponíveis nos estabelecimentos de ensino), sistemas e aplicações interativas, etc., etc., o processo de atualização de conhecimentos assume contornos quase inultrapassáveis pelo professor: os cursos para a sua reciclagem só estão disponíveis em institutos privados de formação profissional para empresas, sendo incomportável (e de rendibilidade duvidosa) retirar do orçamento pessoal/familiar a respetiva propina.

Fica o professor das TIC no labirinto da atualização de conhecimentos. A empresa para quem trabalha, o Ministério da Educação, não lhe suporta financeiramente a formação em empresas especializadas e também não lhe faculta os cursos necessários nos circuitos normais de formação de professores¹. Resta-lhe o recurso à literatura técnica que atinge preços proibitivos e cujas versões em português não abundam em tempo de novidade. Procuo

no teclado do meu PC a preciosa tecla e não a encontro. Já não está lá, o PC foi atualizado. E eu?!...

Profalmada, n.º 25, 2011, p. 3-4

* Professor do Agrupamento Anselmo de Andrade. 1 De notar que nos cursos de TIC que ainda assim têm vindo a realizar, os Centros de Formação de Professores têm privilegiado outro público alvo (professores doutras áreas, não das TIC).

Subir ao Monte, Descobrir Horizontes!

Prof.^a *Manuela Dâmaso*

O Projeto Educativo da Escola Secundária do Monte de Caparica (ESMC) - Subir ao Monte, Descobrir Horizontes é um projeto que tem a sua génese no projeto TEIP - Territórios Educativos de Intervenção Prioritária, que a escola integra desde 2007 e que lhe permitiu redefinir, reforçar, aprofundar e simultaneamente encontrar um caminho de amadurecimento para o seu Projeto Educativo, passando a ter recursos humanos e financeiros que contribuíram decisivamente para ultrapassar muitos dos constrangimentos sentidos e estruturar a sua identidade formativa.

É entendimento da Escola que, para existirem condições propícias à aprendizagem, é necessário, em primeiro lugar, ultrapassar os problemas familiares e sociais que impedem que muitos alunos venham devidamente alimentados para a escola, tenham vestuário, livros e condições dignas para estudar. Depois, é necessário atuar sobre os comportamentos desajustados, tentando melhorar o clima de escola e criar deste modo um ambiente escolar focalizado no estudo e em percursos de aprendizagem positiva.

Neste sentido, entre os recursos humanos disponíveis saliento como de grande importância os que estão na base da constituição da equipa multidisciplinar - Equipa MULTI, constituída por uma Psicóloga, Assistente Social, professora de Apoio Educativo, Mediadora de Conflitos e Professora de Português Língua Não Materna que permite à escola atuar em vários contextos e responder a muitos problemas. Esta equipa trabalha em conjunto, reunindo semanalmente, para analisar e estudar individualmente cada caso e de forma articulada encontrar a resposta adequada aos problemas dos alunos que, na maioria das vezes, são multifacetados. A sinalização dos alunos é normalmente feita por professores e funcionários da escola, que têm um papel fundamental e constituem a linha avançada na identificação de casos. Esta equipa multidisciplinar é reforçada por um programa de tutorias assegurado por professores, que, de forma individualizada ou em pequenos grupos, procuram apoiar os alunos com maior necessidade de acompanhamento escolar. Muitos alunos da escola são apoiados pela Ação Social Escolar, mas,

como este apoio é insuficiente, foi criada no Projeto TEIP uma ação para a área do apoio social: Um Monte sempre atento. A escola passou a poder ajudar alunos com intervenções a nível da alimentação, vestuário, livros, pagamento de visitas de estudo e, desta forma, proporcionar a todos condições para estudar em igualdade de oportunidades. Como os pedidos de ajuda chegados à escola têm vindo a aumentar, foi criado em 2010, pela Assistente Social e um grupo de professores, o Projeto ECOSOL que promove o voluntariado e tem por objetivo angariar sócios junto da comunidade educativa, para reunir fundos e materiais de forma a poder ajudar um maior número de alunos. Neste momento o ECOSOL já tem 140 sócios, apoiando muitos dos nossos alunos e respetivas famílias.

Com o objetivo de melhorar o clima de escola foi criado o Gabinete de Mediação de Conflitos, um espaço para onde são encaminhados os alunos com problemas de comportamento na sala de aula. Nesse gabinete, os alunos são acompanhados por uma Mediadora que com a colaboração de professores, procura gerir e ultrapassar os conflitos, contribuindo deste modo para a melhoria da disciplina na escola e na sala de aula.

Outra das vertentes do Projeto Educativo da Escola é a orientação para a qualidade das aprendizagens e para o sucesso educativo dos alunos, pelo que foi criado o projeto Mais Aprendizagens, para melhorar a qualidade das aprendizagens. No Ensino Básico este projeto permite a rotatividade dos alunos, por ano de escolaridade, de acordo com o seu nível de proficiência nas disciplinas de Francês, Inglês, Matemática e Língua Portuguesa. Os horários das turmas estão articulados com esta movimentação de alunos ao longo do ano. No Ensino Secundário, procedeu-se ao desdobramento de mais um bloco de 90 minutos nas disciplinas de Matemática e Física e Química, para que os professores possam desenvolver um ensino experimental e atuar de forma mais direta e individualizada.

Outro dos objetivos do projeto é o desenvolvimento de hábitos de estudo e de trabalho que potenciem a aprendizagem, pelo que foi criada a Sala de Estudo Acompanhado para o ensino básico, com a finalidade de apoiar o estudo e permitir que os alunos que não têm condições em casa para serem apoiados o possam ser na escola. No Ensino Secundário os apoios foram reforçados a todas as disciplinas com exame nacional. A escola aderiu desde 2005/2006 ao Projeto dos Testes Intermédios, que considera muito importante para a melhoria dos resultados escolares. Os Workshops da Matemática para recuperação de aprendizagens básicas e o Plano da Matemática são iniciativas que visam reforçar o ensino da Matemática.

A multiculturalidade e a diversidade são uma riqueza na ESMC, com 183 alunos estrangeiros, e de 18 nacionalidades diferentes. O Português Língua Não Materna é fundamental para a integração e sucesso de muitos destes alunos. Assim, a escola decidiu contratar uma professora específica para esta área.

Estas medidas proporcionadas pelo projeto TEIP, articulam-se com a di-

versidade de oferta educativa que a ESMC já proporcionava desde há vários anos. Deste modo, muitos dos alunos do Ensino Básico, em risco de abandono escolar e/ou que se sentem desinteressados do sistema de ensino regular, têm visto os seus percursos escolares reorientados para vias de vertente mais prática como as turmas PIEF – Programa Integrado de Educação e Formação e os CEF – Cursos de Educação e Formação. No Secundário, os alunos que pretendem ter acesso ao mercado de trabalho com uma formação profissionalizante, ao nível do 12.º ano, a escola oferece diversos Cursos Profissionais.

Para um público mais adulto foram reforçadas as ofertas formativas que permitem a aquisição de competências através do processo RVCC – Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências Básico e Secundário, os cursos EFA – Educação e Formação de Adultos e formações modulares.

A abertura da escola à comunidade e o envolvimento desta nas atividades escolares é outro dos caminhos escolhidos. Têm sido realizadas inúmeras parcerias educativas que permitem esse envolvimento e que são uma porta aberta ao futuro, dado que em muito contribuem para o sucesso da escola e dos seus alunos.

Uma das parcerias mais importantes, em termos de intervenção social, que a escola tem desde 2007, é com a Santa Casa da Misericórdia de Almada, o PIEC – Programa para Inclusão e Cidadania e do Programa Escolhas Geração Cool, que permite a existência de duas turmas PIEF - Programa Integrado de Educação e Formação. É um projeto de inclusão social muito positivo, que não é fácil de gerir, mas que tem sido um sucesso em termos de resultados, já que a grande maioria dos jovens obtém a sua certificação. As aulas são lecionadas em par pedagógico e a metodologia usada é de ordem prática e bastante diferenciada. Estes jovens concluem a sua certificação com um estágio profissional.

No centro das atividades culturais da escola está a Biblioteca Escolar que tem um papel determinante no apoio às atividades curriculares e extracurriculares, nomeadamente, desenvolvendo em parceria com outros setores da escola, as ações do PNL – Plano Nacional de Leitura, contribuindo em muito para o envolvimento dos alunos em exposições, concursos, sessões de poesia, leitura e promoção da língua e cultura.

Com o objetivo de promover atividades extracurriculares, a escola fundou em 2010, um Clube Desportivo e tornou-se escola de referência na área do atletismo, graças ao empenho do professor Joaquim Neves, especialista nesta área e ao apoio da Câmara Municipal de Almada, que possibilita à escola a utilização da pista da Sobreda, para complementar o treino dos nossos atletas. Este clube começou com cinco participantes e neste momento tem 14 atletas de diversas escolas, que correm pelo Clube ESMC e participam em provas a nível nacional, contando já com diversos atletas medalhados. Também em 2010, teve início a dinamização do Clube de Música e do Coro da Escola que envolve alunos, professores e funcionários.

No projeto de Saúde em Meio Escolar, alunos e professores desenvolvem inúmeras atividades que vão desde a alimentação saudável, à saúde e educação sexual.

Pelo 2.º ano consecutivo, a escola concorreu ao Parlamento Jovem. Este ano os nossos alunos do 9.º ano conseguiram resultados muito positivos, tendo sido apurados para a fase final do projeto a realizar na Assembleia da República. As artes são um ponto forte da escola. Ao longo do ano são inúmeras as exposições realizadas com trabalhos dos alunos, concursos e projetos em que estes são envolvidos, criando uma grande dinâmica nas turmas de artes. Este ano está a ser dinamizado o Projeto Delta/Escola com a Delta Cafés de Campo Maior, em que a Ciência e a Arte se conjugam através da participação das disciplinas de Desenho e Ciências Físico-Químicas, num desafio à criatividade dos alunos e professores.

Ao nível das artes destaca-se ainda, a parceria com o Museu Nacional de Arqueologia e o Rotary Club da Costa da Caparica, que nos permite divulgar, expor e premiar os trabalhos dos nossos alunos.

No verão, após o final das aulas, são lecionados Cursos de Artes e de Informática. Estes cursos são abertos aos alunos do concelho que queiram aprofundar os seus conhecimentos e contactar com artistas, que são convidados para participar e dinamizar aquelas temáticas. Os cursos são complementados com visitas de estudo e *workshops*.

Com o objetivo de realçar o lado positivo do crescimento pessoal e social dos jovens, estabeleceu-se desde 2005/2006, o Quadro de Valor e Excelência para destacar e valorizar os domínios científico, criativo, desportivo e social e premiar o sucesso escolar e educativo dos alunos. Todos os anos, em outubro, fazemos uma cerimónia para entrega dos prémios, em que pais e filhos, parceiros educativos, professores e funcionários participam.

Outra das parcerias importantes na escola é a parceria com a Usalma - Universidade Sénior de Almada, que mantém um polo bastante ativo na ESMC, onde são lecionadas aulas de Inglês e TIC.

O Jornal FAS - Formas de Aprender Sentindo em conjunto com a página da escola na Internet é o meio de comunicação e divulgação das diversas atividades que vão acontecendo ao longo do ano.

132

A página da escola na Internet tem vindo a ser melhorada e aprofundada, de forma a tornar-se um instrumento não só de divulgação à comunidade das nossas atividades, mas também um espaço útil para alunos, professores e funcionários recorrerem quando precisam de informação e documentos. Para que o Projeto Educativo da Escola se concretize é importante envolver toda a comunidade educativa: alunos, pais, funcionários, professores e parceiros educativos, todos são importantes e têm um lugar de destaque e insubstituível na instituição.

Embora os alunos sejam a razão de existir da escola, os professores não podem ser esquecidos. As equipas pedagógicas são fundamentais para o sucesso destes projetos, uma vez que só com grande empenhamento e dedica-

ção dos professores se consegue criar um clima de trabalho propício à aprendizagem. Para reforçar essas equipas, nas horas da componente não letiva, são atribuídas horas de trabalho conjunto aos professores, para planificação de atividades, trabalho prático e desenvolvimento de projetos.

Há que acreditar, dignificar e valorizar a profissão docente, criando condições de trabalho e de formação que contribuam para o seu bem-estar pessoal e profissional, uma vez que estes são o motor de arranque e a força motriz que faz com que os alunos aprendam de forma significativa. Antes de terminar este artigo sobre o Projeto Educativo da ESMC, devo referir que neste momento vejo e sinto com grande preocupação as medidas restritivas tomadas em relação à educação e temo que essas medidas possam ter um efeito muito negativo para as escolas. No caso da ESMC, se o Programa TEIP deixar de existir, muito do que está a ser feito no Projeto Educativo da Escola, pode ficar comprometido, o que seria muito negativo já que existe um trabalho que está em constante crescimento e que envolve alunos, pais, professores e funcionários que diariamente trabalham para o sucesso da escola e dos seus alunos. Para finalizar, termino com palavras de esperança e abertura ao futuro: neste momento a ESMC está a ser intervencionada pela Parque Escolar, uma nova escola irá ressurgir em 2012/2013 e permitir condições de trabalho e de estudo bastante vantajosas para toda a comunidade. É com grande expectativa que aguardamos a conclusão das obras, considerando que a nova escola será uma oportunidade de podermos dar continuidade a um serviço de educação em crescente qualidade.

Profalmada, n.º 25, 2011, p. 8-9

*Diretora da Escola Secundária do Monte de Caparica.

A Educação pela Arte

Aluna Graciete da Luz Lourenço Pascoal

Nos dias de hoje, em que tanto se abordam temas sobre Arte nas suas diversas vertentes, em que nos entram pela casa dentro programas televisivos centrando-se neste tema, artistas amadores e profissionais dão largas à sua sensibilidade. A arte conquista assim grande expressão na sociedade. Como tal, vem-me à memória o tempo de adolescente, quando a caminho do Colégio, no Porto passava junto às Belas Artes. Os meus olhos voltavam-se para o átrio do edifício, como que procurando algo que ia maturando em mim: o desejo de vir a frequentar um curso de arte, desenho ou pintura, ou talvez música, áreas que sempre me atraíram. Só que nesse tempo esses cursos não tinham muitos frequentadores, no que respeitava a seguir uma via profissionalizante.

Eram áreas que principalmente as senhoras não frequentavam. Certas

peças, menos esclarecidas ou menos sensíveis viam-nos com certa reserva. Dada a subserviência que nesses tempos existia dos filhos para com os pais, ou talvez a minha pouca determinação, lá me matriculei na Escola do Magistério Primário, que era um curso recomendável para senhoras e tinha boa aceitação. De forma alguma me arrependi, pois o ensino deu-me de igual modo oportunidade de dar largas à minha tendência natural para o campo artístico. Procurei sempre desenvolver nos meus alunos estas áreas. Mas, a razão que me levou a debruçar-me sobre este tema, não foi tanto falar de mim mas antes constatar que a Arte, nas suas várias vertentes, tem desempenhado ao longo do tempo um papel preponderante no desenvolvimento de capacidades para uma melhor aprendizagem de outras áreas, desempenhando um papel motivador.

As áreas artísticas têm proporcionado também vastos progressos no campo da deficiência, como seja o tratamento de determinadas doenças do foro psíquico em crianças e adultos.

A criança que desenha, pinta, modela, canta, toca ou dança, está a tentar resolver o problema de transformar materialmente uma ideia, sentimento ou imagem que possui (John Dewey, pedagogo). A arte é a utilização dos meios para organizar em formas visuais, as nossas experiências subjetivas. Como sabemos o fim da Educação é favorecer o crescimento do que é individual em cada ser humano procurando-se uma harmonia entre a individualidade e o todo orgânico do grupo social a que se pertence.

É também o desenvolvimento como um ajustamento dos sentimentos e emoções do indivíduo ao mundo objetivo. A função mais importante da educação respeita a esta orientação psicológica e, como tal, a educação da sensibilidade estética. A educação estética engloba todas as modalidades de expressão própria, verbal, visual, plástica construtiva, musical e cinética. O objetivo do professor é conseguir a correlação, o mais elevada possível, entre o temperamento da criança e os seus modos de expressão.

A arte contém em si trocas comuns a toda a humanidade. A educação através da Arte é a educação para a PAZ (Herbert Read), crítico de arte. Reportando-me de novo a uma perspetiva pessoal considero que a arte é um desejo. Antes de ser expressa já existe dentro de nós. E a ânsia de sentirmos liberdade, é criar. Criar um mundo à imagem que este despertar em nós. Uma emoção, o sentir que podemos agarrá-lo em nossas mãos, transformá-lo, dando-lhe até outra forma de ser.

O artista, desenhador ou pintor transporta uma emoção para fora do seu "eu", expressa-a de um modo informal, sem voz, sem palavras. Essa emoção calada está ali viva, em tudo quanto possa suportá-la.

Depois aperfeiçoa o traço, mistura as cores, esboça o mar, pincela o céu, e eis que esse desejo cria voz, cria corpo que o pintor procura expressar na superfície branca de uma folha de papel.

O mundo ainda é a nossa casa

A educação ambiental e dever de cidadania

Prof. Joaquim Sarmiento

Introdução

Como sabemos, a relação do Homem com o Ambiente é indissociável da existência e da sobrevivência da Humanidade, conhecendo diversas fases de desenvolvimento em função dos ciclos planetários, de fatores geográficos e climatéricos e das características específicas dos diferentes povos e civilizações.

A Educação Ambiental esteve certamente presente em todos os currículos de aprendizagem, e foi naturalmente contemplada de forma mais ou menos explícita, nos percursos formativos dos jovens de todos os tempos, incorporando o património histórico, cultural e social da condição humana.

O homem, no seu desejo e necessidade de dominar a natureza, intervindo e transformando o mundo que o rodeia, foi mobilizando saberes e recursos tecnológicos que se exponenciaram com a Revolução Industrial, atingindo nos nossos dias um poder extraordinário, que tem feito prodígios em diferentes domínios técnicos e científicos, mas gerou graves desequilíbrios, que ameaçam a continuidade da vida na Terra.

As evidências das alterações ecológicas, a frequência de fenómenos climáticos extremos, o crescimento de indicadores que confirmam o aquecimento global do planeta, a diminuição da camada de ozono, as vagas de calor, o degelo das calotes polares, a subida média das águas dos mares, as alterações dos ciclos e intensidades das chuvas, a perda da biodiversidade, associada à extinção de muitas espécies animais e vegetais, interpelam toda a comunidade científica e desafiam os cidadãos do Planeta Azul a intervir pela defesa da vida na Terra.

As preocupações ambientalistas foram sendo incorporadas nos currículos escolares de todos os ciclos de escolaridade, com particular ênfase nas ciências experimentais, com a clara intencionalidade de desenvolver o espírito científico e conhecimento do mundo que nos rodeia, onde os problemas ambientais ganharam cada vez mais relevância.

Estas preocupações foram adquirindo uma dimensão transversal, motivando nas últimas décadas a multiplicação de iniciativas e projetos de desenvolvimento educativo na Escola Pública e no Ensino Particular e Cooperativo.

A Área-Escola, criada na Reforma Educativa liderada por Roberto Carneiro, vocacionada para o desenvolvimento de projetos integrados de natureza inter e multidisciplinares, tendo na sua génese o primado da participação dos alunos, desde a conceção à concretização e avaliação, gerou uma multiplicidade de iniciativas orientadas para a articulação entre a escola e a comunidade, onde se destacaram as preocupações ambientais.

Apesar de alguma contestação e resistência a esta inovação do Sistema Educativo, as escolas do Ensino Básico respiraram uma lufada de ar fresco e promoveram realizações, por vezes notáveis, que nem sempre mereceram a devida visibilidade pública.

Estas ideias e práticas generosas, não ficaram circunscritas aos muros da escola, tiveram naturais repercussões positivas nas famílias e nas diferentes comunidades educativas.

A primeira Festa da Árvore aconteceu no Seixal

Foi no Seixal, em maio de 1907, que foi organizada pela primeira vez em Portugal a primeira Festa da Árvore, inspirada nos exemplos simbólicos da Revolução Francesa, promovida pela Comissão Escolar de Beneficência e Ensino da Freguesia do Seixal, por proposta do distinto farmacêutico António Augusto Louro, conhecido pelos seus ideais republicanos e maçónicos.

A Praça Luís de Camões encheu-se de seixalenses e convidados ilustres, vindos da capital, para assistir à plantação simbólica de uma árvore pelos alunos do Ensino Primário, acompanhados pelos professores, tendo esta sessão solene sido presidida pelo prior da freguesia Padre Francisco Coutinho.

A Festa da Árvore no Seixal foi precedida com concerto da Orquestra Seixalense, recitação de poesia e monólogos por algumas alunas, reuniu cerca de uma centena de crianças, contou com a presença do presidente da Câmara Municipal do Seixal de então, da restante edilidade, do subinspetor do círculo escolar e de centenas de populares que se associaram ao evento.

A cerimónia mereceu grande destaque na imprensa da altura, tendo a Liga Nacional de Instrução realizado, em novembro do mesmo ano, em Lisboa, na Avenida Alexandre Herculano, a plantação de trinta e oito árvores, com grande pompa e circunstância.

O Partido Republicano viria a incentivar, um pouco por todo o país, a multiplicação de Festas da Árvore, para as quais foi criado um hino, e geralmente eram acompanhadas por bandas filarmónicas e orquestras musicais. Foram talvez em Portugal as primeiras manifestações ambientalistas que congregaram as escolas, o poder local e as comunidades educativas.

Relato de práticas

Na escola do Seixal, que adotou como patrono o Dr. António Augusto Louro, principal protagonista da Festa da Árvore no Seixal, cujo Projeto Educativo tem como principal inspiração o legado do ilustre farmacêutico, decorreram **dois projetos de intervenção** na escola, que congregaram a participação de professores, alunos e respetivas famílias, como tentaremos relatar de forma sintética, ilustrando com algumas imagens alusivas.

Jardim do Amor

Na sua génese esteve a sugestão de uma turma para a criação de um espaço aprazível de encontro e convívio.

Realizado no ano letivo 2004/2005, com uma turma do 6.º ano, envolveu as diferentes disciplinas e áreas não disciplinares; o projeto foi concebido

para a recuperação de uma zona degradada entre dois pavilhões, com cerca de duzentos metros quadrados.

A sua fase de conceção mobilizou especialmente as disciplinas de EVT, Matemática e Ciências da Natureza.

Após escolha do local e realizados estudos e planeamento, a proposta foi aprovada pelos professores do Conselho de Turma e ratificada em Conselho Pedagógico.

A plantação de árvores e arbustos, cedidos pela Câmara Municipal do Seixal, nos locais previstos, decorreu numa jornada de trabalho, realizada no Dia Mundial da Árvore, com a participação de outras turmas do 2.º Ciclo, sob a orientação dos professores de Ciências da Natureza.

Todas as disciplinas tiveram a sua participação, mas as áreas não disciplinares, sobretudo a Área de Projeto e Formação Cívica, foram elementos essenciais nas diferentes fases de desenvolvimento do projeto.

A execução de alguns elementos projetados (bancos, caminhos e vedações de proteção) contou com a colaboração de alguns pais, de um avô e um tio, em regime de voluntariado.

O apoio de alguns parceiros locais (Câmara Municipal, Juntas de Freguesia do Seixal, Arrentela, Paio Pires, empresa A. Silva e Silva) foi fundamental, permitindo reunir os recursos materiais e financeiros necessários para a concretização do projeto.

A inauguração do *Jardim do Amor* foi deliberadamente marcada para o dia 24 de junho (data da criação da escola em D.R.), foi animada com atividades performativas dos alunos e culminou com um lanche-convívio, oferecido pela Associação de Pais e Encarregados de Educação.

Foi um projeto muito gratificante para os vários protagonistas, que deixaram um legado aprazível na escola, para ser utilizado sobretudo pelos alunos que desfrutaram deste agradável local de convívio.

Cantinho da Amizade

Protagonizado também por uma turma do 6.º Ano, em Área de Projeto, no ano letivo de 2009/2010, que sugeriu a criação de um Parque de Merendas nas imediações da Sala do Aluno.

Foram várias as hipóteses apresentadas, e após a escolha do local (um recanto protegido pelos muros de vedação da escola), a ideia teve apreciação favorável do Conselho de Turma e do Conselho Pedagógico.

O projeto gráfico para as pinturas murais foi desenvolvido em EVT, integrando o estudo de padrões e de silhuetas dos alunos, em situações de convívio e amizade.

Foi integrada a proposta de criação de uma zona para mensagens escritas e *graffiti*, que viria a ser muito utilizada, nem sempre com as mais nobres motivações.

Desta vez os parceiros locais não foram generosos, o que obrigou a repensar a ideia inicial, prescindindo das mesas e optando pela construção de

bancos, com aproveitamento de estruturas metálicas disponíveis.

A participação dos pais e familiares, em conjunto com os alunos, decorreu em duas jornadas de trabalho ao sábado, para limpeza do local, pintura de muros e fixação dos bancos à sombra de árvores ali existentes. A inauguração foi igualmente no final do ano letivo, a um sábado de manhã, teve um programa de animação elaborado pelos alunos, integrando danças, concerto de flautas e cantares, e contou entre os convidados, com a presença da Senhora Presidente da Junta de Freguesia da Arrentela. Não tendo a complexidade e o nível de investimento do primeiro projeto relatado, foi igualmente interessante a reunião de vontades de professores, alunos e seus familiares, que de forma empenhada construíram mais um novo espaço acolhedor, recuperando uma zona desaproveitada que se tornou mais um polo de convívio e lazer.

Em jeito de conclusão

Como o leitor compreenderá, não se pretendeu fazer um relato detalhado dos dois projetos de Educação Ambiental, selecionados entre tantos outros, que são desenvolvidos nesta escola, que, tal como noutras escolas, tiveram forte impulso com a criação das áreas não disciplinares. Estes desafios “construtivistas” não são simples nem isentos de riscos, porque os espaços verdes nos recintos escolares convivem permanentemente com os impactos das dinâmicas e comportamentos dos alunos, em momentos de brincadeira e convívio, que nem sempre respeitam o património natural existente. Na nova reorganização curricular protagonizada pelo atual Ministro da Educação, Nuno Crato, estas áreas disciplinares foram extintas, sendo expectável que haja um retrocesso muito significativo nos percursos e experiências vivenciadas, não só no domínio da Educação Ambiental, mas também num desígnio tão importante como o da Educação para a Cidadania Democrática. Apesar destes constrangimentos, as escolas e os professores saberão encontrar novos caminhos educativos para a defesa da sustentabilidade da Vida na Terra, da preservação do futuro da Humanidade e da Biodiversidade. Como educadores, temos uma missão educativa insubstituível e como cidadãos o poder imenso de fazer escolhas em diferentes dimensões da vida social, política e económica, com a convicção de que o futuro se constrói aqui e agora, nos grandes e pequenos gestos individuais e coletivos.

Bibliografia

APPIGNANESI, Lisa e ROSE, Steven - Para uma nova ciência, Lisboa, 1989, Gradiva.

ALMEIDA, António e VIEIRA, Maria da Conceição - Didáctica das Ciências, Aceleração Cognitiva -Teoria e Prática, 1996, Edições ASA.

DAUBOIS, Jeanne- A Ecologia na Escola, 2.ª edição, 1976, Editorial Estampa.

ELOY, António - Energias Sem-fim, contrariando as alterações climáticas, 2009. Edições Colibri.

LIMA, Manuel - A Árvore no Concelho do Seixal, 2001, Edição da Câmara Municipal do Seixal.

LOPES, Teixeira – Escola, território e políticas culturais, Porto, 2003, Campo das Letras.

MORIN, Edgar – O Desafio do Século XXI, 1999, Instituto Piaget.

NÓVOA, António e POPKEWITZ, Thomas - Reformas educativas e formação de professores, Lisboa, 1992, Educa.

RIBEIRO, Orlando – Variações sobre temas de ciência, Lisboa, 1967, Sá da Costa.

SÉRGIO, António - Educação Cívica, 3.ª edição, 1984, Ministério da Educação.

VÁRIOS- António Augusto Louro e a Educação Cívica, 2002. Edição da Escola do 2.º e 3.º Ciclos Dr. António Augusto Louro.

EDUCAÇÃO E ENSINO, (revista), Ano 8, n.º 14, 1996, Associação de Municípios do Distrito de Setúbal.

NOESIS n.º 34 (revista), Abril/Junho 1995, Instituto de Inovação Educacional, Experiências escolares em Educação Ambiental, Prémio editora Constância, 1993.

Profalmada n.º 28, 2012, p. 3-5

Educação para a Cidadania: da sala de aula à participação na comunidade educativa

Prof.^{as} *Fátima Oliveira, Lídia Pires e Miquelina Santos*
Escola Secundária Emídio Navarro*

Nota introdutória

Em contexto de Oficina de Formação do Centro de Formação de Escolas do Concelho de Almada (AlmadaForma), realizada em janeiro-fevereiro de 2012, projetou-se a Atividade: O que fazer aos óleos alimentares usados - um contributo para a sustentabilidade, que se divulga com sentido de partilha pela formação permanente dos educadores e professores.

Configuração da atividade

Atividade: O que fazer aos óleos alimentares usados - um contributo para a sustentabilidade

Tempo previsto: 180 min em aula mais trabalho extra aula

Público alvo: Alunos do 8.º anos de escolaridade (aplicar em Ciências Físico-Químicas em turma dividida).

Parceiros da comunidade educativa a envolver:

Famílias e vizinhanças

Escola

Câmara Municipal de Almada (Departamento do Ambiente)

Objetivos

Gerais:

Desenvolver capacidades e atitudes que permitam ao aluno ser cidadão crítico e interveniente na sociedade.

Específicos:

Conhecer o efeito poluidor dos óleos alimentares usados no ambiente.
Reconhecer a necessidade de tratamento dos óleos alimentares usados, para evitar a sua acumulação considerando as dimensões ambientais e éticas.
Divulgar à comunidade local as conclusões do trabalho realizado.
Promover mudança de práticas no destino a dar aos óleos usados.

Enquadramento teórico

Com a atividade O que fazer aos óleos alimentares usados - um contributo para a sustentabilidade, pretende-se confrontar os alunos com uma situação de desequilíbrio provocada pela intervenção humana e a resolução dos problemas daí resultantes, visando a sustentabilidade na Terra.

O tema Sustentabilidade na Terra faz parte do currículo da disciplina de CFQ do 8.º ano, de acordo com a reorganização curricular do Ensino Básico, Decreto-Lei n.º 6/2001 de 18/01, que define a educação para a cidadania como uma formação transversal, onde o tema Desenvolvimento Sustentável pode ser tratado, contribuindo para o perfil de saída do aluno do ensino básico. A atividade enquadra-se, assim, num dos temas transversais de Educação para a Cidadania que constituem preocupações emergentes na sociedade atual.

A aprendizagem da cidadania requer uma vivência de cidadania, partimos assim de um problema global mas com representatividade local, que permitirá aos alunos uma maior identificação com o problema e a possibilidade de ter uma atitude ativa, atuando como agentes de mudança junto da família e da comunidade local.

Breve descrição da atividade

Individualmente, ler os textos (anexo 1) para consciencialização do problema “O que fazer aos óleos alimentares usados”(10 min).

Em grupo, responder às questões colocadas(10 min).

Apresentação do trabalho em plenário moderado pelo professor(10 min).

Realização de trabalhos de grupo (anexo 2), para conhecer a realidade local em relação aos óleos usados (30 min).

Extra letivo: aplicação do inquérito e da entrevista, preparação da ação e tratamento dos dados.

Sessão plenária para apresentação das conclusões à turma; o professor recolhe as informações úteis para construção do panfleto (30 min).

Elaboração de um panfleto - na aula de Educação Visual (45 min).

Divulgação (45 min).

Saberes e aprendizagens de cidadania a desenvolver pelos alunos:

A atividade pretende criar, na comunidade educativa, hábitos/práticas mais “amigas” do Desenvolvimento Sustentável, os alunos envolvidos serão agentes da mudança na família e junto da comunidade local.

Relação:

Interagir com os outros, estabelecendo relacionamentos construtivos
Cooperar com os outros na prossecução de objetivos comuns
Pensamento crítico e criativo:
Pesquisar e utilizar informação relevante, avaliando a sua fiabilidade e referindo as fontes
Analisar de forma crítica as situações sociais e o seu próprio desempenho
Ajuizar sobre o que é justo ou injusto em diferentes situações
Comunicação e argumentação:
Expressar opiniões, ideias e factos
Usar adequadamente a expressão escrita e oral para estruturar o pensamento e comunicar.
Ler, interpretar e produzir mensagens numa variedade de meios e suportes.
Participação:
Desempenhar um papel ativo na comunidade local
Demonstrar interesse pelos outros e pelo bem comum
Estar informado e consciente dos seus direitos, responsabilidades e deveres
Compreender que se pode ter influência e marcar a diferença na respetiva comunidade de pertença
Recursos materiais:
Projetor
Computador
Impressora
Papel
Lápis
Organização dos alunos
Trabalho individual
Trabalho em grupos de 4 alunos
Trabalho em sessão plenária

Orientações metodológicas/instruções/procedimentos

Conforme o anteriormente referido, nomeadamente em “Saberes e aprendizagens de cidadania a desenvolver pelos alunos”, a atividade integra-se num contexto concreto, recorrendo a exemplos próximos da realidade dos alunos, apelando às suas vivências na comunidade escolar e na família, por forma a criar um contexto mais favorável à compreensão do problema.

O estabelecimento de parceria contribui para cooperar com outros na prossecução de objetivos comuns e ainda para aumentar o respeito pelas opiniões e trabalho dos outros.

A informação é recolhida com a participação dos alunos, recorrendo a inquéritos, junto da comunidade escolar e das famílias, entrevista junto da CMA, e ainda recorrendo a fontes de pesquisa, existentes no centro de Recursos da Escola e da Comunidade envolvente das quais se salienta a Internet.

A informação recolhida e selecionada, depois de analisada, é organizada em panfletos e publicitada numa ação de rua no centro da Cidade e na pági-

na da Internet da escola.

Avaliação dos alunos

Autoavaliação dos alunos e dos colegas do grupo e breve reflexão (anexo 3).

Grelha de observação durante o processo (anexo 4).

Avaliação da contribuição de cada grupo para o produto de divulgação - panfleto.

Sugestões aos professores acerca do desenvolvimento da atividade

Como o tema “Sustentabilidade na Terra” é comum às disciplinas de Ciências Naturais e Ciências Físico-Químicas, sugere-se que esta atividade seja realizada em simultâneo nas duas disciplinas.

A elaboração artística do panfleto deve ser feita na disciplina de Educação Visual.

Reflexões acerca da atividade

Além da família e de outras instâncias, a escola não só pode, como deve, desempenhar um papel fundamental na construção e no desenvolvimento de uma consciência cidadã. A legislação, quer a nível cívico, quer a nível curricular, indica uma direção clara em favor de uma educação voltada para a defesa dos Direitos Humanos e da Cidadania.

Assim, a escola apresenta-se como espaço privilegiado para o debate democrático, a afirmação de valores éticos e a formação da cidadania individual e coletiva.

Atividades como esta podem despertar, nestes jovens, o interesse pela participação ativa na resolução de problemas da comunidade mais próxima – a sua casa, a sua escola, o seu bairro – apercebendo-se de que a cidadania é também exercida a partir de pequenos atos.

Com essa consciência, torna-se possível relacionar vivências do dia a dia com situações mais amplas, de modo a que o exercício da cidadania – campo dos direitos e responsabilidades – não se confina a um discurso desvinculado da vida quotidiana.

Nós, professores, à medida que fomos progredindo na planificação da atividade, mais cientes ficámos de que o nosso papel vai muito para além dos conhecimentos científicos necessários, é preciso proporcionar aos alunos aprendizagens que lhes permitam exercer a cidadania de modo crítico nesta sociedade em exponencial mudança.

Bibliografia e outras fontes utilizadas

• REORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO ENSINO BÁSICO. Decreto-Lei nº6/2001, de 18 de janeiro.

• ROQUE, Ana, Ciências Físico-Químicas 7.º ano, Lisboa, Texto editora, 2006.

• FERREIRA, Andreia Gomes, Levantamento dos hábitos ambientais a nível Doméstico dos agregados familiares lisboetas. Propostas de melhoria e elaboração de um guia de boas práticas ambientais - Tese de Mestrado - Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009.

• Educação para a Cidadania - DGIDC - Ministério da Educação - www.dgidc.min-edu.pt/educacaocidadania/

- Programa de Cidadania e Mundo Atual / Sociedade - Direção-Geral de Formação Vocacional - 2006.
- Ministério da Educação - Departamento da Educação Básica - CIÊNCIAS FÍSICAS E NATURAIS -Orientações Curriculares - 3º Ciclo.
- EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA - www.cfpa.pt/cfppa/cidadania/curso/intromig.pdf
- Carta da Terra - <http://www.aspea.org/>
- Reciclagem de óleos de cozinha - <http://www.portaldolicenciamento.com/gestao-de-residuos/reciclagem-de-oleos-de-cozinha.html>
- Pontos de recolha de óleos usados em Almada - <http://biodiesel-af.blogspot.com/2011/04/pontos-de-recolha-em-almada.html>
- AMI - por uma ação humanitária Global - <http://www.ami.org.pt/default.asp?id=p1p490p338&l=1>
- Agência Portuguesa do Ambiente - <http://www.apambiente.pt/politicassambiente/Residuos/fluxresiduos/respgestresiduo/OAUsados/>
- Óleo Torres - <http://www.oleotorres.pt/>
- REIS, João (s.d.), O sentido da Educação para a Cidadania Democrática, <http://apei.no.sapo.pt/novo/sabados/sentidoECD.doc>

Anexo 1

Primeiro posto de biocombustível inaugurado hoje em Sintra

O primeiro posto de abastecimento de biodiesel em Portugal abre hoje em Sintra e visa promover a recolha de óleos alimentares usados para produzir este combustível, que será usado na frota municipal.

A Quercus adianta num comunicado que a produção do biodiesel tem várias vantagens: permite dar um destino aos óleos alimentares usados - que deixam assim de poluir a água e causar problemas nos sistemas de saneamento -, reduz a dependência dos combustíveis fósseis, como o gasóleo, e diminui a poluição atmosférica e a emissão de gases que provocam o efeito de estufa. (...)

A Quercus salienta que esta medida é fundamental para que Portugal cumpra as metas comunitárias que obrigam os estados-membros a um consumo mínimo de dois por cento de biocombustíveis em relação ao consumo total de gasolina e gasóleo em 2005, e a um consumo mínimo de 5,75% em 2010. Portugal ainda não transpôs a diretiva comunitária sobre biocombustíveis, tendo já recebido um pedido de esclarecimentos por parte da Comissão Europeia. Agência LUSA, 30/09/2005

Óleos alimentares usados (Levantamento dos hábitos ambientais a nível doméstico dos agregados familiares lisboetas propostas de melhoria e elaboração de um *Guia de Boas Práticas Ambientais*).

Grande parte da população lisboeta deita os óleos alimentares para a rede de esgotos (38,07%). Cerca de um terço (28,01%) das famílias deita este resíduo, na sua embalagem original ou saco de plástico, para o contentor de resíduos indiferenciados e apenas 9,17% dos inquiridos encaminham os óleos usados para o programa de recolha. São 6,71% os que cometem o erro de depositar o óleo inutilizado, juntamente com a sua embalagem original, no ecoponto amarelo e os restantes 18,05% não utilizam óleos alimentares.

No resto do território nacional os valores são idênticos, registando-se a maior diferença na percentagem de famílias que entregam os seus óleos alimentares em pontos aderentes ao sistema de recolha e valorização: 14,64%.

Anexo 2

Atividade: O que fazer aos óleos alimentares usados - um contributo para a sustentabilidade

UNIVERSIDADE DE LISBOA FACULDADE DE CIÊNCIAS

repositorio.ul.pt/bitstream/10451/1452/1/20960_ulfc080666_tm.pdf10

Objetivos:

Conhecer o efeito poluidor dos óleos alimentares usados no ambiente.

Reconhecimento da necessidade de tratamento dos óleos alimentares usados, para evitar a sua acumulação, considerando as dimensões ambientais e éticas.

Instruções/procedimentos:

Trabalho Individual:

Lê atentamente os textos em anexo e sublinha as informações relevantes.

Trabalho de Grupo:

1. O grupo escolhe o relator/redator, o coordenador e o cronometrista.

- O grupo dá resposta às questões que se seguem:

- O que fazem as pessoas ao óleo usado;

- Que problemas ambientais ocorrem quando se deita o óleo usado no esgoto;

2. O que se pode fazer para reduzir estes problemas ambientais.

3. O relator de cada grupo apresenta o trabalho realizado, moderado pelo professor.

Grupo I	Grupo II	Grupo III
<p>Construir e aplicar um inquérito para saber o que fazem os elementos da comunidade (famílias, vizinhança, escola) ao óleo usado. (consumo mensal, destino dado, ...)</p>	<p>Preparar e fazer uma entrevista com a Veradora do Departamento do Ambiente da Câmara Municipal de Almada. (que faz a Câmara para ajudar os munícipes a resolver este problema? Existem pontos de recolha? Onde e quantos? Se não existem pontos de recolha o que deverão as famílias fazer aos óleos usados?)</p>	<p>Pesquisar o que se está a fazer no concelho e no país aos óleos alimentares usados. Propor uma ação, junto da comunidade escolar, para reduzir os problemas ambientais causados pelos óleos alimentares usados. http://biodiesel-af.blogspot.com/2011/04/pontos-de-recolha-em-almada.html http://www.ami.org.pt/default.asp?id=p1p490p338&l=1 http://www.apambiente.pt/politicasambiente/Residuos/fluxresiduos/respgestresiduo/OAUsados/Paginas/default.aspx http://www.oleotorres.pt/</p>

Para conhecer melhor a realidade local os grupos vão realizar trabalhos diferenciados:

4. Apresentação do trabalho de grupo à turma e elaboração de um panfleto de divulgação.

5. Divulgação:

- Ação de sensibilização (Praça S. João Batista), distribuindo panfletos e transmitindo à população conselhos ambientais.
- Publicitação do panfleto na página da escola.

Anexo 3

Agora que a atividade acabou é o momento de fazer a avaliação e reflexão sobre o trabalho realizado.

A - Avaliação

Localiza na seta cada elemento do grupo, considerando que o máximo se situa na ponta da seta, relativamente à qualidade de:

1. Participação nas tarefas
2. Cumprimento de prazos
3. Respeito pela opinião dos colegas

B - Reflexão

Faz uma breve reflexão sobre a atividade.

Sugerem-se alguns tópicos para te apoiar nesta reflexão:

Dificuldades

Interesse

Importância

Anexo 4

A tabela será preenchida numa escala de 1 a 3 correspondendo:

1 - Fraco

2 - Razoável

3 - Bom/Muito Bom

Profalmada, n.º 28, 2012, p. 6-11

Clube de Leitura da USALMA

Prof. *Diana Ferreira*

Porque ler é um prazer que deve ser partilhado

Estamos a comemorar o segundo aniversário da existência do **Clube de Leitura da USALMA** nascido a 20 de fevereiro de 2010, fruto de um desejo de alguns dos alunos e da professora de Língua Portuguesa Diana Ferreira terem um momento de partilha de leituras, saberes e vivências. E assim, da vontade se passou à concretização, com o apoio e disponibilidade da Direção da USALMA, cujo espaço, nos tem cedido amavelmente. Os encontros têm tido lugar a um sábado por mês, agendado por todos os membros e em que são propostos livros de diversos escritores, tendo sido até ao momento maioritariamente autores lusófonos. Este projeto tem como objetivos:

- 1) Criar um espaço de exercício de leitura;

- 2) Estabelecer uma relação de proximidade com os livros;
- 3) Conhecer vários autores contemporâneos da literatura nacional, bem como clássicos ou autores estrangeiros;
- 4) Aprofundar a capacidade de interpretação individual;
- 5) Trocar ideias;
- 6) Desenvolver o sentido crítico;
- 7) Aumentar o nível de sociabilidade.

E neste sentido, os encontros têm sido muito profícuos, enaltecendo o tesouro cultural dos livros pertencentes à literatura lusa como *Caim* de José Saramago, *Eurico o Presbítero* de Alexandre Herculano, *Os meus Amores* de Trindade Coelho, *Livro* de José Luís Peixoto, os de autores estrangeiros como *As Travessuras da Menina Má*, de Gabriel Garcia Marquez, o *Mil novecentos e oitenta e quatro* de George Orwell e, por fim, autores locais, que muito nos honram com a sua presença, com *Saga de Pequenas Memórias* do Professor Feliciano Oleiro e o *Papa-Açorda* de Vicente Cóias.

Com efeito, a experiência tem sido adoçada por momentos de discussão de ideias, de experiências leitoras e até nutrida com uma *narrativa inter pares*, com participação de alguns membros. E mais do que um clube, é um momento cultural, em que a gastronomia se enamora e acalenta a leitura.

Esta doce infância vai amadurecendo com o desiderato de crescer saudavelmente numa constante partilha e aprendizagem e como tal será lançado brevemente um blogue onde poderão acompanhar as leituras, opiniões e poderão ainda participar, *porque ler é realmente um prazer que deve ser partilhado*.

Correio da Usalma, n.º 28-29, 2012, p. 7

Iniciação musical

A Música é som e este nasceu quando nasceu o Mundo.

Ao iniciarmos o ano lectivo, no curso de iniciação musical, fomos confrontados com uma série de notas musicais que já tínhamos trauteado e de que já tínhamos ouvido falar, mas de que não sabíamos qual o verdadeiro significado, nem o que elas representavam na pauta musical. Por conseguinte, éramos analfabetos em termos musicais.

Hoje, se nos apresentarem uma pauta musical, temos a obrigação de a saber solfejar e de identificar quais os sons que as notas musicais representam no pentagrama.

1 - Nomes das Notas¹

Aluno José Jorge

¹ Informação extraída do livro *Teoria Musical*, de Eurico Cebolo

Foi o beneditino Guido, natural de Arezzo de Toscana (992 ou 995- 1050), monge da Abadia de Pomposa, quem deu os nomes às notas de música, extraíndo-os da primeira sílaba dos versos de um hino dedicado a S. João Baptista e cujas palavras aqui se transcrevem:

Ut queant laxis
Resonare fibris
Mira gestorum
Famuli tuorum
Solve Poliuti
Labii reatum
Sancte Johannes...

Tradução do hino a S. João Baptista:

Purificai, bem-aventurado, os nossos lábios para, dignamente, cantar-mos os milagres que o Senhor realizou em ti!

Um mensageiro descendo dos céus veio anunciar a teu Pai que serias um varão insigne e a glórias que terias.

2 - Brincadeira musical

Aluna Graça Subtil

Dói-me não saber solfejo
Rezo pró compasso dominar
Mui grande é o meu desejo
Fazer da vida um cantar

Só nesta festa não estou
Lá, dó, ré, mi e fá
Sim, é com riso e alegria
Que vou aprendendo a sonhar

E à noite quando me deito
Sonho com o RÉ a dançar
Uma valsa com o DÓ
E um Tango com o MI e o FÁ

De seguida entro Eu
Quero com o RÉ sambar
Um Sambinha bem temperado
E com o Mi um Funáná
Por enquanto pouco entendo
Destas “histórias” de encantar
Sei apenas que na Valsa
O TERNÁRIO tem que entrar

Ai de mim se o não soubesse
Que diria o professor
Que tanto esforço tem feito
Para fazer de mim um doutor(a)

No compasso e descompasso
Vai o meu embaraçar
Quem me dera sem esforço
Aprender a Soletrar

Entre “pausas e acidentes”
Neste vaivém sem parar
Tenho esperança de saber
Enfim um dia SOLFEJAR.

Iniciação musical ando a aprender

Aluno Guilherme telmo

Acreditem, com gosto e muita persistência.
Assim o cavaquinho melhora a olhos ver
Com dificuldade, mas não me falta paciência.

Correio da Usalma, n.º 25, 2011, p. 11

Alunos de Língua Portuguesa Produzem Receitas Metafóricas

Prof. Edite Prada

Com o objetivo de dar ao trabalho sobre o encontro de sabores um cariz mais criativo, os alunos de Língua Portuguesa foram desafiados a produzir receitas metafóricas.

Partindo da leitura de alguns exemplos, como a Receita para fazer um herói, de Reinaldo Ferreira, ou da receita para fazer um romance de Almeida Garrett, os seniores foram criando as suas próprias receitas, que a seguir se registam:

Sonhos de Escritor

Tenha os olhos e os ouvidos bem abertos para tudo o que o rodeia. Observe com minúcia o mundo à sua volta. Selecione com muito cuidado e inteligência os utensílios que lhe vão servir de suporte.

Traga tudo para junto de si, porque esta receita leva muito tempo a concluir. Mas, quando bem organizada perdura, por milênios, imutável.

Execução:

Com as 26 letras do alfabeto comece por formar sílabas. Para isto precisa de juntar ao ataque, que pode ser simples ou composto, a rima, que pode levar núcleo e coda ou simplesmente núcleo. Agora, com muito cuidado, para não se enganar, forme palavras. Com as palavras e muita imaginação molde proposições. Pegue nestas proposições e com subtileza componha frases com um sentido completo. Vá juntando várias frases, para dar elasticidade à massa que quer expressar, formando parágrafos. Não se esqueça de usar, corretamente, os sinais de pontuação, muito úteis para atribuir um sentido à massa.

Faça várias porções de massa, pelo mesmo processo do anterior, servindo-se dos seus conhecimentos e imaginação, e aponha-lhes todo o seu enlevo. Vá-lhe adindo um pouco de mel, ou sal, ou especiarias, adequando a massa ao grupo de recetores que a irá digerir. Também lhe pode acrescentar um pouco de molho simples, para ser deglutida mais facilmente.

Tente dilatar. Quanto mais flexível estiver a massa melhor será o seu resultado. Deixe levedar um pouco. Dê uma revisão à massa para ficar homogénea e limpa. Repita várias vezes esta operação. Nunca a coloque em banho-maria, para evitar uma estagnação. Depois da massa bem cuidada, molde os seus sonhos. Quanto mais sonhos fizer, melhor! Leve os seus sonhos a um forno especial, que lhe dará o requinte final. Ficando, assim, prontos para serem consumidos em segurança.

Bom proveito!

O sonho de um Escritor

Aluna Raquel Pinto Silva

Para realizar esse sonho o escritor necessita de experiência e vários ingredientes adequados.

Pega na farinha que são as palavras adiciona as lágrimas e transforma-a em massa, que pode ser tenra ou outra, massa essa massa que é de sonhos junta-se-lhe mel e já tem sal que baste e trabalhe-a com cuidado e dedicação para que fique macia, aveludada e escorregadia.

Quanto mais flexível melhor será de manobrar, pois as palavras como a massa devem ser flexíveis e expressar aquilo que sentimos.

Acariciado com cuidado a bola da massa como se acaricia uma criança, a nossa massa vai-se transformando num conto, numa poesia, quiçá num romance....

Deixe levedar no seu espaço natural, quando a massa estiver em ponto de rebuçado pode moldar os sonhos ao seu jeito e leve ao forno quente para que fiquem estaladiços.

Receita para uma Sede da Usalma

Aluno Guilherme Telmo

Uma vez que já há edifício, desejamos:
Um arquiteto
Um engenheiro
Vários profissionais de ramos diferentes
Ingredientes
Ferro
Cimento
Cobre (fios)
Acessórios elétricos
Quadros
Tubos
Acessórios de canalização
Portas janelas
Reunidos estes elementos, mãos ao trabalho e temos sede.
Agora falta equipá-la, mas só com uma nova receita.

Receita para o B, a, Bá

Aluno José Monteiro

Tome as letras do alfabeto todo
Trabalhe-as uma a uma com cuidado.
Escolha uma, agora outra e outra mais.
Soletre. Ora veja o resultado!
Escolha outras. Proceda do mesmo modo.
Está a ver? São essas as sílabas, com as quais
Se formam as palavras, ora longas, ora breves.

Agora é fácil: tome bastante imaginação
Apure de cada uma o sabor, a tonalidade.
Chamar-se-á ao conjunto proposição.
Se retocar poderá, com toda a facilidade,
Reter o voo da andorinha de asas leves,
Pintar o pôr-do-sol ao cair da tarde,
Ouvir o ribombar de algum trovão,
Ver da papoila o fogo que no trigo arde,
Sentir o calor de quem nos dá mão.
Sirva sem cerimónia, mas com muita emoção!

Receita para Afastar os Amigos

Aluno *Vicente Cóias*

1 - Quando apreciares uma obra de outra pessoa, mesmo que esta te pareça excelente, não elogies o seu autor. Preocupa-te, sim, em apontar qualquer deficiência, por mais pequena que ela seja;

2 - Mantém sempre firme a tua opinião e as tuas ideias, mesmo que o rigor e a excelência da argumentação contrária te prove que estás enganado;

3 - Quando um amigo te apresentar uma ideia, reprová-a imediatamente, antes de verificares se ela é válida. Propõe uma nova ideia, ainda que não tenhas a certeza de que ela será melhor;

4 - Não peças desculpa a ninguém, mesmo que isso claramente se justifique. Por fim, olha à tua volta e se ainda te restar algum amigo, estima-o porque esse é verdadeiro.

Receita para Fazer um Piquenique

Aluno *José Pedro Parreira*

Ingredientes

1. Escolher um dia de Primavera;
2. Um campo florido, ou junto de uma ribeira;
3. Escolher a companhia, que pode ser: a namorada, a família, os amigos ou a turma de português da Usalma.
4. Preparar de véspera os petiscos da sua preferência, a música, a máquina fotográfica, um saco de anedotas e se se lembrar, leve um livro;
5. Leve a mente aberta e um espírito brincalhão;
6. Ah! Não se esqueça de levar um chapéu.

Como cozinhar?

1. Estenda a toalha no chão;
2. Abra o saco, ponha o farnel sobre a toalha;
3. Encha o copo;
4. Respire o ar puro do campo;
5. Conviva alegremente;
6. Se ouvir um rouxinol cantar nos salgueiros junto ao rio, não tente imitá-lo. É difícil.
7. À tardinha tire uma fotografia ao pôr-do-sol;
8. Volte para casa e durma bem.

À professora resta deixar aqui um registo reconhecido, pelo empenho e entusiasmo dos seus alunos.

Obrigada!

Crer ou não crer eis a questão

Aluno Romão C. Durão

A cada aula de filosofia que assisto, dou comigo a pensar na importância do diálogo, da importância de sentir os temas de várias formas e maneiras, quer seja na turma, quer na vida quotidiana.

Haverá sempre a necessidade de respeitarmos as ideias dos outros. Mesmo que as nossas ideias não coincidam, devemos ter capacidade de ouvir, deixar explicar as suas ideias.

Quando debatemos temas dentro da metafísica, aí há discussão, há quem pense que há vida para além da morte física e há quem pense o contrário.

Há quem diga simplesmente, “isso está certo, não necessita discussão”, nem se quer discutir, ou ouvir o ponto de vista diferente.

Como poderá essa pessoa conviver com o desconhecido, acreditar no que não pode testar nem sequer básica ou cientificamente? Será que o facto de querer crer (ter fé) é suficiente?

A importância atribuída a este tema é a mesma que a outros, o que parece ser fácil de entender; o que se passa para além da morte?

Tudo quanto nos rodeia tem princípio, meio e fim, não somos diferentes, do ponto de vista atómico, pó és e a pó voltarás; amanhã seremos elemento quiçá de corpos diferentes.

Pertencemos, como os restantes elementos, ao tempo e ao espaço em que vivemos e nem antes nem depois temos conhecimento do espaço que ocupávamos ou que ocuparemos no planeta ou fora dele.

É a morte, ou pode ser a morte, uma transição para outra vida? O que sim é certo, é que quem acredita na vida para além dela, parece viver feliz.

Todas as antigas civilizações hoje conhecidas, trataram do tema com grande atenção e nos dias de hoje, enquadrados nesta civilização de informação/desinformação, as opiniões continuam diversas, como há milhares de anos. Mesmo os maiores pensadores, filósofos, teólogos e outros, não definiram nunca, um conceito geral sobre o tema, havendo quem acredite e quem não.

Acreditar em algo em que queremos, não significa que isso esteja correcto, mas também não significa que esteja errado; por isso devemos deixar o livre arbítrio que existe em cada um, respeitando a forma que cada qual tem ou quer, de entender seja o que for.

Introdução ao Budismo

Prof.^a *Kelsang Dechog*

Introdução ao Budismo é o título de uma disciplina especial na Usalma. O curso está aberto a todos, independentemente da sua experiência, e será ensinado por uma monja Budista, Kelsang Dechog, que é a professora-residente do Centro Budista Deuachen em Sintra.

O objetivo do curso é introduzir a filosofia Budista, e oferecer uma base de técnicas de meditação. No final do curso, os alunos irão entender vários ensinamentos Budistas e terão ganho alguma experiência em como aplicá-los no dia-a-dia.

Dechog vai começar por explorar a questão “Porque é que Buda surgiu neste mundo há 2500 anos atrás?”. Ela vai explicar como Buda realizou que, apesar de as pessoas poderem ter boas condições externas, elas estão frequentemente infelizes – e que quando experimentam condições desfavoráveis, é difícil para elas permanecer calmas e pacíficas.

Buda mostrou como encontrar uma fonte de felicidade que não depende de forma nenhuma das condições externas.

Ele demonstrou como desenvolver paz interior e contentamento, fontes de força e confiança, que não são perturbadas pelas condições externas variáveis.

O curso é muito prático, e por isso ao mesmo tempo que são ensinadas as várias técnicas de meditação, Dechog também vai dar conselhos sobre como os alunos podem alcançar estes estados mentais para si próprios.

Quintas-feiras às 10h no Seminário.

Correio da Usalma, n.º 27, 2011, p. 12

Movimento e saúde: O golfe é...

153

Prof. *José Gonçalves*

É uma oportunidade para uma caminhada. É um exercício constante para o nosso cérebro.

Os movimentos resultam de pouca força. O golfe é um desporto que pode ser jogado sem se utilizar muita força, normalmente o resultado é melhor. Um campeão famoso dizia mais ou menos isto: Deve-se segurar o taco como se fosse um passarinho, sem o apertar que o magoe, mas sem o deixar fugir. Os movimentos espetaculares de que é famoso, resultam de pouca for-

ça e deixar que a força da gravidade atue. Todas as jogadas são diferentes, são um exercício constante para o nosso cérebro, experimentamos e avaliamos de imediato o resultado. É uma boa oportunidade para uma caminhada, a conversar na natureza. Em 11.3.2012 ao ler o *Correio da Manhã* tomei conhecimento de mais uma forma para jogar (ver foto). Estão convidados a aparecer nas nossas aulas e experimentar. Conversem com os nossos alunos, perguntem-lhes como é fácil, barato e Se o tempo deixar fazemos uma competição no campo dos Capuchos, onde de vez em quando treinamos.

Correio da Usalma, n.º 28-29, 2012, p. 17

An abstract geometric artwork featuring overlapping shapes in various colors including yellow, blue, red, green, and brown. The composition is layered, with some shapes appearing more prominent than others. A large yellow ring is a central element in the lower half. Two blue circles are positioned on the left and right sides. The overall style is modern and colorful.

Parte III: Poesia e Escrita Criativa da Usalma

2014

Inverno

Aluna Solange Firmino

No rastro das névoas
Os sonhos não nascidos
escondem-se.
A vida lateja no
cortejo de ideias submersas

Correio da Usalma, n.º 25, 2011, p. 1

A Arte em poema

Aluna Graciete da Luz Lourenço Pascoal

I

Em tudo quanto olho, vejo arte
No fio d'água que brota da nascente
Nas pedras desgastadas da calçada
Na acha que na lareira nos aquece
E no chiar da mó enfarinhada

II

Num campo atapetado com papoilas
No nascer do sol e no seu pôr
No elegante voar de uma andorinha
Que parte à procura de calor

III

Na pureza do olhar de uma criança
No coaxar da rã lá no fundo da poça
Na abelha que suga o néctar da flor
O transporta e transforma em mel qu'adoça

IV

No colo duma mãe que o filho embala
No choro de criança qu'enternece
Nas rugas em rosto de mulher cansada
Na teia que uma aranha com engenho tece.

V

Há arte ou não, na lua recortada
Que a sua luz oferece em noite escura?
E no vasto e negro céu, qual gigantesca tela,
Onde se pintou estrelas com ternura?

VI

Numa maçã vermelha e apetitosa
No aroma doce e suave duma rosa
Do rosmaninho, da tília e do jasmim.
No bater d'asas do grilo no seu esconderijo
Quebrando o silêncio na noite sem fim...

VII

No vento que sopra e vai empurrando a vela
Na chuva leve batendo na vidraça
No sol que aquece e faz abrir a flor
E na borboleta que pelo ar esvoaça?

VIII

Há arte ou não, no arco a sete cores
Que empresta ao céu um ar de romaria
Quem o pintou ali?
Qual foi o artista, que tudo elaborou com tal beleza?
Quem quer que fosse, a gratidão sentida
Por me oferecer este quadro imenso e belo
A que se deu o nome Natureza

Correio da Usalma, n.º 25, 2011, p. 16

Poesia de Américo Morgado. Inéditos

Américo Morgado (n.1935), licenciado em filosofia, tem exercido a sua atividade entre Escolas Secundárias de Almada, a Escola Superior de Educação de Lisboa e a Universidade Sénior de Almada.

Américo Morgado, entre as suas obras publicadas, que inclui Melodia de água, edição da Associação de Professores de Almada, em Junho de 2011, trabalha-se como filósofo pela poesia, por entre certos inéditos (2011-2012):

A vida sabe de nós

Nascemos errados para esta existência
ou a vida por amor consente o erro
este desvio, de sermos quem somos.

Somos humanos, dizem-nos,
num mundo inumano.
Somos amor e não amamos,

a não ser,
daquela forma
como se nascesse enformado.

Não há existência mais cruel
que pensar,
que o fiel é vida para ser vivida!

É morte se assim permanecer
como toda a vertical
se não houver horizontalidade para a manter.

Estamos errados
e no erro vamos morrendo
mas não a vida.

Permanece fulgor, gota d'água!

Correio da Usalma, n.º 26, 2011, p. 5

Mar

Ó mar,
associam-te à morte!

Tiranía
quem diria que és vida para matar!
Atraís
e como em tudo, terei de pensar

em ser eu a seduzir
e pelo meu pé entrar

Amar

Correio da Usalma, n.º 27, 2011, p. 6

Política

Política é Poder
faz obedecer
para o bem comum.
Desumanizada
é dano
e ainda mais
é dano insano
quando endeusada.
Não é para nós
fica perpetuamente, inacabada
e nesta inquietude, vivemos acabados
ousados na espera
esta sina malfadada!

Correio da Usalma, n.º 28-29, 2012, p. 8

Aquela árvore

Inclinado para o mar
o azul infinito
o último reduto
que por paixão
o atraí.
Tronco carcomido
nas formas, bonito
resistente
ramos e folhas afirmativamente verdes
e ali está quedo
como houvera nascido.
Areias, pedras, água para beber
tão pouco para viver
e ali está desafiante.
Aquela velha árvore
sofrida
agarrada à vida
quisera eu ser.

Correio da Usalma, n.º 28-29, 2012, p. 8

O Amor

Um rio
é água correndo
mesmo que o travem e façam um grande
lago.

Não há mago
Que prenda um coração querendo.

Não é sempre a mesma água que corre
É sempre água que vai nascendo

para amar.

Correio da Usalma, n.º 30, 2012, p. 10

Sacrifícios

Não sei, não sei! Endoideço
com sacrifícios que não mereço e sempre tudo paguei.

Cumprir e à lei obedecer
era um dever para que houvesse pão.

Hoje, perdeu-se o siso
quem tem dinheiro tem razão

os outros clamam em vão
a sentir a mão alheia no seu bolso

e ainda por cima o desprezo
de quem está encurralado, preso.

Vampiros sugam a vida
a quem nem tostão tem para viver.

Grito rouco que já nem oiço vencer ou morrer.

Correio da Usalma, n.º 30, 2012, p. 10

Não ter medo

Amo-te tanto meu amor
que é amar-me a mim mesmo
e não tenho medo e medo tenho
de te ferir
partir
sem nunca deixar de te amar
para assim poder caminhar sozinho
na solidão, o meu destino.
Gostava que não sofresses por ter ido
É nosso o mesmo caminho
Para sabermos morrer por ter vivido.

Correio da Usalma, n.º 30, 2012, p. 10

O tempo e a vida

O meu dia é o tempo
sem que o tempo me preocupe
mas preocupa-me o dia
por ser uma página em branco desafiante
a que avance na alegria
mas, hoje ainda estou triste, para colori-la!
Espero que a manhã me traga as cores
e uma carícia aliciante que me motive.

Correio da Usalma, n.º 30, 2012, p. 10

Um olhar sobre a Universidade Sénior de Almada

A flor terá de abrir
florir para nosso conhecimento
e contentamento.
Somos gotas d'água, mil
juntas, lindas
azul/amarelo, a cor
é a Universidade!
Usalma a encher Almada
de amor
luzes
solidariedade
amizade
calor, que é sorriso!
E se mais fora preciso
é acolhimento, afectos, deslumbramento!

Correio da Usalma, n.º 30, 2012, p.9-10

A ribeira

Naquele tempo em que o sonho
Com o real se fundia
Vinham os anjos lavar
Suas asas na ribeira
Ao fresco da madrugada
Perfumada de mentrasto,
meu breve corpo incorpóreo

Aluna Maria Inácia Henriques

vestido do reflexo
do espelho verde da água,
como eles me sentia
ninfa, insecto, flor
com asas de libelinha
e néctar de malvasia.
Se ao longe o galo cantava
vibravam no ar arpejos
imperceptíveis sinais
suave sopro de brisa
musical rumor da luz
nas folhas dos canaviais...
ou seria o marulhar
do meu sangue transparente
correndo em seus regatos,
primordial sobressalto
na quietude do tempo
das horas todas iguais.
Subia veloz no horizonte o astro ardente
Queimando os corpos e secando as fontes
Ateando ilusórias percepções
Enquanto à sombra verde-negra dos salgueiros
Perto da nascente
Descansavam cavalos brancos sem dono ou freio
Centauros, unicórnios, do mito libertados
Depois de vastos mundos
Percorridos
E o mistério incessante alimentava
Mil e um incêndios propagados
Da fantasia à vertigem dos sentidos.

Correio da Usalma, n.º 27, 2011, p 8

Sonhos cruzados

165

Prof. e Aluno *Manuel Costa*

Cheira a maresia na praia deserta,
infinda.
Os barcos que chegam
E os barcos que partem
levam fantasias de aventuras
nunca vividas em outra viagem.

E eu, na praia,
olhando o mar.
Os sonhos vogam
sobre as águas doces do mar
As lágrimas correm
pela saudade de longínquas paragens,
salgando o mar.
E eu, na praia,
olhando o mar.

Correm piratas,
dançam fadas
contos de encantar.

E eu, na praia,
olhando o mar.

Neste silêncio de murmúrios feito,
De sussurros cantado,
De gritos contidos,
De ais saudosos de outros mares,
Ouço vozes de vida vivida,
de vida perdida,
de vida encontrada,
De vida partilhada.

E os caranguejos correm para o mar.
-Vamos? A água está cálida e o vento suave.
No fundo do mar
vivem os sonhos
que queres alcançar!
E eu, na praia,
olhando o mar.

Histórias de vida: nos mares da costa angolana

Aluno R. C. Durão

Pedem-me que escreva algo em tema livre, sobre um episódio da minha vida, mas é muito difícil passar para o papel aquilo que, gostaria, ficasse bem

e ao mesmo tempo passar a mensagem do que pretendo.

Como história vivida vem-me agora à memória um episódio vivido a muitas milhas daqui, mais propriamente nos mares da costa angolana, onde na altura fazia parte de um pequeno navio, com péssimas condições de habitabilidade, pois era daqueles que a França mandou para o nosso país depois da 2.^a guerra.

A logística é uma parte muito importante em qualquer organização, tão importante que, na história, conhecemos casos e alguns bem recentes, de autênticos desastres, por falha da coordenação logística. Esta tem por missão levar ao lugar desejado o material específico na quantidade necessária no momento oportuno.

A logística entendeu deitar ao mar, em mar alto, uma quantidade de material bélico – munições, munições pequenas e grandes – cujo prazo de validade tinha terminado.

Para efeito do cumprimento da missão, foi metido todo o material num navio e lá fomos nós, mar fora e muitas milhas, em mar alto, resolver o problema.

Mar encrespado, com ondulação como nunca se tinha visto, com um temporal tal que só Neptuno estaria contente de andar por aquelas águas. Mas missão é missão e calhou ao articulista e a outro companheiro a tarefa de saltar para um bote de borracha, com bastante dificuldade, e recolher as caixas de madeira com munições, que ficaram a flutuar, abrir as caixas, retirar o material e deitá-lo ao mar. Martelo numa mão e escopro na outra, ambos atados aos meus pulsos, aí vão dois homens num bote que parece uma casca de noz, na imensidão dessa tormenta, pois quando o bote se encontrava, na cava, na parte baixa entre duas ondas, o navio desaparecia da nossa vista.

Naquele momento terrível, só me ocorreu um pensamento; pronto é aqui que eu termino, é aqui que eu fico e acabo!

Após a missão cumprida, quando tentamos regressar ao navio, ainda foi mais difícil, pois o bote e o navio nunca se encontravam ao mesmo nível. Mas lá se conseguiu e aqui estão ainda os dois marinheiros de águas salgadas. Por estas e outras se diz que há três tipos de homens: os vivos, os mortos e os que andam no mar alto.

Correio da Usalma, n.º 27, 2011, p. 6

167

Um caso real de guerra submarina, em águas de Angola

Aluno Manuel G. Ramos

É normal o toque a postos de combate nos navios da Marinha de Guerra, pois esta prática mantém as tripulações mais aptas e familiarizadas com as rotinas de segurança e combate. Tinha saído do quarto à meia-noite. O corpo

pedia-me descanso, pois quatro horas numa casa de máquinas de um navio antigo, que até já tinha feito a guerra da Coreia, não é passatempo que se recomende! Estava ferrado no sono, quando um toque ensurdecedor, embora familiar, me fez saltar do meu beliche. Não tive quaisquer dúvidas em identificar que se tratava de toque a postos de combate! Eram 2 horas da manhã, e em abono da verdade se diga, que não era normal acontecer esta prática a esta hora, o que me levou a estranhar. Mas, ordens são ordens, não se discutem! Fardei-me e encaminhei-me para o meu posto de combate. Ouvia-se com muita intensidade o sinal enviado pelo Sonar (equipamento de deteção de submarinos) seguido da receção do eco, «píiim...uup..., píiim... uup» em contínuo. Este som era arrepiante, sobretudo pela hora. O Imediato do navio encontrava-se junto ao Sonar, fazendo companhia aos operadores. –Isto é a sério, ou mais um exercício, senhor Imediato?

Então não ouve o eco, claro que é a sério sr. Ramos! O «píiim... up» continuava, e era este envio do sinal, com o encontro do alvo, que estava em constante desvio de rumo, que o navio perseguia. Eco no azimute 220... (informava o operador do sonar)... Leme a 220...(ordenava a ponte ao homem do leme)... Eco no azimute 290... Leme a 290... Preparar as granadas de mão. (ordem do Comandante)... Estamos sobre o alvo!...(gritava o detetor)... Lançar granadas! É da Convenção de Genebra que se deve dar sempre oportunidade ao submarino, de rendição, por isso se enviam as três granadas de mão, que são o respetivo sinal. Esperaram-se alguns minutos... e procedeu-se ao varrimento da superfície do mar com os projetores a pesquisar uma torre, ou um sinal do submarino!

Alvo no azimute 180... Lançar carga de profundidade!... Aí confesso que pensei... se vai bomba, quem me garante que não vem torpedo?! As máquinas foram lançadas a toda a força avante, e passados uns minutos, a explosão submarina de 200 kgs de TNT provoca um embate no casco do próprio navio, que algumas vezes, originaram estragos de alguma importância em vários equipamentos! Louça partida e até placas do fogão na cozinha saltavam do lugar, que para as recolocar, era preciso mais do que a força de um homem. Procedeu-se à procura de óleo ou vestígios de destroços, mas não se detetaram... Esta operação foi repetida mais algumas vezes durante a noite, e em dias subsequentes, já com a colaboração de um avião da Força Aérea, equipado com Sonar tal como o Patrulha. A ansiedade dos primeiros ataques foi diminuindo, não de intensidade, mas de carga emocional. Houve mais navios que detetaram estes sinais e que atacaram também com cargas de profundidade. Constou-se que foram encontrados vestígios de desembarque em algumas praias, mas isso eu não posso confirmar!

Conto do abandono

Aluno *Válter Deusdado*

Era um casal como muitos outros. Tiveram filhos, foram envelhecendo. Os filhos casaram, e agora tinham todo o tempo para eles. Até ali, os afazeres eram muitos, e quantas vezes se queixavam de que muitas coisas ficavam por fazer por falta de tempo.

Fernando era um homem simples, e aceitava o passar dos anos com resignação. Os sonhos estavam cumpridos, filhos casados e agora finalmente tempo para ele.

Teresa era diferente. Casara com Fernando, mas não tinha paixão por ele. Os anos iam passando, e isso afligia-a. Agora o tempo sobrava-lhe, e isso desassossegava-a. Na sua cabeça continuavam como sempre a bailar sonhos por cumprir. Cada vez mais lhe custava aceitar envelhecer ao lado de Fernando.

Não era que não tivesse amizade e companheirismo por ele, mas perdera a capacidade de um gesto de ternura, de uma manifestação de amor. Sentia-se moribunda, sem alegria. Os dias à medida que passavam doíam-lhe, sentia faltar-lhe o tempo, e morria sem esperança. Muitas vezes equacionara uma mudança, mudar de rumo, mas a simplicidade, quase inocência de Fernando tolhia-lhe os movimentos. Passavam os dias, levando com eles todas as esperanças de felicidade.

Sentia perder a alma. Um dia disse ao marido. - Fernando? Se eu morresse, como viverias esse acontecimento?

Nunca Fernando pensara no assunto. Ele estava bem, era melhor não pensar, e voltou-se para a mulher.

- Até podemos morrer no mesmo dia.

Teresa estava disposta a levar mais longe a conversa.

- E se nos separássemos, isto é, um de nós não quisesse continuar a viver com o outro?

Fernando não atribuiu significado àquelas palavras, ia-se a afastar, mas Teresa insistiu.

- E se fosse eu a afastar-me?

Fernando ficou ali sem pensar, aquelas palavras eram-lhe estranhas, não cabiam no seu vocabulário.

Olhou para a mulher com olhar inexpressivo.

- Não entendo muito bem o que estás a dizer!

A mulher, fez uma pequena pausa e continuou.

- Desculpa Fernando. Eu não sou feliz contigo. Estou a pensar mudar a minha vida.

Fernando ficou só. Atordoado. A casa tornara-se demasiado grande, as paredes e o teto pesavam-lhe, sentia-se comprimido, como se carregasse um

enorme fardo. Não conseguia permanecer naquele silêncio.

Tinha de sair, para se perder nas ruas às vezes semidesertas. Só voltava a entrar em casa quando as pernas não aguentavam mais, para se meter na cama e forçar o sono que não vinha.

Num destes passeios sem sentido, os olhos detiveram-se naquele letreiro que conhecia, mas que nunca lera. Dizia: Centro de Dia. Havia lá pessoas.

Aproximou-se da porta, e de leve tocou a campainha.

Não demorou muito, que uma senhora a rondar os quarenta anos viesse abrir a porta, convidando-o de imediato a entrar. Conduziu-o para uma pequena sala com sofás, e sentaram-se.

- Diga o que quiser, aqui estamos sós, e o que disser fica aqui connosco.

Fernando queria falar, mas não conseguia. Sentia a cabeça enorme, as ideias estavam tão emaranhadas, que teve que tossir ligeiramente para poder articular as primeiras palavras.

- Eu... eu..., estou só, e perdido.

- Quem nunca esteve só, pelos menos uma vez?

Disse Margarida, depois de se ter apresentado.

Estas palavras sossegaram um pouco Fernando.

Tinham sido palavras pronunciadas com ternura e compreensão.

Estou melhor, preparou-se Fernando para sair.

Margarida acompanhou Fernando até a porta, tocou-lhe no braço e disse-lhe carinhosamente.

- Volte amanhã.

Já fora da porta, Fernando disse com convicção:

- Até amanhã, Margarida.

Teresa era também uma mulher feliz.

Correio da Usalma, n.º 30, 2012, p. 11

Um Mundo

Aluna Margarida Simão

170

Este mundo como uma bola mágica ainda me encanta, em cada elevação e planície se encontra algo maravilhoso ou não... Mas eu que ando de certo modo sem vontade de trabalhar, uma boa dose de letargia me mantém inactiva e, quando me olho, vejo-me como uma estrela-do-mar, sem cérebro... Mas com muitas cores a envolverem-me. Flutuo livremente pelo fundo do mar, mas quando venho deitar-me numa rocha e apanhar sol sinto-me mudar...

Cheguei ao cais de embarque cerca das 6 horas da manhã, para uma viagem de lazer e descoberta até à Berlenga. Mas como tento fugir ao tradicional, dei comigo a falar com uns pescadores. Conversa para lá conversa

para cá, ficou decidido que iria com eles no barco de pesca, iriam fazer uma caldeirada a bordo e na volta, ao fim do dia, petisco ao pescador, mais tarde iria descobrir o que seria...

Sáímos do cais, o sol estava a assomar no horizonte. Eu, para que não perdesse nada da viagem, fiquei o mais perto possível da proa, para assim poder tirar fotos e ver o mar bem de perto.

Apesar de o mar estar calmo, as ondas naquela zona, talvez com uma ondulação de uns cinco metros, faziam-nos andar para baixo e para cima. Assim que me foi possível fotografei o forte de Peniche, onde figuras bem destacadas da nossa política estiveram presas antes do 25 de Abril. Hoje está transformado em Museu e oficina de artesanato. E, para vos falar verdade, a última vez que lá entrei foi há uma meia dúzia de anos, acho que até o silêncio das celas me impressionou e me fez transpirar de medo, tal foi a intensidade de tudo o que sei que o ser humano passou lá...

Continuando a navegar, consegui também umas excelentes imagens das rochas enormes que se encontram mesmo no fim do Cabo Carvoeiro. A terra ia ficando para trás, mas a sensação e a imagem eram lindas de tirar a respiração. Nós no meio do mar de um azul intenso, aquele cabo de terra enorme, cheio de casinhas brancas, permanecerá sempre na minha memória.

Aqueles 16 km que nos separam de Peniche foram percorridos em 45 minutos, salpicada pelas ondas, mas não deixando que isso me intimidasse porque a espuma do mar, a sua cor e os peixes a saltar eram um espectáculo que me deixava extasiada, e ainda não tinha visto nada.

Atracámos num pequeno cais existente junto à fortaleza, a vegetação é rara, mas as aves existentes são muitas, desde gaivotas de várias espécies, e outras aves de que desconheço o nome, lagartos, lagartixas, encontramos-os sempre, até nos sítios mais inóspitos. Mas eu queria era ir ver o fundo do mar, de modo que mudei de roupa, calcei umas barbatanas bem compridas e lá fui ver o que há muito desejava, o contacto físico com o mar.

Nadei até à gruta azul. É assim chamada porque o nosso corpo debaixo de água fica azul devido à luz do sol e a sensação de liberdade é de tal modo, que esquecemos a existência do mundo. As suas águas cristalinas não nos deixam parar, e assim fui mergulhando e misturando-me com umas algas de vários recortes e feitios de um verde forte, e outras avermelhadas.

Senti como se estivesse num jardim com muita flor, muita cor, e uma imensa variedade de espécies. Continuei o meu caminho e até passei com os peixes. Eles foram meus anfitriões e deliciei-me com a sua companhia. Fui dar à gruta comprida, mas a corrente era bastante forte, o meu cuidado redobrou, a luz a brilhar na água e a sua reflexão nas paredes escuras davam um tom que nem os melhores pintores conseguem reproduzir com exactidão.

Na verdade, eram horas da caldeirada que me propus comer na companhia dos amigos pescadores. Abandonei as límpidas águas, e lá fui até ao barco. Todos me esperavam ansiosos porque me perderam de vista. En-

contravam-se preocupados, mas ficaram bem satisfeitos quando me viram regressar.

A caldeirada estava de tal modo bem feita, com peixe fresquíssimo pescado nessa manhã, as mãos de sabedoria que a confeccionaram, que só existe um nome, divinal...

Mas comi com moderação, visto que era meu propósito voltar àquele mar, sua praia pequena de areia muito fina, tinha uma meia dúzia de turistas a trabalhar para o bronze. Terminada a belíssima refeição, fui fazer uma exploração pela ilha. Tinha duas finalidades, fazer a digestão e conhecer o terreno...

A Ilha grande chama-se Berlenga e os dois ilhéus junto dela chamam-se Farilhões e Estelas, não sei a origem dos seus nomes.

O terreno é árido, com pouca vegetação, mas o local é agradável, sentimo-nos no tecto do mundo, pelo isolamento e pela altura da ilha. A vista é soberba pois à nossa volta é só azul, com carneirinhos brancos das ondas, ao longe vê-se um barco aqui, outro mais além, e bem ao fundo o Cabo Carvoeiro bem difuso...

Impera a paz e harmonia, não quero que o tempo passe, mas já posso voltar a dar mais um mergulho, a digestão já está feita, vou aproveitar para ver o outro lado da ilha mas dentro de água. E a verdade é que o lado Norte é tão lindo como o outro. A suavidade com que bato as barbatanas e o corpo se move, até me sinto sereia, mas a beleza é do local, está a ser difícil deixar estes seres marinhos, este jardim aquático para voltar à civilização, mas a promessa a mim própria fica... voltarei.

Assim, dirigi-me para o barco. O certo é que já estava a sentir fome novamente, e não era para admirar, com a caminhada pela ilha e depois pelos jardins submersos, a fome tinha voltado, os meus amigos já me esperavam, de lanche preparado.

O barco levantou âncora e iniciámos a viagem de volta. Qual não foi o meu espanto... tive direito a merenda de rei, umas lagostas ao natural comidas à mão, uns búzios com mais de um palmo de comprimento, salada de polvo, umas sapateiras, tudo isto acompanhado por um vinho branco e uns pães caseiros.

De tal modo foi o lanche que, quando o barco atracou, ainda nos encontrávamos a comer, mas especialmente a trocar experiências vividas pelos homens do mar, que tão carinhosamente me receberam no seio deles e com histórias de vida fascinantes.

Perdemos a Guida!

Prof. Edite Prada

Perdemos a Guida! E todos ficámos mais pobres! Recordo as aulas; recorde a alegria contagiosa da Margarida, a sua disponibilidade, a sua generosidade, a sua participação.

Em 2008, inexperiente nestas andanças de professora numa Universidade Sénior, a Margarida cedo se incluiu no grupo que me integrou, que me adotou.

Ouço ainda a sua voz, atenta, disponível «Ó professora, nós costumamos fazer isto... gostamos de fazer aquilo». Muito haveria a dizer sobre ela. Muito ela disse, e escreveu, sobre ela! Ouçamo-la:

1 - A vida era pacata

Aluna Margarida Simão

A vida era pacata, nada acontecia na aldeia. Afonso era serrador. O seu instrumento de trabalho, a serra braçal; e por vezes passava semanas fora de casa; quando o trabalho assim o exigia, lá seguia pelas florestas do país, para trazer uns parcos escudos, que mal davam para a família se alimentar; e a família tinha acabado de aumentar. A segunda filha ainda só tinha um ano e já vinha outro a caminho.

Então teriam mesmo de fazer o que já haviam planeado. Com a ajuda do governo da época, Afonso tratou da papelada, e Ernestina ia fazendo umas roupinhas para as meninas, que a viagem para Moçambique não tardava, iam como tantos outros procurar melhorar a vida, assim como a de seus filhos.

Estávamos em meados dos anos cinquenta. Odete, a terceira filha, contar-me-ia mais tarde, quando começámos a trocar correspondência, que um dos locais por onde tinham passado tinha o nome do seu avô Lourenço Marques. Mas o local para onde os levaram, verifiquei mais tarde que se situava no distrito de Cabo Delgado e a cidade chamava-se Pemba, local rico em madeira, e paradisíaco pelas suas praias.

O tempo passou, a Odete cresceu, e o militar apareceu. O romance nasceu, e os enamorados casaram, a primeira filha nasceu, a bomba rebentou, e o Eduardo perdeu uma perna pelo ar, uns quantos dedos das mãos, e estilhaços a picarem.

(Recomeço novamente...)

A vida parou em parte... O Manuel deu conta de si três semanas depois, já num hospital em Lisboa, local onde se encontrava a bela Odete, que dei-

xou o seu rebento com a mãe e nem pensou duas vezes, sempre presente à cabeceira de quem dela precisava. Sem o saber, trazia no ventre mais uma semente do seu grande amor.

A barriga ia crescendo e o marido recuperando. A prótese já estava a ser testada e experimentada.

A Odete nem se apercebia de sua beleza (exterior e interior) tal era a sua modéstia e entrega.

Com todos estes afazeres decidiu não voltar para África, para que o marido tivesse uma melhor assistência médica.

Os pais voltaram para a aldeia e trouxeram a filha mais velha dela.

A vida decorreu muito atribulada. Duas filhas, uma casa a sustentar, um marido para ajudar, desanimado, angustiado, atormentado por tudo o que viu e passou na bela terra de Pemba, mas que lhe tirou a juventude e a saúde. Nada mais foi como antes. As filhas cresceram e as reações de Manuel eram sempre contra a esposa dedicada. Não quis pedir ajuda médica. Refugiava-se no silêncio e na solidão. A mulher não podia falar com ninguém porque se eram mulheres, queriam era saber, se fossem homens, eram todos seus amantes. A vida tornou-se num inferno. Nunca saíam, não conviviam, o tormento era diário.

Assim que nasceu a sua segunda filha, Odete conseguiu um quiosque para vender jornais, revistas, jogo, etc. e era essa a fonte de rendimentos para ambos. Quando Manuel estava melhor, também ajudava. Foi com o fruto destes trabalhos que construíram casa, pagaram os estudos das filhas e todas as despesas comuns.

Com o decorrer dos anos o Manuel tinha muita dificuldade em levantar-se de manhã, as dores nos ossos e as dificuldades de movimento eram exasperantes. E Odete lá seguia para o trabalho, fazendo o seu melhor, tanto na organização como na poupança. Manuel, para se entreter em casa, não despegava da internet, tanto de noite como de dia! Resultado: o viver já não era bom mas piorou sobremaneira! Certo dia, Odete deu meia dúzia de pontapés na porta, alugou um T0, pediu o divórcio, vendeu o quiosque, entregou todo o dinheiro ao Manuel. Nada quis da casa. Arranjou emprego e passou a ter paz. Os castelos com que sonhou nunca existiram. A vida foi tormentosa e madrasta, nada lhe deu, tudo lhe roubou.

O Manuel, passados três meses, estava casado com uma brasileira que tinha arranjado na internet. Aí virou-se o feitiço contra o feiticeiro... A brasileira não ajudava, não desculpava, não acarinhava, exigia, exigia, exigia...

Odete estava feliz, tranquila e o sol brilhava na sua face com um brilho diferente, quando saiu da agência de viagem com um bilhete de ida e volta até Paris, para fazer as primeiras férias de sua vida. Só, mas serena, muito serena!...

2 - E o sorriso

Prof^a. Diana Ferreira

E o sorriso, as gargalhadas, as partilhas, a amizade... perpetuam-se nas doces e muitas recordações!

Em homenagem à minha querida Margarida Simão, hoje as margaridas foram ao seu encontro! E assim continuará em cada maré, a renovar-se a lembrança da sua força, alegria e amizade!

Até sempre!

3 - Fazes falta, Margarida!

Aluna Luísa Timóteo

No jardim do outono das nossas vidas eras uma flor esplendorosa, transmitias alegria e boa disposição.

Obrigada pela amizade e boas memórias.

Partiste cedo! Serás sempre lembrada pela maioria daqueles que contigo conviveram.

Deixas saudades!

Margarida encantava e impressionava todos nós. Não deixava ninguém indiferente.

Até breve, Margarida!

Correio da Usalma, n.º 30, 2012, p. 13-14

Crónica de uma visita à Feira do Livro

Aluno Fernando Antunes

Estive hoje (dia 04-05-2011) na Feira do Livro.

É a 81.ª Feira do Livro de Lisboa!

É a festa de todos quantos amam os livros; a festa dos leitores, dos escritores, dos editores...

Sim! A Feira do Livro é uma festa!

Sinto-o deambulando ao ar livre, pelo parque, observando os diversos *stands*.

Há colorido, há curiosidade, há alegria, há povo! Frequento a feira há mais de quarenta anos. Nunca falhei, estou certo, reservando sempre todos os anos um ou mais dias para a visitar e reservando sempre alguns escudos/euros para aquisição de alguns livros.

Sendo sempre o livro a força que, logicamente, me atrai à feira, nem sempre as motivações nem as emoções foram as mesmas. Foi quase por obrigação que a frequentei nos primeiros anos. Há quarenta anos... ou mais!

Nesse tempo, para equilibrar o orçamento, além do meu emprego de

funcionário público, vendia, de porta em porta, enciclopédias. Trabalhava para uma editora brasileira que há muito tempo deixou o mercado.

O gerente fazia questão de que, durante a feira, os vendedores *free lancers* comparecessem algumas horas para dar assistência no *stand* da editora.

A feira realizava-se, nessa altura, ao longo da Avenida da Liberdade.

Era com agrado que anuía a colaborar, quer pelo contacto que mantinha com o público, quer pela convivência com os empregados da editora, de uma forma bem descontraída.

Relembro, desse tempo, um episódio com alguma graça.

Na abertura do primeiro dia da feira, pelas cinco da tarde, havia, invariavelmente, uma cerimónia inaugural. Segundo me parece, o então designado venerando Chefe de Estado – o Américo Tomás – fazia questão de presidir ao ato.

De acordo com a praxe, vinha acompanhado de uma comitiva e percorria, não sei se todos, ou alguns *stands*, cumprimentando os vendedores.

Num ano em que estive presente no dia da inauguração, o gerente da editora tentou colocar-me em jeito de ser eu a aparar a mão do Américo Tomás. Escusei-me, alegando a minha timidez e o facto de ser um mero colaborador...

Coube a incumbência ao Mendonça, que era o empregado que tinha por tarefas fazer as embalagens e a expedição das encomendas – o elo mais fraco! Tido como, assumidamente, ser do contra, desagradou- lhe a proposta.

Sem que ninguém se apercebesse, colocou estrategicamente dois ou três livralhaços em equilíbrio instável. Ao aproximar-se a comitiva, sussurrou-se *aí vem o Américo*.

Entretanto, os calhamaços caíram ao chão e o pobre (esperto) do Mendonça teve de se abaixar para os apanhar e arrumar.

Solícito, ou talvez meio atrapalhado, chegou-se o gerente à frente, e que remédio teve! Lá apertou a mão ao dito senhor venerando.

Lembro-me da reação do gerente no final da história:

– Siô Mendonça, você é macaco... não é assim que se diz?

Deixei de vender enciclopédias mas não deixei de frequentar a Feira.

O livro tinha-se entranhado nos meus gostos e nos meus hábitos.

176 Para além dos livros, o fugaz contacto com alguns escritores, a quem pedia autógrafos, eram momentos importantes!

Lembro Manuel da Fonseca... Augusto Abelaira... e não me alongo mais. Estão na minha estante, autografados, alguns livros de escritores contemporâneos. Nos anos 70, 80, levava comigo à feira os meus filhos. As aventuras dos cinco, dos sete, os livros da Anita eram aquisições certas...

Depois os livros de teoria ou ciência política. A avidez pelos títulos que incluíam socialismo, trotskismo, e outros ismos.

Cansei-me, não da feira mas desses livros. Agora só literatura: romance... poesia... e ... livros infantis para os meus netos.

Penso ainda este ano voltar à Feira do Livro...
Para o ano será que irei?
Raio! É a primeira vez que coloco esta questão...

Correio da Usalma, n.º 26, 2011, p. 3

Narrativa inter pares

Prof.^a Diana Ferreira

No âmbito das atividades do Clube de Leitura, foi lançado o desafio de se passar à escrita, com a produção de uma narrativa em grupo, continuando cada participante o texto anterior, ou retomando algumas das personagens. O resultado final foi o que segue.

1 - Fernando...

Para os putos os meses de Julho, Agosto e Setembro eram os meses de Liberdade e Aventura; tinham acabado as aulas, não havia deveres...

Vinham, então, de Almada e de mais longe, da Cova da Piedade, do Laranjeiro, do Pragal, até ao Ginjal, em Cacilhas.

Saíam de casa pela manhã cedo, percorriam carreiros por meio de quintas onde apanhavam fruta: nêspersas, laranjas, figos, uvas, de acordo com a época.

No regresso, pelo meio-dia, ou pela tarde adiante, percorriam os mesmos caminhos em direcção a casa cometendo os mesmos disparates.

Ouviam ralhetes:

- Raios partam a canalha!

- É mais o que estragam do que o que comem, vão-se daqui!

- Saltem daí... olha a pernada que se parte!

Faziam corridas, o primeiro a chegar era o campeão; os últimos levavam carolos e encontrões.

No Ginjal e em Cacilhas o cenário proporcionava brincadeiras diversas; havia o rio, o morro, os barcos, as camionetas.

Um lia uma matrícula em voz alta e os outros tentavam localizar a via-tura.

Jogava-se às escondidas, servindo para esconderijo qualquer camioneta, subindo-se muitas vezes ao morro; no largo jogava-se à apanhada ou ao jogo do galo.

Estas eram as brincadeiras em que participavam também algumas raparigas.

Havia outras brincadeiras em que entravam só rapazes.

Por exemplo, quando o calor apertava, os mais afoitos atiravam-se ao rio e nadavam; os que ficavam na margem gritavam e aplaudiam.

Foi assim que foi evocada a memória de outros tempos, há anos, numa associação recreativa, onde estavam muitas dezenas de almadenses que viveram esses tempos mágicos da infância.

... Recordei o jogo da bola...

Era do que mais gostava, fazer dribles, chutar, marcar golos de cabeça!

Em casa pedíamos meias velhas que enchíamos de trapos e papel velho; tínhamos que pedir às mães que cosessem as bolas para se não desfazerem, o que invariavelmente acontecia, depois de muitos pontapés.

O meu tio que andava embarcado trouxe-me uma vez uma bola de borracha.

Como dono da bola passei a escolher as equipas, ficando do meu lado os mais habilidosos.

Passei a somar vitórias sobre vitórias! A minha equipa era sempre campeã!

Mas durou pouco a existência da minha bola de borracha...

O Pardal, foi de propósito, sei que foi (também gostava da Ana...) chutou a bola para o rio.

Disse que foi sem querer mas não se atirou à água para a trazer como eu fiz e uns tantos mais; noutras circunstâncias teria sido o primeiro, ou um dos primeiros, a atirar-se ao rio.

A bola foi na corrente e com a chegada de um cacilheiro tivemos que desistir de apanhar.

Voltámos à bola de meia mas não era a mesma coisa.

Nunca mais falei ao Pardal...

Deixei de o ver, o que, felizmente, não aconteceu com a grande maioria dos companheiros de brincadeira...

Com muitos deles cresci - e fizemo-nos homens - criando laços de amizade e companheirismo; com outros, cruzei-me nos caminhos da vida, avivando saudades.

Lembro alguns nomes: o Tonecas, o Rui, o Caixa de Óculos (Miguel), o Ruivo, o Zezinho, o Gustavo e outros que cedo partiram... e as meninas do jogo das escondidas, a Belinha, a Ana, a Sofia...

Com tanta brincadeira não passei no exame da Quarta Classe. Não atinava com as fracções e com os problemas, embora fizesse ditados sem erros e redacções bem feitas.

Lembro-me que a Ana também não passou... fomos os dois que apanhámos a raposa...

Os meus pais decidiram que não valia a pena continuar nos estudos e o melhor seria arranjar-me trabalho; entretanto, levaram-me para uma aldeia e por lá me deixaram com os meus avós até chegar o Inverno... foi o castigo maior que apanhei.

Os meus avós mandavam-me à fonte e acarretar lenha para o forno...

O que mais gostava de fazer era regar uma horta que ficava longe... ha-

via um poço que se tinha de destapar; a água ia correndo pelos regatos e era com o pé que se encaminhava a distribuição da água pelo terreno onde havia plantado milho, cebolas, abóboras...

Ao princípio não queriam que eu executasse essa tarefa mas perceberam que ganhei o jeito e lá participava nas regas.

Quanto a brincadeiras... os rapazes da minha idade iam com o gado para os pastos... fui algumas vezes com eles, tropeçava pelos matos... gostava de acompanhar o Tonho; tinha uma flauta e tentou ensinar-me a tocar mas eu não tinha ouvido para a música.

Havia o jogo do pião, faziam-se torneios de perícia... tinha pouca habilidade, ao princípio nem conseguia lançá-lo e chamaram-me azelhudo; não apreciava a brincadeira.

Foi um alívio quando, no Natal, saí da aldeia...

Depois de passar o Ano Novo fui para a tanoaria trabalhar para junto do meu pai.

Entre a dezena de homens que trabalhavam na tanoaria havia mais dois rapazes um pouco mais velhos que eu.

O mestre Figueira era o mais velho dos tanoeiros e gostava de ensinar a arte. Indicou-me quais eram as pipas, as meias pipas e os quartos de pipa. Apontou para a pipa maior e esclareceu:

- Isto é um tonel; é o equivalente a duas pipas. Quando vim para aqui, rapaz como tu, fabricavam-se aqui dornas... enormes... cabia dentro um cacilheiro. Agora nem dornas nem dornachos... é isto que aqui vês.

Mostrou-me algumas ferramentas e utensílios: o torno, a raspilha, a serra, o martelo. Sempre que podiam, mestre Figueira e o meu pai iam-me dando algumas instruções. A madeira transformada em ripas era traçada e depois serrada nas medidas certas. A minha primeira tarefa consistiu em separar por tamanhos as aduelas. Pela cor, pelo cheiro e pelo tacto aprendi a diferenciar as madeiras de eucalipto, de castanho e de carvalho.

O meu pai, com outros mais experientes, tinha a tarefa de levantar ou armar, isto é, colocavam as aduelas em pé de modo a formarem um tronco cone ficando-se assim a saber o número exacto de aduelas que eram necessárias; numa delas, a mais perfeita, fazia-se uma marca com giz para depois se abrir o batoque.

Havia depois todo um trabalho posterior como a preparação dos fundos, a colocação dos arcos e os toques finais, tarefas que ia observando, executando algumas delas como aprendiz.

Embora gostasse de fazer alguns trabalhos do que eu não gostava era do ambiente... ouviam-se constantemente barulhos, marteladas, peças a cair, a arrastar.

Os homens falavam em voz baixa e calavam-se à aproximação do encarregado.

Era um brutamontes sempre a ralhar...

Ao fim da tarde iam todos para a taberna e aí já falavam alto; eu ia para casa mas às vezes ficava à porta e o meu pai vinha trazer-me um pirolito. Ouvia as conversas; sabia que falavam da guerra, de ataques, de submarinos, de aviões...

Um dia o meu pai não veio jantar e não apareceu no outro dia.

Quando cheguei à tanoaria o encarregado mandou-me embora e disse-me que o meu pai tinha sido preso.

Fiquei sem trabalho e o meu pai quando veio da prisão também.

A minha mãe costurava e era o sustento da casa.

Voltei a brincar na rua...

Era em Julho...

Antes de continuar faço um convite à Ana, ao Miguel, ao Toneca, à Sofia, ao Ruivo, ao Gustavo: contem também algo das vossas experiências de vida.

Para quem não sabe, digo-vos que acabei por fazer a quarta classe; depois fui trabalhar como paquete numa firma de Importação e Exportação, no Cais do Sodrê, e continuei a estudar à noite...

Quando, em Cacilhas, me cruzava com homens de fato de macaco, reconhecia alguns tanoeiros e outros operários do Ginjal; tinha por eles um grande respeito.

Algumas fábricas e armazéns estavam a fechar devido à crise provocada pela guerra

É assim a vida...tenho mais coisas para contar mas quero também ouvir-vos... podem inventar...

Aluno Fernando Antunes

2 - A Mudança

Aluna Maria do Céu Martinho

Os meus pais fugiram da fome alentejana e recolheram-se, provisoriamente, em casa da minha tia Joaquina, mãe do Rui, até encontrarem uma situação mais estável. Residíamos na Cova da Piedade. Como eu ainda era miúdo, andava com o Rui todo o santo dia. O Rui introduzia-me nas brincadeiras e protegia-me dos insultos dos mais insolentes.

A minha mãe, Emília, era uma fura-vidas. Conseguiu colocação para o meu pai, como servente, na Companhia Previdente. Uma empresa que estava em grande ascensão. Isto, por causa da Guerra.

Quando há guerras, uns arruinam-se e outros engrandecem.

A Empresa amplificou-se, fabricando cardas, para as botas dos soldados. E já no tempo da Guerra Colonial, com a feitura de arame farpado.

As máquinas, nas suas fábricas, não paravam. Os trabalhadores laboravam por turnos. De entre os muitos produtos que executavam salientavam-

-se: os pregos, as cavilhas, as escápulas, o tubo de chumbo para canalizações e tubo galvanizado, a rede capoeira, os colchetes, as anilhas, os camarões, os rebites de cobre, de latão e de alumínio, alguns destes rebites eram bifurcados, etc.

A minha mãe, também, encontrou trabalho: costurava para o Casão e ainda trabalhava a dias, em Lisboa, em casa de antigas patroas. Circulava-lhe nas veias, ainda, o sangue de Viriato.

O meu pai, pelo contrário, era dado ao ripanço devido aos calores alentejanos, donde era natural.

Encontrar casa, em Lisboa, era muito difícil. Mas a minha mãe conseguiu alugar um quarto, na rua D. Diniz.

Santo Deus... que quarto...! Era um espanto...! Era um quarto esconso... sem janela..., só com uma clarabóia! O quarto era do comprimento do leito. Não cabia lá uma pessoa em pé. A cama, do lado dos pés, teve que ficar assente nuns calços. Um caixote servia de despensa e ao mesmo tempo de mesa de refeições. Era um cubículo maravilhoso...!

À noite, quando repousava na cama, onde dormíamos todos, podia contemplar o céu estrelado. Outras vezes, em noites de lua cheia, como este astro ainda era insondável, eu ficava a cogitar nas palavras da minha avó materna:

- Vês, aquela mancha na lua? É um homem com um molho de silvas às costas. Andava a cortar silvas num domingo e o Senhor levou-o para a lua, para que a humanidade se aperceba de que o domingo é o Seu dia. No sétimo dia é para repousar e adorar o Senhor, não se pode trabalhar!

A casa só tinha água canalizada. Não tinha luz, nem esgotos. A pia, no fundo da escada, era comunitária. Íamos cozinhar à cozinha mas, quando terminávamos, tínhamos que levar tudo, inclusive o fogareiro, que consumia carvão vegetal e briquetes, para o quarto.

Debaixo da cama era o armazém.

O trabalho... que a minha mãe tinha para limpar aquele cubículo!

Foi neste quartinho que eu vivi, com os meus pais, durante dois anos.

Como eu suspirava... pela liberdade da Outra Banda!

Tinha um privilégio, a vizinha franqueava-me a sua janela para eu visualizar a rua. Era desta janela (postigo) que eu arbitrava o jogo de futebol, que se realizava entre os miúdos da rua, com várias interrupções pelo meio por causa do trânsito.

A bola era, logicamente, de trapos!

- Gustavo, ó Gustavo! Sai da janela, vai estudar!

- Este miúdo... dá-me cabo da cabeça! Tenho que o pôr num colégio! O pai também não se incomoda... deixa-o andar à vontade...! Ah, mas eu não! Eu quero fazer dele um homem!

- Amanhã vou falar com a D. Mariana, ela tem muitos conhecimentos e pode-me ajudar a escolher um colégio bom e barato – pensou a Emília.

A minha mãe controlava-me todos os passos. Levava-me à escola... não me deixava ir brincar para a rua... e, também, não podia estar à janela!

Isto durou mais ou menos dois anos. Depois ganhei estatuto de menino ajuizado.

No primeiro ano frequentei a escola da Liga dos Combatentes, na rua do Possolo. O meu pai era sócio. Eu gostava de andar lá, mas o espaço para o recreio era exíguo.

Nos recreios corríamos uns atrás dos outros, medíamos forças, saltávamos ao eixo, jogávamos ao berlinde, brincávamos com caricas, etc. Jogávamos pouco à bola, por falta de espaço.

A minha mãe conseguiu que eu entrasse para as oficinas de S. José, em Campo de Ourique, em regime de semi-internato. Acabei lá a primária e concluí o Curso Comercial com 16 anos. Fui sempre bom aluno.

Nos Salesianos tínhamos muitas actividades. Mas, ginástica e futebol eram as mais importantes. Para mim jogar à bola ... era o máximo! Uma vez meti-me na baliza a defender as bolas dos mais crescidos. Resultado...parti um braço! Mas defendi a bola... não entrou na baliza!

Também era exímio a jogar ao berlinde. Caçava os berlindes todos aos companheiros, depois vendia os excedentes e arranjava dinheiro para ir às matines, ao cinema Paris, na rua Domingos Sequeira, uma vez por semana.

Os filmes da época que eu costumava ver eram: *Aniki Bóbo*, *O Pai Tirano*, *O Costa do Castelo*, *A Menina da Rádio*, *Como Era Verde o Meu Vale*, *Pinóquio*, *Dumbo*, etc.

A Emília, minha mãe, apesar de ser uma pessoa iletrada, estava sempre atenta aos meus estudos. Todos os meses queria ver a caderneta das notas e comparava-as com as dos meses antecedentes.

Aos domingos, quando o serviço permitia, a minha mãe levava-me ao Jardim da Estrela, onde podia brincar com outros rapazes, andar de baloço e ouvir música.

No Jardim havia um coreto onde a banda da GNR executava concertos aos domingos. Era neste Jardim que se reuniam os magalas e as sopeiras aos domingos, à tarde.

O meu pai gostava muito de pescar e, por vezes, ia com ele.

Primeiro íamos apanhar a minhoca, para servir de isco. Depois o meu pai ensinava-me a preparar as canas e a colocar a minhoca no anzol. As canas, as linhas e os anzóis tinham que condizer com a espécie de pescado que pretendíamos pescar. Atirávamos a linha para longe e ficávamos, pacientemente, à espera que o peixe picasse o anzol. Enrolávamos a linha no carroto e retirávamos o peixe.

Naqueles tempos as águas não estavam tão poluídas e podíamos apanhar robalos, tainhas, enguias, safios, salemas etc., e às vezes, por engano, até apanhávamos pargos, ali mesmo, no Cais do Sodré. Outras vezes apanhávamos, com umas redes, camarão negro, pequeno. Com estes pescados

fazíamos ricas caldeiradas. Com os camarões a minha mãe fazia rissóis e uma sopa divinal.

Pela Páscoa e quando os dias estavam bonitos, íamos até à Serra de Monsanto. O Parque tinha sido reflorestado recentemente e os passeios à Serra eram sempre um prazer.

Levava-se a manta, os pastéis de bacalhau, o arroz de tomate, a pinga e fruta da época. Transportavam-se os filhos pequenos às cavalitas e, todos a pé, dirigiam-se para a Serra. Chegados lá, assentavam o acampamento. Comiam, bebiam, dormiam, brincavam, corriam e jogavam às cartas. A minha mãe não entrava nestes jogos, levava sempre trabalhos para fazer.

Andava sempre um homem, com uma bilha de barro às costas, a vender ááááágua...fresquinhaaa! Coitado do homem, o que ele corria, serra abaixo, serra acima! Ia buscar a água à fonte da Pimenteira.

À despedida, o meu pai mandava-nos abrir os braços e inspirar profundamente, para que levássemos ar puro para toda a semana.

Aos poucos, fui-me acostumando à vida citadina.

Por toda a Lisboa se ouviam os pregões. Alguns eram mais típicos de certos bairros.

A fava-rica é que aparecia em todo o lado. Logo de manhã cedo passava a mulher:

Fava-rica! Olha a Fava-rica!...

Mas havia muitos mais:

Ferro Velho!...

Quem tem trapos e garrafas para vender?!...

Há carapau e sardinha linda!... Oh viva da costa!

Há Carapau fresquinho, olha o carapau para o gato....

Ó freguesa leve um quarteirão, é fresquinha a minha sardinha.... Tenho Chicharro lindo, carapau, pescada fina....

Queijo saloio...

Quem quer figos quem quer almoçar, Olha o figo da capa-rôta....

Olha o marmelo cozido....

Pêra parda cozida, é da rocha....

Olha o morango....é de Sintra....

Merca o cabaz de morangos! · ...

Olha a laranja é da baía.

Olha o feijão carrapato, há alface, há repolho. Amola facas navalhas e tesouras. Cá está o amolador, conserto guarda chuvas. Tachos panelas e alguidares, olha o funileiro à porta.

- Estes funileiros utilizavam os rebites, os garfos e as folhas de zinco, que se fabricavam na Previdente onde o meu pai trabalhava, para fazerem os seus consertos.

Diário de Lisboa, olha o Popular, traz o desastre.

Olha a sorte grande, amanhã anda a roda.

Cá está o petrolino.

- Estes pregões foram os mais ouvidos, por mim.

Ainda havia um chinês a vender gravatas. Percorria a cidade toda de Lisboa e sempre com a mesma cantilena: *-é b'rato, b'rato, b'rato!* - Diziam que era um espia do governo, quem sabe!? O certo é, que nunca mais se ouviu: *é b'rato, b'rato, b'rato!*

- Terá morrido? E não deixou sucessor? É uma hipótese!

Quando estava de férias ia, aos Sábados, com a minha mãe para a Av. 5 de Outubro. A minha mãe limpava um palacete e a patroa, que não tinha filhos, gostava muito de mim, porque eu, como ela, era do Benfica. Levava-me à rua e comprava-me muitas coisas, só por eu dizer: - Viva o Benfica!

Quase todos os talhos de Lisboa lhe pertenciam. Mas, devido à sua má orientação, morreu na miséria.

O Estado passou a tutelar os seus bens. Instalou-a num T1 e passou-lhe a dar uma mesada. Como não estava habituada a viver com tão pouco, foi penhorando tudo o que possuía, até as roupas de cama. Ficou sem nada.

Nas férias de Verão, no mês de Julho, ia uns dias à praia de Belém, Algés ou Dafundo, e nos meses de Agosto e Setembro, como a minha mãe tinha que tomar conta das casas das senhoras que iam a banhos, e queria que eu mudasse de ares, mandava-me para a terra dela, na Beira Baixa.

Não gostava que eu fosse para o Alentejo. A minha avó paterna bradava muito comigo e não havia condições para eu estar lá.

As viagens, para a Beira Baixa, demoravam um dia inteiro. O bilhete era caro para a época. Por isso, eu ia sozinho, recomendado a pessoas conhecidas que viajavam na mesma camioneta.

Quando chegava à paragem do destino, tinha gente à minha espera. Mas ainda palmilhávamos umas boas veredas, até chegar à casa dos meus avós.

Era recebido com muita alegria. A minha avó teve muitos filhos, 14, mas já todos tinham desabelhado e vivia só com o meu avô. Eram pessoas muito simples, humildes, de fracos teres, mas ricos em humanidade, amor e saberes.

184 Eu adorava passar lá as férias. Os meus avós tinham umas fazenditas, poucas... algumas, até, em regime de feudalismo. Dava para se sustentarem os dois, embora com muito trabalho.

Eu ia com eles para os campos e aprendia muita coisa que desconhecia.

Uma coisa que me fazia espécie era o verbo *tornar*. A minha avó dizia-me:

- Ó Gustavo, vai lá tornar a água, se fazes favor!

- Ó Gustavo, vai tornar o gado.

Ouvia muitas vezes estas frases:

- Aquela água é de tornas.

- Precisava de dinheiro e não sabia a quem tornar.

- Ah...! O Manel...! Tornou-se para o Roqueiro!
- Aqueles tempos já não tornam mais!
- Ele muito tornou mas não lhe valeu de nada.
- Ó Maria! Isso não tem tornas. Esquece!

E foi com isto que eu aprendi muitos significados de *tornar*.

Ouvia, também, algumas frases desconhecidas para mim:

- Ó senhora avó, senhora avó! Bote-me mais uma gadanhada!
- Já marrei naquela cantareira! – E muitas mais!

Gostava de ajudar os meus avós. Era necessário regar todos os dias, ou à noite, depois do sol se esconder, ou de manhã, muito antes de ele reaparecer.

Os meus avós não tinham picotas nem noras. Havia poços e represas, que retinham a água. Na hora da rega era desobstruído (desronchado) o estanque e a água corria por caleiras, ou valas até aos locais onde se queria regar. As batatas e o milho eram regados, pelo chão, com a ajuda do sacho. As culturas mais pequenas e os canteiros eram *ogados*, com um *ogadouro*. Como se diz ainda hoje.

Os meus avós possuíam uma courela muito longe da povoação. Ultrapassávamos dois montes e um vale para lá chegar. Eu adorava ir para lá, havia no sítio uma mina desactivada e eu fazia muitas brincadeiras naquela mina.

Às vezes tinha a sorte de aparecerem, por lá, filhos dos proprietários vizinhos e brincávamos, trabalhando, todos juntos.

Os trabalhos do campo eram imensos, quase que dava para encher um livro, mas não me vou alongar, só vou mencionar alguns que se faziam no verão: o arranque da batata, as regas, as sachas, a apanha do milho, as desfolhadas, as sementeiras dos canteiros das culturas de Inverno, as vindimas, a fabricação do vinho, da água-pé, da jeropiga e da bagaceira.

Tenho que falar da fabricação do vinho e da bagaceira, porque me encheu de curiosidade.

Depois das uvas apanhadas eram levadas para o lagar. Era tudo artesanal, despejavam-se num grande tanque, que tinha um orifício para o exterior, donde saía uma caninha, por baixo da caninha colocava-se um cântaro.

Os homens arregaçavam as calças, lavavam bem os pés e saltavam para dentro do tanque. Agarravam-se uns aos outros e, volteando-se como se estivessem a bailar, iam esmagando os bagos. O sumo (mosto) era recolhido nos cântaros e despejado em pipas, onde ficava a fermentar.

Os bagaços (cardaços) eram colocados em cubas, onde fermentavam, sendo depois destilados num alambique de cobre. Havia um lugar próprio para instalar o alambique, ficava suspenso e por baixo, fazia-se uma grande fogueira, com torgas. Os vapores que se produziam passavam por uma serpentina, que estava dentro de um tabuleiro, próprio, cheio de água, onde se dava a liquidificação. O fluido era recolhido para vasilhames. O primeiro a sair, talvez por ser mais forte, era guardado para mezinhas.

Havia, só, uns três ou quatro alambiques, em toda a população. Mas todos faziam as suas aguardentes. Eram emprestados em troca de quaisquer favores. O mesmo acontecia com os fornos do pão. Todos coziavam, semanalmente, a sua broa, apesar de não terem forno.

Na povoação, havia muita gente nova, o que não acontece hoje. Actualmente residem, lá, dois moradores e de longa idade.

De regresso a casa, no final do dia, as donas de casa preparavam a ceia. Uma coisa engraçada: iam pedir lume a casa das vizinhas, traziam umas brasas numa malga, das da resina, e com essas brasas acendiam o seu lume. Havia um ditado: *Aquela é boa para ir buscar lume a casa da vizinha!* – Não sei o porquê!

Os miúdos ou os moços (pastores contratados, ao ano, para guardarem o gado) iam buscar água, à barroca, para encherem a caldeira, onde se cozinava a comida para os porcos.

As moçoilas iam à fonte, e traziam o cântaro à cabeça, de cima de uma rodilha. E aqui, vale a pena referir, aos domingos, chegavam a estar uma ou duas horas, a namorar, com o cântaro cheio de água, à cabeça, e os rapazes a fazerem render o peixe a gozar com elas.

As crianças, depois das tarefas executadas, iam para a brincadeira. Às vezes já mal se via, mas era preciso recuperar o tempo perdido e enquanto não eram chamadas para cearem, davam largas à sua imaginação e flexibilidade de movimentos.

Brincavam à cabra cega, às escondidas, subiam para os carros de bois e davam pulos para o chão. Brincavam às casinhas, aproveitavam as caixas de madeira, que os serradores tinham formado, de tábuas para secarem, e ali dentro, eram as suas casas.

As garotas brincavam com bonecas (menencras) feitas de trapos, com pernas e braços de pau e com cabelos de lã. Algumas eram mesmo, obras de arte!

Os garotos tinham as mesmas brincadeiras que as meninas, menos as (menencras), em vez disso brincavam e aprendiam a construir carrinhos de madeira, de cortiça e de casca de abóbora. *Gostava muito daquelas brincadeiras.*

186

Algumas vezes ia para a horta dos vizinhos. Acompanhava o Manecas e aqueles que eram mais ou menos da minha idade e gostava de ir com eles. Além de me divertir, via coisas novas que os meus avós não tinham.

Gostava muito de ver as cachopas de cima da roda, parecia que andavam no tapete rolante, muito satisfeitas, sempre a cantar. A roda tinha alcatruzes que vinham cheios de água. Esta era depositada num tabuleiro e seguia por levadas até aos campos onde andavam outras pessoas a regar.

Também havia as picotas, estas eram mais difíceis de puxar, mas mais simples que as rodas.

Gostava de ir à ribeira, quando as mulheres iam lavar a roupa. Havia um açude com umas pedras onde as mulheres esfregavam a roupa. Coravam-na

ao sol e secavam-na nos ramos de salgueiro.

Enquanto isso, eu e os outros garotos brincávamos com aquelas pedras roliças, tomávamos banho, escutávamos as rãs e procurávamos peixes do rio.

Nas margens da ribeira havia frondosos salgueiros e ulmeiros que davam ricas sombras e serviam de suporte para as videiras.

Havia azenhas, mas de verão não funcionavam, porque a força motriz não era suficiente para mover as rodas. Umam eram privadas e outras comunitárias. Eu intei-rei-me de todo o seu funcionamento. Muito interessante!

Também fui visitar o lagar do azeite. Só funcionava nos meses de Dezembro e Janeiro, depois da apanha da azeitona.

Os bois, do pai do meu amigo, uma vez ficaram descalços, isto é, sem ferraduras. Foi urgente levá-los ao ferrador, a uma povoação vizinha. O ferrador, com a ajuda de uma bigorna, colocou-lhe umas ferraduras novas. Causou-me muita impressão. Mas pareceu-me que os animais até ficaram satisfeitos. É como irmos ao dentista, ficamos aliviados!

Havia na povoação só umas 5 juntas de bois. Alguns tinham os bois a meias. Uma semana estavam com um e outra semana com outro.

As pessoas que tinham poucas terras faziam um pacto com quem tinha bois. Os donos dos bois lavravam as terras e faziam alguns carros a quem não tinha bois, e estes, por seu turno, davam-lhes o pasto.

Aos domingos ia-se à Missa a outra povoação. Domingo era dia do Senhor, por isso só se fazia o que era indispensável: cozinhar para as pessoas, chegar os bois à água, tirar o gado, dar comida aos bácoros, regar, principalmente quando a água era a meias (*à dua*) e, pouco mais.

Por isso, era nesse dia que os homens davam largas à sua criatividade: juntavam-se numa cabana, ou debaixo das oliveiras e jogavam às cartas, outras vezes jogavam à malha e ao chinquilha. Também contavam as suas histórias da mocidade: umas inventadas e outras mais sérias.

O tio João Bértolo foi o único que esteve nos campos de batalha na I Grande Guerra Mundial. Combateu na Flandres e depois da grande destruição dos portugueses, ficou a abrir trincheiras. Tinha coisas infindáveis para contar.

Era uma pessoa muito possante, certamente foram os frios que apanhou-que o enrijaram. Roçava mato à paveia e ganhava muito dinheiro.

O meu tio, mais novo, andava na tropa, no Cacém. Um dia chegou lá a casa, no fim de ter andado a pé uns 11 km, cheio de febre, muito branco e sem forças. Como estava doente, a tropa mandou-o para casa.

A minha avó colocou uma enxerga, de cima da arca do milho, e preparou-lhe uma cama com lençóis de linho caseiro. Chamou o barbeiro, que lhe diagnosticou um catarral, uma pneumonia e mais umas infecções. Receitou-lhe uns chás, muito repouso e mandou-lhe colocar ventosas. Coitado...! Tinha mesmo pena dele...! Ver-lhe as costas a arder, que aflição me fazia! Já tinha as costas todas empoladas de tanta ventosa! Mas o certo é que, com os

caldos de galinha, os chás e as ventosas, ele em três semanas curou-se.

Contratavam-se, para vir a casa, os cesteiros, os sapateiros, os alfaiates e outros artífices quando era necessário recuperar ou executar coisas novas.

Com o sapateiro passavam-se coisas interessantes: as mulheres, quando tinham que ir à horta buscar a cozinha, pediam ao sapateiro para olhar pelos filhos pequenos, delas. Logo que as mulheres se afastavam, ele pregava o vestido dos petizes ao cabeçalho do carro, para eles não fugirem. Quando as mulheres regressavam perguntavam-lhe: - Então, o meu filho deu-lhe muito trabalho? E ele respondia: - Não, portou-se lindamente...!

Quando eu era mais crescido, já gostava de olhar para as cachopas, e havia algumas bem jeitosas! Ainda cheguei a namorar com a Fernanda.

Nas noites de lua cheia, os cachopos faziam uma ronda pelas ruas, cantavam ao toque da concertina, quando chegavam à porta da rapariga que eles gostavam, paravam e faziam-lhe uma serenata. Ainda tive o privilégio de os acompanhar uma ou duas vezes.

Também assisti a algumas romarias e feiras, nas povoações vizinhas.

Nas feiras comprava-se de tudo: alfaias agrícolas, tecidos, pratos, porcos e trocavam-se os bois. Geralmente os boieiros vendiam os bois e compravam uns mais pequenos e mais baratos, para engordarem e vendê-los com lucro, na feira seguinte.

Nas romarias, festa da Padroeira, juntava-se gente de todo o concelho, e às vezes, até de outros municípios. Era um evento de grande relevo. A única oportunidade que as pessoas tinham de se encontrarem. Inteiravam-se da saúde uns dos outros e recolhiam novas experiências. E, muitas vezes, até se arranjavam casamentos.

A solenidade começava com a Missa de festa, seguida de uma procissão, com todas as irmandades, anjinhos, andores, padres, raparigas com as fogaças à cabeça, a banda da música, a população, etc. Percorriam-se as ruas. Depois da procissão recolher à capela, havia, arraial - música, foguetes e barracas com rifas e de comes e bebes.

Vendiam-se as fogaças e as pessoas que as compravam iam comê-las para as sombras das árvores.

Em casa dos residentes havia festim, para os seus familiares e convidados.

Depois de sair do colégio, nunca mais fui passar férias à Beira Baixa. Ia, de tempos a tempos, passar o Natal ou a festa da Padroeira.

Voltando a Lisboa. Na rua D. Diniz havia muitos estabelecimentos, era porta sim, porta não. Não precisávamos de sair da rua para nos abastecer, o que faltava era o dinheiro. Naquele tempo as coisas compravam-se avulso: comprava-se meio quartilho de azeite, uma quarta de açúcar, meia barra de sabão, etc. - Os marçanos levavam as compras à casa dos clientes, os desgraçados, a maior parte das vezes, subiam até ao 3.º andar carregados. Mas quando demonstravam competência, o patrão dava-lhes a mão, admitia-os como sócios ou ajudava-os a criar o seu próprio estabelecimento.

Muitas vezes íamos comprar azeite, batatas e cebolas ao Vale do Rio, onde os produtos eram mais baratos.

No tempo do racionamento, os chefes de família tiveram que recensear toda a família, e, mediante o agregado familiar, era-lhes entregue uma caderneta com senhas.

Quase todos os produtos estavam racionados, mas os principais eram o petróleo, o azeite e o açúcar. Para adquirir os artigos entregava-se uma senha, recebia-se o produto e pagava-se. Se as senhas não fossem utilizadas os comerciantes aproveitavam para vender o excedente em candonga, ao preço do ouro. Outros faziam batota, misturavam água no azeite e no petróleo e ficavam com uns litrinhos a mais para venderem em contrabando. Foi assim que, desonestamente, muitos enriqueceram.

Na minha casa gastava-se pouco açúcar e a minha mãe dava as senhas do açúcar às patroas e elas davam-lhe azeite.

Em frente da minha janela havia a taberna do Sr. Norberto (do galego). A senhora Palmira, uma velhota, com saias rodadas, estava sentada à porta, com o seu fogareiro sempre aceso, a arranjar petiscos para os homens fazerem a cama ao vinho.

Vendia burriés, caracóis, navalhas, passarinhos fritos, pipis, tremoços, amendoins e também guloseimas para os petizes,

Por baixo do meu andar, havia uma carvoaria, que também vendia vinho. Naquela taberna e carvoaria encontravam-se mesas de bilhar e matraquilhos. O meu pai jogava ao bilhar e eu gostava de assistir. O senhor Jorge, dono da taberna, tinha uma filha, a Sara. Eu gostava muito dela, às vezes brincávamos com os matraquilhos. Eu deixava-a ganhar e ela ficava muito contente, e pensava que era habilíssima.

O padeiro ia vender o pão às portas, trazia-o num cesto de vime forrado de pano branco.

O leiteiro também vendia o leite à porta das pessoas, trazia uma bilha com o leite e outra com as medidas.

No fim de algum tempo mudámo-nos para a rua dos Remédios, à Lapa. Podia-se brincar na rua, era larga, não tinha saída e, portanto, tornava-se menos perigosa.

Eu morava no rés-do-chão e no primeiro andar moravam dois rapazes, mais ou menos da minha idade. Juntávamo-nos, várias vezes, no patamar da escada, líamos histórias aos quadradinhos, - *Bonecada!* - como dizia a minha mãe!

As nossas revistas daquele tempo eram o *Papagaio*, o *Mickey* e o *Mosquito*. Mais tarde, apareceu o *Mundo de Aventuras*. A minha preferida era o *Mosquito*, além de ser mais barata ainda trazia um livrinho, *A Formiga*, que eu oferecia às meninas.

Jogávamos às cartas, contávamos histórias, trocávamos os cromos, falávamos das miúdas e de futebol. Eu sempre fui do Benfica. Ainda me lembro

de alguns jogadores daquele tempo, do Corona, do Moreira, do Bastos, etc. Quem não era do Benfica, não era bom chefe de família.

Aqui, já tive direito a um quartinho. Como a rua era inclinada e morávamos no rés-do-chão, o meu quarto era quase uma cave. E, em vez de ver a lua e as estrelas, no céu, entretinha-me a espreitar as pernas das senhoras que passavam junto à minha janela.

Também já tínhamos uma casa de banho, com chuveiro e banheira.

A renda era muito elevada e, apesar de termos dois hóspedes e a minha mãe trabalhar desalmadamente, tornou-se impossível viver naquela casa.

A minha mãe, nesta altura, trabalhava em casa de pessoas muito conceituadas, entre elas destaca-se o Professor Luís Reis dos Santos, que vivia em Campo de Ourique, tinha na altura dois filhos mais ou menos da minha idade. A minha mãe ia lá fazer os jantares de cerimónia para pessoas ilustres e era muito elogiada. O meu pai tinha que a ir buscar, porque quando ela acabava de arrumar a cozinha, era de madrugada.

A casa deste senhor era um autêntico museu. A minha mãe trazia-me os livros e os cadernos dos filhos, que eu conservei durante muitos anos. O Professor foi transferido para Coimbra, o que foi uma pena para mim. Para a minha mãe não, porque trabalhava lá muito.

Conseguimos uma habitação, na rua dos Poiais, a um preço mais acessível. Continuámos a alugar quartos mobilados, com tratamento de roupas e meia pensão.

Eu já era quase adulto, tinha acabado o Curso Comercial, nesse ano. Preparei-me e fui fazer o 5.º ano do liceu.

Empregaram-me nos escritórios da Previdente, na secção da contabilidade.

No ano seguinte, mesmo empregado, consegui fazer o 6.º e o 7.º anos do liceu.

Fiz provas para entrar na Academia Militar. Uma forma de seguir os estudos, sem custos para os meus pais. As provas académicas foram excelentes, mas não fui admitido, por não ter a altura suficiente. Tive que mudar de ideias.

Deixei o emprego e entrei para o Instituto Superior Técnico. Dava umas explicações e ajudava a minha mãe, em casa e a limpar os escritórios, porque, entretanto, ela já tinha arranjado mais ocupações: além das costuras e do trabalho a dias, tinha arranjado três escritórios para limpar.

Todos trabalhávamos. A vida foi melhorando e o meu pai conseguiu tirar a carta de condução e comprou um carrinho em 2.ª mão.

Fui arranjanado novas amizades. Por baixo da minha casa havia, e ainda lá está, uma pastelaria, onde nós nos encontrávamos. Bebíamos um cafezinho, conversávamos, trocávamos impressões, sobre o que líamos e o que ouvíamos, combinávamos encontros e piscávamos o olho às garotas que entravam e saíam da pastelaria.

A pastelaria tinha uma cave clandestina, onde nos reuníamos para ouvir a BBC e falar dos movimentos estudantis, da Guerra Colonial, do isolamento de Portugal do resto do Mundo, da repressão, daqueles que tinha sido levados pela PIDE, ou dos que tinham dado o salto, para não serem apanhados. Falávamos, também, da guerra-fria entre os Estados Unidos e a Rússia, da chegada do Homem à lua, da marginalização cultural portuguesa, etc., etc.

Viviam-se momentos de muita ansiedade e de temor, por causa da PIDE. Chegou-se a uma altura que até da própria família se desconfiava. Tínhamos muito medo dos delatores.

Apesar da crise estudantil do ano lectivo de 1961/1962, consegui acabar o meu curso de Electrotecnia, no tempo previsto, mas com muita dificuldade.

Ia ao cinema. Os filmes, agora, eram outros: *Já Fomos Tão Felizes*, *Afundem o Bismarck*, *Loucuras de Verão*, *A Primeira Noite de um Homem*, *Luzes da Ribalta*, *Casa Blanca*, *Sob Dez Bandeiras*, *O Nono Mandamento*, etc.

Ouvia-se rádio e via-se a TV

Eu comprei um gira-discos e ouvia as minhas músicas preferidas. Gostava muito de música clássica, especialmente a de Mozart, talvez por ser mais alegre. Mas também gostava de ouvir: The Beatles, Elvis Presley, Cliff Richard, etc.

Tornei-me um admirador da obra de Gulbenkian e aproveitava todos os benefícios que a Fundação proporcionava, no respeitante a leituras, récitas, exposições, concertos, óperas, etc. Recebia os seus Boletins Informativos e estava sempre ao corrente das suas actividades.

Logo que acabei o curso, fui cumprir o serviço militar. Estive em Angola dois anos, onde assisti a coisas horrorosas.

Quando estava em Angola fui passar dois meses de férias a Moçambique, porque tinha lá familiares.

Regressei à Metrópole, com algumas cicatrizes. Empreguei-me e constituí família.

Mais tarde, fui dar aulas para a Escola da Lisnave. Quando a Lisnave foi transferida para Setúbal, optei por me tornar empresário.

Já transferi a minha Empresa para os meus filhos mas, embora reformado, ainda trabalho.

O meu primo Rui levou uma vida moderada, ainda é vivo, mas já está um pouco acabado.

Estas foram as minhas vivências!

3 - Ao correr da pena

Onde estavas tu ao 25 de Abril?

Prof. Feliciano Oleiro

Nas últimas décadas, tornou-se um lugar comum o uso da expressão em título, a qual pode ser interpretada, tanto sob o ponto de vista substantivo como ideológico.

Daqui somos levados a concluir que ela tem funcionado como que um jargão inquiridor com certa abrangência. Nesta linha de pensamento, o meu disrecrear levou-me à madrugada de 25 de Abril, para melhor poder responder, tão realisticamente quanto possível, a esta questão.

Em linguagem metafórica posso afirmar-vos que naquela madrugada eu *navegava tranquilo nos braços de Morfeu* quando o telefone impiedosamente me despertou.

Eram três horas da madrugada daquele dia acabado de nascer para a História.

Na outra extremidade da linha estava uma voz amiga que, em jeito telegráfico, me informou *ipsis verbis: Companheiro liga o rádio. Há tropas na rua. Algo de grave está a acontecer.* Um abraço e desligou.

A partir deste momento jamais abandonei o rádio e pelas nove horas dirigi-me para a Escola Conde de Ferreira, onde os meus colegas e grande parte dos alunos já ali se encontravam.

O dia foi passado a encaminhar as crianças para casa, em segurança e, em simultâneo, íamos fazendo a leitura da situação, tanto através da Rádio e T.V., como das reedições dos jornais vindos de Lisboa, mas que rapidamente se esgotavam após saírem dos Cacilheiros.

Era aqui que eu estava, fisicamente, *no meu 25 de Abril.*

Continuando a dar-lhes conta do meu 25 de Abril, agora sob o ponto de vista subjectivo, vou tentar concluir a resposta a esta singular questão que hoje faz parte do nosso linguajar.

Perante a decisão em me debruçar sobre o tema, confesso que não o faço sem acautelar qualquer valorização pessoal, até porque considero estulto tal procedimento.

Então vejamos: - Das quatro décadas que preencheram a minha vida activa, mais de dois terços decorreram em funções de administração escolar a nível concelhio, o que me permitiu contactos pessoais sobre diversos assuntos e a vários níveis.

Esta situação, consubstanciada pelo tempo, permitiu que se formasse paulatinamente uma consciência cívica enriquecedora que ainda hoje me conforta.

Partindo do facto de a minha vida ter decorrido sempre em *campo aberto*, sou levado a concluir que ao 25 de Abril me encontrava no lugar onde sem-

pre estive, estou e espero continuar.

Confesso-vos, baixinho, que já é tarde para quaisquer tergiversações.

4 - Acta da reunião do Clube de Leitura da USALMA

Aluna *Manuela Fernandes*

Convocada pelas Professoras Diana Ferreira e Edite Prada

Data do encontro: 19 de Junho de 2010-15 horas

Local: Parque da Paz – Almada

Proposta de trabalhos:

Análise e troca de impressões sobre o livro do mês *Jesusalém* de Mia Couto;

Piquenique;

Leitura de textos escritos por sócios do Clube.

No Parque da Paz procurou-se um local aprazível e arborizado onde fosse possível fazer a reunião.

Antes de se iniciar a Ordem de Trabalhos, a Professora Diana distribuiu uma folha com dois poemas e um texto de José Saramago. Ambas as professoras abordaram a sua obra, a sua vida e a sua recente morte.

Trocaram-se depois opiniões sobre *Jesusalém*. Houve interpretações diferentes sobre o conteúdo do texto. Foi interessante e viva a troca de impressões entre todos os presentes. Por não estarem presentes muitos dos sócios do Clube, as professoras consideraram que repetiriam esta análise no início do próximo ano lectivo.

Houve uma paragem para o lanche. Para além dos salgados, sandes, bolos, sumos e frutas que os sócios partilharam, aproveitou-se para trocar impressões sobre diversos assuntos.

Seguiu-se a leitura do texto inédito escrito pelo Gustavo.

Entre desejos de boas férias, encerrou-se a reunião.

Não tive dificuldade em escrever esta acta. Só tive que escolher as palavras que correspondem, tanto quanto possível, às ideias/afirmações que preciso de transmitir a todos os ausentes desta reunião.

Em contrapartida, sou incapaz de definir os sentimentos que o texto do Gustavo em mim desencadeou (provavelmente as emoções não se classificam...)!

O Gustavo revelou-nos o seu conhecimento da vida com uma linguagem rica, variada e colorida. A capacidade de trabalho da mãe, o facto de se desdobrar em diversas actividades é um hino à CORAGEM e também o Gustavo é um fura-vidas quando consegue terminar o seu curso superior.

Não sei qual foi a magia usada pelo Gustavo mas sei que me senti transportada por uma Lisboa que eu amo, ouvi conversas, vi pessoas e senti os

cheiros dos bairros onde ele morou e que eu tão bem conheço. Só o José Rodrigues Miguéis com *A Escola do Paraíso* para me levar a passear por Lisboa...

Esqueci-me de me identificar: sou a Sofia. Recordo os tempos da escola primária, como outros, importantes, da minha vida! Mas não tenho imaginação suficiente para ficcionar mas, em contrapartida, adoro dar opiniões e fazer perguntas e por isso aceitei ser a relatora da acta da reunião.

Opinião - O texto do Gustavo é maravilhoso. Parabéns Gustavo e, se continuares a escrever, publica no Correio da Usalma!

Pergunta - Porque se transformou o Clube de Leitura em Clube de Leitura/Escritura? Porquê o alargamento das actividades, quando só há um encontro mensal?

Despeço-me com outras perguntas:

- Serei a Sofia que também brincava em Cacilhas? Querem tentar adivinhar?

Escrevam as vossas opiniões...

5 - A professora

Prof.^a Edite Prada

Joana olhava, absorta, pelo vidro da janela do autocarro, embaciado pela chuva miudinha que caía. Não era a chuva, o que ela via. Ainda tinha nos ouvidos a pergunta do Rui:

- Professora, lembra-se de mim?

Não lembrava! E como em muitas outras ocasiões, lamentou a fragilidade da sua memória visual que, de quando em vez, lhe causava embaraços...

- Sou o Rui Teixeira. A professora foi diretora de turma da minha filha, no 11.º ano, no Feijó, em 1985. E eu fui aluno da sua mãe, em Cacilhas, aí por 1950.

À medida que esta voz ecoava no seu cérebro, vasculhava, na memória, recordações da sua estadia no Feijó. Só tivera alunos do 11.º durante um dos anos em que aí trabalhou. Fora diretora de turma de uma delas, de saúde. Turma excelente, com uma boa equipa de professores, dinâmicos e interessados. Os conselhos de turma eram produtivos, surgiam propostas de actividades e visitas de estudo. Como aquela que fizeram a Santarém. O guia era já seu conhecido, pois em outros momentos acompanhara alunos seus de outras escolas.

- No final de cada visita - confidenciara-lhe, certa vez - cada guia elabora um relatório acerca da forma como correu a visita, com informações sobre o comportamento da turma e dos professores acompanhantes.

Havia professores, continuara ele, que mereciam o máximo respeito e que contavam com toda a colaboração dos guias. Joana fazia parte desse gru-

po e procurava sempre tirar daí partido, de forma a proporcionar aos seus alunos uma experiência positiva e diversificada. O interesse dos alunos era mantido graças a tarefas previamente definidas que implicavam a recolha de informação relativa aos locais visitados, para posterior tratamento. Para os alunos do Feijó, recordava-se bem, fora prevista, no final da visita, uma passagem por uma discoteca no Vale de Santarém, que abriria de tarde expressamente para eles. Como sempre que organizava atividades complementares, os alunos não foram informados deste facto. O guia, que gostava de manter os alunos em suspense, disse-lhes à chegada:

- Sejam bem-vindos a Santarém, onde visitarão diversos locais referidos por Almeida Garrett, nas *Viagens*, que já devem ter estudado, ou estarão a estudar. Hoje, além disso, gostaria de pedir a colaboração dos vossos professores e a vossa para um acontecimento que vai ter lugar mais logo. Trata-se de um encontro de medicina alternativa, em que um grupo de interessados vai apresentar as vantagens e desvantagens desta medicina. Não temos muito público e como hoje não vamos poder visitar o Convento de S. Francisco, porque está em obras, terminaremos mais cedo. Pedia, por isso, a compreensão dos vossos professores, para vos acompanhar a esse encontro. Além disso, como são de saúde, talvez vos interesse.

Durante todo o dia, de vez em quando, um aluno aproximava-se de Joana para protestar contra essa iniciativa. Não gostavam dessas coisas e preferiam aproveitar o tempo livre para dar uma voltinha pela cidade.

- É mesmo preciso ir, *s'tora*?

Tinham de ir. Parecia mal recusar, uma vez que o guia se esforçava por lhes proporcionar uma visita interessante e variada.

No final da visita, já de regresso, o autocarro parou em frente da discoteca, no Vale de Santarém. Espaço familiar, no átrio estavam várias pessoas, sobretudo senhoras, sentadas com crianças de colo. Contrariados, os alunos foram entrando, quase a medo. Não os surpreendeu a semiobscuridade do lugar. Não faziam ideia do que os esperava. Em torno do recinto principal havia mesas e cadeiras. Alguns aproveitaram para se sentar.

A música começou a tocar, convidando à dança. Incrédulos, olharam melhor e perceberam onde estavam. Tinham atravessado a pista de dança sem a reconhecer. Alguns por nunca terem entrado numa discoteca. Outros por não esperarem este tipo de espaço.

No resto do caminho de regresso, o entusiasmo era visível.

- Bem nos enganaram, *s'tora*. Eu pensava que aquelas pessoas que estavam à porta estavam à espera de consulta.

De olhar fixo na janela do autocarro, Joana esboçou um sorriso ao recordar esta visita e o comportamento dos alunos. Os relatórios que escreveram revelavam interesse pela visita em geral, mas, acima de tudo, pela surpresa final. A leitura daqueles textos fora, na sua carreira, um daqueles momentos em que sentiu orgulho no que fazia.

De repente, no seu cérebro, outra voz bem conhecida, se impôs.

- Filha, esta profissão é feita de muito esforço, na maior parte das vezes ignorado, mas também de alguns momentos inesquecíveis em que sentimos que, realmente, estamos a fazer algo importante.

Como se estivesse em roda livre de visita ao passado, viu-se a si própria criança, amuada, de boneca nos braços.

- Nunca vou ser professora. A mãe só tem tempo para os seus alunos.

Sentia que a profissão da mãe era, naquele tempo, uma espécie de corrente que lhe ocupava muitas horas livres, em que Joana gostaria de ter a sua mãe só para si. Mesmo nas brincadeiras que faziam em conjunto havia sempre a referência a um aluno ou a um jogo que fizera com os alunos. E quando já sabia ler, a mãe tentava partilhar com ela escritos dos seus alunos, mostrando-lhe assim que a vida deles era mais difícil do que a sua e que, muitas vezes, tinham apenas o apoio da professora para se aguentar.

- Vivemos tempos difíceis, milha filha. Tenho alunos que vêm descalços para a escola e muitas vezes sem comer. Por isso levo merendas tão grandes. Para poder partilhar com eles. No início não aceitavam, mas agora já me aceitam e me fazem confidências. Queres ver este poema que um aluno escreveu?

Não queria. Mas não se atrevia a dizer isso à mãe. No fundo, tinha ciúmes de todos os alunos da mãe, porque, continuava a pensar, lha roubavam. Na sua mente sempre a mesma certeza: nunca seria professora! A mãe sorria, de forma enigmática, perante esta convicção, mas nada dizia. A única manifestação que exteriorizou foi aquele meio sorriso, que tão bem conhecia, no dia em que lhe dissera que queria ir para Letras.

- Fazer o quê? - perguntara a mãe.

- Se não conseguir outra coisa, vou para professora.

A mãe perdeu o sorriso.

- Filha, isso não pode ser. Professora é profissão que se abraça de coração. Não pode ser vista como último recurso.

Joana sabia bem isso. No seu íntimo, o exemplo dos professores que lhe dedicavam tempo e se interessavam por ela reconciliaram-na com a sua infância e deram outro sentido às ausências da mãe. Seria professora como a mãe, ainda que não quisesse admiti-lo perante ela.

Naquele fim de tarde, sentada naquele autocarro, recordava tudo isto. Não tinha, já, os compromissos diários da atividade letiva. Mas sentia saudade de todos os seus alunos. Da suavidade de alunos como a Maria Eugénia, sempre solícita e interessada. Da rebeldia do João Manuel. Da ingenuidade do Francisco. A recordação de Francisco arrancou-lhe um sorriso.

- Oh *s'tora*, amanhã vou dizer à *s'tora* de Matemática que vamos copular.

Fora difícil reprimir o sorriso que esta frase motivara.

- Não, Francisco, não digas isso à professora. Sabes, cópula não é só soma, ou união. Não se usa só nas orações copulativas. Significa também ter relações sexuais.

Francisco fez-se branco! A sua cara de surpresa assustada mostrava que ele previra o que poderia acontecer se levasse por diante a sua intenção de usar noutros contextos esta nova palavra que aprendera em Português.

Conduzida por um fio invisível, a sua memória trazia-lhe outras imagens. Recordou aquela tarde, em Lisboa, quando um jovem, atravessando a correr a rua, se dirigiu a ela:

- Olá professora. Sou o João. Queria muito falar consigo e agradecer-lhe. Por vezes só nos apercebemos da qualidade do professor que tivemos anos mais tarde, confrontados com outras realidades.

João fora sempre um aluno difícil. Excelente aluno, frontal, nunca simpaticizara com Joana, fazendo questão de lhe provar isso, quer pela argumentação em aula, quer pelo comportamento no átrio, onde fazia questão de não corresponder ao seu cumprimento. Aluno de Iniciação ao Jornalismo, certa vez, confrontado com a necessidade de fazer um cartaz publicitário promotor da leitura, apresentou como trabalho a imagem de uma sanita. Avaliado com zero, argumentou, dizendo que muita gente lia na casa de banho.

- É verdade! Mas que parte do teu desenho evoca essa realidade? – replicara Joana.

Naquela tarde, em Lisboa, aluno num curso superior de Comunicação Social, João redimira-se perante Joana, que, comovida, lhe agradeceu a franqueza.

- João, continuas um homem íntegro e frontal. E o que acabas de fazer mostra que eu tinha razão quanto ao teu carácter. Obrigada.

Já em casa, sentada em frente ao computador, as imagens do passado teimavam em não a deixar concentrar.

- Então como vou fazer para tomar duche? – perguntara o António.

António fazia parte de um grupo de alunos que levara a Resende, num projeto de Intercultura promovido pelo Instituto da Juventude. Os alunos, 25 ao todo, iriam ser recebidos em casa de outros alunos no concelho de Resende e receberiam, depois, os seus colegas em sua casa. Poderiam ficar em casa de jovens que morassem na vila, mas poderiam ir para as aldeias, onde as condições sanitárias poderiam não equivaler à realidade vivida pelos alunos de Joana. Esse e outros aspetos foram sendo discutidos nos encontros semanais preparatórios da visita. No momento em que a questão das instalações sanitárias foi abordada, os alunos foram informados de que poderiam ir para uma casa que não tivesse quaisquer instalações sanitárias, ou para outras em que essas instalações seriam precárias. António nem podia acreditar no que ouvia!

- E como é que eu faço, *s'tora*?

Joana alertou para a necessidade de, uma vez em casa dos colegas, perguntarem como deveriam proceder, tendo o cuidado de ser respeitosos perante a situação, fosse ela qual fosse. Não houve situações de inexistência de instalações sanitárias. Mas a Mariana, outra aluna do grupo, viu-se, com a

colega anfitriã, obrigada a percorrer a pé os três quilómetros que separavam a sua casa da escola, por terem perdido o único autocarro que fazia aquele percurso.

Percorrendo o olhar pelos títulos das pastas no seu computador, parou em Usalma. E de novo aquela voz.

- Fui aluno da sua mãe, em Cacilhas, aí por 1950.

Recordava agora aquela reunião de Encarregados de Educação no Feijó. No final, alguns pais aproveitavam sempre para colocar questões mais pessoais, relativas aos seus educandos. Lembrava vagamente aquele senhor, de rosto sereno, que aguardava calmamente a sua vez. Por fim,

- Desculpe, senhora professora. A questão que me fez esperar não tem que ver como a minha filha. É que a professora é tão parecida com a minha professora primária, a D. Maria da Luz. Eu fiz a primária em Cacilhas, nos anos cinquenta.

Sim, a D. Maria da Luz era a sua mãe. Vivia com ela. Tinha tido os seus percalços mas estava bem de saúde.

- Eu sou Rui Teixeira. Por favor, apresente os meus cumprimentos à sua mãe. Devo-lhe muito. Se não fosse o seu entusiasmo e a sua insistência junto dos meus pais, eu teria saído da escola antes de concluir a primária. Sabe, às vezes levava comida para nós. Fingia que não tinha fome e dava-nos o seu pequeno-almoço que, nós bem víamos, era muito grande para uma pessoa só.

Dera os cumprimentos de Rui Teixeira à mãe, que ficou muito sensibilizada com este gesto, ao mesmo tempo que repetia:

- Este mundo é mesmo pequenino, filha.

Joana nunca mais pensara no assunto. Até que o seu caminho se cruzou de novo com o de Rui Teixeira, sénior, aluno da Usalma. Seu aluno em Língua Portuguesa.

Com nostalgia, com mágoa mesmo, recordou o seu último dia na escola. Os parabéns dos colegas.

- Quem me dera estar no teu lugar.

Baixinho, com receio de ser descoberta, pensava que ela, sim, gostaria de estar no lugar dos colegas que continuariam no ativo. Chegara a sua hora de sair. E a Usalma fora uma porta aberta para continuar a sua paixão de toda a vida.

An abstract geometric artwork featuring overlapping shapes in various colors including yellow, blue, red, green, and brown. The composition is layered, with some shapes appearing more prominent than others. A large yellow ring is a central focus in the lower half. The overall style is modern and colorful.

Parte IV: Projetos e Atividades

20/11/04

Projetos e atividades

A Associação de Professores do Concelho de Almada - Apcalmada - é uma instituição de caráter solidário, com uma experiência significativa no âmbito da promoção e desenvolvimento pessoal e social de educadores e professores do concelho e da comunidade em geral, que elegeu como pilares fundamentais da sua dinâmica interventiva a corresponsabilização, o empenho e o envolvimento de todos os intervenientes no processo de construção de uma associação de crescente relevância do tecido associativo de Almada.

A atuação da Associação pauta-se pelo desenvolvimento de projetos de referência de forma integrada e inclusiva em prol não só dos seus associados, mas do de toda a comunidade.

Para a dinamização desse trabalho são convocadas linhas estratégicas tais como o entrosamento entre a reflexão e a ação e a coerência nas ações desenvolvidas. A meta em mente é exponenciar o potencial deste grupo social a partir das necessidades, diversidades e sinergias emergentes. Deseja-se, igualmente, uma adaptação à mudança sustentada e coerente. Estas linhas estratégicas materializam-se em programas, ou projetos, que se vão desenvolvendo, com ritmos e com visibilidade distintos.

Apresenta-se, a seguir, de forma sucinta, uma breve referência aos Eventos Socioculturais desenvolvidos, bem como aos projetos que temos vindo a desenvolver. A USALMA, projeto maior da nossa Associação, vem materializada ao longo de toda a revista em textos de alunos e professores, sendo, aqui, referidas atividades de âmbito sociocultural que a envolvem.

I - Eventos Socioculturais

A - Colóquios e conferências

Muitos foram os colóquios promovidos durante o período cujo registo se consagra neste número da revista, ou seja, os anos civis de 2010 e 2011. A memória descritiva que destes eventos culturais se transmite advém do registo que, deles, nos foi dado através dos boletins.

203

2011

A Teoria da Aprendizagem Significativa

Este colóquio foi da responsabilidade do Senhor Prof. Doutor Jorge Valadares, que possui uma longa e notável carreira como educador e investigador no domínio da educação científica.

Os cerca de 30 participantes tiveram oportunidade de manifestar o

interesse despertado pela referida exposição que, de modo bastante acessível, pretendeu demonstrar como é importante para a aprendizagem de novos conhecimentos, partir do que já se sabe.

Avós e Netos

Onze de Março de 2011, uma data inesquecível por duas razões: uma delas pela grande tragédia que se abateu sobre o Japão, a outra por ter sido o dia em que nós, Avós, nos reunimos para falar dos nossos Queridos Netos.

Este encontro, promovido pela USALMA, decorreu numa sala do Externato Frei Luís de Sousa, sob a simpática e competente orientação da Doutora Anabela Farias, conceituada psicóloga do HGO, especializada em Saúde Mental Infantil.

O tema, como se impunha, intitulava-se: *Avós e Netos*.

Chegado o momento, foi-nos apresentada a súmula das respostas dadas por muitos avós à solicitação feita pela Dr.^a Anabela, via internet, a partir das seguintes questões:

- 1- O que é para si ser avô ou avó?
- 2- O que mais gosta no papel de avô ou avó?
- 3 - O que menos gosta no papel de avô ou avó?

E foi surpreendente o resultado..., pois muitas das frases que ouvimos pareciam verdadeiros versículos de um poema.

Ficou-me a pena de não conseguir reter na memória essas frases, tão lindas que eram, mas ficou-me a lembrança de todas deixarem transparecer a *Grande Intensidade Afetiva* que existe entre avós e netos. E julgo que quem esteve presente sentiu isso mesmo nas intervenções feitas, por vários avós.

De tudo o que ouvi, perdoem-me (os que estiveram presentes) a ousadia de resumir, em duas simples frases, o que é para mim ser avô (ó) e ser neto(a):

Ser AVÓ(Ó) é, simplesmente, uma dádiva de AMOR.

Ser NETO(A) é uma “Brisa de ar fresco” numa tarde quente de Verão.

Graça Subtil, aluna da USALMA.

Correio da Usalma, n.º 26, p. 4

SOS Criança

204

Realizou-se no dia 21 de Fevereiro, no auditório da escola Frei Luís de Sousa, o colóquio *SOS Criança*, promovido pela Apcalmada e pelo Instituto de Apoio à Criança, com duas comunicações feitas por especialistas deste Instituto: Dra. Ana Isabel Carichas, da Associação SOS Criança e Dra Melanie Tavares do Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família. A apresentação das oradoras foi feita pelo aluno da USALMA Miguel Chagas.

No início da sessão, foi perguntado a cada um dos presentes quais as suas motivações para a sua presença no colóquio e a opinião relativamente ao seu interesse sobre o(s) tema(s) do mesmo.

Foram apresentadas opiniões diversas, muitas relacionadas com o facto de

na assistência se encontrarem muitos pais e avós, naturalmente preocupados com a segurança dos seus filhos e netos, opiniões e preocupações que foram desenvolvidamente comentadas pelas duas oradoras.

De seguida, foi feita, por cada oradora, a exposição do seu tema, tendo a Dra. Ana Carichas abordado a questão da “Criança Desaparecida” e a Dra. Melanie Tavares a questão da “Mediação Escolar”.

A numerosa assistência apreciou estas exposições, sublinhando com aplausos a intervenção das oradoras.

Joaquim Silva, prof. da USALMA. Correio da Usalma, n.º 26, p. 4

2012

Plano Gerontológico do Concelho de Almada

No passado dia 12 de janeiro, o Grupo Concelhio de Idosos de Almada (GCIA) apresentou, no Fórum Romeu Correia, o Plano Gerontológico do Concelho de Almada.

Este plano, a desenvolver entre 2012 e 2014, tem como objetivos estratégicos:

- Aprofundar o conhecimento da população sénior do concelho;
- Promover a autonomia das pessoas em situação de dependência;
- Prevenir situações de violência e maus tratos;
- Promover o envelhecimento ativo e contribuir para a alteração da imagem da velhice;
- Promover a qualidade na prestação de serviços.

No decorrer da sessão, usou da palavra, entre outros, a jurista Paula Guimarães, responsável pelo Gabinete de Responsabilidade Civil do Montepio Geral, que considerou este Plano da maior importância e o classificou como um modelo digno de ser divulgado e seguido por outras cidades.

A sala Pablo Neruda, onde o referido acontecimento teve lugar, revelou-se pequena para acolher os participantes que se interessaram por este fórum de participação.

De referir que a APCA integra o Grupo Concelhio de Idosos de Almada, através dos seus projetos de voluntariado social e cultural.

Maria Carreiras. Profalmada, n.º 27, p. 13

Envelhecer positivo. Com sabedoria

A conferência teve lugar na sala Pablo Neruda do Fórum Romeu Correia, a 27 de janeiro de 2012, das 15h00 às 18h00.

Foi da responsabilidade da Dr.ª Conceição H. S. Couvaneiro, da Universidade Lusófona, versou sobre a evolução da população mundial, com particular realce para Portugal.

Foram ainda analisados alguns aspetos socioculturais e económicos referentes ao envelhecimento da população.

Educação, Arte(s) e Emancipação

Prof^a. Madalena Mendes

Como a vida penetra na arte, assim a arte penetra na vida (Luigi Pareyson, 1997).

*Quanto há de Miró
num Van Gogh
visto Dali?*

(Múcio de Lima Góes, 2008).

No dia 30 de janeiro de 2012, no Auditório da Escola Secundária Cacilhas-Tejo, realizou-se uma conferência internacional subordinada ao tema Educação, Arte(s) e Emancipação. A conferência, cuja abertura esteve a cargo da Professora Edite Prada, contou com a participação dos seguintes conferencistas: Prof. Dr. José Luís Vieira de Almeida, da Universidade Estadual Paulista - UNESP, Brasil; Prof.^a Dr.^a Teresa Maria Grubisich, da Academia da Força Aérea, Pirassununga - SP, Brasil e Mestre Madalena Mendes, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal.

Nesta conferência, os conferencistas discutiram a imprescindibilidade do diálogo entre educação, arte e emancipação, trazendo à colação uma pluralidade de perspetivas: ontológica, estético-educacional e político-cultural. José Luís Vieira de Almeida abordou o fundamento ontológico da educação com base na ontologia do ser social e na categoria da mediação, concluindo pela dimensão social do ser humano, enquanto produto e produtor de cultura e sujeito da sua história, capaz de atualizar a linguagem das possibilidades e da emancipação. Teresa Maria Grubisich defendeu a importância da obra de arte na educação, a qual possibilita a fruição, interpretação e motivação para o exercício de outras apropriações e elaborações, modificando, desta forma, a qualidade e possibilitando a reinvenção do espaço escolar. Madalena Mendes apresentou a manifestação artística como campo privilegiado da produção do conhecimento e espaço-síntese de construção das linguagens emancipatórias. Neste sentido, salientou a dinâmica da construção intertextual, dialógica e antropofágica da expressão artística através das suas diferentes linguagens - literária, pictórica, plástica, escultórica, arquitetónica configurando discursos em mosaico e em diálogo migrante e aberto com outros discursos, numa relação entre textos e contextos históricos, sociais, políticos, culturais e ideológicos.

As perspetivas dos conferencistas e a interação com os participantes fizeram deste evento um entre-lugar dialógico, intertextual e transcultural muito rico, norteado pelo apelo à viagem permanente entre a reflexão e a ação transformadora e emancipatória.

Profalmada, n.º 27, p. 14

Do colecionismo erudito aos museus virtuais

Prof.^a Edite Prada

Decorreu no dia 3 de fevereiro, na sala Pablo Neruda do Fórum Romeu Correia, a conferência subordinada ao tema “Do colecionismo erudito aos museus virtuais”, da responsabilidade do Professor Doutor José Brandão.

Numa apresentação bem estruturada e apresentada de forma dinâmica e entusiasta, o professor começou por delimitar o tema, explorando o sentido do termo colecionismo - reunião de objetos a que se atribui determinado valor mágico, religioso, económico, ou outro. Distinguiu ainda dois níveis de colecionismo: amador e profissional.

Salientou ainda o facto de o colecionismo se constituir um motor de diversificação do saber que ajuda a contextualizar e a compreender a própria coleção. Exemplificou, explicando que um colecionador de bilhetes de transportes poderá vir a interessar-se e a explorar e investigar o sistema dos meios de transporte de uma dada região ou país (tipo de transporte, evolução dos preços, rede de cobertura, horários, etc.).

A par desta necessidade que o colecionador sente de investigar sobre o tema das suas coleções, foi ainda referido que ele delimita os temas que coleciona influenciado pelos seus interesses, pelas suas vivências e pelo meio ambiente, ao mesmo tempo que se sente motivado para continuar a colecionar. Embora as coleções possam evidenciar objetos característicos de um dado momento, não se poderá, todavia, reduzir o colecionismo a um modismo, uma vez que, embora os objetos disponíveis num dado momento influenciem o tipo de coleções que surgem, o ato de colecionar acompanha a evolução do homem, sendo, simultaneamente, um processo isolado, mas também, na medida em que estimula a troca de experiências entre colecionadores, de socialização.

Após a apresentação geral do tema, o orador fez uma breve abordagem cronológica da atividade. Referiu a Grécia, e a Pinacoteca da Acrópole.

Os Romanos organizam coleções particulares de arte grega. Terão sido, além disso, os primeiros a fazer cópias de objetos. É, também, a primeira vez que a coleção se torna, por via das cópias realizadas e vendidas, um investimento.

No período medieval é sobretudo a igreja que anima o colecionismo, reunindo, e comprando, relíquias. São igualmente procuradas e vendidas alfaias agrícolas e objetos do Médio Oriente. É neste período que surgem os primeiros hortos botânicos.

O Renascimento acresce ao colecionismo um valor formativo. A descoberta de novos mundos desencadeia um grande interesse pelos temas naturais. Surgem as coleções privadas que se constituem o embrião dos museus. Apesar do seu aspeto aparentemente caótico, as coleções, muito graças ao horror ao vazio que caracteriza a organização destes espaços, os gabinetes estão organizados por temas.

Gradualmente, muitas coleções particulares passam, no séc. XIX, para o Estado, que define espaços para acolher estas coleções e para as preservar. As coleções passam, assim, a estar disponíveis para todos.

Finalmente, foi feita uma breve alusão à atualidade, em que é possível visitar coleções de museus através do computador. A par deste aspeto positivo, foi igualmente referida a possibilidade, polémica, de substituir as peças originais por outras virtuais.

A sessão terminou com um breve debate.

Correio da Usalma, n.º 28-29, p. 18

O Português: uma língua vários sotaques

Prof.^a Edite Prada

A consciência de que a presença de alunos não falantes de Português na escola tem feito avançar os estudos sobre a área, ao mesmo tempo que se tem constituído um desafio para os professores.

No dia 13 de abril de 2012 teve lugar, no auditório da Escola Secundária Cacilhas Tejo, uma conferência subordinada ao tema do bilinguismo nas salas de aula. A sessão foi dinamizada pela Doutoranda Ana Josefa Cardoso, que dividiu a temática em duas grandes áreas.

Num primeiro momento fez um balanço cronológico da forma como evoluiu o problema da existência, nas nossas escolas, de alunos que não tinham o português como língua materna. Até ao início do século XXI, para a tutela da Educação em Portugal só se ensinava o português como língua materna, pois assumia-se que todos os que entravam na escola sabiam português. Esta ideia geral ignorava completamente a situação dos imigrantes vindos, sobretudo, de Cabo-Verde, que continuavam a falar crioulo em casa e que, muitas vezes, só tinham contacto com o português nas brincadeiras de rua, ou com a entrada na escola.

Esta forma de encarar o ensino do português em Portugal só se alterou, claramente, com a chegada de imigrantes vindos do Leste, face aos quais se não assumia o português como língua de contacto e comunicação.

Com esta alteração, começaram a surgir estudos sobre a temática da aprendizagem do português como língua não materna (ou, como ultimamente se diz, para falantes de outras línguas) nas nossas escolas, analisando, por exemplo, as diferenças entre a aquisição de uma língua estrangeira - que implica sempre uma aprendizagem mais ou menos formal, mais ou menos orientada, e a aquisição da língua materna que acontece, até um nível considerável, de forma espontânea, por exposição à língua falada em casa.

Começam a ser identificadas as línguas faladas nas nossas escolas (num relatório de 2005, intitulado *Diversidade Linguística na Escola Portuguesa*,

estão identificadas 54 línguas faladas nas nossas escolas, além do português) e cresce a consciência de que muitos erros dados na aprendizagem de uma língua acontecem por interferência da língua materna. A partir do momento em que se reconhece esta interferência, o erro adquire uma outra importância e exige uma outra abordagem. Se a língua materna de um aluno implica uma ordem de organização da frase diferente da do português e o aluno comete esse erro, não basta assinalá-lo. É preciso explicar ao aluno a diferença para que ele tome disso consciência e se aproprie da regra.

Depois de apresentada esta problemática, a oradora apresentou um projeto em que está envolvida, que envolve uma abordagem prática mas também de investigação: a criação de turmas bilingues no primeiro ciclo.

Os alunos destas turmas aprendem em simultâneo as duas línguas. Esse projeto está a avançar com uma turma bilingue, como 20 alunos, tendo 10 o português como língua materna e outros 10 o crioulo. Todos os alunos aprendem todas as matérias nas duas línguas. A par desta turma há uma outra, com características semelhantes, mas em que o português é a única língua de comunicação. O projeto vai no seu terceiro ano e, até agora, os resultados da turma bilingue são melhores em todas as áreas, o que confirma a tese de que a exposição a mais de uma língua desenvolve as competências cognitivas dos indivíduos.

Língua e Cultura Persa

Prof^a. Edite Prada

A 18 de abril de 2012, das 18h30 às 20h30, aconteceu, no Auditório da Escola Secundária Cacilhas Tejo, mais uma conferência promovida pela Apcalmada, desta vez tendo como tema a Língua e Cultura Persa.

A oradora, Sépideh Radfar, salientou aspetos relativos à cultura persa, lembrando que há em território iraniano uma fortaleza portuguesa, em Ormuz, e uma igreja mandada erigir por um português que foi o primeiro embaixador do Ocidente no Irão. Perante os termos, ou designações do País Persa ou Irão, referiu que o país é mesmo, chamando-se Irão desde tempos imemoriais. O nome Persa, como sentido inicialmente depreciativo, foi-lhe dado por Alexandre, o Grande, que assim, resumia uma característica do povo nómada do Irão. Pérsia começou, pois por designar País dos homens que vivem em tendas. O nome Pérsia, porém, perdeu este sentido até que um investigador do início do século XIX o recuperou e o país assumiu a sua designação ancestral. Falou da influência persa na cultura árabe que ali foi beber o seu gosto pela exuberância da decoração, quer das casas quer dos templos. Acerca da religião, diz que grande parte do povo aderiu ao Corão,

mas que sempre se foram mantendo crenças anteriores, muitas delas igualmente monoteístas. Ainda que islamita, o povo iraniano divulga o Corão na sua língua original, tendo, porém, adotado o alfabeto árabe.

Foi uma sessão muito interessante e muito dinâmica, que contou com a presença do adido cultural da Embaixada Iraniana.

Correio da Usalma, n.º 28-29, p. 15

A moralidade, a personalidade e o livre arbítrio

Prof.^a Edite Prada

Sob o título *A moralidade, a personalidade e o livre arbítrio*, a doutoranda Ângela Catarina Calero Brandão, professora da USALMA, lecionando a disciplina Temas de Neurociências, dinamizou mais uma das conferências que a Associação de Professores tem organizado. Esta sessão teve lugar no dia 24 de abril de 2012, no auditório da Escola Secundária de Cacilhas Tejo.

A oradora analisou de forma clara e entusiasta as consequências para o comportamento de um indivíduo de uma lesão no córtex frontal do cérebro. Começou por abordar o primeiro caso descrito, o de Pheneas Gage (1849), que foi analisado também pelo casal Damásio, que recuperou a descrição do caso feita pelos médicos que, ao tempo, o observaram e descreveram as alterações comportamentais que ele sofreu depois de ter sofrido uma lesão no córtex frontal.

Pheneas Gage era o coordenador do grupo das dinamites numa mina, respeitado por todos pelo seu sentido de justiça e verticalidade moral. Depois do acidente, assumia comportamentos isentos de qualquer filtro moral, com traços de personalidade totalmente opostos aos que o caracterizavam.

Esse caso foi descrito pelos médicos que observaram este paciente, os quais apontavam para a possibilidade de o acidente ser o causador das alterações de carácter sofridas. A partir da análise deste caso, dos estudos realizados e da observação *in vivo* de indivíduos que apresentam lesões na mesma área cerebral, conclui-se hoje que a zona afetada condiciona a tomada de decisão em assuntos que envolvam diretamente o indivíduo. Esse facto conduz a um comportamento desprovido de conceitos morais, levando os indivíduos a tomar decisões menos corretas e condicionando os traços da sua personalidade. A tomada de decisões destes pacientes não revela empatia, não envolvendo aspetos emocionais expectáveis em determinadas tomadas de decisão.

Os pacientes com lesões na área analisada respondem adequadamente a todos os testes, falhando num especificamente criado para identificar este tipo de lesões pelo casal Damásio, salientando o facto de não reagirem de modo ponderado perante a necessidade de tomar decisões em situações em

que se torne necessário ponderar entre o lucro possível e o risco inerente. Em situações deste tipo, um indivíduo sem lesões nesta área tende a optar pela opção mais segura, mesmo que envolva menos lucro, ao passo que os pacientes com lesão nesta área arriscam sempre na maior possibilidade de lucro, sem terem em conta o risco associado.

Depois da comunicação seguiu-se um período intenso de debate, que possibilitou a abordagem de outros aspetos relacionados com o tema analisado.

Correio da Usalma, n.º 28-29, p. 17

A Poesia Cabo-Verdiana da Modernidade

Prof^a. Edite Prada

A Poesia Cabo-Verdiana da Modernidade foi o tema da conferência dinamizada pelo professor Alberto Carvalho, no Auditório da Escola Secundária Emídio Navarro, a 27 de abril de 2012.

O professor Alberto Carvalho começou por referir a especificidade da abordagem de um texto poético, que, embora possa ser lido como um jornal, ao fazê-lo estamos a limitar a poesia, uma vez que enquanto o texto jornalístico se pretende monossémico, ou seja, veiculando um só sentido, o texto poético é, por natureza, polissémico, veiculando muitos sentidos. Daí que olhar para um poema implica um trabalho gradual de descodificação e interpretação como quando se olha para uma pintura.

Por outro lado, importa ter em conta que o poema não é o poeta. Podemos queimar um poema sem que isso tenha qualquer penalização legal, mas não se espera que façamos o mesmo ao poeta. Por outro lado um poema de extrema beleza e arte pode ser elaborado por um poeta que, como pessoa, é péssimo.

Na interpretação de um poema a linguagem determina o sentido, sendo este distinto do significado. A linguagem, matéria-prima na literatura, pela sua estruturação a que obedece, permite a criação de sentido. Na poesia o mais importante são as boas palavras e não as boas ideias.

Esclarecida a relação do poema com a linguagem, o orador abordou a escrita da modernidade em Cabo Verde, que terá tido início ao mesmo tempo que em Portugal, embora com evoluções e registos escritos diferenciados. A esta diferenciação associa-se, também, para o Professor, a necessidade de distinguir entre Modernismo, que, em Cabo Verde, tem sentido um pouco diverso do que em Portugal se lhe atribui. Por essa razão prefere a designação de Modernidade.

Numa primeira referência à antologia que o professor elaborou, e que foi distribuída, o Professor alertou para o facto de, numa antologia de sete

páginas, só nas últimas duas ser explicitado o conceito Modernidade.

É que, embora haja expressão de uma poesia da modernidade em Cabo-Verde desde os anos 30 do século passado, com a revista *Claridade*, a sua representatividade era minoritária, no universo literário cabo-verdiano.

Esta poesia vai-se impondo, atingindo nos anos 90 uma expressão literária de maior expressividade. A diversidade poética, todavia, não deve ser encarada como inibidora. Antes pelo contrário. Quanto mais diversa for uma poesia maior é a sua riqueza. Mesmo no seio da Modernidade a expressão poética é diversa quer na linguagem, quer na utilização que dela se faz e, consequentemente, nos sentidos que ela permite extrair.

Aprofundando um pouco mais a interpretação dos poemas, o Professor alertou para o facto de ser necessário compreender as querelas subjacentes, para poder compreender a poesia. A Modernidade sistemática surge depois da independência, com o regresso de Baltasar Lopes a Cabo Verde e a sua influência na congregação da Modernidade.

Este movimento literário foca muitas problemáticas, desde a subjetividade amorosa à questão étnica e à consciência social reivindicativa. A poesia como problemática poética está também presente, quer construindo intertextualidades, «Pobre Fernando sem Dom nem Formoso / rei somente em poesia» (Arménio Vieira, *Poemas* - 1981), quer introduzindo a escrita e as palavras no seio do poema, «Nesse estado em que a qualidade é o turvo / a descrição / não cabe em palavras.» (Mário Lúcio Sousa, *Para nunca mais falarmos de amor* - 1991).

Ferramentas Para Ser Feliz: Planear, Agir e Amar

Prof. ^a Maria Laura Casa Nova

A psicóloga Rita Craveiro Gonçalves animou no dia 4 de maio de 2012, no auditório da Escola Secundária Emídio Navarro, uma sessão em que foram abordados aspetos relacionados com as três ferramentas consideradas essenciais para se atingir o sucesso e a felicidade: planear, agir e amar.

212

Planear

- * Descobrir o Potencial individual
- * Identificar as Motivações
- * Clarificar valores

Agir

- * Criar o seu sonho
- * Programar o amanhã
- * Bases saudáveis para uma vida saudável

Amar

- * As diferenças biológicas entre Homens e Mulheres

* Harmonia entre o casal

* Gerir relacionamentos: companheiro/a, filhos e amigos

Ao longo da sessão proporcionou-se um momento enriquecedor, destacando os pontos-chave para uma vida mais feliz e permitindo, igualmente, um maior desenvolvimento pessoal, com mais motivação e partilhas, mais sentido de pertença e certamente mais equilíbrio para se viver em harmonia.

Um passeio pela escrita

A Dr.^a Teresa Lopes Vieira, Jurista e Escritora, promoveu a conferência intitulada Um passeio pela escrita.

A Conferência teve lugar no dia 11 de maio, no Auditório da Escola Secundária Emídio Navarro, pelas 15h00.

Ler e Escrever: a Língua nos Média

Prof.^a Edite Prada

No dia 14 de maio, no auditório da Escola Secundária Cacilhas-Tejo, pelas 19h30, aconteceu uma conferência em organização conjunta com o Centro de Novas Oportunidades da Escola e com a Biblioteca Escolar, Centro de Recursos da Escola (BECRE), numa edição, a sexta, do Projeto *O Prazer de Ler +*. A conferência, bastante participada, tendo esgotado o auditório, foi da responsabilidade do jornalista José Mário Costa, coproprietário do Ciberdúvidas, e foi feita em parceria com o Centro de Novas oportunidades da Escola Secundária de Cacilhas e do Centro de Recursos da mesma escola. Contou com a presença de alunos dos cursos EFA e versou sobre o projeto do Ciberdúvidas, focando aspetos como a sua origem (um espaço criado para possibilitar aos jornalistas a análise e resposta pronta a dúvidas de língua portuguesa) e o seu desenvolvimento (conta hoje com cerca de trinta mil respostas a questões colocadas dos quatro cantos do mundo). Criado há 14 anos, o Ciberdúvidas é a maior e mais conhecida página sobre língua portuguesa. Concebida por jornalistas, tem uma estrutura próxima da que se espera de um jornal, com um espaço de abertura e diversos temas. Destes, além do consultório, destaca-se a antologia na qual se encontra uma grande, se não a maior, coleção de textos de autores vários sobre a língua portuguesa.

A assistência, constituída por adultos em processo de RVCC, formandos dos cursos EFA e alunos da USALMA, pôde tomar contacto com o contributo do Ciberdúvidas para a promoção da língua portuguesa dentro e fora do mundo lusófono. Todos os presentes ficaram assim a conhecer melhor este "site", cuja intervenção não se limita ao esclarecimento de dúvidas sobre

norma e uso linguísticos, mas abrange ainda o ensino do português, como língua materna e não materna, através de um outro “site” associado, a *Ciberescola da Língua Portuguesa*, e articula-se com a produção de programas de rádio (Língua de Todos, na RDP África, e Páginas de Português, na Antena 2) e televisão (Cuidado com a Língua!). No final da sessão, José Mário Costa respondeu a questões sobre temas da atualidade da língua, incluindo, como não podia deixar de ser, o novo Acordo Ortográfico.

Este texto é uma reconstituição feita por Edite Prada a partir do texto da autoria de Carlos Rocha e João Raimundo, disponível em <http://unilit.webnode.com.pt/news/jose-mario-costa-o-prazer-de-ler-/http://palavrascorrentes.wordpress.com/> e divulgado no Correio da Usalma, n.º 28-29, p 16

Ensaio sobre a cegueira: uma proposta de leitura entre a Literatura e o Direito

Prof.^a Maria Laura Casa Nova

A Doutoranda Sónia Ribeiro da Faculdade de Letras presenteou-nos com uma palestra sobre José Saramago e a sua obra.

Partindo do *Ensaio sobre a Cegueira* propôs uma leitura que implicou um diálogo de dois mundos: a Literatura e o Direito, onde focou a posição do escritor, enquanto intelectual, na imbricação de discursos aparentemente tão distantes como os que dimanam da Literatura e do Direito.

O papel do escritor enquanto intelectual tem uma dimensão que extravasa os limites da individualidade, na medida em que se acredita que assume um conjunto de vozes e de valores éticos sócio-comunitários, não obstante a contingência irreduzível da sua individualidade.

É um romance que se apresenta desde logo como um ensaio, uma produção de carácter reflexivo sobre um objecto de estudo, que propõe pelo confronto dos elementos em análise, conhecer esse mesmo objeto. Implica a descoberta através do ensaio. Exclui à partida toda a obra ficcional do seu âmbito, uma vez que tem uma vocação diversa. Ensaio chegou a ser definido por António Sérgio como toda a obra que não é ficção.

Saramago escreve um romance a que dá o nome de ensaio.

Cegueira, ensaio sobre a cegueira. Servindo-se da perda da humanidade, a narrativa constitui uma crítica mordaz a uma sociedade que, apesar de ver, permanece cega, cegueira social por efeito da integração do mal na ordem do mundo. Um mundo de cegos e acríticos.

Numa sociedade onde o cultural visual se encontra em posição dominante, o escritor constrói uma narrativa onde revela a dimensão ética de uma comunidade perante a catástrofe da perda colectiva da visão. Aquele que vê, está cego.

Saramago é cidadão e escritor, que escreve para um conjunto de cidadãos-leitores. Ensaia os termos da sua reflexão em torno do mundo no universo literário que cria, utilizando a alegoria. O enigma para suscitar a dúvida, para plantar o mal-estar, o desconforto. O universo literário de Saramago contamina o leitor com a sensação de miadura, do qual não nos conseguimos abstrair. A democracia pressupõe um conjunto de vozes críticas e participantes na vida pública. O Ensaio sobre a Cegueira recupera a história em U, de queda, expiação e redenção humana, como forma de provar a cegueira e despertar a consciência para ela.

Foi uma proposta de abertura a novas leituras, uma vez que não se pretende aprovisionar o texto, que é de todos e de cada um.

Palestra realizada no dia 8 de junho de 2012 na Escola Secundária Cacilhas Tejo.

Correio da Usalma, n.º 30, p. 15

Envelhecer com qualidade: como nos podemos compreender melhor, ajudar melhor os outros e a nós próprios

Prof.^a *Maria Carreiras*

Aconteceu a 29 de maio, na Escola Secundária Cacilhas Tejo. No âmbito do “Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações”, esteve connosco a Dr.^a Ângela Brandão, Psicóloga Clínica e Doutoranda da Unidade de Investigação EcoComp – Ecology and Behaviour, no Departamento de Biologia Animal, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, professora da USALMA, para nos falar sobre *Envelhecer com qualidade*.

A sua exposição, muito rica de conteúdo, mas, ao mesmo tempo, clara e simples, ajudou-nos a compreender melhor as diversas etapas da nossa vida, salientando a forma como podemos evitar a deterioração cognitiva e o desenvolvimento de certas demências e como podemos ajudar os outros, quando, no seu envelhecimento, surgem limitações.

Houve ainda espaço para o debate e esclarecimento de algumas dúvidas.

Em jeito de conclusão, segundo um pensamento que registámos: A vida só pode ser compreendida olhando para trás, mas tem de ser vivida olhando para a frente (Sören Kierkegaard).

Profalmada, n.º 28, p. 19

B - Itinerários de cultura e lazer e outras visitas

Seguindo o procedimento já adotado no número 2 da revista, damos informação sucinta das muitas visitas efetuadas. Indicamos, assim, o local visitado, a data e a fonte da informação. Embora algumas atividades se tenham desenrolado em 2010, delas damos conta, por não terem sido referidas no número anterior.

Visita ao Instituto de Cardiologia

A convite da Direção, visitaram o Instituto de Cardiologia, em Almada, cerca de 30 sócios e estudantes da USALMA.

Após receção calorosa do Senhor Diretor Prof. Doutor Manuel Carrageta, divididos por dois grupos e guiados por gentis funcionários do Instituto, percorreram as suas instalações, que a todos surpreenderam pela qualidade e modernidade tecnológica.

A surpresa maior tiveram-na na cozinha/refeitório, onde os utentes podem aprender a fazer e degustar refeições “amigas do coração”.

Exposição de Paulo Ossião, Casino Estoril

26 de outubro de 2010

Exposição Centenário da República

1 de Novembro de 2010, António Pessoa, prof. da USALMA. *Correio da Usalma*, n.º 25, p. 5

Castelo de Palmela

16 de novembro de 2010, *Correio da Usalma* n.º 25

Fábrica Delta, Museu e Adega

30 de novembro de 2010

Palácio de Queluz

216 18 de Dezembro de 2010, Fernando Antunes, Aluno da USALMA. *Correio da Usalma*, n.º25, p. 6

Palácio de Bemposta

21 de Janeiro e 11 de Fevereiro de 2011 Palácio da Bemposta. Fernando Antunes, Aluno da USALMA. *Correio da Usalma*, n.º 25, p. 7

Museu Nacional de Arte Antiga

4 de janeiro e 22 de fevereiro de 2011. *Correio da Usalma*, n.º 26, p. 6

Museu do Chiado

25 e 29 de janeiro de 2011. *Correio da Usalma*, n.º 25

Quinta do Poial, Azeitão

26 de janeiro de 2011

Fluviário de Mora

18 de Fevereiro, Edite Condeixa, aluna da USALMA. *Correio da Usalma*, n.º 26, p. 7 *Palácio do Alfeite - Palácio da Sete Quintas*

25 de Fevereiro de 2011, José Luís Carvalho, aluno da USALMA. *Correio da Usalma*, n.º 26, p. 8-9

Museu do Oriente

12 de Março, 2011, Manuela Peixoto, aluna da USALMA. *Correio da Usalma*, n.º 26, p.10

Fragata *D. Fernando II e Glória*, a última nau portuguesa da carreira da Índia

15 de Março de 2011, Domingos Robalo, prof. da USALMA. *Correio da Usalma*, n.º 26, p. 11-12

Museu Geológico de Lisboa

25 de Março de 2011 *Correio da Usalma*, n.º 26, p. 17

ETAR do Portinho da Costa

29 de Março de 2011, Graça Pessoa, prof. da USALMA. *Correio da Usalma*, n.º 26, p. 17

Pegadas de Dinossáurios, Grutas de Santo António e Minas de Salgema

1 de Abril de 2011, Maria Graciette Carvalho, aluna da USALMA. *Correio da Usalma*, n.º 26, p. 14-15

Palácio de Belém

2 Abril de 2011, Rui Tavares, aluno da USALMA. *Correio da Usalma*, n.º 26, p. 13

Museu de História Natural e Jardim Botânico

8 Abril de 2011, António Tomás, aluno da USALMA. *Correio da Usalma*, n.º 26, p. 18

Santiago de Compostela

15,16 e 17 de Abril de 2011.

De regresso, a professora Edite Prada e o aluno José Parreira lançaram um

desafio ao grupo, que foi prontamente aceite... e eis que um concurso de quadras foi feito.

1.º Prémio

S'Tiago foi para mim
um sonho realizado
Espero voltar um dia
Não quero o sonho acabado
Maria Isabel Frias

2.º Prémio

S. Tiago me deu paz
O Grove me deu mexilhão
Esta Galiza promoveu
Em mim mais uma paixão!
Graça Pessoa e Ana Maria Santos

3.º Prémio

Arte cultura e prazer
Três dias p'ra não esquecer
Quem me dera cá voltar
Para de novo reviver
Gracelinda Nascimento

Menções Honrosas: 1.^a M. da Conceição C. Mascarenhas, 2.^a José C. Prada, 3.^a M. Manuela M. Santos e 4.^a António Domingos dos Santos
Prof. Emília Evaristo Correio da Usalma, n.º 26, p. 18

Por terras de Egas Moniz, Eça, Aquilino e um mítico profeta Lamego, a cidade de Oliveira de A Ilustre Casa de Ramires ; Tormes e rota de Cister

19 e 20 de abril 2011. Prof. Jerónimo de Matos, Profalmada, n.º 25, p. 18

Unidade Fabril do Arsenal do Alfeite

2 de Maio de 2011. Domingos Robalo, prof. da USALMA. *Correio da Usalma*, n.º 26, p. 9

218

Convento de Cristo, Tomar

5 de maio de 2011, Bernardete Baeta, aluna da USALMA. *Correio da Usalma*, n.º 26, p. 12-13

Casa Museu Medeiros e Almeida

8 de maio de 2011, Fernando Antunes, aluno da USALMA. *Correio da Usalma*, n.º 26, p. 7

Celebração do Centenário do Escritor Alves Redol numa Jornada Literária e de Artes Plásticas

2 de Abril de 2011, Edite Condeixa, aluna da USALMA. Correio da Usalma, n.º 26, p. 16

Escola Naval do Alfeite

Dia 12 de Maio 2011. J. Vaz Martins. Correio da Usalma, n.º 27, p. 16-17

Viagem à Normandia, Bretanha e Vale do Loire

15 a 22-de Julho 2011, Prof.^a Maria Carreiras. Profalmada 26

Distrito de Leiria: Menino do Lapedo; Batalha

25 de Setembro de 2011, Prof. Jerónimo de Matos. Profalmada 26

Vila Viçosa: Paço Ducal; Castelo Medieval; Santuário de Nossa Senhora da Conceição

12 de Novembro 2011. Correio da Usalma, n.º 27, p. 18-19

Arouca: um Mosteiro de Mulheres; Um Rio em Cascata; Pedras que parem pedras

5 de Novembro de 2011, Prof. Jerónimo de Matos, *Profalmada*, n.º 26

Museu das Comunicações

18 de janeiro de 2012, Aluno Edmundo Abrantes. Correio da Usalma, n.º 28-29, p. 9

Sé de Lisboa, o seu Tesouro e Teatro Romano

21 de janeiro de 2012, Prof. J. Matos. Correio da Usalma, n.º 28-29, p. 9

Oceanário e Pavilhão do Conhecimento

9 de fevereiro de 2012. Aluno A. Tomás Correio da Usalma, n.º 28-29, p 10

O Ciclo do Gótico Português de Santarém à Batalha

Correio da Usalma, n. 28-29, p. 14

Museu de Arqueologia

10 de março de 2012, Aluna Edite Condeixa. *Correio da Usalma*, n.º 28-29, p. 11

Museu Gulbenkian

24 de março de 2012, Aluna Julieta Ferreira. Correio da Usalma, n.º 28-29, p. 19

Exposição Fernando Pessoa, Plural como o Universo

29 de Março de 2012, Aluna Julieta Ferreira. Correio da Usalma, n.º 28-29, p. 13

Toulouse; Carcassonne; Lourdes

Março, 2012, *Profalmada*, n.º 28, p. 20

Exposição Começar pelo princípio. 1972-2012,

12 de Junho Aluno, Hélder Castanheira de Assunção. Correio da Usalma, n.º 30, p. 15

Suécia e Noruega: Vikings e Trolls

Julho, 2012, Prof. Jerónimo de Matos. *Profalmada* n.º 29, p. 19-20

C - Festas e Convívios

Magusto

Em cumprimento do Plano de Atividades da APCA/USALMA, teve lugar no pretérito dia 13-11-2010 o habitual magusto *Entre Castanha e Água-Pé*, na Quinta Pedagógica da Broeira, situada no termo do Cartaxo.

Foi um agradável passeio, com receção seguida de café, chá e bolinhos secos.

Durante a manhã visitámos a Quinta e assistimos, ao vivo, à confeção de pão de trigo e de milho, na parte do ciclo farinha-mesa, onde alguns participantes não hesitaram em «meter as mãos na massa».

Durante o almoço tivemos o privilégio de poder saborear o pão quente, amassado com o suor do nosso rosto. A tarde foi bem aproveitada em são convívio, onde não faltou o animado bailarico.

No final da tarde, degustámos um agradável caldo-verde, chá e café, seguido das tradicionais quentes e boas acompanhadas da inseparável água-pé.

Pelas 18h00 foram distribuídos diplomas e regressámos a Almada, onde chegámos pelas 19h00.

Cumprimos, deste modo, mais um momento de convivência fraterna em complemento das diversas vertentes da nossa APCA/USALMA.

Feliciano Oleiro, Correio da Usalma, n.º 25, p. 13

Chá com Poesia

Aluna Julieta Ferreira

No dia 30 de março de 2012, pelas 17 horas, no Teatro Municipal de Almada, no âmbito da disciplina *Encontro com a Poesia* das Prof.as Helena Peixinho e Ângela Mota, realizou-se mais uma sessão, a segunda, do *Chá com Poesia*, na sala do restaurante do Teatro.

Foi uma sessão bastante participada. Estiveram 35 pessoas presentes, incluindo os 13 alunos da disciplina e o músico convidado, Manuel Fernandes, que animou bastante com a sua viola e dizendo alguns poemas de sua autoria.

A sessão foi iniciada com apresentação da Prof.^a Ângela Mota, que deu as boas vindas a todos, agradecendo a sua presença, pessoas amantes de poesia que se deslocaram ao Teatro para terem uma tarde agradável, ouvindo e lendo poemas de vários poetas.

De seguida foi servido o lanche, composto por chás, scones e torradas. Muito agradável.

E deu-se início à leitura dos poemas escolhidos pelos colegas da disciplina *Encontro com a Poesia*. E muitos foram os poetas selecionados: Fernando Pessoa, Florbela Espanca, Ruy Belo, Ary dos Santos, Guerra Junqueiro, Alexandre O'Neill, Miguel Torga, Almeida Garrett, António Ramos Rosa, Alice Vieira, Isabel Barreno e alguns inéditos de colegas com veia poética. Não esquecer ainda a leitura do poema «Invictus», de um autor inglês, William Ernest Henley, que inspirou Nelson Mandela enquanto este esteve prisioneiro.

Todos os presentes, que não alunos da disciplina, foram convidados também a dizer poesia. E alguns assim o fizeram.

Para terminar, por iniciativa da Prof.^a Ângela, foi distribuído por todos um poema de Almada Negreiros, para uma leitura coletiva, que foi muito bem aceite.

A sessão terminou com a alegria estampada em todos os rostos por mais um momento de convívio cultural que nos purificou a alma.

Para que estas sessões *Chá com Poesia* continuem a ser um sucesso, convidamos todos os alunos da USALMA e amigos, que gostem de poesia, a participar todas as últimas sextas-feiras de cada mês, pelas 17 horas, no restaurante do Teatro Municipal de Almada.

Correio da Usalma, n.º 28-29, p. 7-8

221

Cultura em Convívio: Casa da Cerca/Centro de Arte Contemporânea

Prof.^a Maria Carreiras,

No âmbito da parceria entre a Casa da Cerca/Centro de Arte Contemporânea e a Apcalmada, temos vindo a beneficiar de um conjunto de Atividades

Programadas, que intitulámos *Cultura em Convívio*.

Sempre acompanhados de guias competentes, temos tido oportunidade de apreciar as exposições patentes, bem como o “Chão das Artes” – Jardim Botânico. Uma nota curiosa, o facto de termos podido observar a diferença operada no jardim, em duas estações diferentes. Na visita do passado dia 14 de Junho, encontrámos um jardim matizado de cores e as árvores já com frutos. O nome “Chão das Artes” deve-se ao facto de todas aquelas plantas darem origem a materiais utilizados nas artes plásticas.

Este ano, o “Chão das Artes” comemora o 10.º aniversário e, por isso, a Casa da Cerca oferece um vasto programa de atividades bastante diversificadas. Por exemplo, o grupo que esteve no último *Cultura em Convívio*, participou na elaboração de uma “Árvore da Vida”. Em pleno contacto com a natureza, pintámos, conversámos, lanchámos... Enfim, uma pausa para aprendizagem e descontração.

Profalmada 25

Iniciação ao Golfe

Aluno *João Carlos de Figueiredo Pinheiro*

Realizou-se no passado dia 14 de Dezembro, o almoço, na Herdade da Aroeira, do grupo de “Golf” da USALMA.

E digo almoço porque, ao invés do que ditam as regras do “Golf”, fazer primeiro o percurso obrigatório dos 18 buracos do “course”, começámos justamente pelo fim, ou seja pelo 19.º buraco, vulgo “restaurante”.

Aí já se vê que não se mostraram, de todo em todo, necessários os prestimosos ensinamentos do Prof. José Gonçalves, coadjuvado pelo nosso colega Joaquim Silva.

Substituído o “taco” pelo garfo, e as bolas pelos deliciosos alimentos do repasto, fizemos o “putter” perfeito, ou seja, as “bolas” entraram religiosamente no “buraco” das nossas bocas.

Mais complicadas se mostraram as coisas, da parte da tarde, quando tivemos que fazer o percurso inverso, do 18.º para o 1.º buraco: o delicioso vinho tinto servido ao almoço dificultou-nos a concentração no “putter” e a colocação do “tee”, isto para já não falar na falta de energia para o “swing”, em pleno período da digestão.

Enfim, salvou-se o convívio, que é também um dos mais nobres desígnios da USALMA. Foram, com efeito, duas horas de alegre confraternização, em plena época natalícia, tudo, aliás, em perfeita sintonia com o espírito do “golf”.

Correio da Usalma, n.º 25, p. 10

Jantar convívio da turma de Espanhol

Aluno *Fernando Antunes*

Coincidindo com o último dia de aulas do 2.º período, no dia 6 de Abril de 2011, realizou-se um jantar convívio da turma de Espanhol, lecionada pela professora Sofia Saraiva.

O evento teve lugar na Taverna Grega, Cova da Piedade.

O mais saliente da gastronomia grega – pasticio, teta, tzaziki – e, sobretudo, o clima de amizade consolidado ao longo de quase quatro anos.

Com o entusiasmo dos alunos, o empenho e disponibilidade da professora Sofia e o apoio logístico da USALMA, foram efetuadas nos anos anteriores visitas a Cáceres e a Mérida. Outros eventos se seguirão decerto.

Correio da Usalma, n.º 26, p. 18

Almoço de homenagem aos professores

Prof.ª *Maria do Carmo Manique*

Já é uma tradição na USALMA e, no dia 16 de junho de 2012, realizou-se o Almoço de Homenagem aos Professores desta universidade sénior, integrado no conjunto de atividades de encerramento do ano letivo de 2011-2012. A Homenagem decorreu nas instalações do INATEL, na Costa de Caparica, com o seguinte programa:

-12:30h – Acolhimento dos participantes

-13:00h – Saudação pela Presidente da Apcalmada

-13:15h – Almoço

-15:00h – Homenagem aos Professores

-Intervenção de uma Aluna

-Intervenção de um Professor

-Entrega, aos professores, da placa de Homenagem

-Intervenção do Diretor da USALMA

-16:30h – Convívio com música para dançar. Contando com elevada participação de alunos e professores da nossa universidade sénior, esta homenagem decorreu em ambiente de agradável convívio. Nas suas intervenções, os oradores salientaram a dedicação de todos os professores da USALMA a este projeto da Apcalmada, na prossecução dos seus princípios e objetivos. A cerimónia de entrega da placa de homenagem aos professores expressou o reconhecimento da Direção da Apcalmada/USALMA e dos alunos aos seus professores.

A festa terminou com alegre convívio dançante, ao som de animada música.

Correio da Usalma, n.º 30, p.8

Dia da Associação: comemoração do 9.º aniversário

26 de maio de 2012,

Prof.ª Maria Carreiras. Profalmada 28, p.19

D - Espetáculos

Grupo de Teatro Cabeção

30 de outubro de 2010

Um Violino no Telhado, Teatro Politeama

4 de fevereiro de 2011

Fado – História de um Povo, Casino Estoril

25 de março de 2011

Festival de Teatro de Carnide

31 de março de 2011,

Correio da Usalma, n.º 25

I Encontro - Convívio das classes de guitarra - Ano Letivo 2010/2011

Realizou-se no dia 26 de março o I Encontro-Convívio das classes de guitarra da USALMA, do ano lectivo 2010/2011, no Clube do Sargento da Armada, num espaço acolhedor, gentilmente cedido para o efeito.

A iniciativa deveu-se ao professor Francisco Sabrosa, da disciplina de guitarra clássica da USALMA, tendo em vista, entre outros objetivos, mobilizar alunos das diversas turmas na partilha de conhecimentos, atenuar as tensões que acontecem quando se toca em público. E no âmbito da Associação de Professores do Concelho de Almada e da USALMA, alargar o convívio aos colegas, familiares e amigos, à sociedade deste Concelho, mostrando como a aprendizagem pode ser transformada em momentos de convívio e de festa. Incentivar o estudo e interesse pela música, dada a sua importância na vida de cada um de nós. Atuaram cinco classes de guitarra e o grupo Ensemble, sob orientação do professor Francisco Sabrosa.

No Ensemble, alunos com maior grau de conhecimento tocaram, ao lado de professores, peças musicais já bastante mais elaboradas.

Um convidado especial, o jovem e talentoso guitarrista, João Velez, estudante da Academia de Música de Almada, aceitou o desafio do Professor Francisco Sabrosa e finalizou o convívio com uma magnífica execução de três peças, cuja técnica pertence aos grandes. Ouviram-se muitos aplausos.

Um ramo de flores simbolizou o nosso agradecimento por ter aceite o convite, o desafio da partilha.

Seguiu-se um lanche, na sala nobre do Clube do Sargento da Armada, para alunos, familiares e convidados, cuja realização ficou a cargo deste clube.

Pela disponibilidade para este e outros eventos fica uma vez mais o agradecimento da USALMA.

E o convívio prosseguiu tarde fora, noite dentro. Alunos de guitarra clássica, campaniça, cavaquinho e do coro, juntaram-se de novo no salão, com professores e familiares. Descontraidamente tocaram, cantaram, divertiram-se.

Ficou a certeza de que a festa agrada sempre quando é participada, e de que novos encontros irão acontecer.

Sem autor, Correio da Usalma, n.º 26, p. 19

Coro da USALMA

Aluno José Jorge

No âmbito da exposição de “AUDIO SHOW 2011”, realizada no HOTEL VILLA RICA em Lisboa, os coros polifónicos da USALMA e da Anselmo de Andrade, foram convidados a participar na maior exposição de equipamento de áudio, em Portugal. O melhor do som e da imagem em estreia mundial, segundo informação dos especialistas na matéria.

Cerca das 16h45, embarcámos em autocarro, no Centro Sul, e rumámos para o local do encontro, onde chegámos por volta da 17h10.

Fizemos uns *vocalizos* para o aquecimento das vozes e, entretanto, o coro da Anselmo de Andrade deu início ao espetáculo, a que se seguiu o Coro da USALMA.

Os coros apresentam um reportório variado, superiormente dirigido pelo nosso Maestro Victor Gaspar. O público presente aplaudiu com entusiasmo as actuações dos coros.

Por volta das 19h15, regressámos ao ponto de partida, com alegria e boa disposição, com a convicção do dever cumprido. Durante a viagem, foram cantadas várias canções do reportório nacional, com muito humor, alegria e satisfação.

Por fim o nosso Maestro deu-nos os parabéns e apelou aos coralistas para se empenharem com dedicação, generosidade e afinco, para que o coro da USALMA venha a ser, no futuro, uma referência a nível nacional.

Correio da Usalma, n.º 26, p. 19

Uma Noite em Casa de Amália

9 de novembro de 2012

Prof. *Maria Carreiras Profalmada*, n.º 30, p. 18

E - Celebrações e Outros Eventos

1.º Encontro anual de professores

26 de fevereiro de 2011. Aí foram debatidos assuntos referentes aos aspetos pedagógicos e curriculares da Universidade Sénior. Após os trabalhos, teve lugar um almoço convívio ao qual se seguiu um momento musical, a cargo dos professores José Carita e Joaquim Silva.

A-Mostras de ensino

Prof. *Joaquim Silva*

À semelhança de anos anteriores, a USALMA participou na Mostra do Ensino Superior, Secundário e Profissional, que decorreu em Almada entre os dias 4 e 7 de maio de 2011.

A sessão solene de abertura teve lugar no Fórum Romeu Correia, no dia 4, presidida pela Presidente da Câmara Municipal e com a presença de representantes das várias escolas participantes no evento, em que se incluiu o Presidente da USALMA e a participação de alguns alunos.

Abriu a sessão o Vereador da Cultura, que se referiu ao acontecimento e ao seu enquadramento no tema *Almada Cidade Educadora*, tendo dado a palavra à Presidente da Câmara que teceu algumas considerações sobre o evento.

Seguiu-se uma visita à exposição dos painéis relativos a cada escola participante, cabendo aos seus representantes fazer a apresentação das mesmas, assim como das suas actividades.

226

As outras actividades da Mostra decorreram numa tenda montada no exterior, de que há a destacar a participação das turmas de Cavaquinhos e Danças do Mundo da USALMA.

Correio da Usalma, n.º 26, p. 20

B - A Universidade Sénior de Almada na Mostra de Ensino

Prof.^a Teodolinda Silveira.

Como já vem sendo hábito, a Câmara Municipal de Almada levou a efeito, nos passados dias 18, 19 e 20 de Abril, a Mostra de Ensino com representação de todas as instituições de ensino superior, secundário e profissional do concelho, tendo a USALMA, tal como nos últimos cinco anos, estado representada na exposição e nas animações que decorreram ao longo dos três dias.

Sendo o tema deste ano “Mobilidade e intercâmbios escolares”, foi com toda a facilidade que o projeto social e solidário que a USALMA corporiza nela se integrou, pois como todos sabemos, este projeto nasce sob o signo da mobilidade, nas suas mais diversas vertentes.

Mobilidade 1

Criada pela Associação de Professores (APCA) um ano após a fundação desta associação de docentes de todos os graus de ensino do Concelho de Almada, não dispondo de instalações próprias, nem recursos financeiros para proceder à sua construção ou aluguer, recorreu à hospitalidade das escolas secundárias do Concelho.

E este projecto social e solidário teve a melhor compreensão e aceitação das Direcções dos estabelecimentos contactados, que assim manifestavam uma visão moderna da escola pública, como recurso de educação e cultura aberto à comunidade.

O projecto da USALMA passou a constituir também um projecto da própria escola, na sua dimensão comunitária.

E foi assim que se iniciou um processo de mobilidade social e cultural: no 1.º Ano (2005) em quatro escolas do centro da Cidade (Anselmo de Andrade, Emídio Navarro, Cacilhas Tejo e D. António da Costa); nos anos seguintes a peregrinação prosseguiu (Fernão Mendes Pinto, António Gedeão) e foi ao encontro das freguesias excêntricas – Monte da Caparica, Costa de Caparica, Laranjeiro (Ruy Luís Gomes) Feijó (Romeu Correia). O crescimento rápido levou-nos a solicitar a hospitalidade de instituições do Município (Arquivo Municipal), do ensino particular (Frei Luís de Sousa e Seminário de S. Paulo) e associativas (Imagem-Associação de Artistas Plásticos de Almada).

Esta opção não foi um mero recurso de circunstância, mas uma solução com objectivos bem definidos e de interesse mútuo nas parcerias estabelecidas. Entre estes objetivos, destaco:

- A optimização dos recursos educativos públicos e privados;
- A relação intergeracional, levando, em alguns casos, à troca de experiên-

cias pedagógicas;

- O estímulo aos jovens pelo exemplo dos seniores na sua dedicação ao estudo das ciências e das artes.

Mobilidade 2

A USALMA surge em 2005, num momento de afirmação do movimento sénior e do seu interesse pelo estudo ao longo da vida. O número de universidades seniores rondaria, então, as 30 organizações, ultrapassando, hoje, as 200.

Esta rápida expansão do movimento deu lugar ao interesse pelo encontro e o intercâmbio de experiências e à criação duma associação de apoio às relações entre Universidades Seniores, a Rede de Universidades da Terceira Idade (RUTIS).

A USALMA participou, desde o seu início, nos encontros promovidos por esta associação e co-organizados por Universidades Seniores, previamente escolhidas.

Assim, nos encontros Nacionais, a USALMA esteve presente em Almeirim, St.^a Maria da Feira, Amadora, Covilhã, Portimão, Guimarães, S. João da Madeira e, no corrente ano, em Torres Vedras.

Nos concursos “O saber não tem idade” concorreu em Lisboa (1), Santarém, Sintra, Lisboa (2), Loures e Miranda do Corvo.

Nos encontros de Teatro esteve em Santarém, Gavião e Cabeção.

Mobilidade 3

A Mostra do Ensino do Concelho de Almada criou, também, condições para um intercâmbio entre as instituições do ensino superior, secundário e particular, constituindo uma excelente oportunidade, não só para levar a cabo a amostragem do conjunto de oportunidades e recursos educativos, de todos os níveis, que jovens e seniores têm ao seu dispor no concelho, mas também para a troca de experiências e parcerias entre as instituições que, sob a coordenação do Departamento da Educação e Juventude da Câmara Municipal, realizam este evento.

Neste momento, aguardamos a resposta à candidatura da USALMA ao programa da UE Grundwig II Sénior, como oportunidade de intercâmbio internacional, a qual concretizará mais uma vertente da grande abertura e mobilidade da Universidade Sénior de Almada.

Encerramento do Ano Letivo 2010-2011

Enquadrados no programa de encerramento do ano lectivo 2010-2011 e à semelhança de anos anteriores, ocorreram vários acontecimentos, durante o mês de Junho, como segue:

No dia 4, realizou-se o Espectáculo de encerramento do ano lectivo da USALMA com atuação das turmas de Teatro, Coro Polifónico, Cavaquinhos, Guitarras, Danças do Mundo e Encontro com a Poesia, o qual decorreu no Teatro Municipal de Almada.

Realizaram-se também exposições das turmas de pintura, desenho, artes plásticas e fotografia dos seguintes Professores: Felicidade Vieira no Seminário, Carlos Guilherme e Francisco Palma em Cacilhas, Louro Artur no Pragal, José Luís Guimarães no Feijó e Conceição Gato na Escola Emídio Navarro.

No dia 18, decorreu no restaurante Dia-a-Dia, o almoço de homenagem aos professores da USALMA, com a presença de grande número dos que, ao longo do período lectivo 2010-2011, desempenharam as suas funções pedagógicas de acordo com os respectivos programas.

Constou desta reunião, a avaliação dos resultados levados a cabo durante aquele período, por áreas disciplinares, bem como a apresentação de sugestões para a melhoria do respectivo desempenho. com a actuação dos alunos das turmas da USALMA do Teatro, do Coro Polifónico, dos Cavaquinhos, das Guitarras, das Danças do Mundo e da Literatura - *Encontro com a poesia*, o qual decorreu no Teatro Municipal de Almada.

Realizaram-se também exposições, em vários locais do concelho, de trabalhos efectuados por alunos de algumas turmas da USALMA ligadas às Artes plásticas e Fotografia. No dia 18, decorreu no restaurante Dia-a-Dia o almoço de homenagem aos professores da USALMA, com a presença de muitos professores e alunos.

2.º Encontro Anual de Professores

No dia 2 de Julho decorreu na Escola Secundária de Palmela a 2.ª reunião geral de professores da USALMA, com a presença de grande número dos que, ao longo do período lectivo 2010-2011, desempenharam as suas funções pedagógicas de acordo com os respectivos programas.

Constou desta reunião a avaliação dos resultados do trabalho levado a cabo durante aquele período, por áreas disciplinares, bem como a apresentação de sugestões para a melhoria do respectivo desempenho. Seguiu-se um almoço convívio e uma visita cultural ao Castelo de Palmela.

Abertura do Ano Letivo 2011/2012 e Sessão Solene da USALMA

Realizou-se no passado dia 20 de Outubro, no Fórum Municipal Romeu Correia, a Sessão Solene de Abertura do ano lectivo 2011-2012, em cuja abertura actuou o Côro Polifónico da USALMA, sob a direcção do seu maestro Victor Gaspar.

A mesa foi constituída pela representante da Câmara Municipal, pelo orador convidado Professor Doutor António Câmara, da FCT do Monte da Caparica, Dr. Jerónimo de Matos, presidente da USALMA, Dra. Maria Adelaide Paredes da Silva, Presidente da Assembleia Geral da APCA e representante dos alunos, Helder Letra Pereira.

Abriu a sessão o presidente da USALMA, que proferiu as seguintes palavras:

Discurso de abertura:

Em nome da Direcção da Associação de Professores e da USALMA dirijo uma saudação de boas-vindas a todos os convidados presentes nesta 8.ª sessão solene de abertura do novo ano lectivo e cumprimento em primeiro lugar a mesa da presidência:

O Ex.^{mo} Presidente da Assembleia Municipal José Manuel Maia que, após apresentação de cumprimentos, se ausentou devido a anterior compromisso.

- Em representação da Sr.^a Presidente da Câmara Municipal de Almada, Maria Emília Neto de Sousa, A Sr.^a Dr.^a Maria João Tomé, Chefe da Divisão de Equipamentos da Câmara Municipal de Almada.

- A Sr.^a Presidente da Assembleia Geral da Associação de Professores, Dr.^a Maria Adelaide Paredes da Silva, Diretora do Centro de Formação de Professores do Concelho de Almada - AlmadaForma.

- O orador convidado para esta sessão solene Sr. Prof. Doutor António Câmara, professor catedrático e investigador da F.C.T. da Universidade Nova (Monte de Caparica).

- A representante dos estudantes da USALMA, Helder Letra Pereira, estudante da USALMA há sete anos, nela homenageando os estudantes octogenários cerca de 20.

Cumprimento depois os nossos convidados:

230

Representantes das escolas nossas parceiras: Cacilhas-Tejo, Emídio Navarro, D. António da Costa, Anselmo de Andrade, Fernão Mendes Pinto, António Gedeão, Ruy Luís Gomes, Romeu Correia, Alembração, Secundária do Monte e Escola Básica do 2.º e 3.º ciclos da Costa de Caparica e ainda o Externato Frei Luís de Sousa, o Seminário de São Paulo, Associação dos Artistas plásticos, IMARGEM, e o Arquivo Municipal que constituem há 7 anos a verdadeira sede das actividades da USALMA. A todos quero expressar o reconhecimento da Direcção da APCA/USALMA pelo bom acolhimento, a hospitalidade e partilha de recursos com que nos recebem diariamente, constituindo um excelente exemplo de serviço cívico à comunidade e otimiza-

ção dos recursos públicos. Saúdo também os autarcas presentes, nomeadamente aqueles com quem temos uma relação mais próxima de colaboração e apoio: Juntas de Freguesia de Almada, Cacilhas, Pragal, Cova da Piedade, Laranjeiro, Feijó, Costa da Caparica e Monte de Caparica.

Cumprimento ainda os representantes das autoridades locais presentes e, *last but not least*, os nossos professores e os nossos estudantes, para todos vão os votos de um ano lectivo de estudo e convívio, de ambiente de solidariedade e afecto.

Iniciámos na segunda-feira, 17, o novo ano lectivo da USALMA com a seguinte situação:

Alunos inscritos: cerca 940

Homens: cerca 220

Senhoras: cerca de 720

Disciplinas: 60 Turmas

Professores: 100

Espaços: 15

As escolas que nos recebem fazem um esforço notável para inventar salas para os alunos seniores.

E como as escolas estão disponíveis sobretudo no turno da tarde, temos um problema crónico de sobreposições que penalizam muitos dos nossos estudantes.

Esperamos que este seja o último ano de dificuldade, pois está aberto o concurso para a construção da nova sede.

Como é sabido, trata-se da reabilitação de um edifício emblemático do centro histórico de Almada – sede da antiga Cooperativa Almadense – que a Câmara Municipal adquiriu e inscreveu no programa da União Europeia QREN, convidando a USALMA como parceira do concurso, destinado a revitalizar os espaços históricos.

Sem deixar de estar presente nas escolas, com quem há sete anos mantemos parcerias de virtualidades mútuas, abrem-se à USALMA perspectivas de crescimento e qualidade pedagógica e científica, num espaço reabilitado e transformado em conformidade com as necessidades e potencialidades duma instituição de ensino sénior.

Termino sublinhando o factor que constitui a chave do sucesso da USALMA: a disponibilidade dos cerca de 100 professores que em regime de voluntariado recebem diariamente as turmas de estudantes seniores, com eles estudam, ensinam e aprendem, convivem e partilham saberes e afectos, sem esquecer os corpos sociais da Associação de professores que organizam e apoiam diariamente esta instituição de cultura e solidariedade.

Para todos uma palavra de apreço e reconhecimento.

Jerónimo de Matos. Correio da Usalma, n.º 27, p. 14-15
Dada a palavra à representante dos alunos, que começou por cumprimen-

tar os componentes da mesa, referindo de seguida o seu percurso na USALMA como aluna, desde os primeiros tempos, e do gosto em participar nas suas actividades.

De seguida pronunciou-se a presidente da A. G. da APCA, que saudou a mesa, a assembleia presente, o presidente da USALMA e os restantes órgãos sociais da Associação e todos os que, com a sua dinâmica, têm dado o seu contributo para a construção do projecto USALMA, enquadrado na cidade educadora que é Almada.

A representante da CMA começou por saudar os elementos da mesa e todos os presentes no auditório e, em nome da presidente da Câmara e do vereador do pelouro apresentou as suas felicitações por mais um ano lectivo da USALMA.

Lembrou que a Câmara sempre reconheceu o trabalho da APCA e da USALMA, tendo expressado os seus votos de sucesso para este, seus professores e alunos.

De seguida, o presidente da USALMA apresentou o orador, o qual começou por agradecer o convite da USALMA, saudando todos os presentes na sala.

Como introdução ao seu tema para a sessão, desenvolveu a sua actividade docente no âmbito da Faculdade de Ciências e Tecnologia e seus projectos científicos, em especial aquele que designou por “Currículo escondido”, que desenvolveu, com inteiro agrado da assistência.

A sessão terminou com o lançamento do n.º 2 da revista da APCA/USALMA “Memórias e Futuro”, seguido de Moscatel de Honra.

Correio da Usalma, n.º 27, p. 14-15

Espectáculo de Encerramento Ano Letivo de 2011/2012

Prof. Teodolinda Silveira

Assim voltou a acontecer na Academia Almadense, no final ano, onde as diversas turmas da área da dança, do canto, da música e do teatro foram responsáveis por um espectáculo onde a diversidade rimou com qualidade. A magnífica atuação do coro polifónico, a bem conseguida peça de revista pela turma de teatro, a qualidade da atuação dos grupos de guitarras e cavaquinhos e a animação contagiante do grupo de danças dominaram todo o espectáculo e proporcionaram, a quem assistiu, momentos de boa disposição e alegria bem dignos dos objetivos subjacentes a todo o trabalho desenvolvido na Universidade Sénior de Almada. Até a Tuna, projeto recém-criado e a dar os primeiros passos, não quis deixar de nos brindar com a interpretação de uma música tradicional portuguesa.

Parabéns, pois, a todos os que se empenharam nestas iniciativas, com especial relevo para alunos e professores que, com o seu dinamismo, tornam mais gratificante o seu dia a dia e enriquecem a comunidade com os resultados do seu trabalho.

Correio da Usalma, n.º 30, p. 7

Exposições de Artes Plásticas

Prof. *Joaquim Silva*

No final de cada ano letivo, a Universidade Sénior de Almada procura proporcionar aos seus professores e alunos espaços de partilha onde, num ambiente de alegria e camaradagem, se divulga o trabalho realizado ao longo do ano, criando momentos muito gratificantes para todos os que neles intervêm.

Assim voltou a acontecer, durante o passado mês de junho, em que em diversos locais da nossa cidade estiveram expostos os trabalhos produzidos pelas turmas de artes - pintura, escultura, fotografia digital e vídeo - numa demonstração de qualidade bem reveladora do empenho de alunos e professores no desenvolvimento das suas aulas.

25 de maio a 1 de junho - alunos do pintor Louro Artur no Centro de Dia da Junta de Freguesia do Pragal;

4 a 10 de junho - alunos da professora Felicidade Vieira no Átrio da Academia Almadense;

11 a 18 de junho - alunos do professor Carlos Guilherme no Átrio da Academia Almadense;

22 a 29 de junho - alunos da professora Conceição Gato no Átrio da Academia Almadense;

13 a 20 de junho - trabalhos da escultora Conceição Freitas no Salão da Junta de Freguesia do Laranjeiro;

15 a 24 de junho - alunos dos professores Conceição Freitas, Francisco Palma e Manuel da Costa na Galeria sita na rua Garcia de Horta.

Correio da Usalma n.º 30, p. 8

Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações

Prof.^a *Maria Carreiras*

No âmbito do Ano Europeu do Envelhecimento Ativo, o Grupo Concelhio de Idosos de Almada organizou um Encontro intitulado "Participação Social em Contexto de Crise".

O objetivo principal foi incentivar a participação social dos seniores, divulgando boas práticas em contexto de crise.

O Professor João Raimundo usou da palavra para nos falar de "cidadania" e sobre "boas práticas", ficámos a conhecer os projetos "Agricultura Solidária", "PROVE" e "Banco do Tempo".

O Encontro foi bastante participado.

Profalmada, n.º 30, p. 18

Abertura do Ano Letivo 2012/2013

Prof. Jerónimo de Matos

Com o início das aulas a 15 de outubro, estavam criadas as condições e o ambiente académico para a realização da sessão solene de abertura do novo ano letivo da USALMA, o nono, que este ano teve lugar na Academia Almadense, casa acolhedora para a numerosa assistência de professores, estudantes, familiares e amigos da USALMA.

A solenidade teve início no átrio, onde, em jeito de receção, o coro polifónico da USALMA a todos brindou com um excelente concerto.

Deslocou-se depois para o salão de festas, cuja plateia foi ocupada pela numerosa assistência.

Na mesa da Presidência, tomaram assento a Senhora Presidente da Câmara que, mais uma vez, nos honrou com a sua presença, ladeada pela Presidente da Apcalmada/USALMA, Maria de Lourdes Albano, pelo Vereador da Cultura e Educação, António Matos, pelo Diretor da USALMA, Jerónimo de Matos, pela representante dos Professores, Maria do Carmo Nascimento, pelo representante dos estudantes, Francisco Fernandes, e pelo orador convidado, Fernando Serra, Professor do ISCSP e Vice-Presidente do Conselho Científico da USALMA.

Usaram da palavra a Presidente da Apcalmada que apresentou os elementos da mesa e cuja intervenção apresentamos na íntegra, bem como as intervenções dos representantes dos professores, Maria do Carmo Nascimento, e dos estudantes, Francisco Fernandes. Seguiram-se as intervenções do Senhor Vereador da Cultura e Educação, Eng.º António Matos que sublinhou o dinamismo da Associação de Professores na sua intervenção cultural, solidária e social, com destaque para a criação da USALMA, instituição que se insere nos objetivos da *Carta das Cidades Educadoras*, que a Câmara assinou e procura aplicar no município de Almada.

No uso da palavra, a Senhora Presidente da Câmara dirigiu calorosa mensagem de saudação à USALMA, à Direção, aos professores e estudantes e a todos os presentes, salientou o serviço cívico solidário e de cultura prestado aos munícipes seniores pela USALMA e reafirmou a esperança de que, apesar das circunstâncias difíceis que o país atravessa, a Universidade Sénior venha a ocupar em breve a sua sede.

Coube ao Diretor da USALMA a apresentação do orador convidado, Professor Doutor Fernando Serra, tendo antes agradecido as palavras de apreço que a Senhora Presidente da Câmara lhe dirigiu, bem como a calorosa salva de palmas com que a assistência o distinguiu. Apresentou ainda, em síntese, o quadro de frequência da USALMA, no início do novo ano letivo: cerca de 950 estudantes, inscritos em 135 turmas, acompanhados de 110 professores em regime de voluntariado, sediados em 12 escolas básicas e secundárias e

ainda em três instituições de cultura do Concelho, estando já criados três polos de proximidade, nas freguesias do Monte e Costa da Caparica, Laranjeiro e Feijó.

Dirigiu depois palavras de muito apreço ao orador que se apresentou como apoiante, desde a primeira hora, da criação da Associação de Professores, tendo integrado a primeira Direção e colaborado na definição de princípios e objetivos da USALMA.

Referiu, finalmente, o seu notável percurso académico e a sua larga intervenção na formação de professores em exercício.

Correio da Usalma, n.º 30, 2012, p.

1 - Intervenção de abertura

Prof. Maria de Lourdes Albano

Na qualidade de presidente da Associação de Professores do Concelho de Almada cabe-me a honra de dirigir a esta distinta assembleia e ilustre mesa umas breves palavras de saudação e boas vindas. Neste sentido, desejo sinceramente que o ano letivo que agora se inicia corresponda às vossas expectativas e se traduza em momentos significativos de felicidade, de aprendizagem e sobretudo de bem-estar.

Neste momento solene de abertura de mais um ano letivo, dedicado a acolher uma população estudantil tão especial, acreditem que é com muita satisfação que vos convido a celebrar este tempo que inaugura um novo ciclo de vida e de participação ativa de cada um neste projeto de todos nós.

No ano Europeu do Envelhecimento Ativo e de Solidariedade entre Gerações, estamos apostados em continuar a dignificar a Associação de Professores do Concelho de Almada e em particular o seu projeto de referência, a Universidade Sénior de Almada. No âmbito da função sócio-educativa, visamos criar, dinamizar e desenvolver atividades sociais, culturais, educacionais, de lazer e de convívio.

A finalidade é encorajar e promover a reflexão e a ação, criando oportunidades e condições para que os menos jovens continuem a trabalhar e partilhar as suas experiências, competências e conhecimentos.

Em síntese, esta nossa associação orgulha-se em acrescentar valor à cidade educadora de Almada, cumprindo a missão de contribuir para a melhoria da qualidade de vida e bem-estar da nossa população sénior.

Na presença da Senhora Presidente da Câmara Municipal de Almada, é importante expressar a nossa gratidão e reconhecimento pela estreita parceria de colaboração e compreensão, ao longo de dez anos de grande envolvimento e responsabilidade mútua. A nossa ação é cada vez mais refletida, qualificada e adequada às necessidades dos seniores, no contexto da reali-

dade social de Almada. Este facto deve-se, em parte, à sensibilidade social e solidária característica da governança do concelho, que sabe escutar e contribuir estrategicamente para a construção de uma cidadania ativa.

Neste processo de desenvolvimento local torna-se necessário evidenciar o papel decisivo dos Agrupamentos/Escolas do Concelho de Almada, cujas portas se abriram para acolher o projeto USALMA, integrando-o nas suas boas práticas de interação geracional e de educação ao longo da vida.

Por último, ainda que sendo os primeiros, é tempo de valorizar e reconhecer professores e alunos, matéria-prima desta organização voluntária e empreendedora, apostada em criar dimensão de futuro, perspetivando comunidades mais felizes, saudáveis e interventivas.

Cientes da responsabilidade social que nos assiste, do momento problemático que vivemos e das urgentes respostas para as questões essenciais da vida, sabemos que urge reforçar o compromisso de promover o diálogo, o desenvolvimento pessoal e social, o voluntariado, a solidariedade neste espaço privilegiado de Almada, geografia dos afetos, dos encontros, das realizações com sentido existencial, buscando a memória-património desta cidade.

Bem hajam todos os que connosco iniciaram o caminho e resistem ao desafio desta caminhada.

Bem hajam, os caminhantes.

Apcalmada Correio da Usalma, n.º 30, p. 4

2 - Em nome dos professores

Dr.ª Maria do Carmo Nascimento

Entrei para a Universidade Sénior (US) no ano lectivo de 2007/2008, já lá vão, portanto, cinco anos. Inscrevi-me como aluna, e assim colaborei durante algum tempo. Três anos mais tarde, a este estatuto de aluna associei a função de docência.

“Navegavam sem o mapa que faziam”

Como universidade que é, a aula é o espaço privilegiado de encontro de alunos e professores. Mas, ao contrário do que acontece na maior parte dos outros locais de ensino, estes alunos estão atentos, são interessados, muito participativos, questionam, fazem sugestões, são solidários. A aula desenrola-se numa partilha de saberes, de vivências, de memórias e emoções, aliçada num sentimento de reciprocidade, numa relação de confiança e no respeito pela individualidade de cada um.

Este encontro e partilha de ideias e afetos, que ocorre durante a aula, num ambiente de diálogo e interajuda, é fundamental para a renovação constante do grande capital intelectual e emocional que existe em cada um de nós. Esta capacidade de diariamente aprender, que todos trazemos connosco, de pou-

co nos serviria se não fossemos capazes de sentir o prazer de estar uns com os outros, de manifestar abertamente a nossa opinião, de ouvir atentamente, de generosamente nos enriquecermos mutuamente. Este é o nosso grande trunfo e o segredo do sucesso das US.

Somos um universo de pessoas em que predominam os indivíduos mais velhos, uns ainda ativos profissionalmente, a maioria aposentados ou reformados.

Em Portugal, no censo de 2001, estimava-se que quase 17% da população tinha mais de 65 anos. Atualmente, só no Concelho de Almada, seremos cerca de 31 000 indivíduos.

Somos um grupo significativamente numeroso na sociedade. Apesar da situação de reforma, não estamos reformados para a vida, continuamos ativos física e intelectualmente.

Temos um passado de trabalho, de saberes, de vivências e memórias de que não podemos nem queremos abdicar. Temos uma voz e queremos continuar a participar. Não devemos ficar pela simples exigência dos nossos direitos, temos que equacionar também os nossos deveres na sociedade.

Só exercendo positivamente a nossa cidadania poderemos conquistar o direito à diferença da nossa individualidade, à maturidade da nossa identidade.

O facto de vivermos mais anos não é, necessariamente, um problema, mas sim uma conquista histórica. Porquê não tirarmos partido da nossa maior longevidade?

Temos a liberdade de escolher, de diariamente construir o nosso presente, de ousar desafiar o futuro.

Parafrazeando David Mourão Ferreira: “Na vida ou se desiste ou se resiste”. Eu creio bem que, aqui, nesta universidade, todos optámos por resistir.

A este propósito queria ler-vos um pequeno texto retirado do livro do Prof. Dias Cordeiro, catedrático da Faculdade de Medicina de Lisboa:

Partilhar com os outros a experiência, única, de viver, infinitamente, a finitude de cada momento, na beleza e na paz da Volúpia dos Dias, é o segredo que pode ajudar-nos a desvendar os mistérios insondáveis da vida. Só partilhando poderemos aspirar ao Belo e à dignidade e orgulho de viver em Ética. E só assim poderemos, algum dia, porque não hoje? aspirar e merecer Viver Felizes.

De facto, à partida, nada, mas absolutamente nada, está definitivamente escrito. E a mais sublime aventura de viver consiste em ter de escrever, como numa folha em branco, o dia-a-dia da vida que temos a liberdade de escolher.

Muito obrigada!

3 - Em nome dos alunos

Aluno Francisco Marques Fernandes

Depois de saudar os restantes elementos da mesa, disse:

Caros professores e colegas, cá estamos no início de mais um ano letivo. Permitam-me que dirija em primeiro lugar um agradecimento aos nossos professores, por estarem disponíveis mais uma vez, para nos transmitirem os seus conhecimentos.

Aos colegas, particularmente aos inscritos este ano, quero dar-vos as boas vindas, obrigado por se juntarem a esta Família, que consigam atingir os vossos objetivos, e que, todos juntos, com espírito e disposição habitual, consigamos levar por diante mais um ano letivo.

Muito obrigado

Correio de USALMA, n.º 30, p. 6

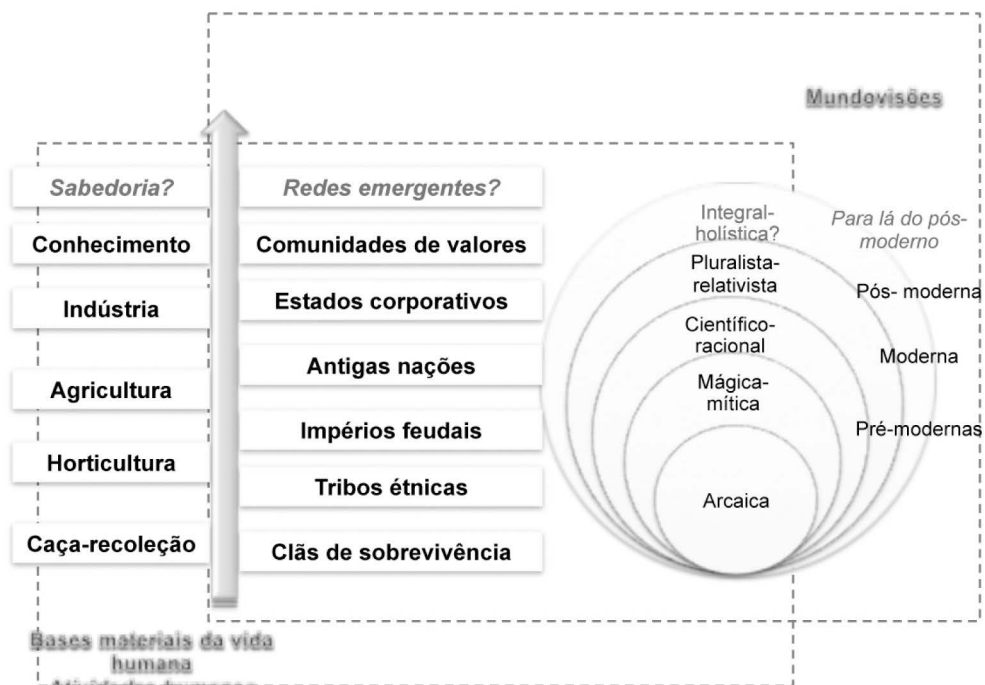
Oração de sapiência: resumo

Prof. Doutor Fernando Humberto Serra

Nesta conferência pretendo contribuir para uma reflexão sobre a condição humana enquanto objeto e desígnio último da educação.

A educação escolar, como expressão histórica mais madura da transmissão da cultura nas nossas sociedades, atravessa hoje um momento de profunda incerteza e perplexidade. As dificuldades não são de agora, uma vez que o sentimento de que a educação não tem conseguido responder às necessidades da sociedade, sejam elas de natureza económica, cultural, política ou social, tem-se insinuado em particular desde o último quartel do século XX. O problema não parece ser totalmente redutível à ausência de uma agenda reformista por parte dos governos de diversos países, bem pelo contrário: não faltam iniciativas mais ou menos eficazes de promoção do sucesso educativo; de ligação ao mercado de trabalho; de maior autonomia das escolas; de inovação curricular e pedagógica; de melhoria dos procedimentos de prestação de contas nos aparelhos administrativos da educação. A crise económica e financeira que hoje vivemos agrava, por outro lado, a disponibilidade de meios e recursos, fazendo centrar sobre eles a atenção dos agentes políticos e dos profissionais da educação, conduzindo, como desenlace indesejado, a um déficite de atenção sobre os fins ou os desígnios da educação, os quais são raramente discutidos. Ora, é exatamente sobre os fins da educação que esta conferência trata. Numa conjuntura carregada de incerteza sobre o evoluir das nossas sociedades e sobre a própria sustentabilidade do modelo sociocultural que as sustenta, parece urgente olharmos para o que realmente

Ensinar a condição humana num quadro de compromissos civilizacionais



queremos com a educação. Sabendo nós que em cada modelo educativo subjaz, profundamente aninhado e muitas vezes pouco explícito, um dado modelo de ser humano, que conceção antropológica pode ser promovida como desígnio mais nobre da transmissão cultural?

A servir para alguma coisa, a educação deverá acima de tudo servir para responder, de modo nunca dogmático ou imperialista, ao conjunto mais genético de questões que o ser humano se pode colocar a si mesmo: *Quem somos nós? De onde viemos? Qual foi a nossa trajetória ao longo dos séculos; Para onde caminhamos? O que podemos fazer para melhorar o mundo? Qual poderá ser o nosso destino?*

É a síntese mais sublime das respostas a estas interpelações, paulatinamente *patrimonializadas* pela humanidade ao longo dos séculos – aquilo que se pode designar como a *epopeia da condição humana* –, que deveremos legar às novas gerações: as que em breve terão a missão de continuar o que muitas atrás de si, e à custa de muitos sacrifícios, deixaram. Oxalá que as gerações neófitas fiquem convenientemente preparadas para um tal empreendimento.

Correio da Usalma, n.º 30, 2012, p. 5

Associação recebe visita da RTP1

Prof.ª Maria Carreiras

Registamos ainda com expressivo agrado a surpreendente vinda da Radiotelevisão Portuguesa ao seio da USALMA, no passado dia três de Novembro de 2011.

Tratou-se de uma emissão em direto integrada no programa *Praça de Alegria*, com o objectivo de dar a conhecer a nossa vertente musical através do *Coro da USALMA* e do seu *Grupo de Cavaquinho*.

240 Numa breve entrevista, o presidente da APCA Prof. Jerónimo de Matos, aproveitou o momento para dar a conhecer as grandes linhas desta realidade no mundo do conhecimento e da solidariedade e em simultâneo o seu grande contributo no sentido de *aprender a viver melhor*, como terapia para todos os utentes através do estudo, da expressão cultural e artística e do convívio.

Profalmada n.º 26, 2011, p. 19

Concurso de quadras populares

Aluno Ivan Nascimento,

Decorreu durante o mês de Junho o 2.º Concurso de quadras populares do Clube Peões de Caparica. Uma iniciativa organizada pela Secção de Aventura e Cultura, que teve como objetivo a busca valorativa da escrita enquanto forma de expressão artística dinâmica e multifacetada, estimulando a criatividade daqueles que se dedicam, de forma profissional ou amadora, ao prazer de transmitir mensagens e sentimentos através deste género literário.

O Júri foi constituído por:

Presidente do Júri

Edite Prada - Professora de Língua e Cultura Portuguesa na USALMA (Universidade Sénior de Almada) e Membro da Direção da Associação de Professores do Concelho de Almada (Apcalmada).

Restantes membros

Ivan Nascimento - Promotor Artístico e Técnico de Património, representando a Direção e a Secção de Aventura e Cultura do CPC.

Luís Pereira - Bancário, representando a Direção e a Secção de Xadrez do CPC.

O Júri avaliou todos os trabalhos a concurso, desconhecendo a identidade dos concorrentes e tendo em conta os seguintes critérios:

- a) - Adequação ao Tema
- b) - Correção linguística (utilização de português correto com ou sem acordo ortográfico)
- c) - Criatividade (Perspetiva dos Poetas e do espetador)
- d) - Expressividade (Perspicácia na interpretação)
- e) - Simbolismo (mensagem a transmitir)
- f) - Correta identificação dos Trabalhos (dados):

Cada elemento do júri atribuiu as suas próprias pontuações a cada trabalho, sendo posteriormente somados os totais.

Em caso de empate (algo que se veio a verificar), o regulamento previa que a Presidente do Júri teria Voto de Qualidade.

Os premiados foram os seguintes:

1.º Classificado: António Bastos Ferreira - Quadra n.º 3

Caparica é tradição...

É formiga...é luta... é garra...

Mas mal chega o S. João,

É arraial!... é cigarra!...

2.º Classificado: José Monteiro - Quadra n.º 38

Salta o carapau prà roda,

*A sardinha não se fica;
Dançarão a noite toda
No arraial da Caparica.*

3.º Classificado: Aníbal Nobre - Quadra n.º 32

*Santo António apregoa
Que este ARRAIAL justifica
Que sendo Ele de Lisboa
Venha aqui, à CAPARICA!*

Os membros do Júri acharam ainda adequado atribuir uma Menção Honrosa à Quadra n.º 34 de Anibal Quaresma:

*O arraial da Caparica
Faz o povo despertar,
Como em casa ninguém fica,
Esquece a crise e vem bailar.*

O nosso obrigado e parabéns a todos os participantes que acederam ao desafio de participar nesta iniciativa!

Clube Peões de Caparica, Correio da Usalma, n.º 30, p. 16

Voluntariado

Prof. ^a Maria Carreiras

O grupo/programa *Interassociações*, que pretende promover o conhecimento mútuo das diversas associações de forma a aumentar os níveis de cooperação associativa e de construir uma plataforma exigente, solidária e mobilizadora, nem sempre esteve tão dinâmico quanto desejaríamos. Contudo, visitámos cerca de 12 associações, o que nos permite já uma visão, ainda que parcial, das dinâmicas do Movimento Associativo.

242

Muito há ainda a fazer no âmbito do projeto de Voluntariado Cultural, cujo grande objetivo é a criação de uma rede de divulgadores culturais, que promova, em espaços mais desfavorecidos, acontecimentos culturais que se realizam no concelho de forma a contribuir para aumentar o número pessoas nos eventos culturais, organizando idas coletivas a realizações culturais. É um projeto que tem dificuldades específicas, a que acrescem os poucos recursos humanos alocados. Não foi possível, por isso, ter, já estruturada, a rede de divulgadores, mas já foram efetuados contactos e uma reunião alargada, ainda que pouco conclusiva.

O projeto **Voluntariado Social** “Uma palavra, um alento” atingiu, já, grande relevância social. Trata-se de um projeto de apoio aos idosos no seu domicílio, os quais recebem a visita de um voluntário, devidamente prepa-

rado para este tipo de intervenção.

O voluntário faz companhia ao idoso, leva-o a passear, escuta-o. Desenvolve atividades como conversa/escuta; leitura de cartas e documentos, livros, revistas, etc.; escrita de textos utilitários ou outros; caminhadas; jogos; acompanhamento em datas festivas.

Esta intervenção permite às Instituições Parceiras um melhor e mais humano acompanhamento dos seus idosos.

Ao longo de 2012 o projeto cumpriu os seus objetivos, tendo estado presente em diversas atividades de divulgação, de que se destaca o lançamento do Plano Gerontológico do Concelho de Almada, em Janeiro, e a presença no encontro Plataforma Supraconcelhia da Península de Setúbal/Vida ativa entre Gerações, em Dezembro, na Baixa da Banheira. Neste âmbito, e ilustrando a intercomunicação entre os diversos projetos - que nos esforçamos por promover, nem sempre de forma tão atuante como gostaríamos -, foi editado o livro *Histórias de Violeta*, narradas por Madalena Moreira, sendo Violeta a idosa que recebe a visita de uma voluntária e Madalena Moreira a voluntária que, das conversas ouvidas, escreveu o livro.

Projeto de Voluntariado: Uma Palavra Um Alento

Voluntariado: *É o conjunto de ações de interesse social e comunitário, realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de Projetos, programas e outras formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade, desenvolvidas sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas (...)* (art.º 2.º da Lei n.º 71/98, de 3 de Novembro). O Projeto de Voluntariado *Uma Palavra Um Alento* surge desta responsabilidade, que é de todos e de cada um, em participar na construção de um mundo melhor, de uma sociedade mais justa, onde todos têm o direito a uma vida digna, a um envelhecimento com qualidade. Trata-se de um Projeto de Animação no domicílio, que permite às Instituições Parceiras um melhor acompanhamento dos seus Idosos, em situação de dependência e/ou isolamento, que optam por se manter em suas casas.

Enquadramento

A entidade promotora deste Projeto é a APCA, em parceria com o Grupo Concelhio de Idosos de Almada (GCIA), cuja composição se discrimina mais abaixo.

Objetivos

- Promover a corresponsabilização e participação social dos cidadãos;
- Apoiar pessoas idosas no domicílio, minorando o seu isolamento.

População Alvo

Utentes dos serviços de apoio domiciliário das Instituições Parceiras. Estes utentes são sinalizados pelas entidades parceiras, que fornecem, posteriormente, a lista à APCA.

Âmbito Geográfico

O Projeto desenvolve-se no Concelho de Almada, procurando gerir o espaço geográfico quer dos utentes quer dos voluntários de forma a rentabili-

zar o esforço.

Gestão, Acompanhamento e Avaliação

A gestão do Projeto cabe à Associação de Professores do Concelho de Almada, que é apoiada no planeamento, acompanhamento e avaliação por um grupo de trabalho, do qual fazem parte representantes da Câmara Municipal de Almada, do Centro Distrital da Segurança Social de Setúbal / Serviço de Ação Social de Almada, da Santa Casa da Misericórdia de Almada, da Liga dos Amigos do Hospital Garcia de Orta e do Centro Social Paroquial de Vale Figueira.

Atividades a Desenvolver

O Projeto não pretende substituir o Serviço de Apoio Domiciliário das Instituições, mas complementá-lo através da Animação ao Domicílio.

A Animação prevê:

- companhia, promovendo relações afetivas;
- conversa / escuta;
- leitura / interpretação de cartas e documentos;
- leitura de revistas, livros, jornais;
- escrita de uma carta, de uma *História de Vida*...
- realização de pequenas caminhadas/passeios – na área da residência, ao cabeleireiro, à igreja, a casa de vizinhos... - dinamização de jogos;
- acompanhamento na comemoração de datas festivas, desencadeadas pelas Instituições.

Ações Desenvolvidas

Assinatura do Protocolo de Parceria: no dia 30 de março de 2010, no Museu da Cidade de Almada, teve lugar a cerimónia de assinatura do Protocolo de Parceria entre a Associação de Professores do Concelho de Almada e as seguintes Instituições:

- ISS, IP – Centro Distrital de Segurança Social de Setúbal
- Município de Almada
- Agrupamento de Centros de Saúde de Almada
- Santa Casa da Misericórdia de Almada
- Liga dos Amigos do Hospital Garcia de Orta
- Centro Social Paroquial de Vale Figueira
- ARPCA – Associação de Reformados, Pensionistas e Idosos do Concelho de Almada
- URPICA – União dos Reformados, Pensionistas e Idosos do Concelho de Almada
- Centro Social Paroquial do Cristo Rei
- Centro Comunitário Paroquial de S. José
- Centro Social Paroquial de Cacilhas
- Associação de Socorros Mútuos 1.º de Dezembro.

O Protocolo estabelece a colaboração entre os parceiros, no desenvolvimento e execução do Projeto.

Formação

Os voluntários inscritos neste projeto beneficiaram de formação inicial e contínua, desenvolvidas em vários módulos, cujos temas foram:

Formação I

- Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS)
- Serviço de Apoio Domiciliário (SAD)
- Enquadramento jurídico do Voluntariado
- Funções éticas e deontologia
- Carta de Princípios de Intervenção Domiciliária
- Caracterização da população Alvo
- Dependência / Deficiência
- Envelhecimento
- Saúde mental
- Primeiros socorros
- Relações interpessoais
- Animação ao domicílio
- Normas e procedimentos

Formação II

- Jogos (atividades práticas de animação) **Implementação do Projeto / Circuito;**

- Seleção das voluntárias, mediante entrevista com psicólogo, a cargo da APCA;
- Sinalização dos utentes por parte das Instituições Parceiras;
- Receção do pedido pela APCA e seleção do voluntário de acordo com perfil do utente;
- Marcação de visita ao utente;
- Assinatura do termo de aceitação;
- Início do serviço;
- Monitorização, acompanhamento e avaliação do voluntário feita, mensalmente pela APCA e trimestralmente com as Instituições;
- Avaliação anual apresentada em reunião plenária do GCIA;
- Registrar a sua *História de Vida*, com tanto para recordar e contar!

Todos os intervenientes declararam grande satisfação com o trabalho desenvolvido até à presente data.

Na realidade, segundo o que foi relatado, o Projeto *Uma Palavra Um Alento* tem contribuído para uma melhoria da qualidade de vida destas pessoas.

Quanto a subsídios, recebemos da Câmara Municipal de Almada o montante de dois mil e quinhentos euros, que foi aplicado na aquisição de material facilitador das práticas de animação (gravadores portáteis, rádio gravadores, máquina fotográfica, jogos, etc.).

Todas as voluntárias beneficiam de um Seguro de Acidentes Pessoais.

No que respeita a constrangimentos, lamentamos a dificuldade em conseguir um psicólogo para entrevistar algumas voluntárias que aguardam,

há algum tempo, para poderem ser admitidas.

Avaliação Anual

A avaliação anual ocorreu no dia 11 de Fevereiro de 2010, no Museu da Cidade, com a participação das Instituições parceiras e das voluntárias.

Foi feita de modo aberto e espontâneo, tendo em atenção os seguintes aspectos:

- número de voluntárias;
- número de Instituições beneficiadas;
- número de utentes;
- tempo disponibilizado para o atendimento;
- grau de satisfação dos intervenientes no processo;
- subsídios;
- seguro;
- constrangimentos;
- propostas futuras.

Verificou-se que temos 15 voluntárias, que desenvolvem o seu voluntariado em 5 Instituições e atendem 17 utentes.

O tempo indicado para o atendimento é de cerca de 90 minutos, uma vez por semana, mas todas as voluntárias confessaram que ultrapassam esse tempo.

As voluntárias e instituições foram unânimes na avaliação feita à posição dos utentes. Registam-se, de forma muito gratificante, testemunhos reveladores de satisfação, por parte dos utentes, como:

“Obrigada pela sua companhia. Há quanto tempo eu não vinha à rua!”

“Não vá já embora, a sua companhia faz-me tão bem!”

“Agora, sinto-me menos só!”

Há pessoas que não saíam de casa há imenso tempo e, presentemente, como têm quem as acompanhe, até vão tomar o seu cafezinho. Outras, sentem-se imensamente felizes por estarem a registar a sua História de Vida, com tanto para recordar e contar! Todos os intervenientes declararam grande satisfação com o trabalho desenvolvido até à presente data. Na realidade, segundo o que foi relatado, o projeto *Uma Palavra Um Alento* tem contribuído para uma melhoria da qualidade de vida destas pessoas.

Propostas Futuras

- Tentar encontrar, junto dos sócios da APCA, um psicólogo que se mostre disponível para realizar as entrevistas aos pretendentes a voluntários;
- Saber por que razão há parceiros que ainda não inscreveram os seus utentes para beneficiarem do Projeto;
- Envidar esforços no sentido de organizar nova formação;
- Motivar mais voluntários, pois existem utentes em lista de espera.

No Ano Europeu do Voluntariado, sejamos mais solidários!

III - Equipamentos

A - Sede da USALMA

De grande relevo, e objeto de enorme preocupação por parte da Associação, são os projetos associados aos equipamentos; neste sentido vale realçar que foi lançada, no dia 18 de janeiro deste ano, a primeira pedra da sede da USALMA. O avanço desta obra é visto com grande expectativa, pois pautar-se-á por uma alteração qualitativa e organizacional do projeto USALMA e, em última análise, de toda a Associação, cuja sede se prevê que passe, por questões de logística, para essas instalações.

B - Casa do Professor

Em relação à Casa do Professor, a Associação tem consciência das dificuldades na prossecução deste objetivo. Todavia, as palavras da Presidente da Câmara na cerimónia de lançamento da primeira pedra da sede da USALMA, ao afirmar que estava prevista verba para a intervenção no edifício, relançam a esperança de que o projeto ganhe novo alento.

C - Lar Residência

No âmbito da Residência-Lar do Professor, desenvolveu-se algum esforço e realizaram-se algumas ações no sentido de reforçar e clarificar o conceito de Lar que a Associação pretende promover, muito havendo, porém, ainda, a fazer. No sentido de facilitar o acesso dos associados a equipamentos disponíveis, foram estabelecidos protocolos com duas instituições: Verdizela e Egas Moniz e continuam a ser envidados esforços no sentido de estabelecer mais parcerias que deem estas e outras regalias aos associados.

IV - Área Editorial e Publicações

Tendo por referência documental o *Relatório de Atividades e Contas – Exercício de 2011* e o *Relatório de Atividades e Contas – Exercício de 2012*, transcreve-se: *o grupo editorial é um projeto charneira, pois serve os associados, através da publicação do Boletim Profalmada, mas serve também a comunidade ao publicar, sempre que são disponibilizadas notícias relativas aos diversos projetos. Além disso, publica igualmente o Boletim Correio da Usalma, destinado aos alunos e professores da Universidade Sénior, escrito para eles e, também, por eles.*

No contexto da atividade editorial da Apcalmada, a Revista *Memórias e Futuro* (n.º 1 – outubro de 2009 e n.º 2 – outubro de 2011), em sua 3.ª edição, consubstancia o nosso projeto associativo, desenvolvido entre 2011 e 2012, e celebra o 10.º aniversário da Associação de Professores.

Além disso, editou, em 2012, um opúsculo - *Desafio SimplesMente*, de José Monteiro, em brochura produzida na íntegra pelos nossos serviços, e assegurou tecnicamente a edição de duas monografias: *O Silêncio da Musa* de Amélia Cortes, edição da autora e *Histórias de Violeta: narradas por Madalena Moreira*, edição do Centro Social Paroquial de Cristo Rei.

Registe-se ainda a edição pela Apcalmada de *Saga de pequenas memórias: Sulcos do meu percurso*, de Feliciano Oleiro, modo de reconhecer um dos fundadores da Associação de Professores, cujos resultados revertem totalmente para a nossa instituição. Obra que celebra o 10.º Aniversário da Associação de Professores (2013).

No âmbito do projeto editorial, e com o sentido de o manter atual e atuante, foram ainda revistos os Estatutos Editoriais dos Boletins e definido o Regulamento de cooperação com autores e/ou associações.

A aquisição do *mackintosh* permitiu que o grupo desenvolvesse outro tipo de ofertas: produção e venda de fotografias e DVD de eventos.

Coordenação Editorial

Ernesto Fernandes

Edite Prada

Joaquim Ribeiro

Lançamento de Livros Editados pela Associação

1 - *Saga de Pequenas Memórias*

No pretérito dia 17 de Junho de 2011, perante significativa assistência, ocorreu o lançamento do livro *Saga de Pequenas Memórias*, da autoria do nosso associado Feliciano Oleiro, nas instalações da escola da qual o autor é patrono.

Trata-se de uma edição inserida na linha editorial da APCA, cujos proventos resultantes da aquisição dos respetivos exemplares revertem a favor da nossa Associação.

A mesa foi presidida pela senhora Presidente da Câmara, Maria Emília Neto de Sousa, tendo à sua esquerda o autor e a Dr.^a Margarida Lucena, diretora do Agrupamento de escolas Anselmo de Andrade. À direita sentou-se a Dr.^a Paula Sousa, diretora do Departamento de Educação e Juventude da Câmara Municipal, a quem coube a apresentação do livro, e o Dr. Jerónimo de Matos, presidente da APCA, que abriu e dirigiu os trabalhos.

Seguiu-se um agradável momento de convívio em que os presentes degustaram um moscatel, enquanto o autor se ocupou das dedicatórias dos exemplares adquiridos.

Maria Carreiras, Profalmada, n.º 26, p. 19

2 - *Melodia de Água*

Também, no dia 30 de Julho de 2011, no Fórum Romeu Correia, Sala Pablo

Neruda, teve lugar o lançamento de mais um livro da autoria do Professor Américo Morgado, neste caso *Melodia de Água*.

A apresentação coube à Professora Edite Prada, que encantou a assistência e foi valorizada com a declamação de alguns poemas pela Professora Helena Peixinho, à medida que se iam desenvolvendo os capítulos da argumentação.

Usou ainda da palavra o Professor Jerónimo de Matos, presidente da direcção da APCA, que teceu elogios ao livro e lembrou a colaboração do autor, na USALMA, desde a primeira hora.

Os nossos parabéns aos autores.

Maria Carreiras. *Profalmada*, n.º 26, p. 19

Texto da Apresentação do livro *Melodia de Água*:

Ex.^{mas} senhoras, Ex.^{mos} senhores, Caro poeta,

Cumpre-me, antes de mais, cumprimentar a todos e cumprimentar em especial o nosso autor e, nele, a POESIA!

Queria também agradecer à professora Helena Peixinho a disponibilidade para nos presentear com a sua voz, lendo alguns poemas ao longo desta apresentação.

Não é fácil falar de um livro de poesia.

É que a poesia impõe-se, ganha voz, uma voz que desdenha das vozes que sobre ela se debruçam!

E a poesia de que hoje falamos, envolve-nos, embala-nos, suavemente, por vezes, de forma revolta e intempestuosa noutras alturas.

Mas não nos deixa indiferentes. *Melodia de água* é um hino à emoção, às emoções, uma viagem ao interior do sujeito, confrontado com a imensidão do infinito.

Ao longo de 65 poemas, que têm como elo de ligação a água, muitos deles focando, expressamente, o mar e as ondas, o sujeito poético situa-se numa visão quase cósmica, num caleidoscópio de cor, de som e de sentimentos.

Se atentarmos em alguns aspetos simbólicos da água, vamos encontrá-los ao longo dos poemas:

A água como fonte e origem da vida, mas também da morte:

«onde tudo acaba e tudo recomeça» p.15, diz-nos o poeta!

A água como separação:

«Naquele cais a partida / atrai meu corpo / a olhar o rosto já ondulante / no rasto branco borbulhante / do sulco por onde vais» p. 50,

mas também como união

«Espero que a onda me leve/até àquela praia rosada» p. 25.

A água como introspeção, como espaço de viagem ao interior do sujeito.

«Entro no mar de arremesso/desperto» p. 22

«Sou terra que guarda água dentro de si / onde se banha a minha alma» p. 30

«Vagueio como pedra que se solta / gota de água que cai» p. 35.

A água como purificação, pela dor:

«a dor lava-se a si própria na água que cria» p. 20

A água como símbolo das emoções, dos sentimentos, tantas vezes contraditórios...

O desassossego: «o desassossego é ter de esperar» p. 46

A solidão: «causa-me pavor a solidão» p. 52

A esperança, tantas vezes presente, explícita ou pressentida:

«na noite dormem as cores / entre cores recomeço.» p. 54.

Poderia continuar a referir pormenores, tantos! que *Melodia de água* encerra. E em cada um, um sopro de vida, qual gota de água vivificante.

Mas gostaria de apresentar alguns dos aspetos fulcrais que me pareceu descortinar na obra.

Para isso centrei-me em quatro questões que gostaria de vos apresentar dando a voz ao texto, aos poemas.

Há em *Melodia de água* uma dimensão cósmica, universal, que projeta e reflete o infinito no mar e congloba no mar e no infinito a saudade, tão humana.

A ilustrar essa vertente temos o poema que abre a obra «**A cor do Infinito**», p. 15. Dou a palavra à Prof. Helena Peixinho:

I - Infinito

*Onda, embala a saudade com cuidado,
mas não a adormeças!*

*Nela baloiço o meu sofrimento como uma melodia
e quero que se oiça o som,*

*dor em lágrimas,
a bater na interioridade vazia.*

*Aqueles abraços abraçam outros,
no encontro, longe que é perto de mim.
Onda tapa os olhos da saudade para que não veja,
não saiba, esqueça.*

*Deixa-a olhar o mar, a cor do infinito onde tudo
acaba e tudo recomeça.*

Nesta dimensão universal o sujeito poético assume-se com observador atento e consciente da sua pequenez, como no poema

Contemplação, p. 21

Num extremo da terra de todas as cores,

contemplo!

*É o tempo, o espaço, a vida que me olham!
Eu, prostrado, pequenino,
admirado com a luz daquele olhar,
é amor que vejo*

*feito água, terra, sol
para que eu seja silêncio.*

Esta pequenez é relativizada, num poema forte, inquietador, como *Enxurrada*, p 26:

Enxurrada

*Quero lá saber se encontro ou realizo, se amo ou
sou amado
e que importância tem, neste mundo que não me foi
dado.*

*Sei que vivo o tempo que vive comigo,
respiro-o e dá-me alento.*

*Venha a trovoada, a enxurrada, vulcões agrestes.
Tudo passa prestes, resiste, tudo é natureza viva e
assim vive a flor, a árvore.*

*Onde está a diferença em ter alma e ser homem?
Pensar e não poder olhar o sol!*

Não gostaria de terminar esta interpretação da visão cósmica ou universal de *Melodia de água* sem passar uma imagem de serenidade, como a que é veiculada pelo poema *Olhar este azul*, p. 63:

Olhar este azul

*Este som cósmico
Que o mar entoa
é saudade
é sentir.*

*Olhar este azul
E todas as mil cores que tem
É um rosto
Um corpo inteiro.*

O sossego da entrega!

*É tudo movimento
O que o som segreda.*

II - Descodificação

Uma outra vertente, mais discreta, mas, para mim, muito importante, pela dimensão lúdica de que se reveste, na qual o poeta pisca o olho ao seu leitor e o torna seu cúmplice, prende-se com as pistas de leitura e de interpretação que o poeta vai deixando, discretamente, aqui e ali.

Diz-nos na p. 71 «Viajo por mim / é mar a memória»

Este mar, esta água serena por vezes, revolta muitas outras, conduz-nos, afinal, ao interior do sujeito poético e, por ele, ao nosso próprio, ao lermos os poemas. Ilustremos essa descodificação com *Firmeza verde*, p. 37:

Firmeza verde

*Junto de ti, ó mar, desperto
neste silêncio inquieto
ao ver a púrpura em movimento.*

*Entro em diálogo contigo
na firmeza verde, em que me assento.*

*Tu és imenso
em cima desta mesma terra a que pertença!*

*Penso em ti como vida
na harmonia de luz e sombra.*

*São as ideias ondas que avançam, recuam,
Brincam como crianças,*

*Quebram-se sem necessidade de esperança
Bailam com alegria e são água.*

252

*Eu sou terra e mar
Vivo em ambos e sonho!*

*Onda és fascínio que atraí
És o momento em que me atrevo,*

Mas não poderei ficar.

III - Poeta

Além da descodificação de sentidos, que *Melodia de água* vai veiculando, aqui e ali, está igualmente presente o próprio drama da produção literária,

apresentando-nos, digamos assim, o poeta em carne viva, ou seja, o poeta na angústia, mas também no prazer de criar: «Criamos palavras maiores que a vida / Vivemos sonhando para as encontrar» p. 35.

Serenidade e renascimento, surgem no poema *A poesia em mim* p. 43:

A poesia em mim

*Vem em ondas de som
Tal como raízes,
De silêncio profundo e gotas d'água,
A poesia que surge em mim
A manifestar-se em amor.*

*É mar, árvore, encontro, flor.
E é sol a sorrir alumando
As trevas onde mergulho*

Para voltar a emergir.

O poeta como intérprete incompreendido está presente no poema *Custa aceitar*, p. 55:

Custa aceitar

*A tua mão faz-me ser
Sem que eu saiba para o que sou.*

*Dou e tanto me custa dar
A quem não sabe o que dou.*

*Gostava de dizer ao vento o meu sentir
Já que as pessoas não sabem ouvir,*

*Não por elas
Mas por não saberem, se o que digo tem sentido*

*E é a minha dor
Que aceito, sem lamento.
Sou para o que aquela mão quisier.*

*O silêncio vagueia pela gota d'água.
Cai para a minha sede!*

A busca da palavra certa está também presente, por exemplo, no poema *Palavras*, p. 66:

Palavras

*Quisera buscar o equilíbrio de palavras ditas
água em repouso.*

*São margens de secura o caminho e tenho sede.
É tanto o barulho, que o som não é som nem gota
que se bebe.
Esses olhos incendeiam a tentativa de ir buscar a
felicidade.
É tanto o fumo que tapa crepúsculos e retiram de
mim a beleza que quero contemplar.*

*As palavras não vieram
e as que chegaram, gelaram.*

E o poeta, sempre fingidor, como diz Pessoa, e sempre sofredor, encontramos-lo no poema *Choro do poeta*, p. 68:

Choro do poeta
*Poeta, por muito fingidor sejas
nascestes da dor
Da lágrima que não se conforma.*

*Em ti as dimensões latejam
vulcões, clareiras acesas
asas a ir mais longe.*

*Gotas, sementes, flores
o frio, o calor, luz brilhante
rosa nascente em céu azul que sabes criar de outras
cores*

*mas se em ti houver uma lágrima
muito terei para chorar!*

IV - Sujeito poético

O sujeito poético desnuda-se perante o leitor, diverso, único em cada poema. Em *Quero água*, p. 29 o reinício constante, sempre diferente e, também, sempre igual:

Quero água
*A beleza não se esgota na gota que não bebi.
Cai chuva, tanta!
Lava as ideias, o rosto e volto a ver o que sempre vi.*

*Amar-te
ultrapassa todo o encanto
que a vida guarda para além da morte.*

*Continuarei a crença
por cada dia que nasce de cor violeta
a perfumar as horas da tua presença.*

*e renovar a certeza,
que as ondas do mar sucedem
e o azul é o azul por onde navego.
Quero água que me dê outra vida.
Desta, despeço-me com alegria, cristalizou!
Outra início, agora mesmo começou.*

O poema que vamos ouvir a seguir poderia estar na dimensão que intitulei «descodificação», pois nele percebemos que muita da viagem registada em *Melodia de água* é introspeção, é viagem ao interior do eu, é sonho... mas também vontade de esquecer...

Perder-me

*Um barco para quem sou rio
navega por mim
leva-me*

*e eu fico a olhar o jeito do vento, ajeitando a vela
deixar o cais
e lá vai rumo ao sonho*

*abrir a madrugada,
abraçar a vida
deixar o que é latente, sossegar,*

*perder-me no vazio imenso
por onde navega,
esquecer
e não acordar. (p. 57)*

Finalmente, o último poema do livro, *O meu caminho*, p. 79, onde, de certa forma, temos a dimensão contrária à dimensão universal do poema de abertura. Aqui não é o universo, não é o infinito. É o sujeito poético na sua individualidade, que renasce e se supera.

O meu caminho

*Degrau transposto
deixo os invólucros acumulados, esqueço.*

*O meu caminho é como a árvore
cada passo é ir mais além,*

*sopro a poeira
o nevão
a tempestade*

*e subo por entre gotas d'água
respiro outro sol.*

*Espanto!
Vejo-te claridade de mãos renascida.*

É da água que renasço

Resta-me agradecer a todos por me ouvirem. Agradecer ao poeta. Agradecer à professora Helena Peixinho.

Obrigada!
Edite Prada

3 - Desafio Simplesmente

Dia 30 de janeiro. Da autoria de José Monteiro e prefaciado por Edite Prada, professora da USALMA. Com a publicação deste e de outros livros, no campo editorial, a Apcalmada concretiza um dos seus objetivos: viabilizar a publicação de livros ou brochuras de associados e/ou alunos da USALMA.

No caso presente, José Monteiro é aluno da USALMA, frequentando as disciplinas de Canto Coral, Guitarra, Língua e Cultura Portuguesa e Literatura Portuguesa. Participante nos XVIII Jogos Florais da UATI - 2011, foi classificado como Primeiro em Poesia Livre.

Apresentação

É-me muito grato estar aqui, hoje, a fazer a apresentação desta obra, singela, mas valorosa.

Porque estamos a celebrar a poesia.

Porque José Monteiro, apesar de, ainda, não ter muita obra publicada, tem imenso potencial para a escrita, sobretudo para a poesia.

Porque o José é meu aluno em Língua e Cultura Portuguesa na USALMA e porque, de algum modo, contribuí, ao desafiá-lo, para a atribuição do prémio.

Porque, ainda, enquanto membro do grupo editorial da Associação de Professores do Concelho de Almada, sinto, sente toda a equipa, cada obra publicada como se fora um filho, criado com dedicação, com carinho e com rigor, de forma a dignificar a nossa Associação e, nela, e por ela, os nossos associados, bem como os estudantes e professores da USALMA, com os quais a Associação partilha as suas iniciativas e parcerias.

Grandes ou pequenos, todos os escritores passam pelo impasse, ou pela angústia, da folha em branco. Escritores são os que vencem essa angústia e a

transformam em ato criador. Para todos os que conseguem esta proeza vai a minha admiração. Para aqueles cujo trabalho tenho a sorte de acompanhar, os meus parabéns!

É neste grupo que se insere José Manuel de Jesus Monteiro.

Os textos, quase todos poéticos, que me é dado apresentar foram produzidos por ele a partir de desafios a que, prontamente, respondeu. Alguns, na sequência de trabalho em aula. A grande maioria, perante o desafio de concorrer a jogos florais das Universidades Seniores do Algarve e de Oliveira de Azeméis, de que tivemos conhecimento mediante a informação que chegou à APCA e que, em boa hora, foi divulgada! Das poesias enviadas para o Algarve, uma, «O povo sou eu», mereceu o primeiro prémio de poesia livre e a outra, «O poder da vontade», mereceu uma menção honrosa!

O poema que abre o livrinho é, nem poderia ser de outra forma, o poema «O povo sou eu», que mereceu o primeiro prémio em tema livre. Poderíamos dizer que neste poema se faz uma incursão cronológica sobre a cultura portuguesa e sobre a forma de ser português, com momentos de relevo e com outros menos positivos, mas que, em conjunto, fazem de nós, portugueses, quem somos.

Com a contenção que caracteriza o seu estilo, José Monteiro não deixa de, a par da focalização em determinados momentos da nossa história, apresentar uma visão crítica, mas elegante, que abrange, mesmo, os momentos que hoje vivemos, a que dedica a última oitava, encerrando desta forma: *Da saúde, paz e pão/ Do trabalho e educação, / Aos poucos, estou privado.*

A aparente dispersão temática provém da diversidade de desafios lançados. No conjunto dos jogos florais, o desafio implicava a produção de poesia livre, quadras, poesia obrigada a mote, soneto e texto em prosa de tema livre.

O poema livre «O povo sou eu» constitui uma revisitação à nossa cultura. Constituído por nove décimas (quanta simbologia subjacente!) e nove dísticos, sendo estes uma espécie de coro, vai exibindo quadros de uma cultura que facilmente identificamos: A vida agrária com as suas dificuldades «Com as mãos cheias de calos»; a igreja vista com algum distanciamento crítico «Confesso o que nunca fiz»; a quaresma como sequência quase não dissociável do Entrudo e a inquisição «Cristão-novo seja ou não, / Levam-me ao auto de fé.»; a reconquista cristã «Co' Afonso desço do norte/ Tomo a Tejo até à foz.»; as descobertas com uma alusão intertextual a Fernão Mendes Pinto e a Os Lusíadas «Com o Mendes Pinto dou, / Na velha terra dos chins / Grandes piratas, fico mudo.», dando conta da imensidão da ação desenvolvida «Tendo ido além de tudo: / de mim e do Bojador.»; a implantação da República «Cai a monarquia aos poucos / Ninguém lhe pode valer.» e a esperança numa eficaz mudança, refletida no dístico «Doze escolas, sete oficinas / três sindicatos, um Presidente.»

Os momentos mais eufóricos surgem de certo modo travados pelos negativos: a guerra colonial «Sou rapaz, quase menino / vou à guerra sem

querer», o Estado Novo «Mas a sombra, mas o medo / censura o que digo e faço» e a Revolução dos cravos «Mas um mês chamado abril / Ergo a voz na madrugada / Grito basta, digo não.»

Mas também os duros tempos que vamos atravessando. Inicia a última décima o verso *De negro me visto agora* e concluem-na *Do trabalho e educação, / Aos poucos, estou privado*. Poderíamos continuar, olhando, ao de leve, todos os textos que constituem esta brochura. Em todos encontraríamos uma contenção muito própria que caracteriza a escrita de José Monteiro, a par de um olhar atento, que vê e interpreta o mundo que o rodeia.

Parece-me, neste momento, mais adequado dar a voz às palavras de José Monteiro.

Prof.^a Edite Prada

4 - Lançamento do livro *O Silêncio da Musa*

4.1 Comunicação da Presidente da Apcalmada

Caros convidados, caros amigos

Algumas palavras

À Maria Amélia Cortes nossa poetisa, nossa aluna da Universidade Sénior, nossa voz do coro, nossa referência de criação literária e de projeção da Associação de Professores do Concelho de Almada. Nossa escritora e vencedora da menção honrosa do concurso literário, cidade de Almada de 2009, com a obra poética, em referência nesta cerimónia .

À ilustre presidente cultural da Scala.

À Maria Amélia Cortes a nossa homenagem singela, em nome da Associação e da USALMA, um reconhecimento pelo livro que hoje se apresenta aos leitores, um projeto de grande valor e sentido , razão de ser deste encontro, convocado pela palavra, pela mensagem, pela poesia, por si, como pessoa criativa e interventiva na Comunidade de Almada.

À Maria Amélia Cortes e a todos os presentes, na qualidade de presidente da Associação, que aqui represento, cumpre-me referir também que "o silêncio da musa" deixa ouvir, ver, sentir e encontrar caminhos que nos conduzem à mensagem transformadora, materializada num livro feito de vontades e saberes em dádiva, num espírito de colaboração e valorização do património cultural comum.

Em nome desse património e desse legado, é com orgulho que registo, reconhecidamente, os valiosos contributos do grupo editorial da Associação de professores de Almada, através do qual a Associação é, perante a Biblioteca Nacional e a entidade que rege o Depósito Legal, editora registada. Além da paginação, e da criteriosa revisão do texto, o grupo editorial coordenou todo o trabalho que, partindo do documento em *word*, conduziu ao exemplar que todos podemos manusear e apreciar.

A memória guardará este momento simbólico que tanto dignifica a Scala e a Associação de Professores do Concelho de Almada.

Para todos o pensamento da poetisa “ É verde a alma de uma criança, é vermelho o sangue que lhe dá a vida” um apelo ao “SER”. Sejamos. Para já leitores.

Bem hajam.

Maria de Lourdes Albano

4.2 Apresentação

Permitam-me que dê início à apresentação do livro *O Silêncio da Musa* com dois versos de Corsino Fortes, do poema *Ars Poética*:

Tu não és – poema! o sal da terra

Nem a poesia é o teu salário, poeta

Corsino Fortes, 2001, «Ars Poética», in *A Cabeça Calva de Deus*. Lisboa: D. Quixote

Parece-me que temos aqui referidos dois dos grandes problemas, se é que podemos falar assim, associados à poesia:

A - Por um lado a função do poema;

Tu não és – poema! o sal da terra

Esta referência, intertextual, que conduz para *O Sermão de Santo António aos Peixes*, aponta para uma questão que não está ausente da obra que hoje aqui nos reúne.

Diz Amélia Cortes - permitam-me que não faça aqui distinções entre a poetisa e a autora – logo no primeiro poema *Pirilampos vermelhos* (pág.13).

Saem do meu coração

Pirilampos vermelhos

E da sua luz brotam palavras escritas

Que voam no vento

Sem que ninguém

As leia.

Está aqui presente, ou pressentida, a ausência e, ao mesmo tempo, a necessidade de um interlocutor privilegiado, que interprete, que acompanhe.

Essa solidão, pressentida logo no poema de abertura da obra, vai surgir em outros momentos ao longo da obra. Vejamos o poema *Poeta* (p.22).

Poeta

O poeta,

De coração de criança

E a alma verde de esperança

Escreve no vento

As palavras

São a sua alma

Que voa Sobre o mar A montanha A floresta

E o universo

*E nesse esvoaçar O poeta de silêncios E enamorado
Liberta a sua musa
A poesia*

O poeta de silêncios não salga a terra! Não por influência da qualidade da sua poesia, mas pelo silêncio que invade o poeta e que não o deixa ser ouvido, como se estivesse rodeado por um mundo acometido de surdez coletiva.

Poderíamos dizer que este aspeto aponta para uma das áreas mais debatidas acerca da literatura em geral e da poesia muito em particular: Qual é a função da poesia? Serve para instruir? Para deleitar? Corsino acha que ela não muda nada.

Julgo poder dizer que não é assim que Amélia Cortes vê a palavra. Se a palavra feita poesia produz silêncio, um silêncio anunciado logo a partir do título, *O Silêncio da Musa*, essa mesma palavra incita à mudança, à liberdade, ao deleite e ao sonho, como no poema *Pastor* (p. 86):

Pastor

*Poeta pastor
Guardador de ovelhas
Tira os chocalhos ao teu rebanho
Que corram livres pelos campos
Sem o teu cajado
E o teu cão
Na tua sacola
A flauta esquecida
Agarra-a
Quebra o teu silêncio
Sobe a montanha
Ao encontro do Arco-íris*

É é, também, síntese, como no poema *As Montanhas* (p. 90), de que cito três versos:

*[...]
Nas palavras adormecidas
A mão de Deus
Pousou e uniu a terra e o mar*

[...]

Em três versos apenas, o drama e a história de um povo. Diz Fernando Pessoa: *Deus quis que a terra fosse toda uma...*

B - Deixemos em aberto, com um claro voto a favor, se o poema, qualquer poema, é ou não o sal da terra, tem ou não força para mudar o mundo e vejamos a segunda questão levantada pela citação inicial, que recordo:

Nem a poesia é o teu salário, poeta

Se o poema não muda o mundo, o que é ele para o seu autor?

Um modo de vida?

Uma necessidade e uma exigência interiores? Para Amélia Cortes ela é

Libertação

Serena, corro como o vento, diz-nos no poema *Rochedo* (p. 23):

Liberta a sua musa a poesia;

Poeta (p. 22):

E soltei as asas ao vento, poema *Asas ao vento* (p. 19)

A floresta se abre

E subo à árvore mais lata

Onde os pássaros de mil cores

Esvoaçam

Em estranha sinfonia

E me fiz pássaro

Metamorfose (p. 17)

É interrogação e perplexidade:

Valeu a pena ser? Interroga-se no final o poema *Ser e o nada*, (p. 30)

Então o que sou?

Divagando, (p. 48)

É dor:

E de mim, uma lágrima cai/nas escarpas dos rochedos. Poema *Caminhando* (p. 25)

Um anjo

Numa estrela cadente

Ouve

O grito da terra em agonia

O grito da terra, (p. 82)

É sonho e completude:

O incompleto

Completa-se no sonho poema *Sê a borboleta*, (p. 29)

na caixinha do meu coração

Vive a estrela que

A Criança do sonho me entregou.

O sonho, (p. 89)

É procura:

E procuro a casa de bruma

Frente às dunas.

Casa de bruma (p. 47)

Percorrendo a poesia de Amélia Cortes, encontramos-nos, aqui e ali, com a literatura quer portuguesa quer mundial.

Cruzamo-nos com temas que nos moldam, enquanto povo: o mar, a água,

a viagem...

E, sobretudo, viajamos pelo seu imaginário singelo, mas lúcido, que nos vai conduzindo e deleitando.

Não gostaria de terminar sem citar Américo Morgado que, no prefácio a este livro, nos diz que *Não há indiferença na poesia*. E se não há indiferença, cada poema é, de alguma forma, sal da terra.

E continua, Américo Morgado:

Dizemos e as palavras diluem-se onde o poeta as absorve, disseca, apura, torna claro e fala do que é profundo, raízes que alimentam a alma.

Falamos, escrevemos, somos possuidores de capacidades que usamos para além do que sabemos ou nos é possível saber (O Silêncio da Musa, p. 9).

Acabo, transmitindo publicamente os meus parabéns à autora pela sua coragem ao entregar-se à escrita. Quantos poetas em potência estarão à espera dessa coragem!

Convido todos a percorrer as páginas que hoje nos são apresentadas.

Muito obrigada!

Edite Prada. Profalmada, n.º 29, 2012, p. 8-9

* Sessão de lançamento realizada no Fórum Municipal em 19 de outubro de 2012

5 - Histórias de Violeta

A Associação de Professores do Concelho de Almada, em parceria com o Centro Social Paroquial de Cristo Rei, graças ao seu projeto Editorial, assente no voluntariado, orgulha-se de poder devolver à comunidade a voz de Violeta Parreira pela mão de Madalena Moreira.

Um trabalho original que dignifica a comemoração do Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações.

A sessão de apresentação do livro terá lugar a 14 de dezembro, pelas 15:00 horas, no Fórum Municipal de Almada.

Maria Carreiras. Correio da Usalma, n.º 30, 2012, p. 18; Profalmada, n.º 29, 2012, p. 18

Apresentação

Como nasce um livro?

De uma vontade, de uma decisão, do traçar de um objectivo, de uma obrigação, de uma inspiração, de um acaso, de... ?

O pequeno livro "Histórias de Violeta" nasce exactamente de um acaso (se é que ele existe). Não os "folhetins" que ele contém, esses sim, escritos por vontade, decisão, objectivo e por prazer, e levados, semana a semana, à autora das histórias, das vivências, das memórias, ela mesma, Violeta.

Violeta existe, não saiu de nenhuma cartola de ficções. Completou em 2012 setenta e oito anos e vive na Margem Sul há cerca de quatro. De resto, toda a sua vida se desenrolou por Lisboa e quase toda na Rua Lopes, onde nasceu.

Com o passar dos anos todos foram abalando da sua vida ou pelo menos da sua vizinhança e, apesar do bom apoio dos seus, a solidão ficou a rondar. E é assim que ela vai aparecer na Margem Sul, perto da família, mas sem a sua rede de contactos, mesmo que pequenos, sem os lugares, os cantos e esquinas, os cheiros, os objectos da sua vida de sempre.

O resto da história do livro começa aqui: no grupo de voluntariado “Uma Palavra, um Alento” da Associação de Professores do Concelho de Almada, APCA, surge o pedido de alguém que pudesse sair com Violeta, dar pequenos passeios pelas redondezas, enfim, levá-la à descoberta do seu novo território e a criar laços. A voluntária que se disponibiliza para tal, a narradora, virá a perceber que é absolutamente determinante, para além disto, plantar sorrisos naquele rosto.

Mas como?

A resposta virá naturalmente:

Pegando e registando o que Violeta ia contando de outros tempos, ou ainda em algum pequeno detalhe dos encontros de 6.^a feira, vão surgindo pequenas narrativas e “como nas radionovelas dos velhos tempos, uma vez por semana havia um folhetim que Violeta lia com absoluta prioridade sobre tudo o resto. Este era o meu presente para ela. O dela, eram os sorrisos que lhe iluminavam o rosto ao rever-se nas palavras que eu por ali semeara”.

Depois foi só mais um passo. A Coordenadora do grupo de voluntariado olhou os textos e sugeriu que talvez fosse bom virem à luz.

E o livro fez-se!

Nele, tudo é real. A paisagem é aquela, os factos são aqueles, e até as dúvidas são aquelas.

As oitenta páginas guardam vinte e oito episódios onde, como se lê na contracapa “ se narra a verdadeira história de Violeta, desde os longínquos anos 20 do século passado, de noites vividas à luz do petróleo, até aos dias de hoje, ano 12.^o do séc. XXI. Os amores, a guerra, o trabalho, as festas, a família...”

Este livro é ainda um convite para que outros sigam estes ou outros passos e registem as pegadas daqueles que por aqui vão passando anónimos e que, sim, ombro a ombro com os que foram rotulados grandes constituem Património da Humanidade que queremos preservar.

Por último, o testemunho de Roberto Crema¹:

“Hoje, pela manhã, sentei-me na varanda e comecei a ler estas páginas, nelas escutando uma inocência viva, uma narrativa fluente e harmoniosa, quase que *vendo* os locais e as histórias relatadas, num tipo de magia bem lusitana...”

Que muitos possam desfrutar.

Que outros possam continuar.

¹ Psicólogo, Antropólogo, Reitor da Unipaz (Universidade Internacional da Paz).

An abstract geometric artwork featuring a complex composition of overlapping shapes. The color palette includes various shades of yellow, red, blue, green, and brown. A large, prominent yellow ring is positioned in the lower right quadrant. Other elements include solid circles, triangles, and irregular polygons, some of which are semi-transparent, creating a layered effect. The overall style is reminiscent of mid-century modern abstract art.

Parte V: Depoimentos

vfm 04

Celebração do 10.º Aniversário da Associação **Depoimento da Presidente da Câmara Municipal de Almada**

Parafraseando o poeta, a aprendizagem – tal como o sonho – é uma constante da vida. A aprendizagem é o processo que constrói e cimenta o conhecimento e o saber, uma prerrogativa exclusivamente humana, uma capacidade que permanece ativa desde que o ser humano nasce até que morre.

Ao longo do caminho de toda uma vida, os seres humanos utilizam aquela que é uma capacidade única entre os seres vivos que conhecemos: apreender, compreender e interpretar o mundo que os rodeia, moldando e reinventando permanentemente esse mundo, tanto numa dimensão individual como numa dimensão social e coletiva.

Em Almada inscrevemos desde há mais de três décadas nas preocupações primeiras da intervenção municipal, o objetivo primordial de proporcionar condições e oportunidades concretas para que os cidadãos e cidadãs do nosso Município possam viver e usufruir um processo de aprendizagem ao longo de toda a sua vida, de aquisição permanente de novos saberes e conhecimentos, que se expressa de uma forma muito clara através da promoção de programas específicos e através do apoio e da cooperação ativa com as iniciativas das instituições de ensino do nosso Concelho capazes de promover e concretizar aquele grande objetivo estratégico de desenvolvimento.

A celebração do 10º Aniversário da constituição da Associação Professores do Concelho de Almada, uma Instituição que vem afirmando uma extraordinária capacidade de mobilização de vontades e de recursos para a concretização do objetivo de aprendizagem ao longo da vida que é desígnio municipal, constitui para a Câmara Municipal de Almada, e para a sua Presidente em especial, um motivo de grande satisfação e orgulho, merecedora natural do mais profundo aplauso e mais genuína admiração pelo trabalho realizado ao longo desta década de existência, com esforço e dedicação por largas dezenas de professores, educadores e pedagogos do nosso Concelho.

Para a Câmara Municipal de Almada constitui uma honra poder desenvolver em cooperação e comunhão de interesses e objetivos, um trabalho de parceria profícuo e construtivo com a Associação de Professores do Concelho de Almada, no quadro do qual não posso deixar de destacar o projeto da Universidade Sénior de Almada (USALMA), em pleno funcionamento e mobilizando dezenas de professores e centenas de alunos voluntários neste processo de aprendizagem e enriquecimento cultural permanente e contínuo, e que muito em breve irá conhecer as suas novas instalações, inteiramente reabilitadas, modernas e funcionais, bem no centro de Almada Velha, no local onde antes funcionava a Cooperativa Almadense.

No momento em que a Associação de Professores do Concelho de Almada celebra o 10º Aniversário da sua constituição, e no ano em que por alto patrocínio da Organização das Nações Unidas celebramos o Ano Inter-

nacional do Cidadão à luz da Declaração Universal dos Direitos Humanos adotada em 1948 por aquela organização mundial, quero expressar em nome da Câmara Municipal a que presido, e estou certa também em nome do Povo de Almada que represento, as mais vivas felicitações à Associação de Professores do Concelho de Almada pelo abnegado trabalho desenvolvido por muitos e muitos professores voluntários ao longo destes 10 anos, sublinhando em particular a importância e o significado do seu contributo para a consolidação do caminho de construção de um Concelho mais Culto e mais Conhecedor, por isso também mais Humano e mais Solidário, em que o nosso Município se tem mantido profundamente empenhado.

Bem-haja a Associação de Professores do Concelho de Almada pelo seu contributo ativo para a concretização de um sonho e um desejo dos Homens que amam e querem o progresso e o bem-estar de toda a Humanidade: aprender, aprender, aprender sempre!

Maria Emília Neto de Sousa

Depoimento do Presidente da Assembleia Municipal de Almada

Como calculam este momento para mim é difícil, de grande responsabilidade, mas também de uma grande honra ao assumir a representação de homenageados tão distintos a quem a Associação atribuiu a condição de Sócios Honorários e da sua integração na Sessão Solene comemorativa do 10.º Aniversário.

Em nome dos distinguidos a nossa gratidão.

Invade-nos, certamente, assim o sinto, um misto de prazer moral, contentamento, honra

Quem não gosta de ser reconhecido, apreciado, ou referenciado pela sua comunidade, pelos seus concidadãos?

Sabendo que na vida, na vida de cada um, há muito de efémero, importa reconhecer que a construção de caminhos, daqueles que se fazem caminhando, assumindo princípios, causas e valores humanistas, civilizacionais, há muito de duradouro

Senhores e Senhores

A Assembleia Geral distinguiu 10 Pessoas entre Coletivas e Singulares

Três instituições de referência, as Escolas Secundárias Emídio Navarro, Cacilhas-Tejo, Anselmo de Andrade – distinguindo as suas Comunidades, as suas Diretoras. Escolas que foram e são espaço e meio de ação e afirmação da Associação, da Universidade. Escola de Abril, do sucesso escolar e do sucesso educativo.

Sete pessoas singulares são também distinguidos como Sócios Honorários
Cinco obreiros, sócios fundadores, dirigentes ou ativistas

Eles foram parte importante e determinante desse inicial ou já então constituído núcleo duro de ideais e valores, a quem se deve o sucesso do Projeto da Associação, da USALMA e do muito que há de vir

Reconhecimento e gratidão a vós Professores Maria da Glória, Feliciano Oleiro, Maria Carreiras, Maria Orada, Jerónimo Matos, Mário Amaral que bem simbolizais e representais esse grupo de gente boa deste coletivo associativo APCA e USALMA, da obra e do feito de que Almada se orgulha

Quis também a Associação distinguir uma Professora e Diretora que foi e é referência e exemplo de Cidadã - a Professora Luísa Beato - ela que também nos mostrou que a Escola galga muros e só é Escola se, se sentir e for sentida como parte da comunidade

Falta um - tão diferente de todos os outros

Apresentaram-me como apoiante da Associação desde a primeira hora - o que é absolutamente verdade

Encaro a distinção e muito honrado e agradecido também estou, de homenagem ao Poder Local do Portugal de Abril, aos seus Órgãos, aos autarcas do município e das onze freguesias que ao longo destes quase 40 anos envolveram-se na Construção da Cidade dos Cidadãos, na consolidação da Liberdade e da Democracia - um Concelho, uma Almada de progresso, protagonista e solidária.

Mas permitam que me qualifique e me assuma como Testemunha enquanto cidadão e Presidente da Assembleia Municipal e em sua representação:

Ter testemunhado no dia 22 de maio de 2003 o Grupo Pró-Associação de Professores assumir e proclamar a sua criação formal

Testemunho porque estive no Fórum Romeu Correia no dia 23 de maio de 2003 que a par de um momento cultural de canto e poesia com as Professoras Helena Peixinho e Edite Barriga foram apresentados e debatidos os estatutos da futura Associação e que no dia 29 de maio era formalmente realizada a escritura pública da sua constituição

Testemunho que no dia 20 de maio de 2004, na Sessão Municipal de Homenagem ao Professor Aposentado, o Professor Jerónimo de Matos na qualidade de Presidente da Direção da Associação apoiado na Presidente da Câmara Municipal anunciava a criação para 2005 de uma Universidade Sénior

Testemunho o papel e a ação, o amor ao Projeto da nossa Presidente Maria Emília e do Vereador António Matos

Testemunho, testemunho, testemunho ...

Testemunho que em 2013 foi lançada a primeira pedra da futura Sede da Universidade Sénior de Almada, cumprindo-se assim mais um compromisso programático do Município

Testemunho que a Associação de Professores é um marco e polo importante do movimento associativo almadense

Testemunho que é uma Associação que promove projetos de âmbito social e solidário – Parabéns à Associação de Professores do Concelho de Almada, a todos os seu fundadores

Senhoras e senhores

Esta tarde que partilhamos comemorativa do 10º aniversário lembrámos tempos passados, consideram-se tempos presentes que apontam caminhos na construção de futuros com futuro

Fortalece-nos como comunidade o estarmos juntos e socialmente unidos

Ao partilharmos vivências reforçam-se valores, assumem-se causas, renova-se compromissos

Em nome e representação dos distinguidos o agradecimento à APCA

Agora mesmo já é passado deste presente

O Futuro é já amanhã e espera-nos

Bem-hajam

José Manuel Maia Nunes de Almeida

Depoimento da EB 2,3, D. António da Costa

No ano em que se celebra o *Ano Internacional do Cidadão* não podia deixar de recordar que a cooperação da EB 2.3 António da Costa com a Associação de Professores de Almada, ao partilhar espaços para o desenvolvimento das suas atividades, vem de longe e alargou-se com a criação da USALMA, no que foi o seu maior passo ao serviço do presente e do futuro da cidade educadora que é Almada.

Só posso honrar a visão e a vontade que criaram esta universidade, confiante no voluntariado de muitos e que permite a alunos e professores trocarem voltas à vida e regressarem à Escola no que ela tem de melhor: o explorar dos gostos, o desenvolver das capacidades, a busca de mais saber e a construção de laços de amizade entre todos.

Diretora Margarida Ribeiro Santos

ESMC – USALMA uma parceria integradora

270

A Escola Secundária do Monte de Caparica acolheu a USALMA – Universidade Sénior de Almada - desde o ano letivo de 2005/2006 até hoje, no decorrer de três direções e diretoras de escola: Manuela Carolino, Fernanda Jogo e Manuela Dâmaso. Todas elas reconheceram a importância de envolver estes alunos e os seus saberes na escola em inúmeras atividades de natureza cultural, artística e letiva, contribuindo deste modo para o enriquecimento do Projeto Educativo de Escola e do Plano Anual de Atividades.

A apresentação da USALMA e o estabelecimento de protocolos com as escolas do concelho de Almada em muito se deveu à dinâmica do professor

Jerónimo Matos que divulgou e promoveu este projeto junto das direções das escolas que o acolheram.

Muitos alunos e professores têm passado pelo Monte de Caparica e estão inseridos na comunidade educativa. A escola soube absorvê-los, tornando-se a USALMA um polo cultural dinâmico e uma entidade enriquecedora da escola.

A USALMA e o seu lema *Aprender é viver melhor* é um exemplo de cidadania ativa que articula com o Projeto Educativo desta escola “Subir ao Monte Descobrir Horizontes” onde todos têm uma palavra e algo a transmitir. E ao longo dos anos, tornou-se uma mais-valia educacional que permite ensinar, aprender e partilhar, criando espaço para um projeto integrador e intergeracional onde as pessoas são bem-vindas e acolhidas de forma positiva.

A presença de alunos mais velhos na escola gera uma dinâmica de questionamento nos jovens sobre a importância e papel da escola nas suas vidas. Porquê voltarem à escola secundária ao fim de tantos anos e de livre vontade? Esta é também a função da escola, integrar e ajudar a perceber que o saber é um processo construtivo que pode abranger vários tipos de público e diferentes gerações. Tem sido com interesse que alguns professores, que lecionam na USALMA, decidiram envolver as turmas seniores com os alunos da escola, para trabalhos e saídas conjuntas, que contribuem, sem qualquer dúvida, para o enriquecimento individual e coletivo de todos.

Ao longo dos anos foram várias as disciplinas e professores que lecionaram no polo da USALMA na ESMC: Alemão (A1), Nelson Guimarães; Danças Latino-Americanas, Graça Rebelo; Inglês (B1), Aida Brito e Ana Neves; Informática, João Raimundo, Domitila Cardoso e Helena Mesquita; Horticultura, Graça Ribeiro; História da Cultura e das Artes, Luzia Lourenço; Artes Tradicionais, Isabel Bragança; PLNM, Adelaide Paredes; Fotografia, Paulo Nunes e Informática 1 e 2, Recuperação, Reabilitação e Manutenção de Edifícios, João Lopes Vaz Martins.

Atualmente e devido às obras da *Parque Escolar* com vista à remodelação da escola lamentamos que algumas das atividades como a horticultura e o projeto de *hortas biológicas* pensado pela professora Graça Ribeiro, tenham deixado de funcionar, mas no futuro esperamos ainda poder receber e apoiar estas atividades.

O Clube de Inglês é um exemplo de sucesso. Com uma turma de vinte alunos, catorze dos quais há vários anos, mantém-se como uma das disciplinas mais antigas na escola, desde 2005 lecionada pela dupla de professoras, Aida Brito e Ana Neves, funcionando em regime de *Team-Teaching*. Estas professoras têm-se revelado muito criativas e inovadoras, conseguindo desenvolver um clima propício à aprendizagem, à partilha de experiências de vida e ao aprofundamento do nível de Língua Inglesa.

Também o Arquiteto João Vaz Martins se mantém há alguns anos lecionando aulas de Informática 1 e 2 e de Reconstrução e Reabilitação de Edifí-

cios, envolvendo cerca de 27 alunos. Para o ano, já tem projetos para novas disciplinas, concretamente AutoCAD – Desenho Assistido por Computador.

O Arquiteto João Vaz Martins é já uma figura carismática na escola, sempre com uma palavra amiga e disponível para ajudar e colaborar em diversos eventos e atividades. As suas sugestões são bem acolhidas. Neste momento está convidado para partilhar o seu saber e experiência profissional com os jovens da turma de Artes dos Cursos Científico-Humanísticos.

Como representante da ESMC, é com muita satisfação que felicito a Associação de Professores do Concelho de Almada - Apcalmada pelo seu 10.º aniversário e pela intervenção social e associativa que tem tido no concelho de Almada, concretamente na defesa e promoção da Língua e Cultura Portuguesa. Neste âmbito, foi com muito agrado da comunidade educativa que recebemos por várias vezes a presença da Professora Edite Prada e do Professor Ernesto Fernandes em sessões de divulgação e sensibilização ao novo acordo ortográfico.

Mas a sua ação e intervenção é mais profunda e projeta-se no futuro com a continuação da USALMA - Universidade Sénior de Almada, instituição aberta aos cidadãos que queiram continuar a cultivar e partilhar os seus conhecimentos, sendo este um projeto de excelência, empenho na difusão cultural, dos saberes e no diálogo que promove a interação geracional.

Apesar de estar em construção um edifício para receber a USALMA, o que é muito importante para que este projeto cresça e caminhe com raízes sólidas, seria bom que se mantivesse alguma descentralização e articulação com as escolas, uma vez que este convívio geracional contribui para o enriquecimento das várias comunidades educativas e da sociedade em geral, sendo um projeto de referência e mérito na cidade educadora de Almada.

Manuela Dâmaso

Diretora da Escola Secundária do Monte de Caparica

Projeto de voluntariado *Uma Palavra Um Alento*

272

Enquadramento

Não nascemos apenas para nós mesmos (Cícero, 106 – 43 a.C.).

A citação apontada, que remonta a tantos séculos, mantém atualidade, nomeadamente, quando se fala de voluntariado.

Em sociedade somos todos interdependentes e, ser voluntário, é estar atento aos outros, é ser corresponsável.

Recordamos que assim nasceu o projeto “Uma Palavra Um Alento”, projeto de animação no domicílio.

Criado em março de 2010, desenvolve-se em parceria com o Grupo Con-

celhio de Idosos de Almada – GCIA, que é uma parceria informal, integrada na rede social local, composta pelo Município, pela Segurança Social e por todas as Instituições Particulares de Solidariedade Social do concelho de Almada, com intervenção com pessoas idosas.

Tem sido nossa preocupação a motivação de mais voluntários e instituições, para que o projeto seja cada vez mais abrangente.

Desde 2010, o número total de voluntários integrados é de 30 e o número de idosos acompanhados 35.

Por proposta da Câmara Municipal de Almada, que dinamiza o GCIA, participámos no encontro Plataforma Supraconcelhia da Península de Setúbal *Vida Ativa entre Gerações*, que teve lugar na Moita, em novembro de 2012. Entre outros projetos, *Uma Palavra Um Alento* mereceu referência especial por ser o único de intervenção domiciliária.

No âmbito do V Congresso das Cidades Educadoras, ocorrido em Braga, a 17 de maio de 2013, mais uma vez, a Câmara Municipal de Almada indicou e apresentou este projeto da Apcalmada, integrado no tema *Solidariedade e Segurança*.

De referir que o projeto está divulgado no Banco Internacional de Dados das Cidades Educadoras.

Após avaliação de impacto, feita em reunião plenária do GCIA, concluiu-se que *Uma Palavra Um Alento* contribui para a melhoria da qualidade de vida dos utentes e dos voluntários.

Os utentes sentem-se mais acompanhados, mais autónomos e mais despertos para a vida, o que resulta, igualmente, na satisfação das respetivas famílias.

Por sua vez, os laços de afetividade que vão despertando entre utentes e voluntários, são uma compensação pelo trabalho desenvolvido.

Tais conclusões podem verificar-se também nos testemunhos que se seguem.

Neste contexto, iremos prosseguir com igual entusiasmo, sempre na esperança de ver aumentado o número de participantes.

Maria Carreiras
Coordenadora do Projeto

273

A - Projeto Uma Palavra um Alento: voluntários ajudam no combate ao isolamento.

Tanto o envelhecimento individual (alterações biopsicossociais específicas de cada indivíduo) como o populacional (acréscimo da população idosa) são realidades incontornáveis, cada vez mais presentes na nossa sociedade. Este fenómeno apela à reflexão sobre questões como *a idade da reforma, os*

meios de subsistência, a qualidade de vida dos idosos, o estatuto dos idosos na sociedade, a solidariedade intergeracional.

A prática de trabalho voluntário, sendo uma forma das pessoas serem úteis à sociedade em geral e a alguém em particular, tem-se manifestado como um excelente contributo para a diminuição do isolamento dos idosos apoiando e reforçando a equipa de ajudantes familiares. No domicílio, a principal missão do voluntário tem sido fazer companhia, conversar, escutar, apoiar e auxiliar em diversos pontos, tais como ler a correspondência, preencher documentos, entre outros.

No exterior o objetivo tem sido essencialmente acompanhar o idoso a locais que ele gosta ou que precisa de se deslocar, sejam instituições, casa de familiares, cabeleireiro, tratamentos médicos, igreja, as deslocações quotidianas que o idoso, na maior parte dos casos, já não consegue realizar sozinho, sendo o voluntário fonte de companhia social e apoio emocional.

A intervenção da equipa de voluntários é considerada como um importante contributo para a diminuição do isolamento dos idosos e para a estabilidade dos utentes do Serviço de Apoio Domiciliário, em complementaridade com o trabalho desenvolvido pelas equipas do serviço, e em conjunto com as relações pessoais de cada utente como a família os amigos e até mesmo os vizinhos.

Isabel Martins

Diretora Técnica do SAD da Santa Casa da Misericórdia de Almada

B - Centro Social Paroquial de Cristo Rei

O Centro Social Paroquial de Cristo Rei é uma das Instituições parceiras da Associação de Professores do Concelho de Almada (Apcalmada) no Projecto de Voluntariado denominado “Uma Palavra, um Alento”, que tem como público-alvo os utentes de Serviço de Apoio Domiciliário das entidades parceiras.

Trata-se de um projecto de animação no domicílio das pessoas idosas e/ou dependentes, proporcionando momentos de convívio, leitura, escuta, actividades diversificadas, complementando assim os tradicionais serviços prestados pelo nosso SAD.

Neste contexto, surgiu a oportunidade de Madalena (voluntária) e Violeta (utente do SAD) se conhecerem, em Dezembro de 2010, e desde então estabeleceram-se entre elas laços de empatia, que trouxeram à memória histórias dignas de registo. Assim foi lançada a semente que deu origem a um livro com pequenos retalhos da vida de Violeta Cleto Parreira, que agora finalmente está disponível para quem o quiser conhecer.

Para além de Violeta, outras pessoas foram alvo de acompanhamento por voluntárias do projecto, ao longo destes três anos de parceria e o resultado foi sempre muito positivo para todos os envolvidos. Para nós, trata-se

de uma mais-valia a disponibilidade e entrega das voluntárias que proporcionam aos nossos utentes momentos de partilha e convívio, que não seriam possíveis através do serviço tradicional que prestamos. Um bem-haja!

Sónia Cruz, Diretora Técnica
Serviço de Apoio Domiciliário
Centro Social Paroquial de Cristo Rei

C - Testemunho de uma voluntária

Sou Maria José Ramalho Vitória Santana Vidigal e tenho 57 anos.

Senti o apelo para o voluntariado, após cessar a atividade profissional, na medida em que a minha realização pessoal passava também pelo exercício da cidadania e da solidariedade. Decidi iniciar esta experiência como voluntária em 2009 e inscrevi-me no Projeto “Uma Palavra Um Alento”.

No meu caso, em particular, faço acompanhamento social ao domicílio, algumas horas por semana. A primeira experiência aconteceu com uma senhora, agora já falecida, totalmente dependente. O importante era “saber escutar”, uma vez que a senhora sentia uma necessidade enorme de ter alguém com quem falar “desabafar”. Atualmente visito uma senhora de 86 anos, que vive sozinha, autónoma e ainda bastante ativa, apesar dos problemas de saúde que a afetam.

Ao princípio a minha nova amiga estava um pouco reticente em receber um voluntário, porque pensava que teria de pagar por este serviço, mas logo percebeu que é um trabalho gratuito e que iria simplesmente conversar e fazer-lhe companhia, recebeu-me de braços abertos. Entre nós, vão-se consolidando laços de afetividade na conversa amena, na ida ao café ou até na resolução de pequenos problemas de índole mais burocrática.

A experiência como voluntária consolidou-me um dos valores que mais prezo na vida: o respeito pelo ser humano, independentemente da idade e do sexo.

Considero que é muito gratificante esta experiência, tendo em conta, que é muito pouco aquilo que dou para conseguir que uma pessoa tenha pelo menos alguns momentos de felicidade no seu dia.

275

Maria José Ramalho Vitória Santana Vidigal

The background of the page is a complex abstract composition of overlapping geometric shapes. The color palette includes various shades of yellow, light blue, teal, red, brown, and grey. The shapes are semi-transparent, creating a layered effect. A large, prominent yellow ring is located in the lower right quadrant. Two solid blue circles are positioned on the left and right sides of the composition. The overall style is reminiscent of mid-century modern abstract art.

Parte VI: Parcerias e Protocolos

vfm 09

Parcerias e Protocolos

Conscientes de que é importante viver em comunidade e em associação, os dirigentes da Apcalmada têm estabelecido laços e protocolos, quer genéricos, quer associados aos projetos específicos que desenvolve.

Mantemos igualmente contacto produtivo de partilha com outras instituições.

Por outro lado, num espírito de serviço à Comunidade e ciente de que os alunos da USALMA são interlocutores privilegiados em muitas das suas atividades, a Apcalmada tem alargado aos alunos da Universidade Sénior as parcerias que vai estabelecendo, no sentido de dinamizar a participação de todos na vida da urbe, sempre que possível, com vantagens acrescidas para alunos e associados.

Apresentam-se de seguida algumas das parcerias ou protocolos que dividimos em institucionais e protocolos de que advêm proveitos diretos para alunos e associados.

Parcerias Institucionais

Câmara Municipal de Almada; Presidência, Pelouro da Cultura e Educação, Gabinetes Técnicos;

ISS, IP - Centro Distrital de Segurança Social de Setúbal

Centro Regional de Segurança Social de Almada;

Santa casa da Misericórdia de Almada;

Agrupamento de Centros de Saúde de Almada;

Centro Social Paroquial de Vale Figueira;

ARPCA – Associação de Reformados, Pensionistas e Idosos do Concelho de Almada;

URPICA – União dos Reformados, Pensionistas e Idosos do Concelho de Almada,

Centro Social Paroquial do Cristo Rei;

Centro Comunitário Paroquial de S. José;

Centro Social Paroquial de Cacilhas;

Associação de Socorros Mútuos 1.º de Dezembro;

Juntas de Freguesia (com destaque para): Almada, Pragal, Cova da Piedade, Cacilhas, Laranjeiro, Monte de Caparica, Costa de Caparica e Sobreda;

Faculdade de Ciências e Tecnologia de Universidade Nova de Lisboa (Monte de Caparica);

Escolas Secundárias e Agrupamentos de Escolas: Anselmo de Andrade, Emídeo Navarro, Cacilhas-Tejo, D. António da Costa, Monte de Caparica, António Gedeão, Ruy Luis Gomes, Romeu Correia e Fernão Mendes Pinto;

Externato Frei Luís de Sousa;

Imagem;

Teatro Municipal de Almada;

Academia Almadense;

Hospital Garcia de Orta e Liga dos Amigos do Hospital Garcia de Orta;

Arquivo Municipal de Almada;

Seminário de São Paulo;

RUTIS - Rede de Universidades da Terceira Idade;

NAUS - Núcleo das Academias do Universo Sénior;

Centro de Formação AlmadaForma.

Protocolos de que advêm proveitos diretos para alunos e associados

SFUAP:10% de desconto nas atividades que desenvolvem para alunos da USALMA e associados da Apcalmada;

Academia Almadense: 10% mediante apresentação do cartão de aluno da USALMA;

Talassoterapia de Portugal, S.A. Tratamento de Hidroterapia em grupo: 10% na mensalidade para duas aulas semanais; tratamento individual, percurso de hidromassagem, etc.: 50% de desconto;

Farmácia Silva Júnior:10% de desconto sobre o valor a pagar em medicamentos com receita médica; 5% de desconto em medicamentos sem receita médica;

Clinicosta - Médicos Dentistas, Lda: 10% de desconto em todos os trabalhos;

Olga e Rui Madureira, Lda - Almeida Viagens - Almada Centro: 3% de desconto sobre o valor dos pacotes turísticos: 25% de desconto sobre o valor da taxa de emissão nos voos aéreos.

Associação Felizmente - Aulas de Ioga: preços especiais para alunos da USALMA e associados da Apcalmada.

Residência Sénior Egas Moniz: redução de 10% sobre os preços da tabela geral em vigor, para o tipo de condições de internamento contratualizado.

Solar Verdizela - Casa de Repouso: redução de 10% sobre os preços da tabela em vigor, em quartos duplos; redução de 15% sobre os preços da tabela em vigor, em quartos individuais.

Índice Analítico

Apresentação; Ernesto Fernandes; Edite Prada	9
Editorial; Maria de Lourdes Albano	11
Parte I - Artigos e outros escritos	
O Grupo de Trabalho e os Seus Sonhos: nos Alicerces da Memória; Feliciano Oleiro	17
Retórica do Envelhecimento Ativo: o Valor da Dignidade Humana e a USALMA; Ernesto Fernandes	20
A formação de professores de <i>primeiras letras</i> em Portugal nos séculos XIX e XX: uma muito breve história; Fernando Serra	26
Quem são os Analfabetos? Ninguém é Analfabeto; Ernesto Fernandes	42
Estilos Educativos Parentais; Ivan Nascimento	53
Os Autores da Língua Portuguesa; Rute Navas	59
Aprender a aprender em Ciências da Natureza; Joaquim Sarmento	63
Projeto Metas de Aprendizagem; Ministério da Educação; Instituto de Educação da Universidade de Lisboa	68
Ensino do Português Programas e Metas de Aprendizagem; Paulo Feytor Pinto	73
O Programa de Matemática para o Ensino Básico; Ana Abreu	76
Deontologia das profissões da educação; Notas de enquadramento dos depoimentos; Ernesto Fernandes	78
A ética profissional e os educadores de infância; Maria Teresa de Matos	79
Ética e deontologia das profissões da educação; Feliciano Oleiro	82
Depoimento sobre a ética e deontologia das profissões da educação; Maria de Lourdes Albano	84
Os analfabetos alfabetizados; Eurico Ribeiro	85
A Raiz das Palavras; Paulo Eufrásio	
1 - O Bom, o Bonito e o Feio	
2 - Os prefixos gregos pan-/ pant-	
3 - Homem/Ser Humano	
4 - Antropónimos de origem grega	
5 - O Muito e o Pouco	
Animais: uma questão de ética: canil da aroeira; Maria João Casanova de Matos	97
Direitos Humanos e Cidadania; Ernesto Fernandes	99
Livros pela Educação; Ernesto Fernandes	100
Romeu Correia e Fernão Mendes Pinto: relatores de tempestades; Edite Prada	109
O nosso reconhecimento a Joaquim Benite; Ernesto Fernandes	117
Parte II - Práticas em reflexão	
O Centro de Formação de Escolas do Concelho de Almada - AlmadaForma; Maria Adelaide Paredes da Silva	121
Professor(es) em atualização... numa área em ebulição; Carlos Nascimento*	126
Subir ao Monte, Descobrir Horizontes!; Manuela Dâmaso	129
A Educação pela Arte; Graciete da Luz Lourenço Pascoal	133
O mundo ainda é a nossa casa. A educação ambiental e dever de cidadania; Joaquim Sarmento	135
Educação para a Cidadania: da sala de aula à participação na comunidade educativa; Fátima Oliveira, Lídia Pires e Miquelina Santos	139
Clube de Leitura da USALMA; Diana Ferreira	145
Iniciação musical	146
1 - Nomes das Notas; José Jorge	146

2 - Brincadeira musical; Graça Subtil;	147
Receitas Metafóricas; Edite Prada	148
Crer ou não crer eis a questão; Romão C. Durão	152
Introdução ao Budismo; Kelsang Dechog	153
Movimento e saúde: O golfe é ...; José Gonçalves	154

Parte III – Escrita Criativa

Inverno; Solange Firmino	159
A arte em poema; Américo Morgado	159
A vida sabe de nós; Américo Morgado	
Mar; Américo Morgado	
Política; Américo Morgado	
Aquela <i>Árvore</i> ; Américo Morgado	
O Amor; Américo Morgado	
Sacrifícios; Américo Morgado	
Não ter medo; Américo Morgado	
O tempo e a vida; Américo Morgado	
Um olhar sobre a Universidade Sênior de Almada; Américo Morgado	
A Ribeira; Maria Inácia Henriques	164
Sonhos Cruzados; Manuel Costa	165
Histórias de Vida: nos Mares da Costa Angolana; R. C. Durão	166
Um Caso Real de Guerra Submarina, em Águas de Angola; Manuel G. Ramos	167
Conto do Abandono; Válder Deusdado	169
Um Mundo; Margarida Simão	170
Perdemos a Guida!; Edite Prada	173
1 - A Vida Era Pacata; Margarida Simão	
2 - E o Sorriso; Diana ferreira	
3 - Fazes Falta Margarida; Luísa Timóteo	
Crónica de uma Feira do Livro; Fernando Antunes	175
Narrativa inter pares	177
1 Fernando; Fernando Antunes	
2 A Mudança; Maria do Céu Martinho	
3 Ao Correr da pena; Feliciano Oleiro	
4 Acta da reunião do Clube de Leitura da USALMA	
5 A professora	

Parte IV – Projetos e Atividades

I-Eventos socioculturais	203
A - Colóquios e conferências	
B - Itinerários de cultura e lazer e outras visitas	
C - Festas e Convívios	
D - Espetáculos	
E - Celebrações e Outros Eventos	
Abertura do ano letivo 2011/2012	232
Abertura do ano letivo 2012/2013:	234
1-Intervenção de abertura; Maria de Lourdes Albano	
2 - Em nome dos professores; Maria do Carmo Nascimento	
3 - Em nome dos alunos; Francisco Marques Fernandes	
4 - Oração de sapiência: resumo; Fernando Serra	
Visita da RTP1; Maria Carreiras	240
Concurso de Quadras Populares; Ivan nascimento	240

Voluntariado	242
Equipamentos	246
A - Sede da USALMA	
B - Casa do Professor	
C - Lar Residência	
Área Editorial e Publicações	247
1 - Saga de Pequenas Memórias; Maria Carreiras	
2 - Melodia de Água; Maria Carreiras	
2.1 Apresentação; Edite Prada	
3 - Desafio Simplesmente; Edite Prada	
4 - Lançamento do livro O Silêncio da Musa; Edite Prada	
5 - Apresentação do livro Histórias de Violeta; Maria Carreiras	
Parte V - Depoimentos	
Celebração do 10.º Aniversário da Associação - Depoimento da Presidente da Câmara Municipal de Almada; Maria Emília de Sousa Neto	267
10.º Aniversário APCA; José Manuel Maia Nunes de Almeida, Presidente da Assembleia Municipal	268
Depoimento da EB 2,3, D. António da Costa; Margarida Ribeiro Santos	270
ESMC - USALMA uma parceria integradora; Manuela Dâmaso.	270
Projeto de Voluntariado Uma palavra um alento	272
Enquadramento; Maria Carreiras	
A - Projeto Uma palavra, um alento: voluntários ajudam no combate ao isolamento; Isabel Martins	
B - Centro Paroquial do Cristo Rei; Sónia Cruz	
C - Testemunho de uma voluntária	
Parte VI - Parcerias e Protocolos	
Parcerias e Protocolos	279



Distinção *Medalha de Ouro* 2007
Câmara Municipal de Almada

Conforme o estatuto editorial da Revista, cujo número 1.º de outubro de 2009, consubstancia os cinco primeiros anos da atividade da Associação, o número 2 é de outubro de 2011. Na mesma perspetiva, o número 3 resgata e sistematiza a informação divulgada nos Boletins *Profalmada* e *Correio da Usalma* (2011-2012), como fontes privilegiadas, não deixando de incluir textos inéditos e outra informação pertinente.